



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Rose Mary Castro de Oliveira Magdalena

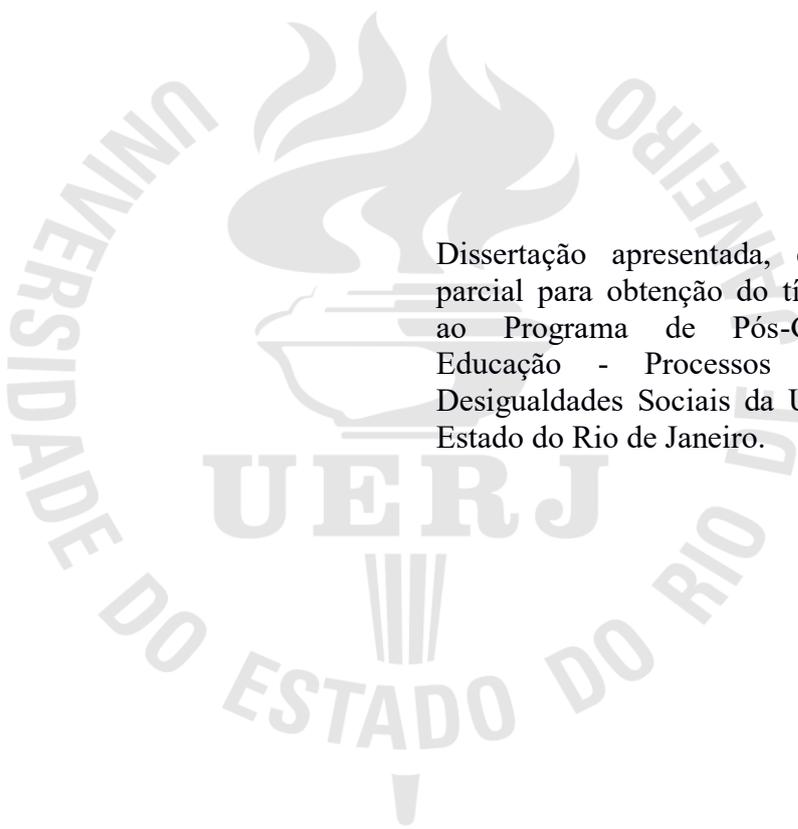
**Processos formativos que se entrecruzam: da experiência comunitária na
Nova Holanda/Maré à prática docente cotidiana**

São Gonçalo

2023

Rose Mary Castro de Oliveira Magdalena

**Processos formativos que se entrecruzam: da experiência comunitária na Nova
Holanda/Maré à prática docente cotidiana**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação - Processos Formativos e Desigualdades Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Mairce da Silva Araújo

São Gonçalo

2023

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/D

M189 TESE	<p>Magdalena, Rose Mary Castro de Oliveira. Processos formativos que se entrecruzam: da experiência comunitária na Nova Holanda/Maré à prática docente cotidiana / Rose Mary Castro de Oliveira Magdalena. – 2023. 189f.: il.</p> <p>Orientadora: Prof.^a Dra. Mairce da Silva Araújo. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.</p> <p>1. Professores – Formação – Teses. 2. Classes populares – Teses. 3. Memória – Teses. I. Araújo, Mairce da Silva. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Formação de Professores. III. Título.</p> <p>CRB/7 - 4994</p> <p>CDU 371.13</p>
--------------	--

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Rose Mary Castro de Oliveira Magdalena

**Processos formativos que se entrecruzam: da experiência comunitária na Nova
Holanda/Maré à prática docente cotidiana**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação - Processos Formativos e Desigualdades Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 21 de julho de 2023.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Mairce da Silva Araújo (Orientadora)
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

Prof. Dr. José Valter Pereira
Universidade Federal Fluminense

Prof.^a Dra. Maria Tereza Goudard Tavares
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

Prof.^a Dra. Alessandra da Costa Abreu
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

Prof.^a Dra. Maria Luisa Furlin Bampí
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

São Gonçalo

2023

DEDICATÓRIA

À Maré e aos moradores que se engajam e lutam por um mundo menos violento, mais justo, esperando outro mundo possível, e me inspiraram e de alguma forma me ajudaram a colocar as ideias no papel.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que tudo permite. Aos meus amores, Beatriz, Matheus e Helena, obrigada por tanto amor. À minha família pelo aconchego. Aos meus pais Adevanir e Edith por me ensinarem o que é ético e por acreditarem que eu posso ser mais.

À minha orientadora Mairce Araújo, sem palavras para agradecer o apoio, paciência e competência. Obrigada por me ensinar a desconfiar das minhas certezas e me incentivar a escrever nestes 10 anos de convivência.

Aos meus companheiros e companheiras do ALMEF, hoje ALMEFRE, cujas vozes estiveram presentes nesta escrita. Espero que possamos estreitar ainda mais os laços e puxar muitos fios pelo caminho. Aos adultos, adolescentes e crianças, responsáveis, professores que na relação feita de diálogos, afetos e até de conflitos, que no pulsar das vivências corporificadas me formaram e transformaram.

Aos professores/as da minha Banca que me honram com seus saberes e generosidade que venho colhendo e aprofundando meus conhecimentos: Ao professor Valter File -suas intervenções abriram possibilidades para avançar no processo de escritapesquisa. Gratidão em dobro porque você também está representando a professora Anne Ribbeto (autorizado pela própria) que no início da pesquisa enxergou o que ainda não era claro pra nós; À professora Maria Tereza obrigada pelos primeiros passos e pelo livro Favela quando essa pesquisa ainda nem existia, e por outros livros indicados ou presenteados que deram corpo a essa pesquisa; À professora Maria Luiza - muito obrigada pelas contribuições, incentivo e pela sua presença sempre afetiva. À minha amiga irmã Alessandra, professora. Você para mim é inspiração. A nossa amizade apenas sente o que é bem querer. Obrigada pelas palavras de apoio, encorajamento, reflexão e contribuições. Amo você! À professora Jaqueline de Moraes que também muito contribuiu na minha formação e no meu sonho de um dia chegar aqui. Ela estaria na banca, então Jaqueline, presente, mesmo que em outro plano.

Rose Mary

RESUMO

MAGDALENA, Rose Mary Castro de Oliveira. *Processos formativos que se entrecruzam: da experiência comunitária na Nova Holanda/Maré à prática docente cotidiana*. 2023. 189f. Dissertação (Mestrado em Educação - Processos Formativos e Desigualdades Sociais) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2023.

Esta dissertação de Mestrado, intitulada “Processos formativos que se entrecruzam: da experiência comunitária na Nova Holanda/Maré à prática docente cotidiana”, sob orientação da Prof^ª. Dr^ª. Mairce da Silva Araújo. Tem como objetivo pensar a formação da professora nas/das classes populares em diferentes espaçostempos e campos de atuação (trabalho comunitário, alfabetização, Educação de Jovens e Adultos (EJA), sala de leitura, orientação pedagógica e gestão escolar). O presente estudo se deu a partir da problematização que norteou e teceu as memórias, narrativas e experiências da seguinte questão: “Como me tornei professora?”. Vinculada ao grupo de pesquisa Alfabetização, Memória, Formação Docente e Relações Étnico-Raciais – ALMEFRE e à linha de pesquisa Processos Formativos e Desigualdades Sociais, possibilitou referenciar e fazer inúmeras interlocuções com os estudos de Freire (1996) e ampliar a discussão com os conceitos de: práxis pedagógica, politização, educação integral, escola unitária, emancipação intelectual e formação de intelectuais orgânicos. Outros autores também cooperaram para pensar o tema que teve como metodologia, uma pesquisa qualitativa e narrativa com base na reconstrução de acontecimentos e memórias da trajetória de vida/docência da pesquisadora. Desse modo, os atravessamentos de uma “cultura periférica” (DUSSEL, 1973; 1977; 1980) nos processos formativos pessoais e dos professores/as e estudantes colaboradores com o estudo, desvelaram territórios, cotidianos, lugares e espaços de produção do conhecimento sociocultural e libertador. Assim, essa experiência formativa foi atravessada por vivências pessoais da autora na favela de Nova Holanda (uma das dezesseis favelas que compõem o bairro da Maré), localizada na região da Leopoldina, Zona Norte do Rio de Janeiro. Neste sentido, o estudo possibilitou entrecruzar a história pessoal da pesquisadora nascida e criada na favela da Mare/RJ com diferentes histórias outras que também pertencem a educação das classes populares, em diálogo com a cultura do samba, do futebol, do teatro, da escola, ou seja, da vida cotidiana das/nas classes populares brasileiras no Rio de Janeiro

Palavras-chave: memórias; formação docente; classes populares.

RESUMEN

MAGDALENA, Rosa María Castro de Oliveira. *Procesos de formación que se entrelazan: de la experiencia comunitaria en Nova Holanda/Maré a la práctica docente cotidiana*. 2023. 189f. Dissertação (Mestrado em Educação - Processos Formativos e Desigualdades Sociais) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2023.

Esta tesis de Maestría, titulada “Procesos formativos que se entrelazan: de la experiencia comunitaria en Nova Holanda/Maré a la práctica docente cotidiana”, bajo la dirección de la Prof^a. Mairce da Silva Araújo Tiene como objetivo pensar en la formación de docentes de clases populares en diferentes espacios y campos de actividad (trabajo comunitario, alfabetización, Educación de Jóvenes y Adultos (EJA), sala de lectura, orientación pedagógica y gestión escolar). El presente estudio se basó en la problematización que guió y tejió las memorias, narrativas y vivencias de la siguiente pregunta: “¿Cómo llegué a ser docente? ”. Vinculado al grupo de investigación Alfabetización, Memoria, Formación Docente y Relaciones Étnico-Raciales – ALMEFRE y a la línea de investigación Procesos Formativos y Desigualdades Sociales, permitió referenciar y dialogar numerosos con los estudios de Freire (1996) y ampliar la discusión con los conceptos de: praxis pedagógica, politización, educación integral, escuela unitaria, emancipación intelectual y formación de intelectuales orgánicos. Otros autores también colaboraron para pensar el tema, que tuvo como metodología la investigación cualitativa y narrativa basada en la reconstrucción de acontecimientos y recuerdos de la trayectoria vital/docente del investigador. De esta manera, los cruces de una “cultura periférica” (DUSSEL, 1973; 1977; 1980) en los procesos de formación personal y los de profesores y estudiantes colaboradores del estudio, revelaron territorios, cotidianidades, lugares y espacios de producción de cultura sociocultural. conocimiento y liberación. Así, esta experiencia formativa fue atravesada por las vivencias personales del autor en la favela Nova Holanda (una de las dieciséis favelas que componen el barrio Maré), ubicada en la región Leopoldina, Zona Norte de Río de Janeiro. En este sentido, el estudio permitió entrelazar la historia personal del investigador nacido y criado en la favela de Mare/RJ con otras historias que también pertenecen a la educación de las clases populares, en diálogo con la cultura de la samba, fútbol, teatro, escuela, es decir, el cotidiano de/en las clases populares brasileñas en Río de Janeiro.

Palabras clave: memorias; formación de docentes; clases populares.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Eu e o grupo de pesquisa ALMEFRE	17
Figura 2 –	Eu e meu pai, Adevanir de Oliveira, na Favela Nova Holanda	21
Figura 3 –	Livro Favela: alegria e dor da cidade	24
Figura 4 –	Poesia contida no livro Favela: alegria e dor da cidade	25
Figura 5 –	Homenagem às vítimas da Covid-19 na Maré	31
Figura 6 –	Sede do Redes da Maré	40
Figura 7 -	Eu em desfiles da Escola de Samba Gato de Bonsucesso	54
Figura 8 -	Meu pai Adevanir, na Rua Carmelita Custódio (antiga Rua 2)	54
Figura 9 -	Bandeira do Grêmio Recreativo Escola de Samba Gato de Bonsucesso	55
Figura 10 -	Banner do enredo	55
Figura 11 -	Classificação do grupo conforme avaliação	55
Figura 12 -	Campanha pela Chapa Rosa	65
Figura 13 -	Panfleto produzido pela Chapa Rosa	66
Figura 14 -	Ditadura	77
Figura 15 –	Registro de manifesto – capa da matéria: Jessé Souza: “A classe média é feita de imbecil pela elite”	77
Figura 16 -	Amigos da Escola Municipal Clotilde Guimarães	79
Figura 17 –	Carta escrita por Tereza, em agosto de 1991, endereçada às crianças da Creche Nova Holanda	87
Figura 18 –	Carta escrita por Tereza, em agosto de 1991, endereçada às crianças da Creche Nova Holanda	88
Figura 19 -	Foto enviada por Zara com algumas crianças da Turma Creche	90
Figura 20 -	Registros da minha filha Beatriz do meu encontro com Kamilla	91
Figura 21 -	Registros da minha filha Beatriz do meu encontro com Kamilla	91

Figura 22 -	Exposição Faveladas	92
Figura 23 -	Imagens da matéria na revista Nova Escola	92
Figura 24 -	Aula de jazz no Centro de Artes da Maré	109
Figura 25 -	Galpão do Centro de Artes	109
Figura 26 -	Foto tirada no momento da visita ao Centro de Artes e Exposição Negras Marés, mediada por Douglas, que se encontra no centro da foto, e Henrique à direita	111
Figura 27 -	Obra de arte da exposição	113
Figura 28 -	Mapa da Maré ressignificado à luz do artista	115
Figura 29 -	Obra de arte da exposição	116
Figura 30 -	Obra de arte da exposição	117
Figura 31 -	Obra de arte da exposição	119
Figura 32 -	Obra de arte da exposição	120
Figura 33 -	Professor Marcelo e o samba criado por sua mãe	124
Figura 34 -	Certificado de participação de Júlio no seminário com Paulo Freire	126
Figura 35 -	Escola Estadual João Borges	135
Figura 36 -	Escola Estadual João Borges	135

SUMÁRIO

	PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES COM O ATO DE PESQUISAR: PORQUE UMA PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA?	10
1	PARA ENTENDER PARA ONDE ESTOU INDO – DO QUILOMBO À FAVELA: UMA BREVE REFLEXÃO	20
1.1	Contextualizando alguns dados: que nos ajudam a pensar	27
1.2	A favela Nova Holanda que mora em mim	33
2	MEMÓRIAS E HISTÓRIAS QUE SE CRUZAM COM A MINHA HISTÓRIA	39
2.1	Grêmio recreativo da escola Gato de Bonsucesso; Glória a quem trabalha o ano inteiro	48
2.2	O protagonismo das mulheres; NOVA HOLANDA – Território de lutas	57
2.3	A “Escolinha de quintal”, a escola comunitária e a escola regular: A luta pela escolarização das classes populares na favela	67
3	ATRAVESSAMENTOS DA EDUCAÇÃO NA FAVELA: DIÁLOGOS PERMANENTES	103
3.1	CAMILA: O Instituto Universidade periférica como de formação	105
3.2	Henrique e o Centro de Artes	108
3.3	“Antes de escravidão, havia o mar”, Doug e a exposição negras marés	111
3.4	Marcelo Belfort: Rompendo coma invisibilidade da favela	121
3.5	Bruno - Eu me descobri educador, não me tornei, eu me descobri	131
	ENCERRAMENTOS PROVISÓRIOS	142
	REFERÊNCIAS	147
	ANEXO – Entrevistas	152

PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES COM O ATO DE PESQUISAR: POR QUE UMA PESQUISA (AUTO) BIOGRÁFICA?

Que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças, nem barômetros, etc. Que a importância de uma coisa há de ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós.
(BARROS, 2006)

Barros, meu poeta preferido, com sua escrita apaixonante me ajudou a enxergar o que faz volume em meu ser e na minha singularidade. No entrelace da poesia o poeta me ensina a valorizar as coisas simples e desembaraçar os fios da minha história, entremeada por tantas outras histórias. Início, assim, a escrita dessa dissertação trazendo alguns questionamentos: Como me tornei professora? Como as experiências com a escolarização das crianças das classes populares da Maré foram movendo e constituindo a professora de hoje?

O estudo teve como objetivo mais amplo refletir sobre o meu próprio processo formativo, em diferentes espaços-tempos e campos de atuação: a escola, a família, a comunidade, a militância, a igreja, a luta política, dentre outros, tendo a narrativa da experiência do vivido como fio condutor da pesquisa.

Nesse sentido, a pesquisa de natureza qualitativa, insere-se no campo das pesquisas narrativas (auto)biográficas em educação e se entende como uma *pesquisaformação*, na medida em que o movimento de produção de conhecimento é a contra face do próprio processo formativo.

Como afirmam Bragança, Prado e Araujo (2021)

A pesquisaformação afirma a indissociabilidade entre a produção do conhecimento científico e os movimentos de transformação que, potencialmente, tocam os sujeitos envolvidos na pesquisa, em uma perspectiva horizontal e dialógica, em que os sujeitos e seus muitos outros atuam de forma implicada na tessitura do conhecimento e formação. (pag.6)

Escolho esta opção de escrita acadêmica porque compreendo que as histórias de vida quando narradas oferecem elementos riquíssimos que ensinam e nos permitem aprender cada vez mais, é um modo de reafirmar que as experiências são sempre um processo de inacabamento, como também um modo próprio de *pesquisaformação*. A experiência vivida por cada sujeito é sempre única e irrepetível, mesmo que seja vivida na coletividade. Em paralelo com os estudos de Walter Benjamin (1994, p.217) compreendo que diferentemente da

“informação que só tem valor no momento em que é nova [...] a narrativa conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver”, pois oferece ensinamentos que não se fecham em um pequeno tempo, mas que podem ser potencializados e aprimorados a cada novo encontro.

No que se refere às minhas memórias, corroboro com Bragança (2001) que,

A palavra memória por si só tem peso forte sobre meu imaginário [...] cada uma dessas recordações me leva de um fio perdido no tempo, fio que no conjunto de outros fios compõem uma teia, uma rede de interdependências onde vida pessoal, profissional, afetiva se relacionam (BRAGANÇA, 2021 p. 109).

Ao rememorar algo, não significa voltar ao passado exatamente como se deu, na realidade o que acontece é a construção de um discurso que dá coerência para nossas vidas e recompõe o tempo social e pessoal. O passado sempre em movimento busca atender aos interesses do presente.

Acredito que ao revelar pela escrita as minhas memórias, contribuo com uma escrita da pesquisa que seja generosa, no desejo de espalhar “essas linhas pela cidade e que essas folhas passem de mão em mão, que circulem pelos espaços, que possam ser lidas por qualquer um” (MACHADO; ALMEIDA, 2016, p.78).

Ao narrar as minhas memórias através da escrita, percebo, com a ajuda das leituras de Benjamin (1994), que a história linear não faz muito sentido. Nesse resgate verifico que *tempoespaço* são atravessados, enviesados e misturados por sentidos outros, idas e vindas onde passado e presente se constituem e se completam. A leitura aprofundada de alguns poetas e autores importantes contribuem na construção de um olhar exotópico para o meu passado. Fornecem um excedente de visão que sozinha eu não daria conta de enxergar e reconhecer. Ensinam-me que o caminhar teórico-metodológico é sempre em diálogo com muito estudo e pesquisa.

Contribuindo para a construção do caminho narrativo encontrei-me com a obra *Haroun e o Mar de Histórias*¹, do escritor indiano Salman Rushdie (1990), que me convidou a navegar nos mares de minhas memórias e histórias.

¹O livro *Haroun e o Mar de Histórias* é uma fábula infanto-juvenil que tem como pano de fundo a contraposição opressão versus liberdade. O autor nos seduz com seu modo encantador de contar histórias entrelaçando muitas histórias presentes no nosso imaginário, tornando uma obra cheia de referências, é uma narrativa fantástica repleta de humor e de metáforas. Um dia Rashid perde a alegria e o dom de narrar histórias. Na tentativa de salvar o pai, Haroun, um menino de dez anos, embarca em uma aventura cheia de perigos e fantasia. O menino perspicaz descobre que toda história vem de um grande mar de histórias.

O escritor² é conhecido como um excepcional contador de histórias. Em sua obra, repleta de metáforas instigantes e encantadoras, Salman Rushdie (1990) descreve o mar como uma cabeça cheia de fios de histórias que se enroscam. Para narrar suas histórias, o autor recorre aos jardineiros flutuantes que seriam os cabeleireiros do mar de histórias que lavam, penteiam e tiram os nós dos fios para dar sentido às histórias. Considero que os nós da vida, assim como os nós das histórias de Haroun, têm que ser desenrolados devagarzinho, sem puxar com muita força para não arrebentar os fios. Minha pesquisa buscou se apropriar dessa técnica: contar uma história, embaralhada em tantas outras, sem perder o fio.

Mergulhar no Mar de Histórias, de Rushdie (1990), fez aflorar em minha memória momentos vividos na Maré, lugar onde eu nasci, cujo nome tem como referência barracos de madeira construídos pela camada menos favorecida da população carioca, a partir do final da década 1946, sobre as áreas alagadiças no entorno da Baía: as palafitas da Maré ou favelas da Maré.³ Memórias e histórias que serão contempladas a partir da segunda seção desta dissertação.

Para Rushdie (1990):

(...) o Mar de Fios de Histórias era, na verdade, a maior biblioteca do universo. E como as histórias ficavam guardadas ali em forma fluida, elas conservavam a capacidade de mudar, de se transformar em novas versões de si mesma, de se unirem a outras histórias; de modo que, ao contrário de uma biblioteca de livros, o Mar de fios de histórias era muito mais do que um simples depósito de narrativas. Não era um lugar morto, mas sim cheio de vida (RUSHDIE, 1990, p. 58).

Encantada pela história do livro, comecei a pensar no Complexo da Maré, onde vivi a primeira parte da minha vida, como uma biblioteca viva, na qual histórias e memórias conservavam a capacidade de mudar e de se transformar em novas versões de si mesmas.

Na posição de narradora, fui tomada por muita emoção ao compartilhar histórias de acontecimentos familiares, de lutas da comunidade, de desafios pessoais, acontecimentos que se deram entre a infância e o mundo adulto. O processo de lembrar não foi simples, nem indolor, porém, sinalizaram para mim que semelhante às águas da Maré, também eu estou em permanente movimento, subindo e descendo, avançando e recuando, enchendo e esvaziando como as marés. Assim, permaneço, mesmo tendo saído de lá há trinta anos, regada pela cultura e história do lugar, que nunca me deixaram.

²O escritor indiano Salman Rushdie, recebeu uma sentença de morte determinada pelo líder fundamentalista islâmico iraniano Aiatolá Khomeini, pelo seu romance Versus Satânicos (1988). Na obra o autor condena o Islamismo por perseguir cristãos e hindus. Dois anos depois Rushdie, na tentativa de explicar ao filho o que é liberdade de expressão, em um contexto de censura, o autor publica o livro Haroun e o Mar de Histórias (1990).

³ <http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/reportagens/3086-mare-uma-cidade-dentro-do-rio-de-janeiro>

Banhadas pela Baía de Guanabara, as epistemologias da Maré, o saber de experiência feito freiriano produzido por seus/suas moradores/as, ajudam-me a compreender o atravessamento de sua historicidade, enquanto local de moradia de uma população menos favorecida econômica e socialmente, com a minha própria historicidade. Epistemologias banhadas pela cultura do Brasil Negro, linguística e antropológicamente regada pela contribuição afrodescendente e, profundamente, ressignificado na luta do próprio povo.

Ao tecer as minhas memórias e com a poesia tentar bordar a minha história, narro para além dos fios que me ligavam às lembranças passadas durante a escrita deste estudo, permitindo entender que o potencial da memória enquanto narrativa reconstrói o passado a partir de múltiplas linguagens e processos de comunicação carregados de emoção e referenciais simbólicos.

O tencionar dessa pesquisa me permitiu identificar a força de onde vim, a Maré, enquanto lugar de formação que perpassou todas as minhas trajetórias pessoais e no mundo do trabalho. Entendo hoje o trabalho como formação antropológica que me constitui para além da atividade em si. O percurso de *professorapesquisadora* permitiu-me perceber que a realização deste trabalho de investigação me trouxe uma percepção de que a reflexão sobre a complexidade do sentimento de pertencimento revela não apenas o lugar, mas a minha presença nele, como um ato de produção do conhecimento.

A escrita desse texto narrativo, tantas vezes reescrito, foi profundamente organizador para as minhas ideias e experiências. Desembaraçar as histórias do coletivo, a partir da minha história singular, abriu possibilidades outras de contribuir para transformar memórias em histórias, transgredindo uma linearidade de textos mais pragmáticos e ortodoxos; permitiu-me também defender que se há uma história “oficial” declarada sobre a Maré e sobre aqueles/aquelas que lá moravam ou ainda moram, o processo de rememoração, a partir do ponto de vista dos/das moradores/as, possibilita trazer à tona outras versões dessa história, que problematiza a possibilidade de uma história única.

Anunciando que as histórias, que têm como lócus a favela da Maré, serão tratadas a partir da próxima seção, prossigo esses primeiros apontamentos sobre o movimento da pesquisa, desenrolando o novelo da memória de trás para frente, e puxando alguns fios que me trouxeram ao Mestrado em Educação.

Nesse sentido, apresento-me como uma professora oriunda das classes populares, com três décadas de trabalho pedagógico, vivendo as mais diferentes experiências: alfabetização, EJA, ensino fundamental, sala de leitura, orientação pedagógica e gestão escolar, entre outras atuações, sempre na escola e a maior parte delas com as crianças. Nessas trajetórias, percebi

que as inúmeras dificuldades com as quais me deparei no ensino público, como professora, orientadora pedagógica ou gestora, não conseguiram engessar meu corpo, nem minha mente. Ultrapassar e redescobrir, pela luta, que os limites impostos não nos paralisam quando há um desejo profundo, foi uma lição aprendida com Freire (1996) a partir de sua concepção do ato pedagógico como um ato político. Este aprendizado sintetiza para mim o caráter central da educação democrática, libertadora e comprometida com a sociedade.

Hoje me reconheço como uma *professorapesquisadora* militante e intelectual, no sentido dado por Gramsci (2017) intelectual orgânico, ao me aproximar das raízes do lugar de onde vim, entendendo como, mesmo depois de tantos anos, há um sentido em eu me sentir parte do coro de vozes daqueles/as que foram silenciados/as pelas lógicas meritocráticas, hierarquizantes e verticais da cultura oficial.

Gramsci (2017) afirmou que:

O modo de ser do novo intelectual não pode mais consistir na eloquência, motor exterior e momentos de afetos e das paixões, mas em uma inserção ativa na vida prática, como construtor, organizador, persuasor permanente porque não mero orador – e, todavia, superior ao espírito matemático abstrato; da técnica-trabalho, chega à técnica-ciência e à concepção humanista histórica, sem a qual permanece "especialista" e não se torna "dirigente" (especialista + político). (GRAMSCI, 2017, p. 65)

Entendo que minha trajetória formativa na favela forjou em mim uma consciência de classe, esforço-me por contribuir na organização daquilo que para mim ultrapassa a condição de um estudo em um tempo específico, como o Mestrado em Educação, mas que entendo que, ao alçar novos voos a partir dessa experiência, tantas outras contribuições este estudo tende a dar na realização de pontes com outras pesquisas e reflexões. Há tempo, considero-me uma educadora apaixonada pela educação que defende a escola pública e luta por uma sociedade mais justa e igualitária.

Também me reconhecendo no ato de reviver pela memória as experiências de militância pedagógica em defesa de crianças e jovens periféricos, em sua maioria negros/as e filhos/as de classe trabalhadoras, entendo que essa rememoração do que foi a minha infância na escola pública é também uma construção contínua da luta social, cujo elaborar e tear não são fios-palavras soltas, mas traz uma totalidade de sentidos — que aponta para o processo de negação ao direito à escolarização da população brasileira.

Somado a isso, eu não posso esquecer e ressalto que houve durante a minha caminhada sempre o respeito mútuo com os meus pares que também contribuíram para que, no coletivo das práticas que me formaram, pensássemos a sociedade através das lentes teórico-críticas

necessárias ao desenvolvimento pleno dos educandos. Trata-se de elaborar, junto com meus pares, outros modos de pensar e de fazer a educação pública com aqueles/as que mais necessitam dela.

Foi nessa direção que, entendendo-me como alguém em construção da autonomia intelectual, faço do meu direito de escrever o direito de compreender reflexivamente a sociedade a qual pertenço e a educação pela qual trabalho (GRAMSCI, 2001).

Por isso entendo a escrita como um ato político, necessária para me ressignificar e para ressignificar o meu papel no mundo. Desse entendimento vem a minha dedicação à leitura, à pesquisa e à escrita, mesmo que atropelada pelas condições concretas de trabalho. Durante uma grande parte de minha trajetória profissional, atuei em três turnos para garantir a subsistência/manutenção familiar, sendo, conseqüentemente, arrastada pelo produtivismo que caracteriza a sociedade capitalista, como tantos/as outros/as colegas de profissão. Mesmo nesses momentos, busquei não perder de vista que o meu trabalho não deveria se render à alienação dessa produção.

Como ensinou o jornalista e escritor Galeano (2012, p. 10), que imprimiu sua marca na literatura latino-americana e mundial, “os cientistas dizem que somos feitos de átomos, mas um passarinho me diz que somos feitos de histórias”. Entendo ser verdade que nós somos feitos de histórias, como também aponta Jobim e Souza (1997, p. 2), quando afirmam:

Na linguagem, e por meio dela, que construímos a leitura da vida e da nossa própria história; com a linguagem somos capazes de imprimir sentidos que, por serem provisórios, refletem a essencial transitoriedade da própria vida e a nossa própria existência.

Neste tempo cronos, dedicado à pesquisa, ao narrar e escrever minha história, senti uma turbulência de emoções gerando muita ansiedade, que, por vezes, alterava a saúde do meu corpo, mas persisti todas as vezes, pois aprendi com Haroun que “qualquer história digna de ser contada aguenta bem uns sacolejos! Va-vuum!” (RUSHDIE, 1998, p.63).

No diálogo com autores/as como Paulo Freire, Eduardo Galeano, Solange Jobim, Salman Rushdie, Manoel de Barros, dentre outros/as, aprendi que estão na gênese da escrita e da narrativa as múltiplas linguagens carregadas das transitoriedades da vida, dos momentos e espaços que muitas vezes não cabem na história geral, mas na história singular de cada indivíduo que as compõem. Isso aconteceu comigo e me permitiu ter uma melhor compreensão das relações sociais e maior consciência do meu lugar como indivíduo histórico que, mesmo nessa provisoriedade da vida, tem uma contribuição a dar para a educação pública.

A fim de apresentar de uma forma mais nítida os caminhos que me trouxeram ao mestrado em Educação: Processos Formativos e Desigualdades Sociais, da Faculdade de Formação de Professores, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGEDU), destaco a seguir dois fios de histórias que precederam diretamente minha chegada ao PPGEDU: a entrada para o grupo de pesquisa Alfabetização, Memória e Formação de Professores (ALMEF/ALMEFRE)⁴ e a realização do curso de Pós-Graduação *lato sensu* Alfabetização das Crianças das Classes Populares, na Universidade Federal Fluminense, no qual defendi a monografia *Agora, pegue um livro e leia. Isso vai te ajudar na leitura da vida!*

A monografia teve como objetivo investigar práticas alfabetizadoras em curso no cotidiano de uma escola pública em um bairro de classe popular do município de São Gonçalo. Na pesquisa, reconhecendo-me como professora que pesquisa a própria prática, elenco como fonte e como modo de produção de conhecimento o resgate de minha trajetória de formação, o processo de implantação de uma sala de leitura e outros desafios do processo alfabetizador que emergiram no cotidiano escolar da escola pesquisada. As pistas que o processo da pesquisa me permitiu levantar apontaram que, se ainda convivemos com práticas alfabetizadoras excludentes na escola, também existe espaço no cotidiano escolar para a leitura literária, tendo especialmente como enfoque a literatura infanto-juvenil como instrumento de inovação e possibilidades. Os ensinamentos de Freire, dentre eles de que “não há docência sem pesquisa”, serviram como um dos pilares para as reflexões da monografia e como convite para reflexões futuras.

Em relação à minha entrada no ALMEF/ALMEFRE, conto uma história que começa representada por uma imagem. A foto mostra uma das primeiras composições do grupo ALMEF, por volta de 2012. Do grupo ainda tenho a alegria de conviver com Ruttye Abreu, a última foto da primeira coluna, que após defender seu mestrado em educação, atua como docente na Rede Municipal de Maricá. Os/as demais continuaram seus caminhos.

⁴ O grupo de pesquisa Alfabetização, Memória e Formação de Professores, vinculado à Faculdade de Formação de Professores, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ), é coordenado pela professora Mairce da Silva Araújo. O grupo existe desde 2006, sendo composto por estudantes de graduação e pós-graduação da instituição e por professoras da rede pública gonçalense. Fazer diálogo entre escola básica e universidade, reconhecendo as duas instâncias como espaço de produção de conhecimento sobre o processo de alfabetização, é um dos referenciais do grupo.

Figura 1 – O grupo de pesquisa ALMEF



Fonte: Arquivo da pesquisadora

A relação com o grupo de pesquisa hoje nomeado ALMEFRE⁵ teve início em 2012, ao receber, na condição de orientadora pedagógica da Escola Municipal Doutor Armando Leão Ferreira, um grupo de estagiárias do curso de Pedagogia. O grupo tinha como supervisora de estágio a Prof.^a Dr.^a. Mairce Araújo. Recebi a professora e confidenciei que estava aberta não apenas a acolher as estudantes para estágio, mas que, como professora-pesquisadora, também vislumbrara a oportunidade do diálogo, da reflexão e do estudo. Naquele momento, conquistei meu lugar no grupo de pesquisa, considerando que o diálogo Universidade-Escola Básica sempre foi um tema importante nas discussões do grupo.

Havia conhecido a Prof.^a. Dr.^a. Mairce Araújo a partir da frequência ao Fórum de Alfabetização, Leitura e Escrita de São Gonçalo (FALE/SG), evento realizado na FFP/ UERJ e coordenado por referida professora e pela Prof.^a. Dr.^a. Jaqueline Moraes (*in memoriam*).

Após participar por alguns anos no grupo de pesquisa ALMEFRE, fui bolsista do projeto quando o mesmo contou com o financiamento da FAPERJ, pelo Edital Apoio à Melhoria do Ensino da Escola Pública, ampliando meu olhar sobre a temática da formação do docente e da alfabetização e a perspectiva *investigativo formativa* utilizada pelo grupo na produção do conhecimento. Minha inserção no grupo foi me ajudando a viver o movimento ação-reflexão-ação em busca da construção de práticas pedagógicas mais potentes e favoráveis à aprendizagem das crianças das classes populares.

O caminho percorrido durante os 10 anos de participação no grupo de pesquisa ALMEFRE, bem como a experiência construída no cotidiano das escolas públicas com as quais trabalhei, sobre os grandes desafios enfrentados na alfabetização das crianças das classes populares, levaram-me ao Mestrado em Educação: Processos Formativos e Desigualdades Sociais. Minha candidatura resultou no tema de estudo “*Processos formativos*

⁵ A partir de 2018, o grupo de pesquisa ALMEF, reconhecendo a relevância etnicorracial dentre os problemas de pesquisas dos/das participantes do grupo, assim como, o atravessamento das questões antirracistas nas discussões sobre práticas alfabetizadoras, incorporou a temática ao nome do grupo, passando a denominar-se Grupo de Pesquisa Alfabetização, Memória, Formação de Professores e Relações Étnico-raciais (ALMEFRE).

que se entrecruzam: da experiência comunitária na Nova Holanda/Maré à prática docente cotidiana”.

A banca de qualificação ajudou-me a dar alguns direcionamentos à pesquisa: a orientação foi que a pesquisa se debruçasse em compreender a constituição da favela da Maré e o quanto a minha história de formação profissional estava atrelada à construção histórica daquele lugar. Corroborando com as proposições feitas por Maria Tereza Goudard e Valter Filé, dediquei-me ainda mais nas histórias da Favela Nova Holanda e nas experiências com as lutas pela educação das classes populares promovidas pela própria comunidade.

Nesse sentido, algumas questões foram sendo reformuladas: Que ensinamentos as experiências escolares promovidas pela própria comunidade podem nos oferecer na luta pelo direito à educação? A luta coletiva por melhores condições educacionais e de vida dos estudantes da Nova Holanda/Maré permanece viva e atuante? Que perspectivas sociais são construídas pelo trabalho das instituições sociais da Maré? Tais projetos contribuem para ampliar a compreensão sobre as contradições e desafios sociais?

A organização do presente texto seguiu a seguinte estrutura:

No primeiro tópico intitulado *Primeiras aproximações com o ato de pesquisar*, o passeio pela memória ressignificada pelas experiências sócio educacionais fazem com que haja uma ampliação banhada por compreensões agora no mundo adulto, mas que dão sentido a todas as minhas vivências anteriores a partir das lentes de alguém que se aproximou do conhecimento e por ele buscou uma formação autônoma e emancipadora.

É por meio das trajetórias que os encontros e momentos vividos são narrados e organizados durante esse estudo, tecendo uma elaboração, e a partir dos sentidos de vida avanço em uma proposição complexa e comprometida com aquilo que entendo ser minha vida a partir da contribuição da escola.

No segundo tópico, *Para entender para onde vou, da senzala à favela: uma breve reflexão*, trago uma breve análise sobre o estigma e o preconceito em relação às favelas cariocas e seus/suas moradores/as.

No terceiro tópico, *A Favela Nova Holanda que mora em mim*, apresento meu percurso como educadora e moradora da favela, correlacionando um quarto tópico intitulado *Nova Holanda: memórias e histórias que se cruzam com a minha história*, numa abordagem em que os lugares e as experiências, correlatos ao movimento memorativo, trazem as pessoas que ali partilharam a vida comigo e permitem um sentido de vida e uma concepção de grandeza pelas quais os anos me deram maturidade para entender.

No quinto tópico, intitulado *Nova Holanda: celeiro de bambas*, a força do samba em minha família e na comunidade funde-se num significado profundamente comprometido com a cultura antes tida como subalterna, mas central para aquilo que representa a brasilidade, a negritude e modos únicos de narrar a experiência afrodescendente é própria daqueles que entendem o mundo a partir da favela.

No sexto tópico, *Nova Holanda e suas lutas puxadas pelas 'm(aré)lhes'*, falo de inúmeras lições apreendidas e compartilhadas no coletivo protagonizado por mulheres organizadoras em movimentos sociais que, enquanto luta popular, representam aqueles que dizem de si e endogenamente trazem as marcas das desigualdades, mas não se fecham nelas, ou seja, ultrapassam o caráter paralisante da negação e da colonização cultural e histórica e avançam num espírito aguerrido pela luta aquela que somente à mulher cabe.

Isso significa dizer que as mães, as professoras, as lavadeiras, as cozinheiras e as faxineiras representam um lugar social pouco narrado, mas que neste trabalho envolve o que considero de mais relevante: a vida da mulher na favela.

No sétimo tópico, intitulado *Processos formativos a partir da escola: da alfabetização à graduação, atravessamentos da educação na favela*, busco contribuir com o leitor naquilo que considero ser central na minha formação quando articulada à escolarização em meios às questões educacionais que a comunidade me permitiu.

Por fim, os passos que se seguem a partir deste estudo fazem com que meu envolvimento com a pós-graduação e as perspectivas de desenvolvimento narrativo envolvam o passado num presente que faz do tempo do livre pensar a oportunidade para o desenvolvimento de uma práxis narrativa comprometida com uma maré intelectual, de aprofundamentos, e naquilo que considero ser um mar de memória, numa aproximação com as ondas de um tempo em que os sujeitos compõem os movimentos próprios de um lugar social ao qual pertenço e não ficou no passado. É por meio desses pertencimentos que considero que a favela Nova Holanda mora ainda em mim e, a partir de mim vem, por este estudo, ser apresentada.

1 PARA ENTENDER PARA ONDE ESTOU INDO – DA SENZALA QUILOMBO À FAVELA: UMA BREVE REFLEXÃO

A Nova Holanda é um pedaço de terra
Que fica situado à beira
Tem um celeiro de bamba
Onde impera o samba
Nosso lema é sambar
A cantar, sinto orgulho em dizer
A Nova Holanda para mim é um prazer
(*Nova Holanda*, Dercinho Oliveira e Adevanir Oliveira).

Para entender para onde estou indo é um título que remete a uma caminhada rumo ao futuro, mas que nas entrelinhas insinua um retorno ao passado, que só pode ser mirado a partir de um olhar do presente. Um passado que retorna para mim sob a forma de um samba, trazendo melodia, ritmo, batuque, sentidos outros musicalizando minhas lembranças de Nova Holanda, o lugar onde nasci e vivi minha infância, adolescência e entrei na vida adulta.

Localizada numa das regiões do bairro da Maré, mais especificamente na região da Leopoldina, Zona Norte do Rio de Janeiro, a favela da Nova Holanda compõe o conjunto de 16 favelas deste bairro e representa, para muitos intelectuais e personalidades da cultura carioca, um celeiro de elaboração e construção da própria cultura.

Uma imagem vale mais que mil palavras, a frase de Millôr Fernandes, jornalista e dramaturgo que se destacou no campo do teatro de resistência nas décadas de 1960-2000, poderia ser a legenda da foto abaixo. Eu, um bebê de onze meses, sentada com meu pai Adevanir, no balcão da birosca, de onde tirávamos nosso sustento. Ao fundo da foto, uma casa de madeira, que ao mesmo tempo em que serve de cenário bonito para a foto, retrata a situação de pobreza em que vivia grande parte da população da Maré.

Casa simples, mas que também nos permite deduzir que o tempo das palafitas já tinha ficado para trás, pelo menos naquele trecho da favela. Essa foto é significativa para mim, pois apresenta o lugar onde nasci como um lugar de afeto, bem diferente das manchetes de violência com as quais diariamente os jornais destacam as favelas e lugares periféricos onde habitam as classes populares.

Figura 2 – Eu e meu pai, Adevanir de Oliveira, na Favela Nova Holanda



Fonte: Foto de família.

Para além dos discursos hegemônicos que falam da favela como lugar de caos e desordem, compreendo este espaço como um território há décadas ocupado pelo narcotráfico, porém, neste estudo busco entender, à luz de Freire (1933) os desdobramentos da luta diária pela sobrevivência dos/das moradores/as da Maré, tecendo uma reflexão a partir dos espaços precarizados ocupados pela população pobre e negra, a partir da pós-abolição.

Em sua obra, Fernandes (1975) discute que a imersão da burguesia brasileira em seu marco transitório do século XIX para o XX fez com que a abolição da escravatura representasse a oportunidade de empregabilidade das massas, preferencialmente dos brancos que, por meio do êxodo rural, constituíram os grandes centros e que por meio das desigualdades na forma de acesso, apropriação e distribuição da terra fez com que o negro fosse alocado nas favelas.

Gilberto Freyre, em seu livro *Casa Grande e Senzala* (1933), assegura que a mudança do trabalho escravo que habitava as senzalas para o de trabalho proletário deu origem aos mocambos, palhoças e casebres. As favelas assim teriam surgido com a abertura das senzalas, ao mesmo tempo em que foi dado início ao processo de industrialização. Segundo, Florestan Fernandes (1987), a burguesia no Brasil emergiu conjuntamente com a cronologia de acontecimentos que marcaram esse país no século XIX: a perda do Estatuto colonial em 1822, a abolição da escravatura em 1888 e a Proclamação da República em 1889. Tais marcos históricos são essenciais para se compreender melhor a sociedade brasileira e a injusta e desigual forma de acesso, apropriação e distribuição da terra.

Valladares (1998), professora e pesquisadora na área de geografia urbana e referência sobre estudo habitacional e favelas, defende que a visão acerca da população mais pobre e seu lugar de habitação foi influenciada pelo trabalho do jornalista Euclides da Cunha, a partir

da analogia estabelecida entre *Os Sertões*⁶, livro clássico da literatura brasileira, e as favelas cariocas, correlacionando os respectivos espaços populares e seus moradores: entre o povo pobre que ocupava os morros da cidade do Rio de Janeiro e o povoado baiano de Canudos

Embora o livro de Euclides da Cunha seja posterior (1902) ao batismo do morro da Providência como morro da Favella (1887), a marca da obra não pode ser descartada. Muito pelo contrário, foram as imagens fortes e impactantes transmitidas por *Os Sertões* que permitiram aos nossos intelectuais entender e interpretar a favela emergente. (VALADARES, 2000, P.9)

Canudos se constituiu numa população de sertanejos na Bahia, tendo como liderança espiritual o beato Antônio Conselheiro, considerado louco fanático pelas elites ricas que, na verdade, temiam a destruição da recém proclamada república brasileira. Entretanto, o que os sertanejos desejavam era escapar da pobreza e da influência violenta dos coronéis em uma localidade própria. Como afirma Valladares (2000)

a marca de Canudos nesse momento fundador é, assim, inconteste. No entanto, é bom frisar, não foi simplesmente Canudos, não foi uma povoação de Canudos qualquer que desempenhou o papel de mito de origem da favela carioca. Foi o arraial de Canudos descrito em *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. (p.9)

O conceito de favela remete-se a um tipo de arbusto muito comum na parte superior dos morros da Bahia, sendo traduzido no Rio de Janeiro a todo lugar marginal de ocupação territorial feito pelos mais pobres e que, no início do século XX, compunham também aqueles que haviam estado dentro das senzalas ou os seus descendentes.

O Morro da Providência, no Rio de Janeiro, é reconhecido como a primeira favela da cidade, e data do final do século XIX para o século XX. Outros estudos, porém, como os de Silva e Barbosa (2005), afirmam que já existiam, na paisagem do Rio de Janeiro, ocupações anteriores a este período, que mais tarde também vieram a ser chamadas de favela. “É importante registrar que a favela emergiu como fenômeno social relevante a partir do surgimento favela em 1897. Porém, ela não era inédita na paisagem do Rio de Janeiro. (SILVA; BARBOSA, 2005)”.

Soldados que lutaram em Canudos, ao retornarem da guerra, alojaram-se no atual Morro da Providência, que foi rebatizado como Morro Favela fazendo referência ao morro onde ficavam as trincheiras, em Canudos.

⁶“Os Sertões” é uma das obras mais emblemáticas do escritor pré-modernista, jornalista e professor brasileiro, Euclides da Cunha (1866-1909), publicada em 1902. A obra regionalista narra os acontecimentos da sangrenta Guerra de Canudos, liderada por Antônio Conselheiro (1830-1897), que ocorreu no Interior da Bahia, durante 1896 e 1897.

Assim, sendo reconhecidas como espaços populares, as imagens sobre as favelas foram construídas com base em estereótipos que circulam na sociedade, numa tentativa de desumanização, dominação e controle. Vistas como o lugar do pobre ou lugar de presença dos “pouco humanos” (VALLADARES, 2005) as favelas precisam ser monitoradas para não causarem “problemas” para a cidade. O uso da narrativa com marcas preconceituosas também é uma ação política das classes dominantes para manter seus privilégios. No caso das favelas, a construção de uma imagem negativa e ameaçadora é favorável à manutenção de uma certa ordem social.

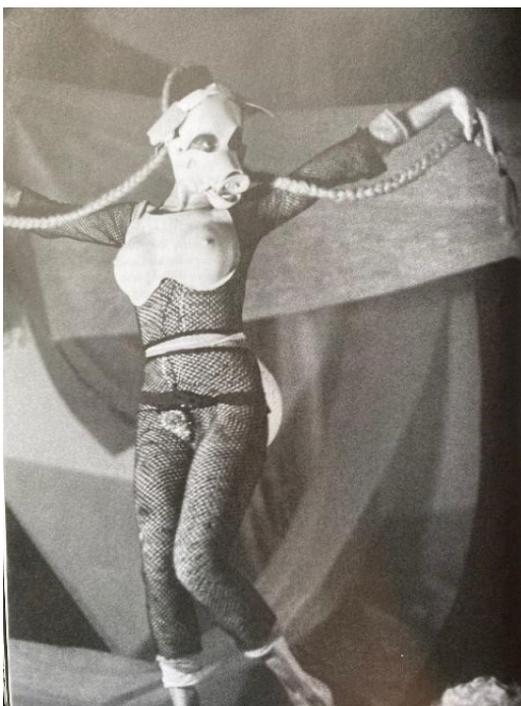
Estudos, como os de Silva e Barbosa (2005), rompem com uma lógica de negação sobre as favelas cariocas. Os autores definem a favela como um lugar social que ressurge cheio de significados na paisagem do Rio de Janeiro; sendo um fenômeno social, profundamente relevante que, mesmo negado, está ali presente no cenário da cidade.

As favelas colocam em questão o próprio sentido da nossa sociedade ao representarem uma das mais contundentes expressões das desigualdades que marcam a vida social do país. Como afirmam Souza e Barbosa (2005), mesmo subjugados/as, os/as favelados/as “invadiram as praias”, “a favela está aí de olhos acesos, ‘barulhando’, produzindo riqueza, criando recursos para driblar as consequências dos desmandos de um país injusto, sofrendo as mais diversas violências, sobretudo a gerada pela ausência dos direitos humanos”(SOUZA; BARBOSA, 2005 p.15)

Ao narrar as marcas que estão presentes em mim, fruto do processo histórico de estigmatização em relação às classes subalternizadas (a grande maioria da população das favelas), busco resgatar a história não oficial, numa perspectiva em que, ao narrar, narro não apenas a mim, mas toda uma ancestralidade que não teve a oportunidade de falar sobre a própria história.

Proponho-me a narrar também, ou pelo menos abrir espaço nesta dissertação, para a narrativa dos/das que lá permanecem e não abrem mão de dizer a sua palavra, de contar as suas histórias, valendo-se de múltiplas formas de expressão. A foto 3 e a foto 4 dialogam com esta pesquisa nesse sentido, trazendo pela poesia alegria e dor da cidade.

Figura 3 – Livro *Favela: alegria e dor da cidade*



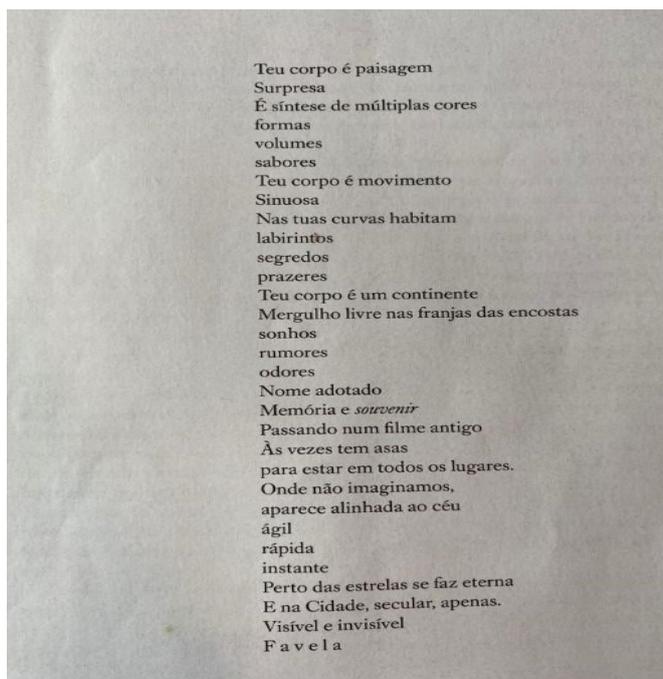
Fonte: Livro *Favela: alegria e dor da cidade*, Silva e Barbosa (2005)

Buscando traduzir os sentidos que construí para a favela Nova Holanda, com base em minha situação existencial, durante os 30 anos que lá vivi, selecionei essas imagens, que foram retiradas do livro *Favela: alegria e dor da cidade*, produzido pelo Senac⁷, em parceria com o Observatório de Favelas⁸, tendo como autores Jailson de Souza Silva e Jorge Luiz Barbosa. Na obra, os autores discutem a origem das favelas no Rio de Janeiro à luz das políticas habitacionais brasileiras, desde o período pós-escravatura, passando pela Reforma Pereira Passos e até os tempos atuais.

⁷ Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial(Senac).

⁸ Observatório de Favelas: fundado em 2001, o Observatório de Favelas é uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público sediada no Conjunto de Favelas da Maré - Nova Holanda, Rio de Janeiro. É dedicada à produção de conhecimento e metodologias visando incidir em políticas públicas sobre as favelas e promover o direito à cidade. A instituição tem como missão construir experiências que superem as desigualdades e fortaleçam a democracia a partir da afirmação das favelas e periferias como territórios de potências e direitos. A organização desenvolve programas e projetos prioritariamente nos seguintes eixos: Direito à Vida e Segurança Pública; Comunicação, Arte e Território; Educação e Políticas Urbanas. Ver: <https://observatoriodefavelas.org.br/>.

Figura 4 – Poesia contida no livro *Favela: alegria e dor da cidade*



Fonte: Livro *Favela: alegria e dor da cidade*, Silva e Barbosa (2005)

Para mim, a imagem da foto 3 e a poesia da foto 4 dialogam, são emblemáticas e complementares; elas me dizem os múltiplos sentidos que a favela provoca em seus/suas moradores/as. Na figura, os autores deram corpo ao sentimento que traduz ainda hoje a palavra favela na sociedade e deixaram transparecer o caráter de protesto social, o engajamento na luta pela construção de outra visão sobre as favelas. A poesia me conduziu a uma leitura dialógica e crítica; senti como um desabafo. A arte tem essa habilidade visceral para dizer as coisas.

A poesia e a imagem que representam a favela têm uma *boniteza pedagógica*, como diria Paulo Freire, para descrevê-la. O jogo de palavras nos convida a fazer reflexões e provoca um deslocamento de algumas posições.

O poeta, romancista e dramaturgo inglês Adrian Mitchell, que se tornou figura notável na esquerda britânica, afirma: “a maioria das pessoas ignora a maioria da poesia, porque a maioria da poesia ignora a maioria das pessoas”. Penso que a afirmação do poeta também ajuda a compreender os sentimentos que atravessam as pessoas que vivenciam a realidade inóspita da favela, mas mesmo assim não se prendem a um olhar subalternizador e enxergam e são enxergadas por uma poesia do cotidiano.

Ninguém melhor do que Cartola para representar esse movimento poético vivo:

Habitada por gente simples e tão pobre
 Que só tem o sol que a todos cobre
 Como podes, Mangueira, cantar?
 Pois então saiba que não desejamos mais nada:
 A noite, a lua prateada,
 Silenciosa, ouve as nossas canções
 Tem lá no alto um cruzeiro
 Onde fazemos nossas orações
 E temos orgulho de ser os primeiros campeões
 Eu digo e afirmo que a felicidade aqui mora
 E as outras escolas até choram
 Invejando a tua posição
 Minha Mangueira, essa sala de recepção
 Aqui se abraça inimigo
 Como se fosse irmão
 (Sala de Recepção, Cartola)

Cartola para mim é único em sua poética narrativa sobre a favela, sem negar a pobreza “de quem só tem o sol que a todos cobre”, contrapõe a riqueza e a felicidade no sentimento de solidariedade que “abraça o inimigo como se fosse irmão”.

Nomeadas/os como faveladas/os, excluídas/os, as/os moradoras/es das favelas parecem não se “encaixar” no que foi idealizado como uma cidade desenvolvida, moderna, educada. Essa ideia traz em si a semente da morte, da não valorização da vida. É como se as/os faveladas/os não fossem cidadãos/ãos, não pagassem seus impostos. O olhar moralizado predomina sobre esses espaços periféricos; a favela muitas vezes se confunde com sexualidade, ignorância e perversão. Existe um prejulgamento em que a maioria da população da favela é envolvida e/ou conivente com o tráfico, com marginais ou criminosos, uma avaliação inúmeras vezes utilizada pelo poder público para “justificar” o uso da violência para reprimir a população que vive nesse território.

Descrever poeticamente a favela é uma forma de transgressão. Mas, como a própria poesia fala, a favela é labirinto, cada uma tem sua diversidade e complexidade, com características urbanísticas, sociais e culturais plurais.

Só quem descobriu os prazeres e segredos vivendo nas favelas consegue amá-las.

Longe de mim querer idealizar as favelas, tão pouco ou quase nada contempladas pelo poder público no atendimento aos direitos essenciais da população periférica e carente que ali reside, apesar da luta dessa população. Penso mesmo que a construção do meu olhar *encantado* para a Nova Holanda tem a ver com a minha inserção desde muito nova nas lutas da comunidade por esses direitos.

Contudo, entendo também, que abraçar a poesia, como uma linguagem que me ajuda a compreender de forma mais ampla minhas próprias histórias de vida e formação, não me impede de reconhecer que o intenso processo de negação de direitos vivido pela população

periférica abre espaço para o surgimento de poderes paralelos, que se tornaram centrais como, por exemplo, o narcotráfico e milícias que se apossaram de tantos territórios na cidade do Rio de Janeiro.

Mesmo assim, insisto em afirmar que, em meio a todas as condições que estão postas no cotidiano dos territórios periféricos, a favela se apresenta como uma forma de transgressão num labirinto de complexidade, que rompe com a linearidade cartesiana urbana, e a partir de uma socialização pujante de arte e criatividade, resiste e sobrevive, tendo sua cultura plural um papel importante nessa resistência.

Dessa maneira, busco na presente investigação narrar minhas experiências de vida e formação na favela, enfatizando/defendendo a urgência e a necessidade de ouvir seus/suas moradores/as, sem negar que há problemas e há discussões a serem feitas nos âmbitos da política, da segurança pública, da educação e da urbanidade que envolve a favela da Nova Holanda e o complexo da Maré como um todo, que escapam do âmbito deste trabalho.

Para mim, repensar o intenso processo formativo que vivi nesse território traz à tona histórias e memórias que ficaram na invisibilidade, e que agora, narradas e escritas, possam contribuir para novas reflexões e questionamentos a respeito dos múltiplos e complexos movimentos sociais e políticos que compõem as histórias da população mais pobre desse país.

1.1 Contextualizando alguns dados: que nos ajudam a pensar

Na seção anterior, busquei refletir e pontuar, de uma perspectiva mais ampla, os múltiplos sentidos que as favelas, enquanto territórios habitados por uma população mais pobre, trabalhadora, negra e periférica, provocam na população como um todo. Contudo, é preciso recuperar também que tais sentidos estão entranhados na própria história do Brasil.

Assim, precisamos pensar que a forma de olhar, sentir e pensar *a* e *na* favela é estrutural, tem raízes históricas em uma sociedade escravocrata, que ainda vai completar 134 anos de abolição da escravidão. Abolição no papel, já que as manchetes de jornais continuam a denunciar cotidianamente que os trabalhos análogos ao período escravocrata continuam fortes em pleno século XXI.

O próprio samba enredo da Estação Primeira de Mangueira – que teve como tema 100 Anos de Liberdade, Realidade ou Ilusão – apresentado em 1988, ano de “comemoração” dos cem anos da Abolição da Escravatura, já proclamava na avenida

Será que já raiou a liberdade
 Ou se foi tudo ilusão
 Será, oh, será
 Que a Lei Áurea tão sonhada
 Há tanto tempo assinada
 Não foi o fim da escravidão
 Hoje dentro da realidade
 Onde está a liberdade
 Onde está que ninguém viu
 Moço
 Não se esqueça que o negro também construiu
 As riquezas do nosso Brasil
 Pergunte ao Criador
 Quem pintou esta aquarela
 Livre do açoite da senzala
 Preso na miséria da favela
 (Alvinho / Helio Turco / Jurandir)

Quase quatro séculos depois, a luta pelos direitos básicos essenciais continua: à moradia, ao trabalho, à educação, à cultura, ao direito de ir e vir, ao lazer, dentre outros tantos. E a população que deveria ter sido diretamente beneficiada pela “Lei Áurea”, continua esmagada pela base da pirâmide social, como vêm mostrando as pesquisas.

Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) contínua do IBGE, dos 209,2 milhões de habitantes do país, 19,2 milhões assumem-se como pretos, enquanto 89,7 milhões declaram-se pardos. Os negros – que o IBGE conceitua como a soma de pretos e pardos – são, portanto, a maioria da população. Os dados comprovam que negros e negras continuam sendo, majoritariamente, os/as mais pobres do Brasil, sendo que 72,7% das pessoas que vivem em situação de extrema pobreza são negras e o salário médio da população negra no país é 2,4 vezes mais baixo do que o dos brancos. Além disso, 80% dos analfabetos brasileiros são negros, mais de 75,5% das vítimas de homicídios no país são pessoas negras na faixa etária entre 15 e 29 anos e negros e negras compõem mais de 60% da população carcerária do país.⁹

Tendo a periodicidade definida em dez e dez anos, e tendo sido o último realizado em 2010, um novo censo deveria ter sido realizado pelo IBGE em 2020. Contudo, em decorrência da pandemia da Covid 19 e do corte de verbas previstos para a pesquisa em geral, promovida pelo governo de Jair Bolsonaro, a atualização dos dados do censo sobre a população ficou atrasada em dois anos, sendo realizada em 2022, mas ainda sem a divulgação dos dados no ano de 2023, data do encerramento desta pesquisa.

⁹<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2019/11/20/consciencia-negra-numeros-brasil/>
<https://sintufirj.org.br/2020/11/a-pobreza-no-brasil-tem-cor-ela-e-hegemonicamente-negra/>
<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-01/moradores-de-favelas-movimentam-r-1198-bilhoes-por-ano>

Alertando sobre a gravidade da não realização do censo no período determinado, Martins (2021) alerta que é fundamental “garantir o levantamento e a divulgação de dados que possibilitem conhecer o contingente populacional e informações básicas para a orientação e implementação de políticas públicas para redução de desigualdades e promoção de bem-estar”. Indo mais além, o geógrafo denuncia que não realizar o censo é ferir um direito constitucional:

E se o caminho para alcançar essas metas é através de informações confiáveis, as tentativas de não realização da maior pesquisa sobre a população brasileira devem ser caracterizadas como descaso e negação à garantia dos direitos sociais estabelecidos constitucionalmente¹⁰

De acordo com Rodrigues, em 2011, 22% da população do Rio de Janeiro vivia em favelas, percentual que correspondia a 1,3 milhão de pessoas. Os números mostraram também que enquanto a população do restante da cidade cresceu 3,4 vezes, a população de favela teve um crescimento oito vezes maior, correspondendo a 27,5% da população.

Em 2014 foi divulgada uma pesquisa do Instituto Data Favela¹¹ revelando que a população das favelas do Rio, constituída por dois milhões de pessoas, corresponderia ao sétimo maior município do Brasil, com uma população maior do que capitais como Manaus, Recife, Curitiba e Porto Alegre. Além disso, de acordo com a pesquisa, as/os moradoras/es das favelas cariocas têm renda anual de R\$12,3 bilhões e são responsáveis por 19% da renda dos brasileiros que moram em favelas; sua renda média mensal é de R\$965,00.

De acordo com a pesquisa, o Rio de Janeiro apresenta uma singularidade, sendo o único Estado da Região Sudeste a ter mais de 10% de pessoas morando em favelas; sua população é bem jovem, já que a média de idade desses moradores é de 36 anos. A pesquisa também perguntou o nível de escolaridade dos moradores. No total, 3% não são instruídos e 27% possuem o Ensino Médio completo. A pesquisa aponta que 1% dos entrevistados completou a faculdade e 4% possuem Ensino Superior incompleto. Ainda segundo os dados coletados pelo instituto, 94% das pessoas que moram nas comunidades se dizem felizes e

¹⁰ Lucas Martins, geógrafo formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e pós-graduando em Análise Ambiental e Gestão do Território pela Escola Nacional de Ciências Estatísticas do IBGE, denuncia a gravidade da ação do governo federal ao inviabilizar a realização do censo. Diz o geógrafo: “é fundamental que se lute pela realização da pesquisa e pela valorização e fortalecimento do próprio Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)”. <https://casafuminense.org.br/sem-orcamento-sem-censo-e-sem-festa-nos-85-anos-do-ibge/>

¹¹ Ver em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/09/com-2-milhoes-de-moradores-favelas-do-rio-seriam-7-maior-cidade-do-pais.html>.

otimistas¹². O levantamento aponta ainda que dois terços não sairiam do lugar onde vivem, mesmo que sua renda dobrasse. É importante lembrar que esses dados são de 2014; no momento atual, 2021-2022, a inflação divulgada pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) ficou em dois dígitos, com alta de 10,06%, o maior aumento desde 2015 (10,67%), e superou em muito o teto da meta de inflação (5,25%) – quando o projetado era de 3,75%.

O aumento do espectro da fome e o desemprego explodindo por todos os lados, dívidas e fome: os efeitos da pandemia e da política governamental dos anos 2019-2022 nas favelas ainda são temas a serem pesquisados. Possivelmente, o olhar otimista sobre a realidade já se modificou bastante.

Uma pesquisa em 76 favelas do Brasil, feita no começo de fevereiro de 2021, pelo Instituto Data Favela em parceria com a CUFA, mostra que 71% das famílias de favelas estão sobrevivendo com menos da metade da renda que tinham antes da pandemia. Com o aumento do desemprego e a falta de dinheiro para pagar as contas e bancar as necessidades básicas, é difícil demandar que o foco da preocupação das famílias, hoje, esteja nos cuidados sanitários para evitar a disseminação da pandemia. Não existe estatística oficial unificada sobre a quantidade de mortos por Covid-19 em favelas. No Rio, uma iniciativa da organização não governamental (ONG) Comunidades Catalisadoras registra, atualmente, mais de 3,6 mil mortos pelo coronavírus desde o início da pandemia em favelas cariocas.

Após uma densa pesquisa realizada pela Central Única das Favelas, em parceria com o Instituto Datafolha¹³, divulgada nas mídias oficiais e alternativas do coletivo de 76 favelas em que a pesquisa se deu, 71% das famílias apontaram que estavam sobrevivendo com menos da metade da renda que tinham antes da pandemia provocada pela Covid-19.

Com isso, o aumento da disparidade socioeconômica e acesso a bens de consumo básicos fez com que os moradores não tivessem recursos para pagar suas despesas mínimas como, por exemplo, a conta de luz, água e alimentação básica. Ressalta-se que em contextos de favela, grande parte de seus moradores têm essas despesas isentas pela dificuldade de registro do consumo pelas próprias empresas.

Mesmo assim, a fragilidade com que os recursos básicos fundamentais chegam nessas comunidades assemelha-se aos dados estatísticos que não conseguiram catalogar o quantitativo de mortos por Covid-19 em favelas. No Rio de Janeiro, uma Organização Não-

¹² Ver em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/efeitos-da-pandemia-nas-favelas-vaio-muito-alem-da-doenca>.

¹³ Disponível em <https://www.cufa.org.br/ibge-data-favela-e-cufa-fazem-acao-favela-no-mapa-para-coletar-dados-para-o-censo/> Acesso em 12 de Abr de 2023

Governamental (ONG) chamada Comunidades Catalisadoras registrou, durante o período, 3,6 mil mortos pelo coronavírus desde o início da pandemia em favelas cariocas¹⁴.

Numa tentativa de humanizar os processos de sofrimento e compartilhá-los com toda a sociedade, um painel foi idealizado pela ONG *Redes da Maré*¹⁵ em homenagem às vítimas da Covid-19. Como forma de manifestação do luto, foram organizadas nesse mural a disposição de azulejos com os nomes de mais de 70 moradores das 16 favelas do complexo que morreram vítimas da doença. Como pode ser visto na Foto 5, os nomes compõem o mosaico de cores com figuras representativas da memória e história de cada um deles:

Figura 5 – Homenagem às vítimas da Covid-19 na Maré



Fonte: Foto tirada pela autora durante a realização da pesquisa, 2023

Desse modo, a artista e educadora Laura Teves democratiza a arte como um trabalho realizado na oficina de azulejaria do Rede da Maré, que há 15 anos vem contribuindo para o desenvolvimento artístico e coletivo de seus moradores.

Essa obra localiza-se na Rua Bittencourt Sampaio, na favela da Nova Holanda.

Um destaque que me chamou muita atenção na inauguração do Memorial é o registro por meio de entrevista ao *Jornal Extra* em 15 de novembro de 2021¹⁶, que conta a fala de uma

¹⁴ Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-07/ong-lanca-painel-para-coletar-dados-da-covid-19-em-favelas> Acesso em 12 de Abr de 2023

¹⁵ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/fotogalerias/ong-redes-da-mare-lanca-memorial-em-homenagem-as-vitimas-da-covid-25277804> Acesso em 12 de Abr de 2023

¹⁶ Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/rio/covid-19-pandemia-vai-passar-mas-mural-vai-continuar-diz-familiar-de-vitima-homenageada-em-memorial-inaugurado-no-complexo-da-mare-25277404.html> acesso em 21 de Marc de 2023

moradora afirmando “a pandemia vai passar, mas o mural vai continuar”, relatando seu afeto e significação desse mural como gesto que marca a história de um coletivo de pessoas que não serão anônimas no somatório dos números vítimas da Covid-19, mas na Maré, representarão suas famílias e memórias.

Considero que os processos vividos por essa população durante a Pandemia continuam vivos e comandando a história de cada um através desse monumento às vítimas, entretanto, considero que tantas outras vítimas diariamente aparecem que, não fruto de uma pandemia viral, mas fruto de uma pandemia de violência faz com que minha percepção acerca do modo como o poder público lida com seus moradores ainda é fruto do racismo que estruturalmente se impõe aos mais pobres e negros.

Como exemplo, a chacina ocorrida no Jacarezinho deixando 28 corpos negros mortos¹⁷ é o retrato dessa pandemia que considero ser algo inaceitável na atualidade social. Esse fato ocorreu em 7 de maio de 2021 e foi relatado por inúmeros veículos de imprensa como um ação policial que derrubou, após chacina, o Memorial em homenagem a esses mortos.

Retomando o diálogo com a literatura, uma das inspiradoras de minhas reflexões, o contexto narrado nessa seção nos autoriza a correlacionar ficção e realidade, assim como o enredo do *Mar de histórias*, as favelas cariocas, vivem a contraposição opressão versus a busca da liberdade.

Também, a letalidade do poder público do Estado no extermínio de corpos negros torna anônimas suas identidades, reforçando a imposição da história única e da negação da singularidade dos filhos dos/das moradores/as da favela atribuindo-os/as à condição de marginais, grande parte das vezes, sem o processo legal.

Quando penso na Nova Holanda e no Complexo da Maré como um lugar contraditório e de negação de direitos, lembro-me também de que na base do processo de socialização estão pais, mães, avós, avôs, educadores, educadoras representantes da sociedade civil, ONGs e todo um movimento coletivo que estão expostos a toda sorte de barbárie.

Por isso, a representação que faço da Favela Nova Holanda é fortemente atravessada pelo dever de dar visibilidade aos inúmeros processos de negação da vida que, diante os dados oficiais não se cansam de mostrar. Mas também pretendo destacar os processos de luta e de afirmação pela vida,

¹⁷ Disponível em <https://noticiapreta.com.br/chacina-do-jacarezinho-sobe-para-27-o-numero-de-mortos-segundo-policia/> acesso em 21 de Marc de 2023

1.2 A favela Nova Holanda que mora em mim

Sou mulher favelada, professora, filha da Edith Castro de Oliveira e do Adevanir de Oliveira. Como primeira filha a concluir a universidade, seguida depois pelo meu irmão, e a única, até o momento, a ingressar no mestrado numa universidade pública, tenho comigo a maternidade e a beleza que carrego em ser mãe de Beatriz e Matheus. Viúva há cinco anos, ganhei de presente ser avó de Helena.

Na favela meu apelido entre os colegas era “branca azeda”, motivo de muita gozação. Se fosse hoje, diria que sofri durante anos *bullying* por ser uma criança muito branca e ter herdado os traços e fenótipos da minha mãe.

Meu irmão nasceu com a cor da pele igual à do meu pai, não tão branco quanto eu, e minha irmã caçula, que chegou oito anos depois, sempre enfrenta o fato de que o povo a confunde comigo devido à nossa semelhança física.

Minha falecida avó Irene, avó paterna, tinha um tom de pele negra mais clara, resultado da miscigenação racial que lhe conferiu cabelos crespos. Trago comigo essa memória e a exponho aqui justamente para mostrar que o fato de ser branca e de olhos claros não retira de mim o meu lugar de origem, nem tampouco, o significado plural e marcante da convivência com pessoas negras.

Destaco que o fato de ser branca, ainda que pobre, moradora e oriunda da favela, garantia para mim, um lugar de privilégio, naquele contexto. Eu era a filha do dono da birosca. Mesmo na favela, lugar dos/das menos favorecidos/as, econômica e socialmente, a hierarquização e a discriminação a partir da cor da pele desmistificam o mito da democracia racial. O racismo estrutural, como explica Almeida (2018), penetra em todos os espaços. Ele é parte constitutiva da sociedade brasileira.

Como Filé (2023, p.20) nos ajuda a entender:

Tornar-se negro /a é uma tarefa dolorida, árdua e constante. Lutamos contra tudo aquilo que depreendemos do conceito de racismo estrutural que organiza a sociedade e as oportunidades de trabalho, lazer, educação, moradia e movimentação, tanto espacial quanto social. Lutamos (e sofremos) contra aquilo que sempre achamos que era nosso, como marca definitiva estabelecida pela nossa origem. Tentamos (e sofremos) negar, escamotear a nossa presença, as nossas origens. Tentamos (e sofremos) nos identificar definitivamente e exclusivamente com as referências de uma cultura eurocêntrica e muitas vezes, fazemos aliança com tais culturas supondo que essas alianças nos colocariam em outras condições de consideração.

Mesmo sem intenção de traçar nenhum paralelo entre a reflexão do autor sobre o processo de tornar-se negro, numa sociedade guiada pelas referências de uma cultura europeia, e os meus sentimentos de menina branca na favela, a narrativa sobre minhas experiências com a cor de minha pele, num contexto de maioria de pessoas negras, provocou questões e problematizações, durante a orientação coletiva junto ao grupo de pesquisa ALMEFRE.¹⁸

Narrando minhas experiências, eu contava ao grupo que era também a cor da pele que me afastava do grupo de amigas da escola: eu era reconhecida como a “branca azeda”. Em uma ocasião, no Ensino Fundamental, recorri a uma declaração de trabalho para não fazer Educação Física porque, ao usar short, logo era ridicularizada. Enquanto jovem, não usava short ou saia, mesmo no verão escaldante de alta temperatura, não me sentia à vontade pela não identificação com minhas amigas negras. Se era uma rejeição consciente da parte delas ou era apenas um desajuste meu por me sentir diferente, ainda hoje, ao olhar para o passado com os olhos do presente, não consigo definir.

Destaco que os meus sentimentos de rejeição não tinham parâmetros de comparação com o processo histórico de racismo e preconceito vivido por uma parcela da população que foi escravizada. Contudo, penso que a lembrança dessa breve experiência e as reflexões que fizemos no grupo sobre os tentáculos do racismo estrutural, me fez estar mais sensível à “tarefa dolorida, árdua e constante” da população negra de lutar “contra tudo aquilo que depreende[mos] do conceito de racismo estrutural que organiza a sociedade e as oportunidades de trabalho, lazer, educação, moradia e movimentação, tanto espacial quanto social” (FILÉ, 2023, P. 20)

Retomando minha história, o desconforto em ser reconhecida como “branca azeda” acabou proporcionando-me outras experiências, profundamente formativas, que me levaram à luta política. Experiência articulada a conseguir uma declaração de trabalho para não frequentar a Educação Física, já que eu me expunha ao ter que usar short.

Nesta idade eu já tinha um horário que dedicava ao trabalho no bar da nossa família, mas não queria correr o risco de a escola não aceitar uma declaração dos meus pais. Recorri, então, às influências exercidas pelo meu pai na comunidade e na associação de moradores. Meu pai concordou em solicitar a declaração junto à associação, mas, em contrapartida, condicionou que eu deveria dedicar uma parte do meu dia, durante três vezes na semana, aos

¹⁸ Orientação coletiva é uma metodologia de formação pesquisadores/as usada pelo grupo de pesquisa, pela qual todos/as participantes do grupo atuam como coorientadores/as e se comprometem com a produção de um conhecimento que a partir da colaboração de cada um/a vai se constituindo coletivamente.

trabalhos comunitários, a fim de confirmar o documento. Seu gesto me ensinou que ética não é uma questão conceitual, mas uma opção de vida. Considero que o ponto de partida para meu engajamento nas lutas da comunidade me direcionando para reflexão das estruturas de dominação da sociedade se deu na Maré, com início nessa experiência na Associação de Moradores e Amigos da Nova Holanda.

O trabalho voluntário possibilitou-me construir um conhecimento maior a respeito da vida dos/das moradores/as da favela. Comparando o que eu vivia dentro da minha casa que, apesar de sermos pobres, sempre tínhamos o que comer, vestir e algum conforto, o transitar pelo entorno me fez entender os diferentes tipos de violências que a favela vivia: a falta de emprego, a falta de saneamento básico, a falta de políticas públicas para garantir direitos como escola, saúde, lazer.

A convivência na Associação de Moradores e Amigos da Nova Holanda também me fez apurar o olhar para a cultura local: a cozinha das mulheres, cujo cheiro dos temperos e o colorido das comidas me abria o apetite, o odor da maresia que saía das vielas, as roupas coloridas estendidas na laje, o modo como os moradores compravam e vendiam mercadorias, o movimento frenético e alegre das ruas. Estar ali auxiliando a população me trouxe muitos aprendizados.

Como mulher branca e professora em sala de aula e na vida, repudio o racismo e estou aberta às lutas e aos estudos que envolvem os debates antirracistas, como temos feito no nosso grupo de pesquisa ALMEFRE. Entendo que a cada dia tenho que refletir sobre o meu lugar na sociedade, que apesar de enfrentar os desafios referentes ao fato de ser mulher e ser periférica ainda goza de privilégios em relação a ser mulher negra periférica.

Considero que saí do ninho de acolhimento que me blindava das contradições sociais, pois, a partir dessa experiência, pude me deparar com diferentes histórias de vida e das lutas que atravessavam a favela. Vi, a partir disso, a vulnerabilidade social, o desemprego, a fome e tudo aquilo que era narrado na associação de moradores quando os/as moradores/as buscavam algum recurso e apoio.

Considerando a pauta racial não como uma pauta secundária dentro de tantas outras, mas como um tema central na discussão que envolve a sociedade, bem como compreender como os privilégios garantem a manutenção do poder das elites brancas, me fez comprometer, desde a juventude em Nova Holanda, com a luta antirracista que caminhou comigo em toda trajetória de vida pessoal e profissional.

Como sempre diz minha orientadora, a Professora Doutora Mairce da Silva Araújo, durante as reuniões do grupo de pesquisa ALMEFRE, “o racismo estrutural atravessa a todos/as nós; ele invade todos os espaços da sociedade”.

Conforme Djamila Ribeiro (2017, p. 64):

O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir. Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequentes da hierarquia social. Quando falamos de direito à existência digna, à voz, estamos falando de lócus social, de como esse lugar imposto dificulta a possibilidade de transcendência. Absolutamente não tem a ver com uma visão essencialista de que somente o negro pode falar sobre o racismo, por exemplo.

Concordando com a autora, acredito que minhas experiências na favela, na minha condição de mulher branca e loira, têm contribuições para dar ao debate sobre a construção de uma sociedade antirracista, ao inserir-se num tempo no qual o racismo, talvez estivesse mais encoberto pelo mito da democracia racial e, assim, não ocupava tanto as manchetes dos jornais, como ocupam na contemporaneidade, da segunda década do século XXI, como resultado de séculos de denúncia e lutas dos movimentos negros e parte da sociedade comprometida com a luta antirracista.

Cabe questionar o meu lugar de privilégio e, ao mesmo tempo, questionar: “Qual é o meu lugar? Em que sentido objetivamente me relaciono com aqueles/as que sofrem preconceito?”. Quanto a isso, mesmo compreendendo que não há discursos neutros, mas toda palavra insere-se num contexto político, pensar a favela como um lugar onde a opressão sobre a população negra é ainda mais evidente, não pode nos levar a hierarquizar as opressões. Reconhecer que os brancos/as pobres que lá estão também sofrem de violência que subalternizam suas histórias e condições existenciais, aproxima-nos da perspectiva da interseccionalidade.

Para Ribeiro (2016, p. 101):

Pensar a interseccionalidade é perceber que não pode haver primazia de uma opressão sobre as outras e que, sendo estas estruturantes, é preciso romper com a estrutura. É pensar que raça, classe e gênero não podem ser categorias pensadas de forma isolada, mas sim de modo indissociável.

A partir da autora, considero que compreender a interseccionalidade das práticas e processos sociais nos desafia a lutar contra uma estrutura social opressora e perversa, que reserva aos negros, às mulheres, aos pobres, aos LGBTQI+ o lugar da subalternidade e que demanda o rompimento com olhares que segmentam lutas, o que não significa que as lutas

antirracistas, as lutas pelos direitos das mulheres, as lutas pelas questões de gênero, as lutas pelas questões de classe não tenham suas especificidades. É preciso, porém, construir alianças entre as lutas, de maneira que a luta maior seja contra a estrutura social, que sustenta esta sociedade colonizada, racista, opressora.

Retomando meu processo de rememoração, em busca dos ensinamentos que tal processo pode trazer para pensarmos a sociedade, a escola, a luta das classes populares, puxo novamente o fio da narrativa sobre minhas experiências na favela da Nova Holanda. Encontro-me, assim, com uma de suas características, que deixam marcas no modo de pensar e ser de seus/suas moradores/as: o papel da laje na favela, enquanto espaço de socialização, ocupação e reorganização da vida e do agrupamento familiar.

Quando me remeto à laje da minha mãe como espaço que, em 1992 construí a minha casa, me assemelho a tantas outras experiências idênticas em que o núcleo familiar e o da família estendida permanecem nesses contextos. Quanto a isso, a laje é um espaço fundamental na favela em que a diversidade das relações é estabelecida no cotidiano da comunidade.

Mesmo após viver 30 anos da minha história na comunidade da Nova Holanda, quando me mudei para a cidade de São Gonçalo, região metropolitana do Rio de Janeiro, percebi o papel da arquitetura como elaboração de significados.

A partir dessa constatação, Nóbrega et. al. (2012, p. 22) destacam que:

Muitos projetos arquitetônicos elaborados pelos governos, quando direcionados às favelas, não levam em conta ou deixam escapar deliberadamente aspectos funcionais e culturais importantes para os moradores. É o caso da utilização da laje das casas, por exemplo. Muitos projetos simplesmente abolem as lajes e não levam em conta que nas favelas elas são convertidas em espaços de socialização – festas, encontros, reuniões, lazer para as crianças etc. – ou de construções futuras por parte dos herdeiros. Elas ainda podem adquirir valor de troca, gerando ainda renda extra, ao serem vendidas a outras famílias

As lajes como simbolismo recriam modos de sobrevivência. Talvez seja uma maneira astuta de auscultar as fendas e rachaduras das indiferenças e recriar possibilidades de sobrevivência. As condições materiais de existência em que os laços afetivos se estabelecem, além de se falar da elaboração espiritual e cultural em que os cultos e as crenças se misturam num simbolismo cultural, vão elaborando outras formas de ser e de fazer para se contrapor às estruturas excludentes, como versa em seu samba, Arlindo Cruz na música *Favela*¹⁹:

¹⁹ Destaca-se o trabalho acadêmico de Meneses (2021) sobre a obra do autor. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/16494/2/ImportanciaArlindoCruzTransformacoesSamba.pdf> Acesso em 21 de Marc de 2023

O povo que sobe a ladeira
Ajuda a fazer mutirão
Divide a sobra da feira e reparte o pão.
Como é que a gente tão boa
É vista como um marginal.
Eu acho que a sociedade tá enxergando mal
(*Favela*, Arlindo Cruz)

Entre tantas coisas importantes aprendidas, enfatizo que foi com a Nova Holanda que aprendi a importância do espírito de coletividade, pois a vida na favela pulsa solidariedade. Por isso, o conceito de povo, de ladeira como esforço, do pão repartido como empatia e da gente não-marginal que se solidariza, faz com que a obra do sambista Arlindo Cruz cante e alcance a singularidade da favela como ninguém.

2 NOVA HOLANDA: MEMÓRIAS E HISTÓRIAS QUE SE CRUZAM COM A MINHA HISTÓRIA

A Nova Holanda é o meu lugar, lugar da minha infância em que os sonhos e a esperança lutavam para se realizar, como trouxe Freire (1992, p.111) ao conclamar “esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo”.

Este convite de Freire (1992) para entendermos esperançar como verbo, como ação, como movimento, impulsionou-me a continuar narrando memórias pessoais e coletivas *com e na* favela que me permitissem compreender melhor os acontecimentos que se fizeram experiências que me atravessaram e me transformaram.

Na rememoração das experiências que vivi na Nova Holanda, pude perceber que, como tantas outras favelas do Rio de Janeiro, esta tem um trajeto histórico de luta confrontando estigmas e estereótipos em busca da reafirmação de seu território, como defendem Souza e Barbosa (2005). Penso que a Nova Holanda não está sozinha nessa luta; importantes iniciativas têm sido feitas para chamar a atenção e propor outras formas de concepção dos espaços populares.

A ação proposta pelas Redes de Desenvolvimento da Maré (Redes da Maré), por intermédio do Núcleo de Memórias e Identidade da Maré (Numim) foi uma dessas iniciativas.

A criação das Redes de Desenvolvimento da Maré materializou um longo processo de ações, pesquisas e reflexões desenvolvidas nas comunidades da Maré. Essas iniciativas foram realizadas por um grupo de pessoas que atuaram historicamente em suas organizações de outros espaços da cidade. A trajetória social e profissional desse coletivo é caracterizada pela atuação nos campos da educação, cultura e arte, segurança pública, comunicação e desenvolvimento territorial em diferentes espaços populares. Assim, o foco central da ação da instituição é realizar projetos dedicados a interferir na trajetória pessoal e coletiva dos moradores dos espaços populares do Rio de Janeiro, em especial a Maré (NÓBREGA; BELFORT; RIBEIRO, 2012, p. 7).

Memória e identidade dos moradores de Nova Holanda, livro publicado em 2012, foi o primeiro da coleção a tratar do processo de formação histórica da Maré. Segundo o trabalho, até aquele momento, a Nova Holanda ainda tinha sido muito pouco estudada, não se encontravam facilmente referências bibliográficas sobre a comunidade. A proposta dos autores foi preencher essa lacuna e trazer contribuições para a construção de novos olhares para a favela e para as trajetórias dos/das moradores/as, visando igualmente construir

metodologias que pudessem ser replicadas a outros espaços populares. O livro é resultado de uma pesquisa sobre a memória de um grupo de moradores da favela Nova Holanda.

Debruçando sobre as condições de vida da população, a obra trouxe sentidos novos para as trajetórias dos/das moradores/as contribuindo para colocar os espaços populares nas pautas de investigação e reflexão. *Memória e identidade dos moradores de Nova Holanda* (2012) é um livro em que as memórias coletivas dos/das moradores/as da Favela Nova Holanda aparecem como protagonistas.

Na mesma direção, também busquei fazer, na presente pesquisa, a articulação das minhas memórias com as histórias e memórias da comunidade, que foram recuperadas no livro, na medida em que muitos dos sujeitos que foram entrevistados também fizeram parte da minha história, sendo um deles o meu próprio pai: Adevanir de Oliveira.

O mergulho na obra *Memória e identidade dos moradores de Nova Holanda* reaproximando-me de algumas experiências por mim vividas, também me permitiu redimensionar a importância das ações realizadas pelas Redes da Maré e da NUMIM²⁰, para fortalecer os vínculos sociais e a profissionalização de seus moradores. Além disso, penso também que as iniciativas das instituições vêm contribuindo para ampliar a concepção política sobre o que significa morar naquele território.

Figura 6 – Sede do Redes da Maré



Fonte: Arquivo da pesquisadora

A importância de trabalhos que se debruçam sobre a produção de uma memória coletiva de uma comunidade, de uma cidade, de um bairro é destacada por Le Goff (2013) ao afirmar o papel da memória coletiva na constituição das sociedades e na construção da

²⁰ Disponível em: <https://www.redesdamare.org.br/br/info/50/nucleo-de-memoria-e-identidades-da-mare-numim>. Acesso em: 24 de fev de 2023.

identidade, seja individual ou coletiva. Lembra o autor que a imagem de si elaborada pelo indivíduo está diretamente relacionada com os grupos sociais aos quais ele pertence, gerando uma correlação direta entre o indivíduo e o coletivo que o representa. Isso acontece em uma perspectiva geracional, em que a memória coletiva é parte integrante do movimento de forças sociais que envolvem diversos interesses.

Segundo Le Goff (2013, p. 422):

Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva.

Tornarem-se senhores da memória, como conclama Le Goff, é uma luta política e significa lutar para que as histórias, memórias, conhecimentos, lutas das classes populares não caiam no esquecimento, de forma que possam contribuir para melhor compreendermos os caminhos que nos trouxeram até aqui. Trabalhar com as narrativas das experiências de sujeitos individuais pode favorecer esse processo, na medida em que a memória individual e a memória coletiva se imbricam e se atravessam.

Outra dimensão importante do processo de produzir histórias e memórias a partir das narrativas dos/das moradores/as da Maré, na luta para tornarem-se senhores da memória e do esquecimento, tem a ver com a capacidade de produzir um conhecimento mais situado, mais identificado com a população e suas demandas, na medida em que, segundo Souza e Barbosa (2005), a Maré (acredito que pela localização de acesso ao aeroporto internacional Tom Jobim, conhecido também como aeroporto do Galeão) é o terceiro território mais estudado por pesquisadoras/es de diversos campos do conhecimento acadêmico. Tudo que acontece de extraordinário na Maré costuma virar notícia na cidade.

Embora possamos pensar que um conhecimento produzido por pesquisadores/as que não viveram no território, não possa, nem deva ser, desqualificado, a dimensão da não-vivência favorece a construção de olhares que diferem daqueles/as que viveram a experiência de serem moradores/as daquela realidade.

Nessa perspectiva, Souza e Barbosa (2005), lembram que, mesmo subjugados/subjugadas, os/as favelados/as imprimem sua presença nos territórios, mesmo diante de inúmeras ausências de direitos humanos, a comunidade não é apenas sofrimento.

Como bem retratado na música “Nós vamos invadir sua praia”, da banda Ultraje a Rigor (1935)

Daqui do morro dá pra ver tão legal
 O que acontece aí no seu litoral
 Nós gostamos de tudo, nós queremos é mais
 Do alto da cidade até a beira do cais
 Mais do que um bom bronzeado
 Nós queremos estar do seu lado
 Nós tamo entrando sem óleo nem creme
 Precisando a gente se espreme
 Trazendo a farofa e a galinha
 Levando também a vitrolinha
 Separa um lugar nessa areia
 Nós vamos chacoalhar a sua aldeia
 Mistura sua laia
 Ou foge da raia
 Sai da tocaia
 Pula na baia
 Agora nós vamos invadir sua praia

Por isso, a metáfora de invasão da praia tem um caráter de empoderamento e produção de posturas revolucionárias num contexto de opressão político-identitária.

A peça teatral “Qual é a sua cara?”, encenada pela *Companhia Cia Marginal*²¹, que compõe o Redes da Maré, retrata os movimentos de luta e de autorrepresentação que emergem dentro da favela, e também pode ser pensada como um potente movimento na luta pela construção da memória coletiva, dentro da favela.

A peça fala da memória de moradoras/es da Nova Holanda, entre eles as/os próprias/os atrizes/ atores da companhia de teatro Cia Marginal. A sinopse do espetáculo conta sobre o processo de criação da peça. O trabalho foi criado a partir de uma pesquisa de campo realizada dentro da comunidade que trouxe para a sala de ensaio múltiplas narrativas e subjetividades. Esse material deu origem a células dramáticas híbridas, que transitam da composição de personagens baseada nas entrevistas realizadas, passando pela recriação onírica das histórias contadas, a depoimentos pessoais das atrizes e dos atores, o que faz do espetáculo um jogo no qual a ficção e a realidade se misturam. Os personagens principais são: Jorge Negão, lendário chefe do tráfico na Nova Holanda dos anos 80; Derley, antigo pai de santo da favela, cuja morte foi anunciada à mãe através de visão fantástica; e a atriz que, revirando objetos de uma caixinha, conta ao público sobre sua vida de criança e militante. Na cena da peça, a atriz folheia um velho jornal do bairro, onde fora publicado um texto seu, e interroga o público: “Maré... Por que não?”

Na peça, a narrativa como exposição problematizadora da realidade, recria a Nova Holanda como centro de produção de conhecimento e como lugar de memória.

²¹ Disponível em <https://www.redesdamare.org.br/br/info/1/cia-marginal> Acesso em 12 de Abr de 2023

Nova Holanda foi criada pelo poder público para ser um Centro de Habitação Provisório (CHP), no governo Carlos Lacerda na década de 1960, Antigo Estado da Guanabara, responsável pela política de remoção de várias favelas da cidade do Rio de Janeiro que ficavam localizadas em áreas de grande interesse imobiliário.

Marcelo Belfort, em entrevista à pesquisa, descreve esse momento como:

(...)a Nova Holanda surge como centro de habitação provisória, com uma infraestrutura incapaz de receber a quantidade da população que foi destinado a ela e, obviamente, a infraestrutura que ela recebe não é capaz de dar conta dessa demanda crescente, que é fruto da política de remoção realizada pelo governo estadual sob o auspício da Ditadura Militar. (Entrevista com Marcelo, na Favela Nova Holanda, em 28 de mar de 2023)

Nova Holanda era assim uma espécie de casa de passagem de moradores/as que, posteriormente, seriam deslocados/as para os conjuntos habitacionais populares, que ainda estavam sendo construídos em lugares mais distantes. A influência de um olhar higienista²² para a população mais pobre, aliado à urgência da desocupação de áreas mais privilegiadas da cidade, onde se localizavam algumas favelas, era parte da política habitacional.

Desse modo, não apenas a política habitacional no estado do Rio de Janeiro foi sendo colocada em segundo plano, como também seus moradores que, sem acesso a condições mínimas de vida, foram constituindo nos territórios uma arquitetura própria, equivalente às condições materiais e econômicas concretas.

Lembro-me de que minha madrinha e que também era minha prima mudou-se para Manguinhos, para um pequeno apartamento onde teria que arcar com despesas inexistentes na favela Nova Holanda, tais como: luz, água e o financiamento do apartamento. A gente via gente saindo e chegando toda hora na favela. Não sei bem como era a escolha para definir quem teria que ir primeiro. Mas muita gente voltava porque não conseguia se manter no local para onde foram levados.

Lembro-me da saga contada por Evaristo (2006) em seu livro *Beco de memórias*:

Os sinais de morte que a pobreza exhibe todos os dias e também a certeza de que a expulsão para outros lugares mais distantes, talvez mais pobres ainda, concretizava-se com a presença dos caminhões, que chegavam de manhã e até tarde da noite levavam as famílias. A morte anunciada pela miséria [...], pois a extrema pobreza os acompanharia na nova morada. (EVARISTO, 2006, p. 15)

²²O olhar higienista que chegou ao Brasil no século XIX tinha como preocupação central a saúde e convencionou-se chamá-lo de movimento higienista. As ideias higienistas serviram para escamotear as contradições impostas pela organização social do trabalho, revelando-se como equipamentos a serviço da desigualdade social, revestidos por uma ideologia biológica do ser humano.

Outras razões, contudo, se colocavam para o retorno das pessoas à favela Nova Holanda, não diretamente articuladas ao “privilégio” de não pagar as contas de luz e água; questões que diziam respeito à identificação com o local onde se mora, se representa e se vive e que levava o retorno às origens, aos conhecidos/vizinhos: perda de identidade. O novo território, mesmo que apresentasse aparentemente melhores condições materiais de existência, representava muito mais do que uma mudança de bairro, representava uma mudança de identidade.

Sobre a origem do nome da Nova Holanda existem controvérsias, alguns moradores antigos contam que Nova Holanda recebeu esse nome do Governador da época Carlos Lacerda, que tinha acabado de voltar da Holanda. Outros dados e até pesquisas indicam que a favela foi assim denominada porque foi construída sobre um aterro, o que é semelhante ao país europeu, que tem grande parte de seu território abaixo do nível do mar. Ambas as histórias a meu ver se complementam e têm relação com a Holanda.²³

Nova Holanda sempre foi um local muito acolhedor. Apesar de atualmente não residir mais neste local, continuo mantendo vínculo, porque minha família ainda habita o espaço e alguns amigos próximos. Com base nessa proximidade que ainda existe entre mim e a Nova Holanda, acompanho de perto as transformações, as ruas estão cada vez mais estreitas, cada vez mais semelhantes às vielas. As construções não param, as pessoas chegam de toda parte do Brasil e do mundo em busca de trabalho na cidade grande. No entanto, tais sujeitos, em busca de oportunidades salariais, muitas vezes, o que conseguem encontrar são subempregos, reflexos da precarização e produção da pobreza.

Muito diferente do que é divulgado na mídia, Nova Holanda é um lugar de gente trabalhadora. A área é supervalorizada porque é um local de empreendimento, com o comércio em constante ebulição. Convivem camelôs e grandes empreendedores e há muitas pessoas que melhoraram de vida, inclusive a minha família, graças ao bom senso dos moradores, que sempre deram preferência ao comércio local.

Entre vielas e espaços comunitários, a gastronomia criativamente mistura a cultura culinária dos antepassados às técnicas mais modernas que, por vezes, estão presentes em restaurantes da elite carioca. Porém, isso só pode ser evidenciado pelos moradores da própria Nova Holanda que, da diversidade de interesses, sujeitos e origens, permite que as diferentes regiões do Brasil concentrem seus gostos e sabores.

²³15 <https://vejario.abril.com.br/coluna/william-reis/favela-nova-holanda/>

Nesta densidade populacional que aumenta, fruto do êxodo de diferentes regiões do Brasil, ali estão presentes várias manifestações culinárias do Nordeste brasileiro, do Sudeste, do Centro-Oeste que, numa composição de matrizes africanas, judaicas e europeias compõem pela cultura e linguagens de produção em diferentes campos o que significa a Nova Holanda.

A minha família chegou à Nova Holanda a partir da remoção dos moradores da Favela do Esqueleto, uma favela que existiu até o início da década de 1960. O local onde atualmente encontra-se o campus Maracanã da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, zona norte da cidade, retrata o que significou essa migração que foi se dando em diferentes favelas das áreas centrais da cidade.

Uma história que se conta é que o nome dessa favela faz referência à construção de um hospital que não foi concluída, na década de 1930, o que restou foi o esqueleto da obra. À época, seria o hospital do Instituto Nacional de Previdência Social (INPS) que, paralisado e abandonado, teve seu terreno invadido e barracos foram construídos no entorno dessa estrutura (SIMAS, 2021).

De acordo com Simas (2021):

Durante a construção do Estádio do Maracanã, o terreno onde ficava o esqueleto do hospital foi ocupado. Operários que não conseguiram vagas nos alojamentos do canteiro de obras começaram a usar os entulhos e o madeiramento da obra para construir barracos próximos ao trabalho. Em pouco tempo, a ocupação se estendeu até as margens do Rio Joana, onde incontáveis casebres foram erguidos sobre palafitas. O edifício inacabado do hospital também serviu de moradia popular. (SIMAS, 2021, p.73)

Para o autor, dos entulhos e do madeiramento da obra, barracos foram construídos. Numa manifestação comum de existência/resistência, o lugar de passagem se tornou para muitos migrantes o lugar de estabelecer suas casas. Por isso, a Favela do Esqueleto também é um lugar de representação social que indica o contínuo processo de manifestação do indivíduo no território que, supostamente não lhe pertencendo, torna-se pertencimento pela necessidade.

A Nova Holanda é um pedaço de terra
 Que fica situada à beira
 Tem um celeiro de bamba
 Onde impera o samba
 Nosso lema é sambar
 A cantar, sinto orgulho em dizer
 A Nova Holanda para mim é um prazer.
 (Dercinho Oliveira e Adevanir Oliveira - Nova Holanda)

Os versos que compõem o samba que trouxe como epígrafe da dissertação e trago novamente aqui, é parte da trilha sonora da peça *Cia Marginal* e seus compositores são o

meu Tio Dercinho e meu pai Adevanir, também conhecido na comunidade como “Zagalo”. Meu pai recebeu esse apelido porque, além do carnaval, o futebol é outra paixão de sua vida. Ele foi dirigente e técnico de vários times na comunidade: Flecha, Lava Jato, Cascudo entre outros. Ele treinou o time que jogou no Maracanã, na partida preliminar para a copa de 1970. Das memórias deste dia, meu pai destaca que o Brasil foi classificado, vencendo o Paraguai de 1 a 0, com gol do Pelé.

Meu pai nasceu em Cachoeira Alegre, Minas Gerais, em 30 de junho de 1937 e é morador da Nova Holanda desde 1962, marcando a história do lugar com suas contribuições em diferentes áreas. Já durante alguns anos vem recebendo várias homenagens na comunidade e me inspira, assim como outros moradores, a entender o papel da luta por um lugar melhor para os habitantes da Maré. Sem perder a alegria, sempre com um sorriso no rosto e esperança no coração, a beleza com que pensa o samba e o Carnaval se mistura ao imaginário presente no futebol.

Nessa magia de interesses pela cultura local foi um dos diretores da primeira e segunda gestão da Associação de Moradores e Amigos da Nova Holanda. Com isso, percebo quanto sua atuação política em prol dessa comunidade me permitiu ser criada numa atmosfera em que as partidas de futebol, os sambas e as discussões sobre os direitos se entrecruzam com as reivindicações por melhores condições de habitação, saneamento básico, segurança pública, a posse da terra e educação para os filhos.

Afirmo que mesmo saindo da Nova Holanda, a Nova Holanda não saiu de mim, pois as lembranças e memórias estão ligadas à minha identidade pessoal e profissional e me permitem, ao escrever sobre ela, ter clareza de que minha identidade é atravessada por vivências nesse território coletivamente composto de reafirmações por uma formação humana digna de se ressaltar o quanto a cultura do lugar é singular. Benjamin (1987) ressalta a necessidade de compreensão do passado, não por ele ter passado, mas por aquilo que o passado contém do presente. Em suma, as minhas visões de mundo hoje, eu as tenho também muito em função do que vivi, das minhas raízes, do meu coletivo, mesmo não morando há muitos anos em Nova Holanda.

Em seu conceito sobre a história, Benjamin (1987, p. 102) afirma que é preciso “escovar a história a contrapelo”, demonstrando que ressignificar o passado para além da história única traz consigo inúmeras visões pelas quais hoje me permite olhar o passado para além de uma perspectiva meramente narrativa. Por isso, para mim, narrar não é o simples dizer, mas prender-se nas raízes pelas quais as contradições são vistas e as identidades são postas no seu devido lugar.

Meu pai, ao narrar sobre sua experiência de transição da Favela do Esqueleto até a Nova Holanda, refere-se sempre às opções que lhe foram apresentadas tais como morar em Vila Kennedy, bairro oeste da cidade, dentre outros. Porém, ao escolher morar na Nova Holanda, mesmo sabendo da realidade que encontraria e das moradias possíveis à época, indica seu amor pelo lugar, sua identificação com as pessoas que ali habitavam, mas também a razão prática: *estar mais perto da cidade*.

Em seu depoimento para o livro *Memória e identidade dos moradores de Nova Holanda*, meu pai descreve:

A chegada aqui era época de chuva, muita lama. Mas também foi época de alegria, porque ninguém foi forçado a vir pra cá, inclusive a gente podia escolher: Nova Holanda ou Vila Kennedy. Na ocasião, Vila Kennedy era alvenaria, aqui era madeira, mas pelo fato de ser mais perto da cidade, a gente achou melhor ficar na Nova Holanda. (NÓBREGA, BELFORT E RIBEIRO, 2012, p. 137)

Atualmente, com 85 anos de idade e com a memória afetada em função do Alzheimer, em alguns momentos meu pai confunde algumas coisas e, por isso, recorri às fontes da entrevista, datada do ano de 2012, para entender melhor o que à época ele havia relatado sobre essa escolha.

Outras análises sobre o processo de remoção foram trazidas por Souza e Barbosa (2005). Os autores relatam que os/as moradores/as foram removidos/as com brutalidade e que a drástica e involuntária mudança promovida pela política remocionista de Carlos Lacerda gerou muitos impactos negativos para os moradores, dentre eles: o rompimento da rede social construída em anos de convivência, já que não poderiam mais contar com o apoio dos antigos amigos em relação a troca de favores; dificuldade em relação ao acesso ao trabalho devido à distância e à falta de transporte.

No processo de remoção, os trabalhadores que antes tinham redes e vínculos com o trabalho próximo de suas residências agora ficaram distantes e sem a acessibilidade adequada, no que diz respeito ao transporte, para irem para o trabalho de origem. Assim, não apenas a remoção se deu do território, mas como também de toda uma conjuntura e perspectiva laboral desses moradores.

A narrativa a seguir, relatos de moradores removidos da favela, fala dos sentimentos de perda, conforme Perlman (2002, p. 259-260):

Aqui eu conheço meus vizinhos de nome, mas não somos amigos – meus velhos amigos estão longe. Aqui não fazemos mais passeios como tomar a barca de Paquetá, organizar piqueniques, ir à praia. Todos vivem isolados. Aqui não há clubes atléticos juvenis, nem clubes de futebol, nem samba, nem carnaval. Uma vez eles

exibiram dois filmes e nunca mais... As pessoas não se reúnem, cada um trata da própria vida.

O relato amoroso a respeito da remoção para a Nova Holanda, guardado na memória de meu pai em contraponto às críticas de outros/as moradores/as nos remete à reflexão de Tavares (2008, p. 22) sobre “o passado plural, que não pode ser reduzido a uma única forma e conteúdo. O passado como um território movediço, marcado pelos vários passados reconstruídos pelo trabalho interessado de quem o pesquisa”.

Nessa multiplicidade de passados, Souza e Barbosa (2005, p. 47) afirmam que “a política remocionista não considerou a voz, o sentimento nem a própria vida dos moradores das áreas ocupadas. Também foram ignorados todo o esforço e o capital despendido nas construções”.

A Nova Holanda foi caracterizada em alguns relatos e narrativas como um lugar de muita lama que qualquer chuvinha gerava atolamento. Faltava água e para que a população tivesse acesso era necessário caminhar até o outro lado da Avenida Brasil. Lembro-me de que minha mãe tinha um apetrecho parecido com um barril para transportar água potável e esse apetrecho chamava-se *rola*, que era um barril de vinho protegido por dois aros cortados de pneus velhos tracionados por uma barra de ferro de três quartos de polegada que fazia girar o eixo central.

Os *rolas* eram fabricados pelos/as próprios/as moradores/as, essa tecnologia é narrada por vários/as moradores/as e minha mãe conta que o esforço que fez para comprar um foi enorme, pois era a única forma de transporte de água no bairro. Esse objeto foi fundamental para a subsistência dos/as moradores/as na região, pois, por diminuir o peso e por comportar uma maior quantidade de água, era mais eficiente que as latas d'água transportadas nas cabeças, especialmente, das mulheres, à época.

Mas, como as realidades são múltiplas, Nova Holanda não era só dificuldade e carência. Também era potência. Uma das coisas boas era o samba.

2.1 Grêmio recreativo da escola Gato de Bonsucesso; Glória a quem trabalha o ano inteiro

A narrativa de meu pai sobre os blocos carnavalescos da favela para o livro *Memória e identidade dos moradores de Nova Holanda*, traz com riqueza de detalhes o processo de

transição da Favela do Esqueleto para Nova Holanda. Sua experiência e memória viva me fez pensar sobre o papel do *intelectual orgânico* gramsciano (2001), que longe do espírito elitista, que prioriza a análise teórica sobre a realidade, é aquele que se insere na vida cotidiana e se compromete com as lutas e os interesses coletivos.

Reafirmando que a construção de *espaçostempos* de lazer é uma expressão cultural e uma necessidade humana, meu pai narra as origens do Grêmio Recreativo Escola de Samba Gato de Bonsucesso, escola de samba que permanece viva e atuante, desde os primórdios da transição da Favela do Esqueleto para a Nova Holanda:

Lá no Esqueleto, a gente tinha fundado um blocozinho carnavalesco, mas com a saída de lá aquilo se espalhou; mas aqueles que vieram pra cá fundaram um outro bloco: Unidos de Nova Holanda, do qual eu assumi a direção da bateria, e ali a gente fazia reunião toda semana, muito bonito aquilo também. Era um bloco sem compromisso, era simplesmente pra complementar um lazer que não tinha na comunidade. Eu me sentia muito bem fazendo aquilo, independente da diretoria do bloco da Nova Holanda, porque eu fiz uma diretoriazinha para ajudar a bateria. E a gente fez uns dois ou três desfiles. A gente preparava, se ajeitava, entrava no ônibus e ia pra cidade, porque não tinha que tirar licença. Então a gente ia lá e desfilava na Rio Branco, fazia farra. Depois, ia pra casa. Aí desfilava por aqui e aí acabou (NÓBREGA; BELFORT; RIBEIRO, 2012, p. 138).

O bloco Unidos da Nova Holanda, assim como tantos outros blocos menores, acontecia, naquele momento, de forma livre e sem a necessidade de obtenção de licença específica. Não havia ainda uma regulamentação específica ou um processo formal de autorização para a realização dos desfiles²⁴. Os blocos tinham mais liberdade para escolher seus trajetos e horários, o que resultava em uma maior descentralização e espontaneidade nos desfiles. Os blocos eram geralmente formados por grupos de amigos e vizinhos, que organizavam seus desfiles de maneira mais informal, percorrendo as ruas e bairros da cidade durante o período do Carnaval.

Porém, importante lembrar também que os blocos, mantendo o espírito carnavalesco, tradicionalmente, sempre foram espaços de irreverência e crítica social, e não se furtavam de enfrentar desafios para manter essa sua essência contestadora,

Até que houve um ano em que a gente chegou pra desfilarmos no desfile na Presidente Vargas, a passarela era na Presidente Vargas, aí não deixaram a gente passar na passarela. Já tinha televisão e deu um problema danado lá com o pessoal que tomava conta. Aí todo mundo me viu na televisão reclamando e tal. Acho que aquilo me tornou muito conhecido na comunidade. E eu disse: “Não tem problema, vocês não

²⁴Devido ao aumento da popularidade e do tamanho dos blocos carnavalescos, bem como à necessidade de garantir a segurança dos participantes e organizar o trânsito nas áreas onde os desfiles ocorriam, a exigência de licença prévia foi estabelecida em 2004. A partir desse ano, os blocos passaram a precisar obter autorização das autoridades competentes para realizar seus desfiles no centro do Rio de Janeiro.

deixam a gente passar pela pista, a gente vai passar por fora, de trás”. Passamos por trás da pista e a televisão filmando a gente. Fomos até o final, voltamos e cumprimos a nossa meta, que era desfilar. Eu acredito que a gente tinha umas 800 pessoas mais ou menos e fizemos nosso desfile até chegar aqui (NÓBREGA; BELFORT; RIBEIRO, 2012, p. 138).

Segundo meu pai, atitudes como estas o tornaram muito conhecido na comunidade. O bloco Unidos de Nova Holanda não teve vida longa, porém, os acontecimentos cotidianos se encarregaram de continuar alimentando a cultura carnavalesca local. Tal acontecimento alegórico narrado por Moreira (2021)²⁵ deu origem ao bloco carnavalesco “Mataram Meu Gato”.

O evento envolve Maria Dentão, uma moradora da favela. Desesperada diante do assassinado do seu gato de estimação, a moradora teria corrido pelas ruas da favela em direção ao posto policial gritando: “Mataram meu gato!” “Mataram meu gato!”. A lamentável morte do gato pelas crianças da favela foi uma retaliação à atitude da moradora que furou a bola do time ao cair em seu quintal. As crianças teriam matado o gato e usado seu couro para fazer um tamborim e batucar em frente à residência de Dona Maria.

Conservo em minha memória os períodos em que meu pai foi o presidente do bloco carnavalesco da comunidade “Mataram Meu Gato”, bloco que deu origem ao Grêmio Recreativo Escola de Samba *Gato de Bonsucesso*, que envolveu toda a minha família no processo de constituição da escola de samba. Até hoje minha família ama o ‘Gato’ e a quadra de samba representa lazer, alegria e orgulho para a comunidade.

Inspirados na expressão “Mataram Meu Gato”, os remanescentes do G.R.E.S. Unidos da Nova Holanda deram uma nova roupagem ao bloco já existente na região e criaram Grêmio Recreativo Escola de Samba Gato de Bonsucesso. Durante décadas o samba na quadra foi o lazer, a alegria e orgulho da comunidade. Foram muitas vitórias e comemorações com muita roda de samba.

Meu pai lembra que de 1978 a 1986, ainda desfilando como bloco, entre subidas e descidas no *ranking* dos blocos, o bloco carnavalesco *Mataram Gato* foi campeão em 1982, vice em 1983, chegando a desfilar na Avenida Rio Branco no carnaval de 1998 e, em 1999, já desfila como Grêmio Recreativo Escola de Samba Gato de Bonsucesso, na Avenida Rio Branco e se torna vice-campeão.

²⁵ Dissertação de Mestrado intitulada *A batucada que se espalha nesse chão: narrativas docentes, samba e educação antirracista*, defendida no Programa de Pós-Graduação: Processos Formativos e Desigualdades Sociais, da Faculdade de Formação de Professores, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Em 99, fizemos apenas com a ajuda da associação dos blocos. Nós fizemos o desfile na Rio Branco e fomos vice-campeões, viemos desfilar em Bonsucesso pra avaliação, pra virar escola de samba, e fomos a melhor escola de Bonsucesso. Ainda hoje estive pegando na placa lá: "A melhor escola de 99 em Bonsucesso". Está meio enferrujadinha e eu tô imaginando: "O que eu faço pra ela ficar bonita de novo?" (NOBREGA; BELFORT; RIBEIRO, 2012, p. 138).

"O que eu faço para ela ficar bonita de novo?", difícil precisar se no momento de sua pergunta, meu pai pensava na placa, enferrujada num canto da quadra, ou se na própria história da escola. A pergunta de meu pai traduz os sentimentos descritos por Martinho da Vila, no samba enredo da Escola de Samba Vila Isabel, do carnaval de 1984, "Pra Tudo se Acabar na Quarta-Feira". Proclama o compositor:

Glória a quem trabalha o ano inteiro
Em mutirão
São escultores, são pintores, bordadeiras
São carpinteiros, vidraceiros, costureiras
Figurinista, desenhista e artesão
Gente empenhada em construir a ilusão
.....
Razão pra vida tão real da quarta-feira
É por isso que eu canto

Penso que meu pai, como tantos e tantas outros/as e outras gentes da favela, compõem a galeria do poeta, dos/das anônimos/as que trabalham o ano inteiro empenhados/as em construir a ilusão... Manter a escola de samba viva, garantir que ela possa continuar a ser uma expressão da cultura popular é um desafio cada vez maior para as comunidades que comportam as escolas de samba

É muita responsabilidade e o material humano que a gente tem na comunidade é muito difícil, a igreja tem mais facilidade de catequizar componentes do que a escola de samba para o carnaval. Porque há de pensar o seguinte: existe a cultura de quem gosta de carnaval vai pro inferno, não é mesmo? E quem gosta da igreja vai pro céu, quem procura a igreja vai pro céu. Você vê não é difícil de escolher, por aí (NOBREGA, BELFORT, RIBEIRO, 2012, P.140).

No depoimento de meu pai a constatação dos efeitos provocados pelo crescimento das igrejas evangélicas²⁶ na comunidade: a disseminação da lógica *de que o carnaval era coisa do*

²⁶20 O antagonismo entre samba e igreja evangélica e suas implicações para o carnaval como uma festa popular fica bem explicitado por Moreira (2021), na seguinte passagem de sua pesquisa: "Desde a data de posse do cargo de prefeito da Cidade do Rio de Janeiro em 2017, Marcelo Crivella, bispo da Igreja Universal do Rio de Janeiro realizou significativos cortes na subvenção dada pelos governos anteriores às escolas de samba anualmente para realização dos seus desfiles. No ano anterior ao mandato de Crivella, a verba chegou ao valor de R\$ 2.000.000,00 para cada agremiação, no entanto, com sua entrada como líder do poder municipal, que contou inclusive com o apoio explícito de diversos dirigentes das escolas, a quantia foi reduzida para R\$ 1.000.000,00 e,

inferno e a igreja era o caminho para o céu. Nesse sentido, podemos conjecturar que o Grêmio Recreativo Escola de Samba *Gato de Bonsucesso* só não morreu, talvez, por fazer jus ao dito popular de que *o gato tem sete vidas*. Contudo, as dificuldades sempre foram muitas, agravado pela falta de dinheiro e investimento público no carnaval. Mas a torcida pela “Gato de Bonsucesso” continua firme e forte.

O olhar sobre o carnaval como uma festa profana, contudo, se depara com outras lógicas que vão além da questão do lazer e do divertimento, e das quais muitas vezes os moradores/as não podem abrir mão: o carnaval também mobiliza uma rede de economia informal, que tem um papel concreto na sobrevivência cotidiana. Desde os vendedores ambulantes oferecendo alimentos, bebidas, lembranças e produtos relacionados à festividade à produção de artesanato como máscaras, fantasias, acessórios e enfeites; às apresentações de músicos, dançarinos, malabaristas e palhaços etc. São muitas as possibilidades que o carnaval oferece para “levar dinheiro pra casa” e completar a renda familiar.

No desfile do Carnaval de 2018, quando meu pai já havia se afastado da gestão da escola, o Gato de Bonsucesso ficou em último lugar do Grupo E²⁷, e ainda ficou devendo parte do investido financeiramente à Associação das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, segundo informações de um amigo que é diretor da escola atualmente.

O antagonismo em torno da relação entre política, religião e samba no Rio de Janeiro, durante o mandato político do Prefeito Marcelo Crivella entre os anos de 2017 e 2021, impactando diretamente os recursos públicos aplicados no investimento do Carnaval durante esse período, gerou impactos mais desastrosos sobre as pequenas escolas de samba dos bairros. Com isso, o Gato de Bonsucesso teve sérios impactos no ano de 2018 para a realização de seu desfile.

No ano de 2021, diante do grave impacto gerado pela pandemia da Covid-19, não houve o Carnaval no Rio de Janeiro, mas em 2022 o retorno progressivo das escolas de samba ao desfile foi aguardado com muita expectativa. No ano de 2022, o senhor Mauro Camilo continuou como presidente da escola e aguardava o retorno dela às escolas de samba, o que ocasionou seu posicionamento na 19ª escola a desfilar.

desde então, veio sucessivamente diminuindo esse dinheiro, ao ponto de no carnaval de 2020 as escolas não receberem nenhuma receita da Prefeitura, alegando que a crise econômica assola o país. A alegação da crise econômica, contudo, sempre vem acompanhada das críticas do prefeito aos cortejos momescos, deixando entrever que o corte de verbas está articulado às suas concepções religiosas. (p.20)

²⁷ Até o carnaval de 2019, os desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro estavam organizados em cinco grandes divisões, tais como: o Grupo Especial e as Séries A (atualmente Série Ouro, conforme já mencionado anteriormente), B (atual Série Prata com a fusão dos antigos grupos B e C), D (atual Série Bronze) e o E (atual Grupo de Avaliação).

O enredo à época foi “Respeito é bom e eu gosto”. O desfile aconteceria no dia 05 de março de 2022 quando subiram oito escolas do grupo bronze e, em razão da pandemia e seus agravamentos, houve a transferência do desfile para o mês de abril.

Apesar de fazer um bom tempo que não vou à quadra do Gato de Bonsucesso, acompanho a escola pelas redes sociais. Assim, fiquei surpreendida pelo entusiasmo dos/das frequentadores/as na noite de ensaio da escola, quando uma forte chuva inundou a cidade do Rio de Janeiro e alagou toda a quadra. Quem disse que gato não gosta de água? Foi o que pensei ao ver a Escola que virou notícia na televisão aberta em função do ensaio debaixo dessa forte chuva. As pessoas que não conheciam a escola puderam perceber a paixão com que os/as integrantes dedicam à escola, cantando o samba na ponta da língua.

Na linguagem carnavalesca, a escola lavava a alma com aquela tempestade que, simbolicamente, renovou as energias da comunidade. Quem sabe tudo isso aconteceu para matar a sede de vitória que até aquele momento não fora possível por conta de tantas dificuldades no retorno ao desfile oficial.

De certa forma, a chuva parecia também querer limpar a cidade do coronavírus que, nos anos de 2020 e 2021 provocou a morte de milhares de pessoas no Brasil. Se depois da tempestade sempre vem a bonança, o *Gato de Bonsucesso* renasceu das cinzas, como dizia a letra do samba “Meu gato tem raiz, ele voltou com garra, esperança e muito amor”, desfilando no dia 21 de abril de 2022 e subiu para a série bronze.

Sendo a sétima colocada com o enredo “Respeito é bom e eu gosto” o Gato revelou que estava vivo ao expressar pelo samba a indignação vivida por inúmeros/as moradores/as da favela, diante do preconceito estrutural, da negação de direitos e das tantas violências econômicas, físicas, simbólicas e tantas outras sofridas pelo povo da periferia.

Fiquei profundamente emocionada ao ouvir o grito de guerra “Alô, Complexo da Maré! Alô, Nova Holanda!”. Esse grito ainda me arrepia, parece que tenho uma pele felina e faço parte da família do gato. Por isso, o trabalho de registro das histórias e memórias da comunidade Nova Holanda, realizado no livro *Memória e identidade dos moradores de Nova Holanda* é profundamente significativo para mim, por ser parte da minha história enquanto alguém que nasceu e viveu parte de sua vida em Nova Holanda e amante do Carnaval carioca, como uma herança da vida familiar.

A seguir, apresento algumas fotos da E. S. Gato de Bonsucesso, recolhidas do acervo familiar, que nos levam a concordar com Susan Sontag (2004, p.19) ao afirmar que, “por meio de fotos cada família constrói uma crônica visual de si mesma e suas imagens portáteis

servem para testemunhar sua coesão.” Penso que as fotos aqui trazidas fazem a crônica do envolvimento da escola de samba Gato de Bonsucesso com minha família.

Figura 7 – Eu em desfiles da E S Gato de Bonsucesso



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 8 – Meu pai Adevanir na Rua Carmelita Custódio (antiga Rua 2)



Fonte: Arquivo da Pesquisadora

Figura 9 – Bandeira do Grêmio Recreativo Escola de Samba Gato de Bonsucesso



Fonte: Foto de família.

Figura 10 – Banner do enredo - Foto



Enredo: “RESPEITO É BOM E EU GOSTO”

Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 11 – Classificação do grupo conforme avaliação 2022

Rádio Arqibancada @rdarq... · 5min · Confira a classificação do Grupo de Avaliação. As oito primeiras sobem para a Série Bronze.

GRUPO DE AVALIAÇÃO 2022	
1º	FLAMANGUAÇA 179,5
2º	TUBARÃO DE MESQUITA 179,4
3º	CONCENTRA IMPERIAL 179,3
4º	MOCIDADE UNIDA DA CIDADE DE DEUS 179,2
5º	BANGAY 178,8
6º	UNIDOS DA BARRA DA TIJUCA 178,6
7º	GATO DE BONSUCESSO 178,3
8º	UNIDOS DO CABRAL 178,2
9º	ALEGRIA DO VILAR 178
10º	IMPÉRIO DA ZONA NORTE 177,7
11º	UNIDOS DE COSMOS 177,1
12º	COROADO DE JACAREPAGUÁ 177
13º	IMPÉRIO DE NOVA IGUAÇU 176,7
14º	COROA IMPERIAL 176,7
15º	IMPÉRIO DE BRÁS DE PINA 176,5
16º	CAMISA 10 174,2
17º	FLOR DO JARDIM PRIMAVERA 154

Fonte: Arquivo da pesquisadora

O depoimento da Roseni, minha irmã, feito especialmente para a pesquisa, agrega mais alguns elementos na história do Gato de Bonsucesso, contribui para incluí-la também na

galeria do poeta Martinho da Vila “Gente empenhada em construir a ilusão”. Foi carnavalesca, contadora, administradora, organizadora da estrutura jurídica, faxineira, cozinheira e diretora de ala. Pessoas como Roseni, que existem em todas as escolas, revelam um “mistério” da sobrevivência dessas agremiações, que são partes de um amplo complexo cultural, que existe em torno do samba (SIMAS, 2014). “O samba faz a cabeça da gente”, como canta o grupo “Total Discórdia”.

Fui carnavalesca no Bloco Mataram Meu Gato, ligado à Federação de Blocos da Cidade do Rio de Janeiro, por vários anos, até o final da década de 80, quando conseguimos um espaço para nossa quadra, na rua São Jorge. Com doações, participações e esforço, conseguimos erguer nossa quadra... Em 98 junto com meus familiares, criamos as condições para transformar a agremiação em Escola de Samba. O que aconteceu, após um desfile de avaliação em Bonsucesso, organizado pela Associação das Escolas de Samba da Cidade do Rio de Janeiro, oficializado em 24/02/1999. Daí a luta era pra cobrir a quadra, o que conseguimos em duas etapas... Meu pai, Adevanir de Oliveira, foi presidente do Gato, por muitos anos, desde a época do bloco e na fundação da Escola... Em minha trajetória no Gato, já fiz de quase tudo um pouco. Desde a contabilidade, administração, organização da estrutura jurídica, faxineira cozinheira, diretoria, etc... Eu fui filha, prima, mulher, mãe e irmã, de presidentes da agremiação.... Atualmente moro na Penha. Mas não perdi minhas referências com a Maré, continuo frequentando, participando e hoje, no Gato atuo, como Diretora de Ala. (Depoimento de Roseni Lima de Oliveira , em 06 de abril de 2023)

O curioso é que meu pai não é carioca e, enquanto mineiro que se apaixonou pelo Rio e pelo samba, o gênero musical se misturou à sua identidade e ao espírito da cidade. O samba de Alcione, Zeca Pagodinho, Beth Carvalho, Paulinho da Viola, Cartola, Noel Rosa, e tantos outros continua lindo como o Rio de Janeiro, apesar das contradições e do modo como a cidade vem sendo administrada politicamente há décadas.

Como destaca Simas (2019, p. 114):

Muito mais do que gênero musical ou bailado coreográfico, o samba é elemento de referência de um amplo complexo cultural que dele sai e a ele retorna, dinamicamente. Nos sambas vivem saberes que circulam; forma de apropriação do mundo; construção de identidades comunitárias dos que tiveram seus laços associativos quebrados pela escravidão, hábitos cotidianos, jeitos de comer, beber, vestir, enterrar os mortos, amar, matar, celebrar os deuses e louvar os ancestrais. Reduzir o samba ao terreno imaginário onde mora a alegria brasileira do carnaval é um reducionismo completo.

As memórias e as imagens trazidas nesta seção, que mostraram uma articulação orgânica entre a comunidade e samba, também permitem que possamos ver o carnaval e o samba como uma expressão cultural na perspectiva trazida por Simas, que vai muito além de uma alegria fugaz e passageira, expressa múltiplos sentidos da vida humana, constrói identidades, narra histórias, *celebra os deuses e louva os ancestrais*.

2.2 O protagonismo das mulheres; NOVA HOLANDA – Território de lutas

As mulheres sempre exerceram em Nova Holanda um protagonismo muito importante. Desde a Associação de Moradores, ao bloco carnavalesco *Gato de Bonsucesso*, as mulheres estavam em todas as lutas.

Marcelo Belford, historiador, pesquisador e um dos autores do livro “Memória e Identidades na Favela Nova Holanda”, citado em várias passagens da dissertação, foi entrevistado para a pesquisa e faz sua apresentação inicial colocando em destaque o protagonismo das mulheres, a partir da referência de sua mãe.

Bom, boa tarde. Eu sou Marcelo Belford, sou filho de Maria Amélia Cássia de Silva Belford que foi uma das protagonistas das diversas mulheres, eu lembro de algumas delas, eu lembro da Dona Ilda, da Penha, da Nêga, da Cléia, da Zefinha, ai... Enfim, são mulheres que são mobilizadas por conta de uma das primeiras lutas que surge como demanda do incipiente movimento social na Maré, que é a luta pela água. (entrevista no dia 28 de março 2023)

Após relatar um processo extremamente doloroso e traumático, vivido por sua mãe, que a levou ao coma, em seu quinto parto, aos 33 anos, Marcelo rememora as lutas das quais sua mãe participou ativamente:

E aí, o que que nós passamos a reivindicar na favela Nova Holanda influenciado por essas correntes [Teologia da Libertação] e despertado por essa consciência traumática que minha mãe teve? Nós passamos a reivindicar o direito à água, em 70, o direito ao saneamento, o direito à saúde, o direito à educação, o direito à terra, direito fundiário, a gente passa a reivindicar também o direito ao endereçamento, nós queremos ter o direito de receber uma correspondência em nossa casa e não ter que se deslocar até a agência da Fundação Leão XIII ou a Associação de Moradores para pegar a nossa correspondente. (entrevista no dia 28 de março 2023)

Podemos pensar que a tradição de luta deixada por Dona Amélia, Dona Ilda, Penha, Nêga, Cléia, Zefinha, para ficar nas mulheres que foram citadas na entrevista, deixou frutos que permanecem na luta e se destacam na história da cidade.

Como exemplo, Renata Silva Souza, uma mulher negra, favelada e cria da Nova Holanda, depois de jornalista formada com bolsa integral na Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio), não apenas participa ativamente da comunidade, como faz de sua formação um profundo movimento comprometido com a juventude da Maré.

Em sua tese de doutoramento pela Universidade Federal do Rio de Janeiro no ano de 2017, abordou um tema relacionado à segurança pública sob a perspectiva da garantia dos

direitos humanos, com o título “O comum e a rua: resistência da juventude frente à militarização da vida na Maré”. Enquanto militante dos direitos humanos, foi eleita pela Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (ALERJ), pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), em 2018. Tornou-se a primeira mulher negra a ser presidente da comissão de defesa dos direitos humanos e cidadania da ALERJ, era amiga e companheira de Marielle Franco, desde os anos 2000, quando frequentavam o mesmo pré-vestibular comunitário na Maré.

Marielle Franco ficou conhecida também pela sua militância em prol dos direitos humanos dos moradores da Maré, e essa aproximação com a luta política se deu após ingressar também no pré-vestibular comunitário.

Dentre as indignações que regiam o seu olhar e projetos políticos, esteve a perda de uma amiga que, vítima de bala perdida num tiroteio entre policiais e traficantes no Complexo da Maré, mobilizou-a a trabalhar em organizações da sociedade civil como a *Brasil Foundation* e o Centro de Associações *Solidárias da Maré* (CEASM) como alguém que representou os interesses da própria comunidade.

Marielle se formou pela PUC-Rio em Serviço Social e, tempo depois, fez o Mestrado em Administração Pública pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e teve como tema de sua dissertação “UPP: redução da favela a 3 letras”. Ao coordenar a comissão de defesa dos direitos humanos e cidadania da ALERJ, participou de diversos coletivos e movimentos feministas, negros e de favelas com a missão de fazer valer os direitos humanos no cotidiano dos moradores.

Após morte trágica, fruto de um terrível assassinato, foi criada uma instituição com o seu nome, o Instituto Marielle Franco²⁸. Sua família fez do instituto uma forma de inspirar e conectar as potencialidades de milhares de jovens negras LGBTQIA+ e periféricas para que acessassem o conhecimento teórico e seus lugares nos espaços e territórios da cidade.

O objeto central do Instituto Marielle Franco envolve o desenvolvimento de políticas públicas que permitam o acesso ao Ensino Superior e continuação da formação política desses jovens em prol de maior igualdade e uma sociedade democrática.

Cumprindo o combinado de uma mulher preta puxar a outra, Marielle convidou Renata, que atuou por dez anos na consolidação do mandato do Deputado Estadual Marcelo Freixo, e juntos, ao meu entender, construíram um trabalho fundamental para o Rio de Janeiro e para inúmeras comunidades do Brasil.

²⁸ Disponível em: <https://www.institutomariellefranco.org/> Acesso em: 28 de março de 2023.

A marca que deixou a Vereadora Marielle Franco como legado de vida, fez com que a Maré fosse representada e ressignificada a partir dela. O destaque vale para o fato de que 14 de março de 2018 não apenas marca o dia de sua morte, mas também a vida daquilo que seria o Instituto Marielle Franco e suas contribuições sociais.

Dentre as conquistas dessas mulheres, há uma coletividade por trás e, portanto, não são conquistas individuais, mas lições aprendidas como resultado do movimento popular que na Maré refluí continuamente no movimento de resistência/existência frente às realidades opressoras. As mulheres vêm inspirando o confronto com a hegemonia ideológica e política que perpassa a sociedade e, conforme Rama (1985), supera as desigualdades sociais por meio da reflexão teórica e luta política.

A grande indagação “*Quem mandou matar Marielle?*” até hoje ecoa na sociedade brasileira como sendo fruto do descaso das autoridades na resolução desse assassinato. Como canta a escola de samba Mangueira: “Brasil, chegou a vez de ouvir as Marias, Mahins, Marielles, malês”, num gesto que envolve o rompimento com o silenciamentos impostos por uma cultura.

Vivemos um tempo de esperar pela vitória do nosso Presidente eleito (2023-2027) Luiz Inácio Lula da Silva. Esperançar pode ser a cura das feridas ainda abertas provocadas no povo nos últimos quatro anos por um governo de extrema direita que deixou um rastro de sangue e de destruição do estado de direito²⁹. A vitória do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva acendeu luzes no final do túnel, mas ainda tem muitos desafios pela frente, em busca de retomar direitos históricos duramente conquistados pela população, durante décadas e rapidamente sequestrados em quatro anos. A luta foi árdua, mas não foi em vão. Isso ganha visibilidade quando assistimos à líder indígena Sônia Guajajara assumir como primeira Ministra dos Povos Indígenas.

A eleição foi ganha, mas a luta pelo fortalecimento da sociedade democrática, com garantia de dignidade e direitos a todos ainda está longe de ser vencida. Trago como reflexão parte da narrativa da professora, ativista e Deputada Federal Taliria Petrone (PSOL)-RJ que levanta a voz na tribuna em uma fala emocionada e emocionante com seu bebê amarrado ao

²⁹ Como exemplos dos retrocessos promovidos pelo governo de Jair Bolsonaro (2018-2022), podemos citar: a liberação das armas; a liberação recorde de agrotóxicos; o crescimento do desmatamento da Amazônia correspondente a uma área maior que 300 mil campos de futebol, o sucateamento do SUS; a extinção de 22,4 mil cargos da área da Saúde sendo que destes cargos 10,6 mil eram agentes comunitários; a redução drástica de recursos para pesquisa; retirada da população LGBT da Política de Direitos Humanos; o não reajuste real do salário mínimo; o veto ao termo violência obstétrica; a extinção do departamento de HIV/Aids no Ministério da Saúde. <https://www.enfpt.org.br/especial/retrocessos-do-governo-bolsonaro/>

seu corpo, no dia 15/03/2023, e faz do seu discurso a minha voz no Plenário em Brasília em homenagem e luto pelos cinco anos da execução da vereadora Marielle Franco.

(...) Eu não gosto da ideia de que Marielle vive, porque ela não vive, quando a gente diz que Marielle vive, a gente esquece que ela foi executada. Ela foi executada! Marielle foi morta com cinco tiros na cabeça. É duro dizer isso aqui, é preciso dizer isso, a gente não cansa na luta por justiça. O que é verdade é que estão celebrando o legado de Marielle. É verdade que ela foi assassinada possivelmente, pela milícia que tem relação com o Estado brasileiro que elege Deputados, que elegeu Presidente da República, que elegeu Senadores e que faz parte de um esquema de morte que tem que ser interrompido. Mas é verdade, eu já vou caminhar para terminar que nossa irmã, amiga não vive mais. É verdade que o seu legado e a luta que ela encampava no seu corpo no seu mandato está mais viva do que nunca. Nós vencemos nas urnas que não é um detalhe porque a democracia brasileira que já era frágil estava cada vez mais esculachada. Mas é verdade que a gente venceu, a gente precisa vencer também na sociedade. Isso também honra o legado de Marielle. A execução de Marielle nos traz um convite, um convite para celebrar o seu legado, mas também ter mecanismos que esse Estado pode implementar, para fazer com que nós possamos fazer política em paz. Não há política possível onde nosso corpo não caiba (...) (pronunciamento de Taliria Petrone- PSOL-RJ, em 15/03/2023).

A luta nossa foi nas senzalas, agora ressignificada nas aldeias, nos quilombos, nas favelas e periferias não é só por direitos, mas pela vida.

Como mulher favelada que cresceu e viveu grande parte da vida na Nova Holanda, minha aproximação com Marielle Franco se deu a partir do lugar e da luta pela educação, como reflexionado por Freire (2018, p.74):

Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono; meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da história, mas seu sujeito igualmente. No mundo da história da cultura, da política, constato não para me adaptar, mas para mudar.

A formação do sujeito em meio às ocorrências da vida e do cotidiano perfaz e é transversalizado pela cultura local, pela política, pelo modo como a subjetividade encontra na arte e na realidade a necessária dialética para seu estabelecimento. Por isso, ao pensar o que significam as mulheres da Maré, incluo-me como fruto da contribuição que aquele povo me trouxe.

O meu comprometimento com a comunidade, além da participação no bloco carnavalesco, tinha inúmeras facetas tais como o envolvimento com o grupo jovem da Igreja Católica, o Posto Comunitário formado por profissionais da saúde, sanitaristas, psicólogos, sociólogos e dentistas que sempre lutaram pela saúde do povo na realização de um trabalho preventivo, as rodas de conversa que se reuniam para tratar dos problemas da comunidade e,

como apontado por Freire (2018), a consciência que muitos tinham sobre seu papel no mundo e na história da própria Maré.

Retomando a entrevista com Marcelo, recupero parte da história “dando nomes aos sujeitos” não retidos pela minha memória

Esse movimento é um movimento crescente que produz um processo na Nova Holanda, na Rua C, esquina com a Sargento Silva Nunes, que nós chamávamos carinhosamente de Grupão, ou Postinho, em que se oferecia um atendimento médico. Nós tínhamos profissionais sanitaristas, médicos, era o Álvaro, a Gisele e a Fátima, e tínhamos enfermeiros como o Julinho, tínhamos a Ângela que era psicóloga, tínhamos a Cristina e a Rosângela que eram... A Rosângela também era psicóloga, se eu não estou enganada, e a Cristina era pedagoga, e o Julinho enfermeiro. Então, esses profissionais começaram a participar desse processo, produzir esse processo de reflexão sobre os direitos cidadãos para esse grupo maior que foi incorporado com os egressos da igreja católica, da Teologia da Libertação, que eram fãzaços do Leonardo Borges, a quem nós temos muito respeito e admiração, e essas discussões geraram uma série de processos. (entrevista Marcelo, no dia 28 de março 2023)

Assim como Freire foi impactado pela Teologia da Libertação na década de 1960, os movimentos eclesiais de base presentes na igreja católica, por meio do grupo jovem, plantaram sementes significativas na militância política em pleno Regime Ditatorial após 1964.

A Maré, vista como um lugar *dos que não são ou que não serão*, precisa ser vista como lugar de formação, que luta para ajudar o seu povo a ultrapassar as barreiras impostas pelas opressões sofridas pelas comunidades periféricas. Trata-se de ressignificar um olhar por meio de uma representação que não se fecha na violência provocada pelo narcotráfico ou pelas mortes causadas nos confrontos.

A formação possível pela reflexão crítica sobre a realidade me fez me inserir em diferentes lugares e modos de luta. E como muito bem trouxe Freire (1979, p.27) “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho, os homens se libertam em comunhão” demonstrando o papel da socialização por meio da luta coletiva que, partilhada pelo sofrimento e esperança, conduz a alcances ainda não vistos.

Trago como referência a Conferência de Vancouver³⁰ que contribuiu para um olhar diferenciado sobre as favelas das grandes cidades e seus moradores. A contribuição da Conferência se deu em registrar que os favelados são parte integrante da cidade, e não indivíduos distantes de suas vivências e representações.

³⁰ Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?dm=4129750&ts=1594013016199&disposition=inline> Acesso em 12 de Abr de 2023

Uma revisão histórica sobre o lugar da política no Rio de Janeiro nas favelas permite identificar aquilo que foram os enquadramentos impostos sobre ela durante décadas. Com o slogan “Brizola na cabeça”, o Governador Leonel Brizola foi eleito para um mandato entre 1983 e 1987, afirmando que seu governo levaria água para a favela. Por meio do Programa de Favelas da Cedae (PRODAE), seu governo investiu na condução de água e esgoto para diversas favelas do Rio de Janeiro, além da oferta na coleta de lixo.

Aquilo que era conhecido como lugar de escuridão, pela falta de iluminação pública, modificou a lógica de convivência nas ruas da favela, pois com iluminação o trânsito dos moradores e os horários de lazer foram ampliados permitindo a conquista de ocupação desses territórios. Hoje percebo que a iluminação permitiu um novo sentido e dignidade para os moradores³¹.

Ainda na década de 1980, a Prefeitura do Rio de Janeiro, por meio da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social (SMDS)³², iniciou o Projeto Mutirão, utilizando recursos do Fundo Municipal de Desenvolvimento Social (Fundo Rio) em políticas públicas de integração urbanística e social das favelas à cidade do Rio de Janeiro. Aquilo que era entendido como um território partido começa a ser compreendido como a cidade em suas dimensões diversas.

Lembro-me de que nesse período muitas eram as obras na favela que por todo o lado indicavam o esgotamento sanitário: a água que estava chegando e a reconfiguração da luz nas ruas e vielas.

Esse projeto teve como proposta fornecer material e orientação de construção de pequenas obras de esgoto aos moradores que trabalhavam como voluntários. Graças a esses moradores, a quadra da Escola de Samba Gato de Bonsucesso foi construída, aterrando um valão que dividia a favela em duas partes e a ligava por uma pequena ponte.

Como destacou Simas (2019, p.99) nas “artes de inventar na escassez” se estabelece a cultura que, nessa comunidade encontrou oportuna possibilidade de fazer da quadra de samba um lugar de lazer e encontros, de exercícios de *transver* (BARROS, 2002) o mundo, como dizia o poeta. Antes, o samba rolava na rua principal em frente à minha casa e era tudo muito bom. Agora, compreendida a necessidade da quadra, tantas outras conquistas surgiram na

³¹ Segundo estudos, a arquitetura que envolve a disposição da luz em diferentes ângulos e processos influencia diretamente o desenvolvimento humano e as decisões tomadas pelo indivíduo. Por isso, o que aconteceu na Maré e em outras favelas do Rio de Janeiro na década de 80, foi fundamental para uma compreensão de si e do modo como as famílias ocupavam esses lugares. https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16132/tde-02022012-094105/publico/Claudia_Veronica_Tese.pdf

³² Disponível em: <https://assistenciasocial.prefeitura.rio> Acesso em 12 de Abr de 2023

década de 80: a creche comunitária, escolas e cooperativas, todas apoiadas pela Associação de Moradores.

Nóbrega Filho et al. (2012, p. 101) relatam que:

Nesse contexto, apoiada pela Associação de Moradores e Amigos de Nova Holanda (AMANH), o grupo de residentes da Nova Holanda procurou a SMDS da Prefeitura do Rio de Janeiro para assinatura de um convênio que pudesse manter a “Escolinha”, sem comprometer a consciência crítica do trabalho nem sua autonomia, consideradas fundamentais para a filosofia de trabalho construída até ali pelo grupo. Obviamente essa relação não ocorreu sem conflitos, pois as perspectivas colidiram com os interesses dos gestores do município, que, no contexto de disputa de hegemonia, pretendiam alargar suas influências exercendo controle sobre o que julgavam ser “espaços públicos”, cuja administração e, por consequência, o bônus político, deveria caber a eles, já o grupo entendia que era obrigação do poder público dispor de recursos materiais ao desenvolvimento da escolinha, porém era direito dos moradores, através de sua representação, AMANH, e/ou reunidos em assembleias próprias para aquele fim, como a Assembleia dos Pais e Responsáveis, deliberar sobre todas as questões pedagógicas e administrativas inerentes à administração. O que estava em questão era a possibilidade da realização de mais um trabalho pelo movimento popular da Nova Holanda que agregasse a ideia da conquista de um benefício à necessidade de consciência crítica para garantir qualidade e manutenção, o que obviamente contrastava com a política “clientelista” que fora a tônica predominante naquelas situações. Assim, podemos dizer que novamente Nova Holanda se diferenciou dos demais desenvolvidos na cidade.

É possível falar que o trabalho da comunidade em prol de seus interesses envolveu a busca de recursos junto aos gestores do município e que, apesar das conquistas, muito do alcançado foi fruto do trabalho direto de seus próprios moradores e não uma dádiva do Estado. Essa percepção do meu lugar, das nossas conquistas e do que queremos para a favela perpassou e perpassa a comunidade que até hoje entende que não é possível aceitar que se mantenha o modo como a política municipal trata a favela e seus moradores.

Em seu trabalho, Tavares (1992) fala de “*Escolas comunitárias: solução de um problema ou denúncia de uma história de omissão?*”, recuperando a historiografia das escolas comunitárias no Rio de Janeiro, fruto do movimento popular que, nas décadas de 1970 e 1980, permitiu o acesso de milhares de crianças à escola.

Por se tratarem de alternativas, fruto da luta e organização das próprias comunidades, a heterogeneidade presente nessas escolas comunitárias marca a diversidade humana por trás dos processos e conquistas educacionais. Contudo, a falta de investimento do poder público e as péssimas condições de trabalho dos professores que ali atuaram durante anos mostram como a cidade do Estado do Rio de Janeiro lida com os mais pobres.

Por isso, Tavares (1992, p. 167) afirma que:

Mais do que defender ou atacar esses espaços, vale registrar que no Rio de Janeiro, onde realizamos nossa pesquisa, de modo geral as experiências com escolas comunitárias ainda estão muito distanciadas de um projeto verdadeiramente favorável aos interesses das crianças das classes populares. O desafio histórico que urgentemente se coloca é construir cotidianamente, no interior do âmbito social, dentro e fora dos muros escolares, as possibilidades concretas que nortearão a escola pública, popular, realmente democrática e de qualidade em nosso país.

Concordando com a autora, também penso que a escola pública precisa primar por um atendimento de qualidade especialmente para os que mais precisam dela. Isso indicaria, por exemplo, o caráter democrático da educação brasileira se a democracia fosse pensada dentro da garantia de direitos para toda a população. Enquanto permanecerem as distâncias entre o pretendido e o realizado, as escolas nas comunidades mais pobres ainda permanecerão muito aquém do necessário, seja quantitativa, seja qualitativamente.

A luta dos/das moradores/as pela educação na Nova Holanda somava-se a todas as outras lutas por direitos: coleta do lixo regular, acesso à água, asfaltamento, iluminação, construção de escolas e de postos de saúde. Lutas por condições dignas de existência e de exercício da cidadania.

Em sua narrativa sobre o processo político de luta vivido pela comunidade da Nova Holanda, Marcelo Belfort, a partir da análise dos movimentos políticos que se entrecruzaram no final da década de 1979-1980, com o esgotamento da Ditadura Militar: a Teologia da Libertação e pesquisadores/as que estão saindo das Universidades dispostos a dialogar com as populações marginalizadas, defende que a pauta da luta pela conquista de direitos torna-se a principal característica do movimento social

... a cidadania é um direito e [que] a exclusão da população de favela do território da cidade como cidadão, é um crime e [que] cabe à população de favela lutar contra esse crime e reivindicar os seus direitos. Então, a principal característica do movimento social que surge no final dos anos 70 e início dos anos 80 é um movimento reivindicatório pelos direitos cidadãos. (entrevista no dia 28 de março 2023).

Sem sombra de dúvidas, a Nova Holanda foi a minha grande escola que, na mobilização de seus moradores/as forjou em mim uma consciência de classe, junto com Eliana, Miriam, Amarildo, Geraldo, Sara, Penha, Wanda, Binha, Valeria e tantos outros/as que se reuniam nas ruas, na escola e nos espaços que representam o povo e a nossa luta.

Prosseguindo, em seu relato, Marcelo narra o contexto da conquista da Associação de Moradores, luta da qual participei muito jovem e que deixou suas marcas vivas em mim

Eu acho que de todos os processos, os dois mais interessantes para se destacar aqui foi o processo político, que fez com que nós decidíssemos disputar o controle da Associação de Moradores que já existia de forma de biônica atrelada à Fundação Leão XIII, eles não realizavam eleições, nós brigamos por isso e, como a Fundação Leão XIII, ela é vinculada ao governo do Estado do Rio de Janeiro, eles construíram uma chapa, que a gente chama de amarela, uma chapa pelega, e queriam usando, inclusive, os recursos do Estado e a presença do próprio irmão do Moreira Franco, que era o Nelson Moreira Franco, garantir de todas as formas que nós não conseguíssemos. Então, foi muito uma disputa muito grande a luta da Chapa Rosa para conquistar... E a escolha pela cor rosa não significava dizer que era a exclusão do masculino, mas pelo contrário, a integração do masculino e do feminino, porque nós tínhamos na Chapa Rosa homens e mulheres, o seu pai, inclusive, o Adevanir, fez parte dessa primeira (...) seu pai, o Ivan, uma série de pessoas fantásticas. (entrevista no dia 28 de março 2023)

Ainda trago viva na memória a comemoração pela vitória da Chapa Rosa para a diretoria da Associação de Moradores e Amigos da Nova Holanda (AMANH), chapa composta só por mulheres, mas que não significava a exclusão dos homens, como bem lembra Marcelo em seu depoimento. Eliana de Souza Silva tinha à época 25 anos e foi a primeira mulher presidente de uma Associação de Moradores de Favelas do Rio de Janeiro.

Na foto abaixo, minha irmã Roseni de Oliveira, junto com duas companheiras da Chapa Rosa, distribuem panfletos de porta em porta, conversando com os/as moradores/as e fazendo o trabalho de base de educação política, que permanece tão fundamental nos tempos de hoje.

Figura 12 – Campanha pela Chapa Rosa



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

No panfleto abaixo, recuperado no fundo de uma gaveta em minha casa, a história que, grande parte das vezes não chega aos livros didáticos, deixa seus rastros: *Compromisso com a mais verdadeira democracia, com a participação de todos nas tomadas de decisões, na identificação dos problemas e nas lutas para a solução. Estas sempre foram as metas da Chapa Rosa.*

Figura 13 – Panfleto produzido pela Chapa Rosa



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Como afirma a manchete do Jornal do Brasil, reproduzida no texto do panfleto: *Nova Holanda deixou de ser prato feito com manchetes de violência para dar um exemplo de DEMOCRACIA* (democracia escrita assim em letras garrafais).

Na reportagem do jornal, o depoimento de uma moradora reafirma o pulsante movimento de luta vivido na comunidade:

Eu acho que a Maré tem a mobilização comunitária como marca. A coletividade, a ideia de você trabalhar junto. Eu acho que isso é uma característica das favelas, dessa união. E aí eu arrisco a dizer, como hipótese, que isso é fruto da história, da memória, porque os avós lutaram, os pais lutaram. Ainda que a história não seja contada recorrentemente, mas tem uma memória que ela é ativada ali (Depoimento de Monique para o *Jornal do Brasil*, em 26 de novembro de 1984). Os avós lutaram, os pais lutaram...mesmo que a história oficial, muitas vezes passe ao largo das histórias, que os sujeitos comuns fazem e narram, a memória permanece e pode ser ativada, até mesmo por meio de um fragmento de jornal esquecido no fundo de uma gaveta...

A luta política cotidiana pela vida e por melhores condições de existência vai se desdobrando nos partidos políticos, sindicatos, movimentos de classe, associação de moradores/as...

2.3 A “Escolinha de quintal”, a escola comunitária e a escola regular: A luta pela escolarização das classes populares na favela

Fui alfabetizada na Nova Holanda em uma “escolinha de quintal” e essa referência não tem um caráter pejorativo, mas refere-se à linguagem de senso comum que geralmente é utilizada na comunidade. Como muitos conheciam, era a escola da Dona Iracema e seu papel foi fundamental para o desenvolvimento escolar de inúmeras crianças, inclusive o meu, durante anos na Nova Holanda.

À época, era comum que famílias de baixa renda recorressem às explicadoras como, no caso da Dona Iracema, que fundamentavam a base da escrita necessária ao ingresso no primeiro ano de escolarização. De certo modo, as crianças já iam “prontas” e tinham mais facilidade no processo de alfabetização nesse início.

De alguma forma, recorrer a práticas e apoio das explicadoras era um modo de prevenir um provável fracasso escolar que ainda é hegemônico nas comunidades mais pobres. Com essa iniciativa, as famílias buscam romper o ciclo vicioso que atinge as crianças em condições de vulnerabilidade social e cuja rotina familiar costuma ser desfavorável a um apoio escolar mais efetivo por parte dos/das familiares às crianças, especialmente, nos anos iniciais de escolaridade. Condições desfavoráveis por muitas questões: seja por conta de uma carga de trabalho super acumulada entre o sustento da família e a manutenção da casa, grande parte tarefas realizadas por mulheres, seja por falta de espaço físico nas casas para as crianças se dedicarem ao estudo, seja por falta de materiais didáticos, tais como livros, cadernos, revistas, lápis coloridos etc. Ou mesmo por falta de hábitos escolares que as crianças das classes médias e altas já possuem desde que nascem. Assim, raros são os casos em que é possível um apoio familiar mais presente. Portanto, hoje fico pensando o quanto foi importante o trabalho da Dona Iracema em minha história.

Questiono-me: “Como seria se não tivesse existido a Dona Iracema? Faria parte do contingente de crianças com “dificuldades de aprendizagem?”. Assim, ao rememorar minha própria experiência e correlacioná-la ao universo de crianças que em diferentes favelas das grandes cidades vivem os mesmos dilemas, percebo o quanto as contradições sociais atravessam o sucesso e o fracasso escolar das crianças, de forma invisibilizada, sem que às contradições sejam atribuídas o peso do desempenho escolar.

Dona Iracema representa o lugar social da professora na favela, ou em regiões periféricas da cidade, em seu papel simbólico de sujeito de conhecimento que, dentro das

relações sociais e do processo de constituição da subjetividade da criança, contribui para fazer a iniciação de crianças ao processo de alfabetização.

Dona Iracema lecionava na escola pública do bairro e utilizava em sua casa a mesma cartilha das escolas regulares, o que favorecia uma preparação das crianças para as futuras rotinas escolares a serem cumpridas: sentar em filas, fazer cabeçalhos, fazer cópias, ter uma aproximação com o universo da língua escrita, ler silabado, cantar músicas em determinados horários etc. A cartilha utilizada era *O Sonho de Talita*³³, cujas personagens principais e contexto familiar em nada se aproximavam da realidade na qual vivíamos. Apesar destas críticas, o uso da mesma cartilha nos dois espaços favorecia certa intimidade das crianças com o processo de ler e escrever trabalhado na escola.

Isso me faz perceber o papel imagético das figuras e personagens e o modo como a narrativa literária foi se construindo dentro do meu imaginário, pois até hoje me lembro de que Talita morava em uma casa bonita com sala, o cachorro Bolinha e uma vó que lhe preparava bolos. A capa do livro, colorida e com uma fada com uma varinha, fazia uma correlação direta com os livros literários clássicos, pois a fada realizava o sonho de Talita quando ela aprendia a ler as palavras.

Numa perspectiva crítica consigo perceber o modo como o imaginário e as vivências dessa personagem não se conectavam diretamente às crianças mais pobres, que não tinham uma casa tão bonita e uma avó que preparasse bolos. Esse encantamento, muitas vezes, necessário por se tratar do lúdico e do imaginário na infância, deixa de oportunizar uma adequada correlação com a grande maioria das crianças que, no atual estado de coisas, enfrenta as dificuldades econômicas, moradias precárias, a fragilidade no convívio com a família extensa e uma série de desafios vividos pela infância na atualidade.

Apesar da promessa sugerida no título da cartilha, o referencial teórico-metodológico de alfabetização adotado, os métodos sintéticos, não podiam ser caracterizados como inovadores, pois não se diferenciavam dos exercícios das demais cartilhas, que circulavam nas escolas, ou seja: começava com exercícios ditos preparatórios para alfabetização (lateralidade, discriminação visual e auditiva, discriminação espacial etc.), apresentação das vogais misturadas com desenhos de animais, apresentação de personagens de onde saíam as famílias silábicas, até chegar aos *pseudos* textos, compilação de frases reunidas em função das famílias silábicas.

³³ Pelo lapso de tempo entre o ocorrido e a escrita deste trabalho e a dificuldade de encontrar a obra, não foi possível a adequada referência bibliográfica dessa cartilha e, portanto, peço licença aos leitores pela dificuldade de referenciá-la, mas não poderia deixar de trazer o fato pela lembrança que tenho do ocorrido.

Em síntese, *O sonho de Talita* se enquadra nas críticas sobre as cartilhas tradicionais que foram analisadas em artigo publicado por mim e minha orientadora, com o título: “*Pode ir no quadro que eu te ajudo, é aquela letra assim...*”

Um conjunto de discussões que acumulamos desde a década de 80, especialmente em diálogo com Smolka (2012), tem nos ajudado a questionar uma abordagem da língua pensada em padrões fixos e imutáveis que devem ser adquiridos a partir do treino e das repetições, por sujeitos “passivos”. Nesse sentido, a linguagem é pensada como um sistema estável de representações já estabelecidas entre sons e signos escritos, abordagem essa inspiradora de um grande leque de métodos de alfabetização que continuam a se apresentar até os tempos atuais como o caminho único para o processo de aquisição de linguagem. (ARAUJO E CASTRO, 2019, p. 221)

Essa perspectiva metodológica, que pensa a língua como padrões fixos e imutáveis e, por conseguinte, aprendizagem da leitura e da escrita como uma abordagem universal e única para todas as crianças, pouco dialoga com as experiências e vivências das crianças da favela.

Essa compreensão me faz lembrar que Talita tinha água na torneira e sua escola parecia ser uma escola de verdade, dos sonhos. Porém, minha casa não era tão bonita e confortável como o livro. Meu pai e minha mãe, como estratégia de sobrevivência, dividiram nossa casa para colocar uma birosca de onde saía o sustento. Morávamos em três cômodos pequenos com cinco pessoas, sendo meu pai, minha mãe, meu irmão e irmã. Se hoje, na perspectiva de quem olha para trás, minha casa destoava da imagem da cartilha, talvez naquele momento, me fizesse sonhar com outras experiências de vida...

Minha experiência diz respeito à concretude da vida cotidiana de milhares outras crianças que não veem seu cotidiano representado nos livros nos quais estudam na escola, em geral, mais identificados com os ambientes domésticos das classes médias. Assim como eu, tínhamos uma cama de casal e um sofá-cama que à noite virava minha cama e do meu irmão e que, como tantas outras famílias, os/as filhos/as precisam se aconchegar na cama dos pais por falta de espaço em suas casas.

Muito dessa identificação com histórias alheias, possivelmente distantes no tempo e espaço, aproximam-se pela similitude entre as realidades que perduram diante dos entraves econômicos e marginalização social que, nos diferentes territórios, lugares, espaços e cotidianos, ainda persistem dentro dos modelos hierárquicos de sociedade.

É interessante lembrar que minha mãe nunca negava abrigo para os parentes que chegavam do interior, mesmo nossa casa sendo pequena. Era comum que muitos familiares viessem do interior para morar e trabalhar na cidade e, até conseguirem comprar um barraco na favela, tinham o apoio da nossa família. O arroz e o feijão eram fartos e se os

acompanhamentos acabassem não faltavam ovos para fritar. Sempre tinha boca livre para quem chegasse com fome e viva é a memória do banheiro que não tinha porta e era protegido por uma cortina de plástico que garantia uma frágil privacidade.

Ao pensar sobre os cômodos da casa e o modo como neles transitávamos, entendo o quanto a simplicidade era rica de significados e de modos de comportamento e relações que foram se consolidando durante os anos e nos dando um entendimento do papel da família que acolhe, que abraça e que estabelece afeto genuíno. Também, na cozinha, lembro-me de uma pia, um filtro de barro que minha mãe mantinha sempre bem lavado com açúcar, um armário pequeno para guardar as poucas panelas e utensílios da casa e um fogão com um forno que não funcionava. O freezer comprado a duras penas servia para armazenar as cervejas da venda e uma geladeira bem velha ficava na birosca.

O esforço da sobrevivência³⁴ na manutenção do ganha-pão diário é comum à grande parte da população brasileira e das crianças das que estão na escola pública. Contudo, o que parece é que tais aspectos são invisibilizados pela escola. As cartilhas continuam a optar por um currículo universalizante, que reduz as experiências infantis, como se as crianças não existissem no mundo, pensassem sobre ele e fizessem suas interferências. Em que dimensões as experiências reais das crianças, suas dúvidas, questionamentos, hipóteses sobre a vida, dores e alegrias aparecem na sala de aula?

Nunca passei fome, mas lá em casa não tinha compra do mês, pois todos os dias a minha mãe tinha que ir à Rua Teixeira Ribeiro³⁵, onde encontrava mais opções de compra para fazer a comida do dia. O frango frito com macarrão era a comida de domingo já que não era possível fazê-lo assado em função do forno que não funcionava, o bolo lá em casa não era presente nos cafés.

Lembro-me de que, em minha infância, sempre tive vontade de ter um bichinho e volta e meia encontrava um perdido na rua. Quando levava para casa, toda feliz, minha mãe partia meu coração, determinando que eu levasse de volta onde havia encontrado. Na época não entendia o motivo de ela fazer isso e chorava muito.

³⁴ Os índices da insegurança alimentar hoje (2022) no Brasil apontam que voltamos ao mapa da fome. De acordo com informações da ONU 58,7% da população brasileira, portanto, mais da metade de brasileiros/as convivem com a insegurança alimentar em algum nível. <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2022/10/retorno-do-brasil-ao-mapa-da-fome-da-onu-preocupa-senadores-e-estudiosos#:~:text=Conforme%20o%20 estudo%2C%20 mais%20 da,%3A%20w leve%2C%20 moderado%20ou%20 grave.>

³⁵ Disponível em: <https://www.google.com/maps/place/R.+Teixeira+Ribeiro,+Rio+de+Janeiro+-+RJ/@-22.8554098,-43.2491008,16z/data=!4m6!3m5!1s0x997950955c23ed:0xa2f9a5dac5db2f96!8m2!3d-22.8559585!4d-43.2454369!16s%2Fg%2F1ymw0084z>. Acesso em: 03 de abr de 2023.

Achava que minha mãe tinha um coração muito duro e não sabia que por dentro ela também chorava. Percebo numa compreensão mais amadurecida que ela tinha que ser forte, pois nossas condições econômicas não permitiam que tivéssemos um animal e cuidássemos dele como seria necessário. As roupas eram compradas no final do ano. Na verdade, ela trocava nas lojas do Baú da Felicidade, uma loja que pertencia ao empresário Silvio Santos como sendo uma das primeiras experiências empresariais dele na cidade do Rio de Janeiro.

Tenho viva a memória de que minha mãe, como outros clientes do Baú da Felicidade, adquiria seu carnê chamado de Carnê de Mercadorias que era pago mensalmente e rigorosamente em dia para que pudesse concorrer aos sorteios de prêmios. Como muitas famílias pobres do Rio de Janeiro, essa perspectiva determinada de trocar o valor por mercadorias na esperança de ganhar um prêmio das lojas do Baú, minha mãe também entendia que as mercadorias do Baú da Felicidade eram mais caras do que em outros lugares, mas o fato de se concorrer ao prêmio ofertado por Silvio Santos era muito interessante e mexia com esse imaginário de ter uma vida ou uma condição melhor familiar.

Quando faço uma correlação entre a fada do livro de Thalita que sempre lhe concedia o desejo sonhado com essa expectativa da minha mãe e dos clientes do Baú da Felicidade, percebo como o sonho está presente no cotidiano do brasileiro que, esperançoso por dias melhores, exercita sua fé em Deus e insiste no trabalho cotidiano na busca para o melhor para sua família.

Também corria entre o povo um ditado que dizia “O Baú fica com o povo e a felicidade com Silvio Santos”³⁶. Lembro-me de que minha mãe pagava o carnê escondido do meu pai, que dizia que isso era uma roubalheira.

Até hoje, lembro que as roupas eram compradas em tamanho bem maior pra gente, pra não perder logo, e minha infância foi muito *adultizada*, pois minha diversão era arrumar a casa e, ao ver outras meninas aprendendo crochê, também tive interesse, pois isso poderia me render alguns trocados. Adorava colecionar receitas culinárias do jornal, mesmo antes de saber ler, pois, de certo modo, havia uma projeção de que era algo importante fazer receitas.

Lembro-me de um boneco de plástico chamado Pedro que, ao brincar e utilizar o alçapão do meu pai para pegar passarinhos como berço para o meu boneco, quebrei-o e foi esse um dos motivos pelo qual apanhei pela única vez do meu pai. Percebo o quanto minha

³⁶ Silvio Santos é empresário, proprietário do Grupo Silvio Santos, conglomerado que inclui entre suas empresas o Sistema Brasileiro de Televisão (popularmente conhecido pela sigla SBT). Disponível em: <https://bau.jequiti.com.br>. Acesso em 3 de Abr. de 2023.

infância foi permeada por brinquedos inventados, recriados num contexto de escassez, e o modo como isso se deu foi profundamente significativo para minha infância.

Mesmo morando no município do Rio, capital do Estado, sempre estudei em escola pública e ingressando em 1975 na primeira série aos sete anos de idade, entendi o valor da escola, pois conseguir vaga em uma escola pública próximo de casa demandou de meus pais muito esforço. Era comum, e até hoje acontece, que familiares e responsáveis tenham que dormir na fila da matrícula nas noites anteriores da abertura de vaga, pois, apesar de hoje a configuração e as políticas públicas exigirem vaga na escola pública para todas as crianças na idade certa, essas conquistas não estavam presentes em 1970.

Com a Constituição Nacional de 1988 (BRASIL, 1988), e a LDB 9394/1996 (BRASIL, 1996), o direito educacional como um direito público subjetivo foi sendo consolidado durante as décadas de 1990 como direito fundamental a todos os indivíduos. Naquilo que envolve o acesso a toda Educação Básica que hoje compreende de quatro a dezessete anos de idade enquanto matrícula obrigatória, também foi uma conquista social que, em minha época, se restringia ao Ensino Fundamental no primeiro segmento.

Os ganhos no âmbito da política educacional que ampliaram a oferta e obrigatoriedade do Estado na consolidação de acesso e permanência foram ganhos da Constituição e da atual LDB que, ampliou a obrigatoriedade da matrícula para a Educação Infantil, aos quatro anos de idade, e a estendeu no segundo segmento e Ensino Médio a partir do ano de 2006 e 2016 respectivamente.

Trata-se de ganhos fundamentais para um país em que a educação sempre foi fruto de interesses político-partidários e discursivamente apareceram como sendo a salvação nacional. Assim, vivendo na pele desde cedo as discrepâncias entre o pretendido na legislação brasileira e o realizado, considero que, aos mais pobres, a educação sempre esteve aquém do necessário, tanto nos dispositivos institucionais como na elaboração de políticas públicas específicas aos economicamente mais desfavorecidos.

Nessa direção, Geraldi (2011, p. 24):

As pessoas se esquecem de que a escolarização no país é recente. Praticamente passamos de uma geração sem escolaridade para outra de pessoas pós-graduadas. A maioria do professorado do ensino público de hoje tem pais com quatro anos de estudo. É um salto, em uma só geração, de uma baixa escolaridade para uma escolaridade superior. E isso obviamente produz um *gap*, uma falta, um abismo a ser preenchido, que tem a ver com cultura, com o domínio da escrita, um convívio com o mundo da escrita, com um conjunto de vivências que eles – e me incluo entre eles, os professores – não tiveram. Os professores fizeram o curso de graduação possível e, agora, os culpamos por toda condição histórica do país? Esse *gap* só pode ser preenchido ao longo do tempo. Eu, por exemplo, sou filho de analfabetos e virei

titular de uma das mais importantes universidades do país, a Unicamp. Isso em uma geração só. Existe um conjunto de cultura clássica, por exemplo, que eu não domino. Só agora, depois de aposentado, é que estou conseguindo ler. Os professores do ensino básico têm os mesmos problemas.

À luz do arcabouço legal dos direitos educacionais estabelecidos no Brasil, o autor contribui para evidenciar os abismos entre o ofertado às classes populares e aquilo que envolve a qualidade educacional ofertada. Nesse sentido, apesar do reconhecimento de direitos constitucionais, na LDB e no Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990), pensar a educação envolve uma correlação direta com seus dobramentos e uma realidade complexa nem sempre presente nessa legislação. Isso indica que os avanços, do ponto de vista histórico, são fundamentais, apesar de insuficientes para a resolução das necessidades das crianças na primeira infância (ABREU, 2021).

A escola, mesmo com todas suas contradições, me fez apaixonar pela leitura, e nesse encontro com as letras percebi o quanto meu pai também amava a escola e os livros. No caso dele, sua tristeza estampada nas falas e no próprio rosto indicavam sua frustração por ter deixado a escola em razão da necessidade de trabalhar na infância em apoio ao sustento da família.

Acho que essa melancolia expressa naqueles momentos em que falava de sua experiência na infância com a escola, melancolia que despertou em mim um compromisso em dar continuidade àquilo que a ele não foi possível. Portanto, quando dava a hora das crianças passarem para a escola eu sempre corria para a janela e ficava sonhando com o dia em que eu finalmente iria para a escola. Essa imagem recorrente para mim foi muito significativa.

Um recorte de uma narrativa do meu pai, retirada do livro *A memória da Nova Holanda* (NÓBREGA FILHO et. al., 2012, p. 137) relata um pouco do sentimento dele em relação à escola:

Meu nome é Adevanir de Oliveira, eu nasci em 30 de junho de 1937. Eu moro aqui exatamente desde a fundação da Nova Holanda, porque vim da Favela do Esqueleto, em 62, embora eu só tenha vivido lá no Esqueleto de 1948 até 1962, que foi quando fomos remanejados aqui pra Nova Holanda; Bom, a minha família, antes do Esqueleto, morava lá na Matriz, no Sampaio, Rua Alzira Valdetaro, isso mais ou menos em final de 1946, 1947. Ficamos ali apenas um ano e fomos para a Favela do Esqueleto. Antes mesmo, eu morava lá em Santo Antônio de Pádua, meu pai era lavrador e a gente ajudava nos serviços de roça, coisa assim. Eu estudava num colegiozinho em Maranguatu, que era a mais ou menos uma hora e meia, duas horas a pé. Quase duas horas a pé, para estudar. Quer dizer, quando a gente veio pro Rio acabou esse martírio, só que eu parei de estudar. Ah, sim, eu fiz até a 4ª série de qualquer maneira. De 11 pra 12 anos, meu pai morreu e eu já fiquei sendo o chefe da casa, tinha mais três irmãos. E a minha mãe era muito devagarzinha também, analfabeta, e eu me considerava o rei da cocada preta na época, porque eu tinha que cuidar da minha família, agora que meu pai foi.

Hoje, aos 85 anos, meu pai continua a brilhar os olhos quando conversamos sobre a escola. Ele gosta de ouvir as histórias que conto sobre o meu cotidiano da escola em que trabalho, as imagens que guardo dele na minha infância e o modo como essas experiências estão atreladas a algum tipo de leitura. Como ele tinha o hábito de ler jornal todos os dias, lembro-me de que, ao compartilhar o jornal, ele sempre me dava a parte que ele ainda não tinha lido. Meu pai era um amante do livro e do samba, e lia tudo junto, jornais, revistas e romances e, sem dúvida, foi para mim um grande incentivador do gosto pela leitura.

Minha paixão por livros ainda continua intacta, pois continuo fascinada por histórias e com os livros saio da rotina e redescubro novos objetos de desejo pela escrita. Ainda assim, mesmo na dinâmica intensa de trabalho, consigo ter tempo para ler, o que me faz perceber, agora na construção desta dissertação, o quanto minha infância pobre na favela foi farta pela leitura. Um detalhe que não posso esquecer é que meu vizinho de frente colecionava a obra de Monteiro Lobato. Seu Vicente era pedreiro, e recebeu os livros como doação, em especial de um cliente para quem fizera uma obra, e permitia que tivéssemos acesso a esses livros.

No caso do Monteiro Lobato, em especial a série televisiva *Sítio do Pica-Pau Amarelo* adaptada de sua obra para a televisão, foi muito importante na minha infância. Lembro-me que tomava os livros emprestados da biblioteca de Seu Vicente e, assim como as obras de Monteiro Lobato, tantas outras me incluíam no mundo da fantasia e da imaginação.

As histórias resignificaram minha infância e me fizeram perceber que não estava só a partir do universo da leitura. Tratava-se de uma infância profundamente complexa. Por exemplo, eu não conseguia compreender como a realidade e o mundo que a mim era apresentado pelos livros não se conectavam, pois muito da fantasia e do imaginário que compunha as histórias não era evidente na realidade que vivia.

Apaixonada pelas histórias de Monteiro Lobato, como tantas outras crianças e adultos/as, não percebia as referências pejorativas de cunho racista articuladas ao fenótipo negro, nas obras do autor. Percepção sobre a qual não tenho dúvidas hoje, mesmo que se alegue que aquele foi outro tempo histórico. Um tempo e uma obra que, de fato, teve um papel concreto na alimentação do racismo estrutural, que continua a estender suas raízes.

Chegando ao público por meio dos livros e da televisão, a obra de Monteiro Lobato teve uma circulação expressiva em todos os segmentos da população. Minha admiração por seus personagens, uma criança pobre da favela que tem acesso aos livros por conta de um vizinho pedreiro, contam o poder dessa penetração nos diferentes segmentos da população.

No diálogo que Lobato coloca na voz da boneca Emília ao afirmar: “mentira de Narizinho, essa negra não é fada nenhuma que nunca foi branca, nasceu preta e ainda mais

preta há de morrer” (LOBATO, 1946), fica evidente o modo como se davam as tratativas com o negro à época.

Ao mesmo tempo, apesar do contraditório processo narrativo e racista na estrutura social à época, entendo relevante a literatura de Lobato para que, na atualidade, pensemos com as nossas crianças, em idade adequada, a questão do racismo na literatura. Isso envolve uma compreensão sobre a Consciência Negra e o que significa o racismo na sociedade a partir de algo concreto que, mesmo presente na literatura infantil, deve ser exposto às futuras gerações como objeto de reflexão.

Além de admiradora das obras de Monteiro Lobato, também colecionava gibis e era isso que representava meu acesso à literatura na infância, pois era o possível de ser adquirido com poucos recursos. Lembro-me da pilha deles e, depois de lidos, guardávamos com carinho, pois ler não era uma coisa obrigatória, mas era a minha companhia, meu prazer na infância.

Cursei o Ensino Fundamental no final da década de 1970 em pleno Regime Militar, uma época em que a história do Brasil foi marcada pelo autoritarismo e pela ideologia tecnicista educacional. Como minha família fazia parte da parcela mais pobre da sociedade, acredito que foi um período difícil para eles pelas condições socioestruturais que estavam disponíveis aos mais pobres. Faltava luz constantemente e não havia como reclamar, pois, na favela não se pagava luz e, por isso, passávamos dias sem energia elétrica.

Na comunidade havia toque de recolher a partir de um determinado horário, e meu pai, que era sambista, pobre e da periferia, foi preso uma vez porque não tinha carteira assinada e estava na rua fora do horário estabelecido³⁷

Naquela pequena birosca, que era um misto de mercearia e bar muito simples, de onde tirava o sustento familiar, meu pai poderia ser entendido como resistência ao conservadorismo na época e, certa vez, enfrentou um policial. Lembro-me de ele ter dito que se ele era homem que viesse “brigar na mão”, pois sem armas o policial era homem como ele.

³⁷ No artigo *Meu samba é duro na queda: conversando com Bezerra da Silva sobre seletividade do sistema penal a partir de sua discografia*, Pinheiro (2015) analisou a obra musical deste que é um dos principais sambistas do Brasil, a fim de discutir a seletividade do sistema penal. Analisando a obra, Pinheiro mostra os sinais de preconceito racial na sociedade brasileira para ver como o negro está em permanente estado de suspeição e aborda a criminalização da pobreza no Brasil nas narrativas presentes nas músicas do sambista. O autor afirma ainda que o contexto de vulnerabilidade socioeconômica submete a vida de grande parte da população pobre e marginalizada a restrições, obstáculos e inacessibilidade de direitos, sujeita à violação da dignidade e integridade humana. “A criminalidade é uma etiqueta que é aplicada pela polícia, pelo Ministério Público e pelo tribunal penal, pelas instâncias formais de controle social” (HESSENER, apud PINHEIRO, 2015, p. 101-102). Ver: Disponível em: [https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/capturacriptica/article/download/3094/2371#:~:text=No%20per%C3%ADoro%20da%20composi%C3%A7%C3%A3o%20da,a%202%20\(dois\)%20anos](https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/capturacriptica/article/download/3094/2371#:~:text=No%20per%C3%ADoro%20da%20composi%C3%A7%C3%A3o%20da,a%202%20(dois)%20anos). Acesso em 4 de abril de 2023.

Destaco que a prática de extorsão pelos policiais aos comerciantes de regiões periféricas era muito comum à época e demarca uma prática que vem de décadas no Brasil, mais especificamente no Rio de Janeiro. Outra lembrança muito forte que trago comigo é da minha mãe sendo levada por um camburão para a delegacia porque encontraram menores jogando sinuca na birosca.

Importante lembrar que no final da década de 1970, para marcar o vigésimo aniversário da Declaração dos Direitos da Criança, de 1959, a Assembleia Geral das Nações Unidas declara 1979 como o Ano Internacional da Criança. No Brasil, em 10 de outubro daquele ano, é promulgado um novo Código de Menores. Ele traz a doutrina da proteção integral presente na concepção futura do Estatuto da Criança e do Adolescente, que só foi aprovado em 1990. Como parte dessa doutrina de proteção, crianças e adolescentes não podem estar em bares, mesmo que brincando, com jogos como sinuca. Contudo, esta não era uma cultura incorporada pela comunidade, que entendia que crianças e adolescentes estavam apenas brincando ou transitando pelos espaços de lazer que lhes era possível. A questão que se colocava era que mesmo sob o manto de uma aparente proteção do Estado, prevista em lei, o que prevalecia era o medo pairando no ar, nos contextos de favelas no Brasil, em plena Ditadura Militar. A marginalização de pobres e negros era acentuada.

A sensação de medo e o clamor à violência vividos naquele período eram bastante semelhantes ao que parece ter sido “ressuscitado” no período do governo de Jair Bolsonaro (2018-2022): violência extrema no combate à violência e, ao mesmo tempo, ausência total de políticas públicas de segurança para as populações mais pobres, marginalizando ainda mais aqueles que, historicamente, já estavam presos a modelos de exclusão socioeconômica e cultural.

Isso ficou evidente quando o próprio Presidente da República afirmou que os direitos humanos das minorias não eram uma prioridade de seu governo, muito menos as leis trabalhistas, que foram sendo progressivamente suprimidas gerando o sucateamento dos direitos do trabalhador e acirrando a flexibilização das leis e dos procedimentos que antes garantiam aos mais pobres o mínimo para o exercício do trabalho.

Existe uma frase famosa, atribuída ao filósofo Karl Marx, que expressa uma visão interessante sobre a natureza cíclica dos eventos históricos. A história se repete primeiro como tragédia e depois como farsa. A ideia central é que certos padrões e acontecimentos históricos podem se repetir, porém, muitas vezes, com uma diferença significativa em sua essência ou consequências. Embora a natureza específica da repetição possa variar dependendo do contexto, a mensagem subjacente é que a história é um ciclo em constante evolução, em que

eventos passados podem fornecer lições valiosas, mas também podem ser distorcidos ou reinterpretados de maneira que podem não refletir adequadamente a seriedade original.

Algumas imagens que me permitiram comparar os dois momentos, o primeiro deles vividos na infância em plena Ditadura Militar, em que também havia um suporte e um clamor por parte de parcelas da sociedade civil e da classe média por uma ditadura militar que “estabelecesse um reordenamento social”, e os tempos vividos, recentemente, durante a produção da pesquisa, também me permitem ver a natureza cíclica dos eventos históricos:

Figura14 - Ditadura



Fonte: <https://blog.jovempan.com.br/tem-metodo/2019/04/05/a-dona-do-golpe-de-1964-parte-2/>

Figura 15 - Registro de manifesto – capa da matéria: Jessé Souza: “A classe média é feita de imbecil pela elite”



Fonte: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/jesse-souza-201ca-classe-media-e-feita-de-imbecil-pela-elite201d/>

A discussão sobre políticas públicas no âmbito da segurança pública foi um dos temas que correlacionaram Ditadura Militar e Governo Jair Bolsonaro. O armamento da população civil como suposta solução para a segurança no país gerou muitas controvérsias e debates acalorados.

Outro aspecto também é o fundamentalismo religioso e a descrença na ciência que negou a capacidade da vacina contra a Covid-19 ser o caminho necessário para o enfrentamento da pandemia. Esse aspecto foi patrocinado pelo próprio Presidente da República, o qual demarcou uma característica comum na Ditadura Militar que tinha na figura dos presidentes militares a última palavra em termos de ciência ou qualquer tema que fosse objeto de questionamento.

A atualidade vivida durante a construção deste trabalho revela então os traços evidentes do autoritarismo alertado por Cazuzza³⁸, no trecho de sua obra que revela “os meus inimigos estão no poder”. Nela, o autor retrata a indignação dos intelectuais que enfrentavam os parâmetros e desmandos de um governo militar.

No tempo em que o Brasil sofreu a maior crise de saúde pública da história mundial, com mais de 670 mil mortes pela pandemia provocada pela Covid-19, segundo dados de setembro de 2022, período em que este trabalho estava sendo escrito, o então Presidente da República, Jair Bolsonaro, respondeu com desinvestimento em políticas públicas e cortes no orçamento da saúde com pleno ataque à ciência e à educação. Assim, portador de um discurso negacionista da pandemia, o presidente atende diretamente aos interesses do capital como analisam Araújo et. all. (2011, p. 279):

A crise humanitária provocada pela Covid-19 desvelou ao mundo o que, até então, estava escondido na fumaça cinzenta das ações dos governos capitalistas: colocar o mercado e o lucro em primeiro lugar e excluir as camadas populares dos direitos inerentes à cidadania. Vemos, hoje, Estados neoliberais, como o Brasil, que entendem os custos sociais como despesas e não como atendimento a direitos, ignorar protocolos e orientações dos organismos mundiais de Saúde e deixar a população, especialmente as/os mais pobres e vulneráveis, entregue à própria sorte.

No passado, como no presente, apesar dos desafios do cotidiano, o fluxo da vida seguia em frente... Assim, no período entre 1974 a 1983, fiz a primeira etapa da escolaridade, naquele momento nomeado como Primeiro Grau, na Escola Municipal Clotilde Guimarães, onde construímos relações muito próximas com a comunidade que também relatava os abusos de poder das forças militares e o modo como nós, na condição de mais pobres, éramos identificados.

Após muitos anos, os laços se fortaleceram e sempre nos encontrávamos cerca de três vezes no ano e, com o surgimento das redes sociais, houve ainda mais uma aproximação

³⁸ Ver a Música de Cazuzza ‘Ideologia’ (1988). Disponível em: <https://www.letras.mus.br/cazuzza/43860/> Acesso em 3 de Abr de 2023

diária entre nós. Essa escola, a Escola Municipal Clotilde Guimarães, fez parte da nossa história e fomos marcados por toda a convivência e alegria do período.

Figura 16 – Amigos da Escola Municipal Clotilde Guimarães



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Entre muitos acontecimentos, essa turma se organizou no mutirão e pintamos toda a escola quando estudávamos, e esse fato marcou a nossa história como símbolo de união. Também participávamos do Festival de Samba, na quadra do Grêmio Recreativo Escola de Samba Imperatriz Leopoldinense, localizado no bairro de Ramos/RJ, mesmo bairro da escola. Essa escola articulava-se com a comunidade ao redor e à época ganhamos o festival com o apoio especial do meu pai, que deu uma palhinha na letra do samba.

Em seu livro “Zé Katimba, antes de tudo um forte”, Leitão (2016) descreve a participação de militantes do movimento estudantil dentro da GR Imperatriz Leopoldinense, já antes de 1969, que constituía “um verdadeiro aparelho dos militantes que resistiram ao regime militar”:

...o pessoal do famoso *Partidão* realizava ações comunitárias nas favelas além de patrocinar diversas atividades na *esfera cultural*, tanto na escola de samba, quanto em clubes, bibliotecas e outras instituições locais. Eles organizavam quase tudo, desde cursos de alfabetização, até sessões de cinema e mostras musicais. A ideia era consolidar sua atuação entre os jovens e as classes populares, por meio do trabalho cultural e social, acumulando forças para compor uma frente política com os setores da burguesia nacional considerados mais “democráticos” (p, 155-156).

As informações do autor, sem dúvida, ajudam-me a compreender melhor os processos formativos por mim vividos na favela, que me auxiliaram e continuam até hoje a desconfiar de análises sobre o samba e futebol como elementos de alienação popular.

Ao que tudo parece, a obra e trabalho das escolas de samba nos seus entornos demarcavam a luta dos mais pobres e a necessidade de melhores condições de vida. Logo, o que foi vivido por mim, também à época, demonstrou como o samba e o futebol foram elementos de agrupamento social e reflexões coletivas acerca do que significa morar na favela e viver dela. Trata-se de uma compreensão diversa sobre o samba e aquilo que as letras traziam, apesar da liberdade política, religiosa e em outros aspectos, a partir do advento da Constituição. Mesmo assim, lá estavam o samba e as comunidades falando de suas angústias e sofrimentos comuns à época.

Com a utilização de aplicativos de celular como, o *Whatsapp*, tivemos a grata oportunidade de conectar ex-professores da Escola Municipal Clotilde Guimarães, dentre elas uma antiga diretora da escola que, já muito idosa, continua sendo referência para nós como gestora.

Nesses reencontros profundamente rememorativos, nos lembramos das épocas em que a escola nos oportunizava assistir peças de teatro como a peça *Capitães da areia*, de Jorge Amado no Teatro dos Quatro, na Gávea, bairro nobre do Rio de Janeiro. Interessante pensar nas reverberações em nós, moradores/as das periferias, da obra de Jorge Amado, que narra as circunstâncias e enfrentamentos de jovens pobres e favelados, e ainda por cima assistir à peça num bairro nobre da cidade, como a Gávea, onde provavelmente a grande maioria de nós, não havia circulado nem mesmo de ônibus. Importante destacar essa faceta educativa da escola, que nos provoca a pensar sobre o direito à cidade e seus espaços culturais.

Hoje, a Maré conta com espaços culturais próprios, com pesquisadores/as, artistas e intelectuais que produzem conhecimento artístico e obras primorosas dentro da própria favela. Isso amplia enormemente o universo cultural da comunidade, mas não significa que o direito à cidade e seus espaços culturais não tenha que ser garantido como patrimônio de toda a população.

É importante também demonstrar que a escola precisa oportunizar esse trânsito e o conhecimento da própria cidade, e não apenas no bairro, oportunizando experiências extra-bairro e extra-escola como também um movimento cultural importante. Àquela época era outro contexto em que, dentro da escola e no bairro as oportunidades e essa consciência cultural ainda não eram tão consolidadas como hoje, mas os/as professores/as eram muito especiais e, a meu ver, estavam à frente do seu tempo.

Quando se pensa a escola à época, lembro-me de que as disciplinas eram divididas em um núcleo comum e obrigatório, além de uma parte diversificada que atendia às características locais. Lecionando Comunicação e Expressão, disciplina integrante do núcleo

comum, o professor Geraldo dizia para nós “mais importante do que as provas da escola são as provas da vida”, numa afirmação que hoje talvez fosse interpretada como perigosa pelos defensores da “Escola sem Partido”³⁹.

Marinete era uma professora de Estudos Sociais e que marcou a nossa história também. Tudo o que ela dizia foi importante para a minha compreensão da sociedade que, por meio dos debates em sala de aula, foram muito importantes. Ainda não desisti de encontrá-la pelas redes sociais e, sem sombra de dúvida, num possível reencontro rememoraremos as ocasiões em que ela me influenciou e eu me tornei professora.

No íntimo, acredito que Marinete deva ser parente de Maísa, a personagem do livro *A professora encantadora*, de Vassalo (2010), que brilhantemente fala de uma professora encantadora que compreende a realidade em contextos diversos que se seguem por toda a vida de seus alunos.

Quando li pela primeira vez o livro, logo fiz referência à Marinete que também era uma professora encantadora, cujos olhos por trás dos óculos redondinhos enxergavam com assombro e estranheza a injustiça vivida por nós naquele contexto de Brasil. A professora ensinava a “catar” perguntas novas dentro de histórias que contavam os livros sobre o Brasil e o mundo. Assim como Maísa, Marinete fazia novas perguntas que desdobravam a gente por dentro e, pelo fato de ela adorar fazer isso com a gente, essa inspiração, tanto do livro como de Marinete, marcaram o meu jeito como professora.

Parafraseando a última frase da história do livro “... e se puder me encontrar com Maísa de novo, um dia vou confessar bem no ouvido dela por que escolhi ser escritor” (VASSALO, 2010, p. 20), direi: “... e se puder me encontrar com Marinete de novo, um dia eu vou confessar, bem no ouvido dela por que eu escolhi ser professora”.

Uma curiosidade para mim foi ter um médico como professor de Ciências. Professor e Doutor Milton trabalhava no Hospital Geral de Bonsucesso, pertinho da escola. Não sei o que lhe motivou a ser um professor de uma escola pública, mas me lembro até hoje das histórias de soldadinhos que defendiam o nosso corpo, das doenças e dos desenhos que fazia no quadro, ilustrando para os alunos o modo como o corpo funcionava.

³⁹ Escola sem partido é um movimento político, fruto do Projeto de Lei 7.180/2014, que objetiva afirmar que há uma doutrinação ideológica por parte das escolas. Com isso, nega-se a capacidade de reflexão política no ambiente escolar como se isso fosse ameaçador à própria democracia. Pelo contrário, o direito de expressão e pensamento político-filosófico é fundamental para uma compreensão da totalidade social e obviamente parece ser uma ameaça aos interesses liberais burgueses que, no capitalismo, impede a reflexão e o livre pensar. Este Projeto de Lei ainda demarca os interesses da extrema direita política brasileira que, à luz dos interesses militarizantes, defende uma escola supostamente neutra e distante dos dilemas e contradições sociais vividas pelos mais pobres.

Ele, assim como a herança trazida de casa pelos meus pais, demonstrava que o valor a ser dado à escola era fundamental. Certamente no contexto em que vivíamos, em pleno período de imposição militar, muito do que o Doutor Milton nos ensinava e outros professores tinham que ser trabalhados com muito cuidado no contexto repressivo.

A atuação desses professores foi me formando professora e foi fundamental para o enfrentamento de toda sorte de barbárie e violência sofrida por nós. Estes/as professores/as foram alimentando o meu sonho de ser professora. Mas ser professora sempre foi mais que um sonho, era uma condição possível para mim naquilo que o mercado de trabalho ofertava.

Terminando o Curso Normal, fui convidada por Eliana⁴⁰, uma amiga moradora da Nova Holanda, que hoje é Doutora e continua engajada na luta pelos direitos sociais, a substituí-la em uma turma de alfabetização de jovens e adultos. Entusiasmada, aceitei o desafio que, à época, foram impostas algumas condições. Dentre elas, nesse processo de substituição das aulas na EJA, deveria participar de um grupo de estudo fundamentado em Freire e suas perspectivas de alfabetização.

Esse primeiro contato com a obra de Freire foi para mim muito importante pela identificação com o que o autor trazia em sua obra, e o vivenciado por mim junto aos/às estudantes naquele contexto. Presenteada com o livro *Pedagogia do oprimido* (FREIRE, 1996), confesso que, à época, minha dificuldade em compreendê-lo foi bem grande. Fazer o diálogo entre a perspectiva filosófica educacional do autor e o cotidiano escolar foi um processo árduo, que contou com a colaboração do grupo de estudo aos sábados na casa da Rosângela, em Laranjeiras/RJ, Rosângela era do grupo de profissionais de saúde, a psicóloga do postinho, foi ela também que me deu o livro de presente. A partir daí, o trabalho foi progressivamente ganhando corpo, à medida que minhas inquietações e a relação teoria-prática foram se dando naquela experiência.

Conscientização, afeto, amor e paixão pela educação misturam-se à alegria vivida por mim ao ler e dialogar com Freire durante minha experiência docente. Suas palavras generosas em sua obra me ajudaram, ainda muito jovem, a perceber que sua pedagogia estava identificada com um profundo processo de humanização e com a capacidade política da educação em promover o esclarecimento intelectual com os educandos.

⁴⁰Eliana Souza e Silva é professora aposentada da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro). Trabalhou por três anos no Instituto Avançado da Universidade de São Paulo (USP). Continua engajada na Catedral Olavo Setuabal de Artes, Cultura e Ciências. Atualmente é professora do INSPER (Instituto de Ensino e Pesquisa). Formada em Doutora em Serviço Social e Mestre em Educação pela PUC Rio, obteve o título de Doutora Honoris Causa pela Queen Mary Universidade de Londres. Vem dedicando a sua vida a carregar as bandeiras nas lutas que enfrentamos pelas desigualdades que nos caracteriza e pelos direitos humanos dos moradores da Maré e da cidade do Rio de Janeiro.

Apesar de, na atualidade, muito se falar numa metodologia de alfabetização em Freire, o autor tinha sim um método que envolvia uma perspectiva integral de educação num composto epistemológico que transitava entre uma visão política da alfabetização, em contextos que envolvem o cotidiano do educando, mas não uma estrutura regrada com uma metodologia pragmática e positivista como se vê nos métodos atuais. Isso porque sua concepção de sociedade e educação ultrapassa a metodologia nessa perspectiva.

Fiori apud Freire (1967) indica que:

As técnicas do método de alfabetização de Paulo Freire, embora em si valiosas, tomadas isoladamente não dizem nada do método. Também não se ajuntaram ecleticamente segundo um critério de simples eficiência técnico-pedagógica. Inventadas ou reinventadas numa só direção de pensamento, resultam da unidade que transparece na linha axial do método e assinala o sentido e o alcance de seu humanismo: alfabetizar é conscientizar (FIORI, apud FREIRE, 1967, p. 7).

A partir da obra do autor, torna-se necessário relativizar o conceito de método, tornando mais consciente dentro da obra como um todo. Logo, o vivido por mim como professora na Educação de Jovens e Adultos caracterizava com mais propriedade aquilo que já havia entendido quando fiz o curso como exigência para lecionar na EJA, ou seja, de que Freire falava sobre a educação em sociedade e nela e por ela a língua se estabelecia de maneira viva, consciente.

Em Freire (1985, p. 28) “A conscientização está evidentemente ligada à utopia, implica utopia. Quanto mais conscientizados nos tornamos, mais capacitados estamos para sermos anunciadores e denunciadores, graças ao compromisso de transformação que assumimos”. Assim, o vivido, o experimentado, o questionado fruto da reflexão consciente eleva o nível de qualificação do leitor e escritor num processo de alfabetização social que, pela palavra o mundo é lido e por ela referenciado.

Os princípios freirianos foram profundamente favoráveis à minha formação e leitura de mundo que, compartilhada durante anos nas minhas aulas ressignificaram meu papel de professora numa práxis dialogicamente comprometida com o aprendizado de tudo aquilo que me foi compartilhado com e pelos/as educandos/as. No cotidiano da sala de aula, busco proporcionar um ambiente de confiança, afetivo e vivo, estimulando a participação dos sujeitos no processo ensino-aprendizagem, incentivando o protagonista ativo de suas próprias transformações, o que me move na busca em um pesquisar contínuo.

Aprendi com Freire que ensinar a ler e escrever implica contribuir para o desenvolvimento integral do indivíduo que, desde a infância, vive as diferentes circunstâncias e atravessamentos do mundo. Quanto a isso, o entendimento emancipatório do que significa a

sociedade, do ponto de vista da consciência que Paulo Freire chama de politização, é fundamental nesse processo.

Recentemente comemoramos o centenário de Paulo Freire, coincidindo com o início da escrita desse trabalho no ano de 2021. Os processos conservadoristas, pautados por uma ideologia de extrema-direita, reiteram a falta de conhecimento dos mais desavisados ou, como se observa, intencionalmente a maldade daqueles que querem desqualificar Freire quando critica em seu trabalho o seu posicionamento sobre o sistema capitalista.

Considerando a relevância de Freire para o pensamento intelectual brasileiro, especialmente na área da educação, esse “andarilho da esperança” foi fundamental para o entendimento do que significa a educação de jovens e adultos e a formação para o trabalho.

Muito de sua simplicidade não pode ser confundida com a falta de aprofundamento na análise, pois, em sua obra, a simplicidade é sinônimo de profundidade teórica com clareza intelectual.

Ao falar para um público específico, como educadores/as, Paulo Freire se comunica com os cotidianos, identidades, problematizações, enfrentamentos, e uma série de linguagens fortemente acessíveis a todos os/as professores/as do Brasil.

A minha experiência com a obra e o pensamento freirianos me ajudaram a entender o rigor teórico que caracteriza seus escritos, com a clara percepção de que a formação política é educativa, e o contrário também. Pela não dissociação entre os aspectos, o pensamento freiriano é fundamental para o entendimento ético sobre o fazer docente atento à transformação da realidade.

Isso porque a ação educativa é histórica e socialmente responsável por indivíduos igualmente históricos e, por isso, sem sombra de dúvida, seu caráter sociológico é complexo e banhado por aspectos profundamente comprometidos com diversas áreas do conhecimento como, antropologia, psicologia, filosofia e tantos outros.

Lembro-me de que em 1987 participei da seleção para educadores/as para a Creche Comunitária da Nova Holanda e para a Escola Comunitária. Havia ali o cuidado de que a proposta educativa fosse respeitosa ao modo de vida e às linguagens, cultura e especificidades do público atendido. Havia também clara intencionalidade em integrar os saberes socioculturais comunitários ao conhecimento desenvolvido curricularmente na creche. Apesar de muitas creches estarem, à época, vinculadas à Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social (SMDS/RJ), essa creche em específico foi resultado da luta das mulheres trabalhadoras da comunidade que não tinham onde deixar seus filhos para irem trabalhar.

Somado a isso, existiam pessoas e professores da comunidade que já haviam acessado a universidade ou cursos de formação em que Freire era base da leitura, que contribuíram para construir o projeto de educação para comunidade que foi inserido na creche e escola. A Escola Comunitária da Nova Holanda tem uma larga história que, desde a década de 1980, é demarcada pela preocupação de uma comunidade organizada na luta pelos seus interesses nos quais o valor dado aos mais pobres assume a centralidade da luta.

Os/as moradores/as articulados com a Associação de Moradores e Amigos da Nova Holanda lutaram permanentemente junto ao poder público para o enfrentamento das violências sofridas no âmbito da comunidade. Entende-se por violências as dimensões linguísticas, a violência física, moral, sexual, de gênero ou de outra natureza que negam à população a capacidade de ser e estar neste espaço onde também enfrentam representações distorcidas sobre como vivem os moradores da Maré.

Lembro-me da ocasião em que a escola chegou a ter quatro turmas de 30 crianças cada, sendo quatro professoras e três merendeiras e, nesse período, quando fui selecionada como professora em primeiro lugar, defrontei-me com uma realidade bastante complexa, especialmente naquilo que envolve a adequação entre o interesse da comunidade e o pensado pelo poder público.

Lembro-me, por exemplo, de que trabalhei sem receber salário e ainda comprava material escolar com o meu próprio dinheiro que conseguia com a venda de roupas íntimas. Essa experiência envolveu meu comprometimento pessoal com as crianças e com o desejo de que elas aprendessem da melhor forma.

Mais tarde fui contratada como agente comunitária, em 1º de junho de 1988, como celetista (Consolidação das Leis do Trabalho, CLT), no apagar das luzes do processo de recrutamento de pessoal permitido sem ser por concurso público, uma vez que em função da promulgação da Constituição de 1988, o concurso público passou a ser o único caminho para a contratação de servidores. Considero que tais experiências foram fundamentais para a minha formação de *professorapesquisadora* das classes populares.

Digo isso porque, após muita luta na justiça em todas as instâncias e de articulações políticas durante muitos anos, os funcionários da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social SMDS, contratados pelo regime de CLT, antes da promulgação da Constituição de 1988, foram considerados estáveis no serviço público e, por meio da Resolução Conjunta SMA/SMDS, nº 10 de março de 1996, também passei a integrar o quadro suplementar do Poder Executivo no município do Rio de Janeiro com a eficácia das decisões judiciais que se deram a partir de 28 de março de 1996.

Em 1989, ao conhecer a Professora Doutora Maria Tereza Goudard Tavares que, naquele momento trabalhava como supervisora das creches comunitárias da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social (SMDS/RJ), tive a grata oportunidade de tê-la como alguém que em muito contribuiu para a minha formação como docente na Nova Holanda. Anos mais tarde, como docente na Rede Municipal de São Gonçalo, reencontrei-a como diretora da Faculdade de Formação de Professores da UERJ, e foi nessa experiência de reencontro que percebi o valor e o momento da necessária retomada da minha formação agora na pós-graduação *stricto sensu*.

Nessa experiência, a Professora Tereza foi profundamente relevante em sua contribuição e, com seus livros e palavras, vem incentivando o meu amor pela profissão. Tereza também enxergou as minhas asas e reconheceu naquela menina professora, a capacidade de ampliar o conhecimento e contribuir com o desenvolvimento educacional.

Certa vez, ainda como supervisora das creches, Tereza me falou que era muito bonito ver o meu compromisso com as crianças e de certo modo aquilo me marcou profundamente, pois suas palavras tinham algo diferente, os olhos também falavam, e me impulsionaram para além daquilo que podia realizar. Como também foi marcante sua contribuição quando, por ela, conheci a Rádio Maluca, idealizada pelo cantor, ator, compositor e radialista Zé Zuca.

Essa Rádio Maluca era uma usina de novidades, brincadeiras, histórias e do que de melhor era possível fazer pela garotada. Tratava-se de uma coleção de fitas cassete com todo tipo de assunto que nos faziam viajar sem sair do lugar, realmente muito boa!

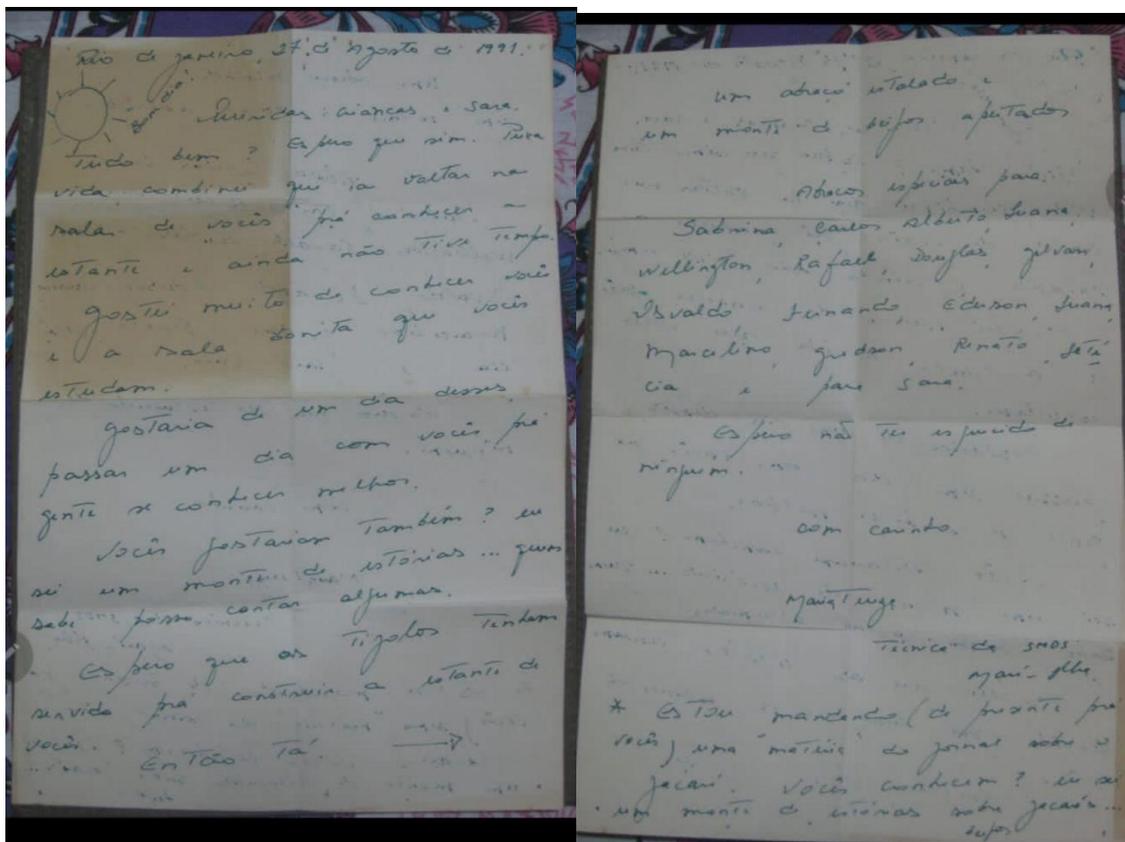
Tereza sempre gostou de contar histórias, desde a época da SMDS, tanto como professora formadora, posteriormente como docente do programa de pós-graduação Processos Formativos e Desigualdades Sociais e em seu grupo de pesquisa Grupo de Estudos e Pesquisas da(s) Infância(s), Formação de Professores(as) e Diversidade Cultural (GIFORDIC), do qual participei alguns encontros. A partir da leitura da Professora, as histórias de *Sherazade* e *Pinóquio* sempre nos proporcionaram momentos ímpares de encantamento e reflexão profundamente comprometidos com as crianças e suas lógicas, suas formas de ver e compreender o mundo.

Apaixonei-me pela esperteza da princesa e também tenho um Pinóquio de ventrículo que copiei dela. Gosto muito desse boneco que sonha em ser gente e questiona a escola que não respeitava a individualidade do ser humano. Passei a contar a sua história para as crianças e fazer perguntas mais críticas, e o boneco mentiroso e mal comportado começou a ser visto de outra maneira.

A Professora Tereza tem sido para mim um exemplo de garra e comprometimento com a educação pública e, ao conhecer o Grupo de Pesquisa “Vozes da Educação: História e Memória das Escolas de São Gonçalo”, entendi com mais clareza a relação teórico-crítica de seu trabalho com as comunidades locais.

Durante a realização da pesquisa, acho que tomei *uma chuva de felicidade engarrafada, caída do céu!* Rushdie (1999, p. 171) Encontrei uma preciosidade: duas cartas escritas por Tereza, uma em agosto e a outra em outubro de 1991, endereçada às crianças Creche Nova Holanda e para a educadora Sara Alves, amiga querida e admirável, cuja pesquisa nos aproximou. São memórias afetivas guardadas a sete chaves e nunca esquecidas, um tesouro desse estava em arquivo pessoal no baú de memórias da Sara.

Figura 17 - Carta escrita por Tereza, em agosto de 1991, endereçada às crianças da Creche Nova Holanda



Fonte: Baú de memórias da Sara.

Rio de Janeiro, 27 de agosto de 1991
 Queridas crianças e Sara.
 Tudo bem? Espero que sim.

Puxa vida, combinei que ia voltar na sala de vocês pra conhecer a estante e ainda não tive tempo. Gostei muito de conhecer vocês e as salas bonitas que vocês estudam.

Gostaria de um dia desses passar um dia com vocês pra gente se conhecer melhor. Vocês gostariam também? Eu sei um monte de estórias ... Quem sabe posso contar algumas

Espero que os tijolos tenham servido pra construir a estante de vocês.

Então tá,

Um abraço estalado e um monte de beijos apertados

Abraços especiais para Sabrina, Carlos Alberto, Luana, Wellington, Rafael, Douglas, Gilvan, Osvaldo, Fernanda, Edeiso, Luana, Marcelino, Edson, Renato, leticia e para Sara

Espero nao ter esquecido de ninguém

Com carinho.

Maria tereza

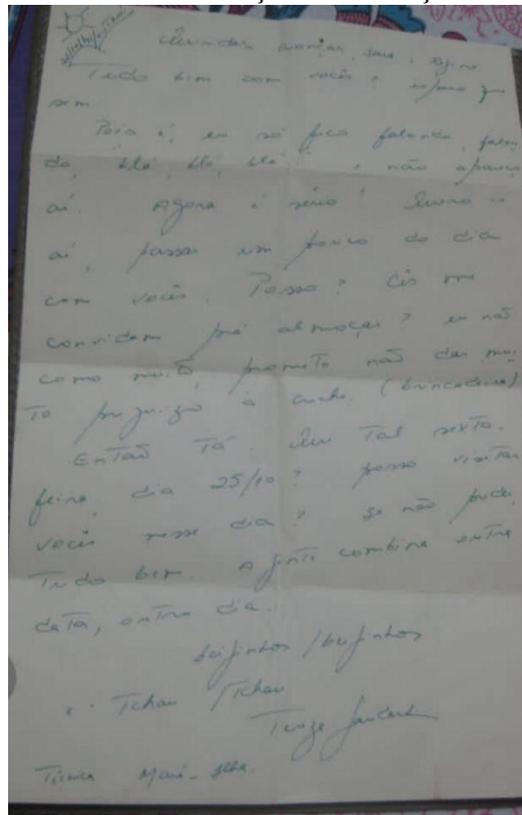
Técnica da SMDS- Maré/Ilha

#Estou mandando de presente pra vocês uma matéria do jornal sobre o jacaré.

Vocês conhecem? Eu sei um monte de estórias sobre jacarés.

Bjs (Reescrita feita pela pesquisadora da carta de Tereza, em outubro de 1991, endereçada às crianças Creche Nova Holanda, conforme mostra a figura 17)

Figura 18 - Carta escrita por Tereza, em agosto de 1991, endereçada às crianças da Creche Nova Holanda



Fonte: Baú de memórias da Sara.

22/10/91 Niterói

Queridas crianças, Sara e Regina

Tudo bem com vocês?
 Pois é eu só fico falando, falando, blá, blá, blá e não apareço aí!
 Agora é sério, quero passar um pouco do dia com vocês. Posso?
 Cês me convidam pra almoçar?
 Eu não como muito, prometo não dar muito prejuízo na creche (brincadeira)
 Então tá, que tal sexta feira dia 25/10?
 Posso visitar vocês neste dia? Se não puder, tudo bem. A gente combina outra data,
 outro dia

Beijinho, beijinhos

Tchau, tchau

Tereza

Técnica (Reescrita feita pela pesquisadora da carta de Tereza, em outubro de 1991, endereçada às crianças Creche Nova Holanda, conforme mostra a figura 18)

Já se passaram 32 anos da escritura dessas cartas. A tinta da caneta e as folhas amareladas mostram o agir do tempo. As cartas eram para fazer uma surpresa para Maria Tereza a pedido de Sara. Gostei tanto da ideia que pedi licença para usá-las aqui na minha dissertação. Transcrevi exatamente o conteúdo da carta. A palavra história está escrita sem a letra “H”. As duas grafias existem e antigamente havia uma diferença; “Estórias” era uma palavra muito antiga da língua portuguesa, estima-se que do século XIII, e era usada quando tinha intenção de se referir às narrativas populares, tradicionais ou ficcionais. Já a outra forma de escrever com “H” utilizava-se no contexto de referência “história” como ciência e “verdadeira”. A carta também comprova o apreço de Tereza pelas histórias, escrevo com o português reformado e penso que me possibilita incluir os dois tipos. As histórias ficcionais e as ciências que Tereza usa de acordo com o contexto para nos formar e também nos encantar.

Pelo conteúdo da carta na comunicação com as crianças podemos perceber qual o referencial político pedagógico que legitimava a atuação da técnica da Maré/Ilha nas creches comunitárias na década de 1990, percebemos que a criança é entendida como um sujeito social participante em construção ativa do seu cognitivo, estimulando a produção do conhecimento, contextualizado e repleto de significados, construindo e reconstruindo suas vivências com muito afeto. O conceito de infância vem se modificando pelas organizações das sociedades de diferentes formas. Mas as crianças são subordinadas na relação com o adulto em todas as classes sociais, essa relação não é natural, é uma construção social. A carta traduz o olhar de Tereza para as crianças e o respeito que a supervisora tinha pela opinião das crianças, ao perguntar o que elas teriam a dizer. Tereza sempre nos chamou atenção também para que estivéssemos sempre atentas às respostas das crianças, pois teríamos muito a aprender com elas. O respeito à individualidade e importância de destacar cada um/a fica evidente, na despedida da carta, quando a remetente tem a preocupação de nomear cada criança.

Figura 19 – foto enviada por Sara com algumas crianças da turma Creche



Fonte: Arquivo da Sara compartilhado comigo

Sara fez uma busca nos seus guardados e enviou essa foto já embaçada pelo tempo, e bastante material para colaborar com a minha pesquisa. Registro aqui minha gratidão por tanta generosidade, mas infelizmente, em função do tempo pequeno para conclusão da dissertação do mestrado, muita coisa ficou de fora. As valiosas contribuições materiais de Sara, junto com tantos outros recortes que precisei fazer fazem parte agora do meu acervo de pesquisa e histórias sobre a Maré. Quem sabe ainda poderei organizá-los melhor para enriquecer o Museu da Maré...

Rememorar, escrever e ressignificar essas experiências, em especial desse tempo na Creche e na Escola Comunitária de Nova Holanda, provocou em mim “lampejos de memórias” que acordaram saudades e certa nostalgia. Fiquei pensando em como usar as palavras que pudessem transbordar os sentimentos que me marcaram nesta época de minha vida. Saudades das crianças, hoje adultos e adultas. Uma delas tive o prazer de abraçar na visita ao Redes da Maré por conta da pesquisa. Ao entrar na sala de aula onde Kamilla Camilo atua como professora para adolescentes do curso preparatório para Escolas Federais, fui imediatamente reconhecida por ela. As imagens abaixo narram nossos sentimentos melhor do que mil palavras.

Figura 20 e 21 – registros da minha filha Beatriz do meu encontro com Kamilla



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Fiquei muito feliz ao revê-la, e orgulhosa pela trajetória de Kamilla, principalmente em saber que ela continua na Maré, empenhada em verberar o nosso sonho na luta por um mundo melhor e mais humano para as novas gerações. A alegria saltava ao constatar que Kamilla também é uma artista. Ela assina a exposição *FAVELADAS* que entrou em cartaz desde do dia 20 de Abril 2023, no observatório de favelas, com curadoria de Jean Carlos Azuos e Rosilene Milotti, exposição que planeja ficar durante meses neste espaço.

Em entrevista ao jornal *Voz das comunidades*,⁴¹ Kamilla falou:

A favela faz artes, quem está sendo registrada, tem que se reconhecer. *Faveladas* é uma exposição que vem de dentro do meu coração. É um tema muito urgente para pautamos esses dias, já que favelado é um termo usado de forma pejorativa em que muitas vezes somos julgados, criticados e abordados violentamente. *Faveladas* vem para quebrar o estereótipo de má educação. Favelada é aquela mulher que sonha, que deseja, que planeja, que levanta cedo independente da violência territorial. Sai no meio da bala, sai no meio do caveirão. (Entrevista para o jornal Voz da comunidade no dia 24/04/2023)

⁴¹<https://www.vozdascomunidades.com.br/>

Figura 22 - Exposição *Faveladas*



Fonte: (Foto Selma Souza /retirada do jornal público voz da comunidade)

Kamilla era uma criança curiosa, fazia muitas perguntas, falava pelos “cotovelos”. Adorava andar atrás da gente, observava tudo, e na escola adorava brincar com as crianças de escolinha, ela era sempre a professora. Aos seus 6/7 anos de idade dizia que desejava ser uma professora como eu. Fiquei muito feliz ao constatar que se realizou. Kamilla morava em frente à Escola Comunitária de Nova Holanda, o que tornava a nossa relação muito próxima. Sua família nos socorreu em várias ocasiões, cedendo água com uma mangueira quando a mesma acabava de repente, terminando de cozinhar comida das crianças, quando o gás acabava perto do horário de servir o almoço.

O nosso trabalho foi muito bem-sucedido na Nova Holanda e, inclusive, fez parte de um dos temas da revista *Nova Escola* que, em sua edição, em 1993, no mês de agosto, apresentou a matéria “Alfabetização – A alegria destas crianças tratadas com todo respeito”. A revista ficou na escola, mas guardo até hoje, com muito carinho, uma cópia desse exemplar, conforme foto abaixo:

Figura 23 – Imagens da matéria na revista *Nova Escola*



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Na medida em que a péssima conservação do jornal não permite a leitura do mesmo, optei por trazer algumas pontuações sobre o conteúdo da reportagem e colocar a íntegra da transcrição em anexo. O jornal é parte do acervo do material que pretendo organizar um dia para doar para o Museu da Maré.

Com o título “Alfabetização. A alegria destas crianças tratadas com todo respeito”, a reportagem destaca: A escola comunitária como o prédio mais alto da favela; O comportamento das crianças que se mantinha em atividade constante demonstrado interesse; A proposta pedagógica evidenciada nas paredes da escola; A participação dos responsáveis que decidiam junto com a equipe pedagógica os encaminhamento e soluções em assembleias. Tais características indicativas de um projeto político pedagógico inovador para época, e de uma pré- escola moderna, funcionando dentro da favela.

A reportagem destaca que a escola contava com 100 vagas disputadíssimas, distribuídas em dois turnos. A disputa pelas vagas relacionava-se ao bom desempenho do processo de alfabetização que conseguia enviar para a própria escola da favela ou para um dos três CIEPs do bairro, crianças habilitadas para 1ª série (atual 2º ano), sem passarem pela classe de alfabetização. Nesta época, o Ensino Fundamental tinha a classe de alfabetização anterior à 1ª série e era denominada CA.

O trabalho da Escola Comunitária respondia aos anseios da Associação de Moradores ao questionar o alto índice de repetência das crianças no primeiro ano, levando à criação de classes especiais para atender os mais atrasados e questionava também o alto índice de desistências antes de concluir o quinto ano.

O trecho da reportagem, abaixo transcrito, narra mais sobre o processo vivido na Escola Comunitária:

(...) a equipe da escola se reúne semanalmente e faz planejamento mensal e grupo de estudo. “Como temos uma formação que não satisfaz as necessidades do ensino, sobretudo numa escola deste tipo, é preciso fazer muita leitura.”, conta Rose. Mas ela sabe que não adianta apenas indicar um livro, pois falta hábito de leitura. “Por isso que organizamos o grupo de estudo, por exemplo, programando a leitura de texto sobre diversas correntes de ensino e aí discutimos as diferenças de enfoque entre elas.” -segue. “Neste segundo semestre, convidamos para participar das reuniões de estudo, especialistas da secretaria e das universidades que trabalharam na elaboração da proposta curricular para as pré-escolas municipais. A proposta saiu no ano passado e coincide com o que já vínhamos fazendo aqui, na linha da Emília Ferreiro.”, diz Rose. O construtivismo chegou à Nova Holanda pela via informal, graças à curiosidade dos professores que foram atrás de cursos e livros, apelando inclusive para o material produzido pela fundação para o desenvolvimento da Secretaria Estadual de São Paulo. As paredes da escola, nos quatro andares, são a testemunha da opção de ensino. O interesse das crianças, que elas cedo aprendem a manifestar sem timidez, é prioridade. Foi assim, mesmo sem se ater a datas comemorativas, que o tema índio acabou aparecendo em abril. E rendeu conversas,

histórias e um painel de desenhos livres criados pelas crianças menores. No mês seguinte, a mesma turma entrou no caminho das dobraduras, fazendo barcos. “Porque barco é o meio de transporte dos índios”, explica Geraldo Martins Fernandes, que começou seu trabalho com os meninos de rua há dois anos e hoje leciona para as crianças menores da escola comunitária. Outra forma de aproximar a criança da escrita, sempre mantendo a relação com a função social, é a grafia do próprio nome. Escritos em letra de forma, prego na parede, eles são fonte, assim como os rótulos de hipóteses para a construção das primeiras palavras. Rose também usa na alfabetização as receitas de bolos. “Eles pesquisam, trazem de casa. Lemos, conversamos, fazemos os bolos, comemos e escrevemos. E nessas atividades acaba aparecendo a matemática, ciências”, explica a coordenadora. Sem jamais usar desenhos mimeografados as crianças são incentivadas a expressar graficamente as experiências vividas fora da escola. Uma visita ao zoológico rende muito trabalho em sala. Um deles, o painel cheio de bichos de desenhos mais ou menos parecidos com os reais. E todos batizados pelos seus autores. (reportagem revista Escola, em agosto 1993)

Os limites, as dificuldades, os desafios nunca deram lugar para acomodação. Como a gente se divertia até esquecia que era nosso trabalho. Hoje penso que a gente se permitia ser criança também, aprontávamos, era muita aventura.

Realizamos inúmeros passeios a partir de situações que surgiam em sala de aula. Não tinha tempo ruim, tínhamos uma concepção dialética da nossa prática muito clara e a interação fluía. A equipe educativa estava disposta a encarar novos desafios procurando aprofundar a consciência de que a gente era parte importante de um projeto maior e isso alimentava a nossa utopia.

O trabalho também rendeu um programa para a TV Educativa que se tornou referência para outras comunidades e nesse processo rememorativo, construí um diálogo entre a pesquisa de Tavares (1992) e alguns vídeos do programa que fazem parte do acervo do Museu da Maré, em busca de contribuir com o mosaico de histórias e memórias da Educação Popular em Nova Holanda.

Em sua dissertação de Mestrado intitulada “Caminhos e descaminhos da ‘educação paralela’: um estudo sobre o cotidiano das creches e escolas comunitárias da Maré”, defendida em 1992, na Universidade Federal Fluminense, Tavares apresenta uma análise sobre a problemática da educação comunitária, cuja expansão considerável se revelava, especialmente, no município do Rio de Janeiro, naquele período. Os dados trazidos pela pesquisadora indicavam a existência de mais de 210 escolas e creches comunitárias no município do Rio de Janeiro, constituindo uma verdadeira "rede paralela" de atendimento pré-escolar em quase todas as Favelas cariocas, escolas que estavam desvinculadas da rede oficial de ensino e que eram assumidas pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social, para atender a população de baixa renda do município.

Para refletir sobre tais questões a pesquisadora remete-se ao contexto da realidade educacional brasileira e sua seletividade crônica e das lutas históricas das camadas populares pelo direito de entrar e permanecer na escola.

Conforme Tavares (1992):

Na tentativa de questionar e romper com a seletividade crônica do sistema educacional brasileiro, as camadas populares vêm formulando diferentes estratégias, tentando pressionar o Estado para o atendimento a suas demandas educativas, principalmente pelo seu direito de entrar e permanecer na escola (TAVARES, 1992, p. 17).

Algumas dessas estratégias foram trazidas por Eliane Souza e Silva (na época Presidente da Associação de Moradores e Amigos de Nova Holanda) ao narrar parte da luta para fazer a escola comunitária funcionar, confirmando o esforço das classes populares para construir “alternativas à incompetência da escola oficial”, que foram desde o provimento da questão material até o questionamento da metodologia de trabalho na “escola oficial”. A Presidente da AMANH retratava assim o permanente processo de luta das classes populares para garantir atendimento educacional às crianças da comunidade. Essas alternativas podem ser entendidas como o enfrentamento do sucateamento da educação regular posta à história da educação na Nova Holanda.

Em depoimento para o Programa História da História da Nova Holanda, que compõe o acervo da história da Nova Holanda, a Professora Eliana narra:

A Escolinha já existe há sete anos e a gente já passou por várias etapas. Desde o início, em que as pessoas da comunidade contribuíram para a escola funcionar sem nenhum financiamento, conseguimos a doação de um fogão, outro fazendo festa, até o momento em que a gente consegue através da SMDS o financiamento para construir o prédio. E depois a luta outra para o funcionamento, né? Conquista para contratar os agentes comunitários e, por diversas vezes, a gente passou por momentos em que havia necessidade de a gente defender a proposta de alfabetização daqui da comunidade. Quer dizer, diversas vezes a gente teve ameaçado de isso aqui virar uma creche, de a escola virar uma creche. Nossa luta é uma luta aqui, assim como outras coisas na comunidade, que exigem que a todo momento a gente esteja revendo e reconquistando esse espaço, ainda mais a questão da educação. Que algo, sabe-se que ainda muito deficiente que a gente tem muito a fazer aqui na comunidade (Depoimento de Eliana para o vídeo *História da História da Nova Holanda*, v. 6).

Desse modo, seu depoimento é fundamental para entender a diversidade de enfrentamentos na alfabetização das crianças da comunidade que, ameaçadas naquilo que lhes é mais essencial, o direito à educação, permitiu que inúmeros pesquisadores posteriores pudessem repensar a educação em tantas outras comunidades do Rio de Janeiro.

Em relação ao depoimento da Eliana, respondendo à pergunta da entrevistadora do programa sobre o que achava do ensino da escolinha comunitária, Tânia, mãe de uma aluna que estudara na escola à época, respondeu:

Na minha opinião é ótimo, né? Porque faz com que a criança progrida, tá entendendo? Dá incentivo ao ensino, sabe? Enfim, várias coisas, né? Ensina às crianças formas de lidar com si próprias”. Na continuidade da entrevista, a repórter indaga ainda: “E a sua filha aprendeu a ler lá, nessa escolinha?”. Tania responde: “Uma delas aprendeu... a mais velha, que passou para a quarta série agora, a outra está na alfabetização”. (Depoimento de Tania para o vídeo: *História da História da Nova Holanda*, v. 6)

Dar incentivo ao ensino e ensinar às crianças formas de lidar com si próprias. Muito interessante a resposta da mãe, pois indicia uma concepção de escola, que está além da transmissão de conteúdos e a reconhecendo como um espaço formativo. Expectativas possivelmente geradas a partir de suas próprias experiências escolares, que nos meios populares grande parte das vezes são impactadas pelo descompromisso do Estado com a educação pública.

Tendo também sido entrevistada, como professora da escolinha, naquele momento, o depoimento que faço sobre as práticas alfabetizadoras, realizadas com as crianças em sala de aula, me faz refletir hoje sobre um rompimento com as práticas mais tradicionais de alfabetização, como as do Sonho de Talita, bem como sobre as influências das referenciais teórico-metodológicos freirianas de alfabetização: os textos usados para alfabetizar eram as histórias contadas pelas crianças, portanto, eram textos que faziam sentido para elas, como recomendava Freire, investindo assim para que a apropriação da leitura e da escrita se tornasse para as crianças formas de expressão de sua realidade e do mundo que percebiam.

O depoimento abaixo aponta pra isso:

A gente procura fazer com que esse trabalho seja um trabalho em que a criança tenha prazer, em que ela goste do que está fazendo, que ele aconteça de uma forma lúdica. Não é ficar sentado na cadeira e olhando, mas que participe e brinque, e brincando elas aprendam. A gente usa muito ‘o que é o que é?’, e escrevemos as respostas. A gente procurou usar as palavras que as crianças falam. Os textos são as histórias que elas contam e fazem sentido, e que usem a escrita percebendo-a como forma de expressão. Que elas possam usar a escrita para poder expressar o que estão sentindo [...]. A escrita como mais uma forma de expressão (Depoimento de Rose Mary para o vídeo *História da História da Nova Holanda*, v. 6).

Outro depoimento que faz parte do documentário “História da História da Nova Holanda”, é o de Patrícia, diretora da Escola Municipal Nova Holanda, escola oficial regulamentada pela Secretaria Municipal de Educação. Patrícia assinala as contribuições da

escolinha comunitária para o bom desempenho escolar das crianças, quando chegavam à escola pública municipal.

Assim, em seu depoimento afirma:

Para a escola é bom, é ótimo que as crianças venham e estejam vindo para cá; já recebi muitas, aliás, que vêm para cá ou vêm para a primeira série ou segunda série direto, não passa pela turma de alfabetização. Então já alivia bastante. Você sabe que essa é nossa grande dificuldade, ter onde colocar as crianças? Então, o trabalho lá é ótimo, muito bom, tá? Nos ajuda muito [...], temos crianças na segunda série vindo da escolinha. Infelizmente a escolinha está com ameaça de terminar, não tem que terminar. Hoje só tem duas turmas lá [...]. Tem que ser ampliada, que sejam mais de duas turmas três, quatro. Porque em nossa escola não temos como acomodar tanta criança na alfabetização (Depoimento de Patricia, vídeo *História da História da Nova Holanda*, v. 6).

Nossa grande dificuldade é ter onde colocar as crianças. De todos os depoimentos gravados no programa transbordam os desafios das classes populares na luta pelo direito ao acesso e à permanência na educação escolarizada e, conseqüentemente, a ausência do Estado no cumprimento dos deveres constitucionais de garantia dessa educação. A diretora celebra a iniciativa popular de manter uma escola comunitária que *nos ajuda muito...que infelizmente está com ameaça de terminar; não tem que terminar... porque o trabalho lá é ótimo, muito bom*, mas também porque *em nossa escola não temos como acomodar tanta criança na alfabetização*.

As perguntas de Tavares (1992, p. 12), permanecem contando a história não só das creches comunitárias da favela Nova Holanda, mas também da negação de direitos na garantia da educação para todos:

Afinal, o que eram esses espaços? Alternativas concretas à ausência da escola pública? Alternativas à incompetência da escola oficial? Denúncia da exclusão ou tentativa de democratização quantitativa e qualitativa da escola? A escola "provisória", que se quer "permanente", ou a escola "possível" para as camadas populares?

Retomando o contexto histórico, lembramos que na administração do prefeito César Maia, entre 1993 e 1997, foram criados os Centros Municipais de Atendimento Social Integrado (CEMASI) como parte da ação da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social (SMDS) na gestão de Wanda Engel.

A criação do Centro teve como intuito descentralizar as ações da Secretaria numa estruturação regional daquilo que ficou conhecido como Coordenadorias Regionais de Desenvolvimento Social (CR). Nesse propósito, as políticas de assistência social foram oficialmente estabelecidas como sendo de integração social, porém, dos quarenta e sete novos

CEMASI, sendo que alguns eram centros de atendimento multiprofissional com assistentes sociais, psicólogos e reforço escolar, havia aqueles que atuavam exclusivamente no atendimento educacional às crianças na primeira infância.

Nesse universo, os 166 CEMASI já existentes, somados aos novos 47, não atingiam um quantitativo suficiente para garantir o acesso e permanência educacional de todas as crianças da cidade. Todos os CEMASI-Creche que já funcionavam como instituições educacionais vinculadas à SMDS tiveram seus prédios reformados ou com o integral apoio necessário.

No caso da Nova Holanda, o prédio do posto de saúde foi cedido para implementação do CEMASI/Nova Holanda e, a partir da descentralização administrativa, todas as creches já existentes passaram a se identificar com essa nomenclatura. Nesse caso, as creches recebiam, segundo o Programa Oficial, apoio integral e/ou nutricional.

O recebimento de apoio nutricional envolvia a destinação de verbas para alimentação e, o classificado como apoio integral incluía verbas que também se destinavam ao pagamento de profissionais e despesas com a manutenção da estrutura física e material pedagógico da unidade.

Trinta anos após essa reforma administrativa, a prefeitura do Rio de Janeiro continua a ter subdivisões no tratamento às creches comunitárias entre aquelas que recebem apenas o apoio para a merenda escolar e aquelas que recebem, além do apoio para a alimentação, recurso para o pagamento de educadores/as.

O CEMASI-Creche constituiu-se então um locus de política de assistência à primeira infância no âmbito do Programa Favela-Bairro⁴² que foi elaborado pela Secretaria Municipal de Habitação com o objetivo de integrar as favelas e os morros ao asfalto. O termo 'asfalto' está intimamente ligado ao modo como as próprias comunidades se referenciam àquilo que é extra-favela e demonstra certa compreensão de que a organização está fora dela e que o poder público olha para outros lugares diferentes do que a própria comunidade com políticas públicas organizadas “asfaltadas”.

O Programa Favela-Bairro foi responsável por uma série de transformações na Nova Holanda e no Complexo da Maré, transformando algumas áreas específicas voltadas ao lazer, à cultura e ao trânsito local. Estas são identificadas na história como política de reestruturação e condições mínimas de infraestrutura na disponibilização de serviços públicos essenciais.

⁴² Disponível em http://www0.rio.rj.gov.br/habitacao/favela_bairro.htm Acesso em 6 de Marc de 2023

Todas as creches vinculadas à SMDS passaram então a fazer parte do Programa Rio Creche⁴³ com organização regulamentada inicialmente pela Resolução SMDS Nº 163⁴⁴ (RIO DE JANEIRO, 1994), reestruturando critérios, a partir de 1998, com a Resolução Nº 328⁴⁵ (RIO DE JANEIRO, 1998) na gestão do prefeito Luiz Paulo Conde.

Trabalhei na área da 4ª CRAS (Coordenadoria Regional de Assistência Social) na ocasião que foi escolhida pelo colegiado da Escola e Creche da Nova Holanda para ser coordenadora no período. Tratava-se de 1992, um período em que, concomitantemente, iniciei o curso de Pedagogia no Centro Universitário Augusto Motta (SUAM).

Naquele período, em 1993, tive que trancar o curso devido a minha gravidez. Foi uma ocasião em que lidar com inúmeras circunstâncias novas para mim, pois no ano de 1992 me casei e em 1993 engravidei e, pelo acúmulo de atividades e desgaste físico-psicológico entendo que, dentre outros fatores, a gestação não foi à frente e perdi meu filho com seis meses de gestação.

Esse fato considero relevante apontar, pois muitos/as professores/as em diferentes realidades brasileiras precisam lidar com a falta de estrutura material objetiva de trabalho, o desgastante trânsito na locomoção entre casa e escola e todo enfrentamento em prol do trabalho e da sobrevivência, obviamente impactando sonhos, perspectivas de futuro em nome, muitas vezes, de um desestruturado plano de carreira e salário.

Destaco que, naquele período intenso de disputas político-ideológicas, eu assumi a presidência do processo eleitoral para a eleição da nova gestão da Associação de Moradores e amigos da Nova Holanda. O dia da eleição coincidiu com o dia que estava para realizar a segunda fase do vestibular em Pedagogia da UERJ.

Lembro-me claramente que a Eliana, preocupada com o processo eleitoral da Associação de Moradores, entrou num embate com seu esposo, Professor Jaílson, sobre se eu deveria ou não ir realizar essa prova, uma vez que era presidente do processo eleitoral. Enquanto Eliana entendia que eu não deveria ir realizar a prova, dado o compromisso com a presidência do processo eleitoral, o Professor Jaílson afirmava que sim, eu deveria realizar a prova, pois entrar no Ensino Superior na condição de estudante de uma Universidade pública era meu sonho e seu posicionamento era que eu fosse.

No fim, diante do compromisso assumido acabei não indo realizar a prova e perdi a segunda etapa do vestibular. Esse destaque traz um pouco da minha angústia no período que,

⁴³ Disponível: <https://matricula.rio/Inscricao/> Acesso em: 6 de mar de 2023.

⁴⁴ Disponível em: http://aplicacoes.mds.gov.br/snass/regulacao/atos_normativos.php Acesso em: 6 de mar de 2023.

⁴⁵ Disponível em: <https://www.gov.br/fnde/pt-br> Acesso em: 6 de mar de 2023.

entendendo a relevância da continuidade da luta política por aqueles que se interessavam pela Associação de Moradores me fez fazer uma escolha um tanto contraditória, entre o interesse pessoal e o da comunidade.

Entre 1993 e 1996, estive lidando com as questões da comunidade e com os enfrentamentos/disputas entre aqueles que lutavam por dias melhores na Nova Holanda e interesses diversos. Retornei aos estudos somente em 1996, ainda no Centro Universitário Augusto Motta (SUAM), realizando também lá uma Pós-Graduação *lato sensu* em Psicopedagogia. Investi ali praticamente todo meu dinheiro que ganhava com o trabalho por entender que a educação era meu instrumento de luta.

Ainda em outubro de 1996, fui convidada pela coordenadora da 4ª CRAS a assumir a direção do Centro Municipal de Atendimento Social Integrado Nelson Mandela, na favela Mandela, na Rua Leopoldo Bulhões, 800, no bairro Benfica. Mesmo desejando continuar na Nova Holanda, aceitei o convite como uma maneira de experimentar outras realidades comunitárias. Tratava-se daquilo que me referencio na música de Milton Nascimento quando diz “... a hora do encontro também é despedida”. É um encontro com o novo e o tempo do fio que tece a vida num encontro e reencontro que se refez muitas vezes em minha trajetória.

Penso que meu engajamento e a capacidade de articulação com a comunidade foram requisitos motivadores da minha promoção para um equipamento de porte maior que foi, à época, o Centro Municipal de Atendimento Social Integrado Chiquinha Gonzaga, no Morro da Fé no Complexo do Alemão, no ano de 2000. Nesse ano também concluí a graduação em Pedagogia e foi um período em que recebi uma boa gratificação por isso. O aprendizado em torno do desenvolvimento social com essas comunidades ampliou meu olhar no entendimento do papel socioeducacional da escola no impacto direto à formação de crianças e adolescentes nesses lugares.

À época, fiz concurso para a Secretaria Municipal de Educação do Rio e, mesmo aprovada, continuei no cargo anterior na SMDS, pois a gratificação somada ao salário fazia larga diferença em relação ao salário de professora. O fato de ter realizado o concurso para docência envolvia meu interesse de deixar o cargo administrativo e assumir a sala de aula, mas no fim das contas pesou a remuneração salarial.

No ano de 2001, para atender à Lei Nº 10.172, que aprovou o Plano Nacional de Educação, a Prefeitura Municipal do Rio procedeu à transferência das creches vinculadas à SMDS para a Secretaria Municipal de Educação, conforme descreve abaixo:

Por determinação da LDB, as creches atenderão crianças de zero a três anos, ficando a faixa de quatro a seis para a pré-escola, e deverão adotar objetivos educacionais, transformando-se em instituições de educação, segundo as diretrizes curriculares nacionais emanadas do Conselho Nacional de Educação. Essa determinação segue a melhor pedagogia, porque é nessa idade, precisamente, que os estímulos educativos têm maior poder de influência sobre a formação da personalidade e o desenvolvimento da criança. Trata-se de um tempo que não pode estar descuidado ou mal orientado. Esse é um dos temas importantes para o PNE (Lei nº 10.172/01).

Nessa reforma em atendimento ao Plano Nacional de Educação, certamente a Prefeitura do Rio de Janeiro teve que organizar o seu Plano Municipal de Educação como desdobramento da lei maior que justificou a mudança administrativa.

A Lei 10.172/01 considerava especialmente a faixa etária de zero a três anos que historicamente esteve sob o olhar da assistência social municipal. Mantidas as características assistenciais como cuidar e o educar previsto na LDB 9394/1996, o atendimento às crianças de mães trabalhadoras se misturou ao previsto também na LDB, que envolve a destinação de recursos para instituições comunitárias, filantrópicas ou confessionais.

Quanto a esse apoio financeiro, o trabalho na Nova Holanda permaneceu com sua proposta pedagógica fundamentada em preceitos freirianos, mas com o passar dos anos, a falta de uma coordenação que pudesse qualificar a formação dos professores e agentes comunitários cuidadores envolveu uma série de questões, o necessário enfrentamento político-pedagógico das realidades nem sempre pensados pelo poder público.

Por questões políticas e uma série de mudanças na estrutura da SMDS, fui exonerada do cargo de gestora da CEMASI em 2003, no período em que já residia no município de São Gonçalo/RJ. Também, ao fazer concurso público para São Gonçalo, assumi oficialmente minha nova matrícula em 2004 e continuei minhas atividades no Rio de Janeiro na função de apoio na 4ª CRAS.

O reencontro com as histórias da Maré, especialmente movido a partir da escrita desse trabalho, foi fundamental para a continuação e desdobramento de meu envolvimento na luta pela educação escolar para as classes populares, na qual me vejo envolvida a vida inteira. Como aborda Ribeiro (1986, p. 11) “não fomos capazes, até hoje, de criar uma escola pública honesta, adaptada às necessidades da população brasileira”, destacando o contraditório papel do poder público que, ao cumprir o previsto na legislação descumpra o mesmo com a qualidade necessária.

Após trinta anos nesse empreendimento, constato com tristeza que a luta das classes populares no processo de garantia por acesso à educação ainda não se materializou com a

qualidade mínima como também previsto na legislação brasileira. Trata-se do efetivo padrão mínimo de qualidade que minimamente não é garantido.

Contudo, é preciso reafirmar que esta “falta de qualidade” não está atrelada diretamente às práticas pedagógicas de professores/as que seriam mal formados/as ou descomprometidos/as com a escola e seus/suas estudantes, como tantas vezes os discursos sobre a escola querem fazer crer. Como afirma Abreu (2021, p. 139), em consonância com estudos como os de Garcia (2012), Araújo (2003):

As causas desse fracasso relativamente ao acesso ao universo letrado também não estão na prática do professor, pois existem excelentes profissionais da Educação em nosso país, principalmente nas escolas públicas municipais, estaduais e federais. Muitos são os esforços para superar esse quadro, mas o principal causador do baixo rendimento educacional das classes populares está na desigualdade social.

Percebo que as marcas definidoras do meu pensar-fazer docente se entrelaçam ao meu pensar-fazer no mundo em sociedade como marca que alimenta este trabalho problematizando as minhas relações entre vida pessoal e vida laboral num composto interligado. A partir daí, ganha sentido uma das questões que atravessaram esta pesquisa: como as experiências com a educação/escolarização das classes populares me moveram e formaram ao longo de minhas trajetórias de vida-formação?

Os caminhos percorridos na pesquisa delinearam questões fundamentais e inspiradoras para refletir, não só sobre o meu próprio processo de formação docente, como também sobre o desafio da construção de uma escola de qualidade para as classes populares, a partir da luta coletiva por melhores condições de vida e educação da população.

Escavar os processos de construção da escola das classes populares em comunidades como a Nova Holanda e suas reverberações na formação docente, pode contribuir para olharmos para o passado, buscando nele, com os olhos do presente, o que anunciava o futuro. Nas palavras de Spiga (2020), em diálogo com Benjamin, perscruta um *presente que reconheceu os brotos do futuro com os quais o passado foi carregado* (s/p).

3 ATRAVESSAMENTOS DA EDUCAÇÃO NA FAVELA: DIÁLOGOS PERMANENTES

A banca de qualificação me sugeriu redimensionar os rumos da pesquisa e a manter o foco da reflexão na luta coletiva dos/das moradores/as da Maré/Nova Holanda por melhores condições educacionais e de vida para os/as estudantes. Para me inspirar a prosseguir narrando sobre a Maré fui em busca do livro *Harum e o Mar de Histórias*, sugerido pela professora Maria Tereza. Após escavar e remexer, por cerca de dezoito meses as lembranças e histórias que me constituíram como moradora de Nova Holanda, o encontro com o menino Harum, que mergulha no oceano de histórias em busca de recuperar o dom de contar histórias perdido pelo pai, ao passar por uma grande perda em sua vida, me soou com um convite para retornar à Maré e (re)encontrar os movimentos coletivos que deixaram suas marcas tão profundas em mim.

Abrindo os caminhos para esta decisão, estavam ainda os fatos de parte de minha família, pai, mãe, irmão e irmã continuarem a morar lá, bem como os laços construídos no passado.

Nesse contexto, retornei à Maré, agora com um olhar curioso de pesquisadora, num belo dia de sol. No caminho, contagiada por essa luz e energia, deixei fluir meus pensamentos. Como a pesquisa seria recebida pelos/as sujeitos com os/as quais me encontraria? A Maré, em especial, a Nova Holanda pra mim é este lugar repleto de vínculos afetivos e de relações com a minha história. Como de costume, ao chegar fui recebida com abraços calorosos. Por onde passava ouvia meu nome, outras vezes, ex-alunos/as, hoje adultos/as, chamavam *professora*. Demorei um tempo cumprimentando-os/as. Quanto carinho senti! Tantas pessoas queridas. Queriam saber sobre minha vida, convidaram-me para entrar em suas casas e tomar um café. Prometi que voltaria outro dia. Essa espontaneidade carinhosa é uma característica singular das favelas. Devido aos confrontos policiais rotineiros, tenho ido bem menos do que gostaria à Maré, mas confesso que sinto muita falta dessa energia. Voltar como pesquisadora foi desafiador e instigante. Pensava eu, que oportunidade singular pesquisar um lugar que foi tão definidor para minha identidade. Foi neste lugar que estabeleci as primeiras relações, aprendi muito da visão do mundo que tenho, da minha ética e do anseio de lutar por uma sociedade mais igualitária e justa. Sentia o meu ritmo cardíaco aumentado com tantas expectativas. Era a alegria que me motivava e convidava a mergulhar reflexivamente, buscando entender ainda melhor como me tornei professora?

O movimento do retorno me levou ao Instituto Universidade Periférica⁴⁶ pela curiosidade acesa depois da leitura do livro *Mestre das Periferias*, publicado em 2021, como homenagem às pessoas da comunidade que se destacaram por suas contribuições para a vida comunitária, seja a partir de seus saberes, das respostas aos problemas do cotidiano das periferias, do espírito de solidariedade e de coletividade. Práticas são fortemente difundidas nas favelas, aldeias indígenas e quilombos. Entre os primeiros premiados como Mestre das Periferias, em cerimônia no Galpão Bela Maré, em agosto de 2018, estavam figuras ilustres reunidas em um encontro inédito: Conceição Evaristo, Antônio Bispo, Ailton Krenak e Marielle Franco (*in memorian*). O segundo lugar que visitei foi o Centro de Artes da Maré, minha mãe e irmã são frequentadoras deste espaço cultural. Sempre tive curiosidade de conhecê-lo melhor, pois tenho grande apreço pela dança e pela arte. Além do samba, hoje dedico parte do meu tempo a danças cigana e à do ventre.

Todo esse movimento de mergulho no campo resultou em nove entrevistas, que foram gravadas, tendo como suporte o gravador do *smartphone*, resultando em arquivos contendo 263,99 horas de gravação. Os/as entrevistados/as assinaram termo de livre consentimento e as entrevistas foram transcritas, sendo incorporadas às reflexões da pesquisa.

Na seleção dos sujeitos entrevistados/das, procurei contemplar um pouco da diversidade de projetos e ações educativas articuladas a Redes da Maré, bem como ao projeto Instituto Universidade Periférica, que pude conhecer por meio da pesquisa.

Em função da demanda do próprio tempo para encerramento da pesquisa, como também das (im)possibilidades de incorporar todo material empírico às reflexões da pesquisa, do conjunto das entrevistas realizadas selecionei cinco para compor a última parte da dissertação. Os sujeitos entrevistados/a foram Camila, Henrique, Doug, Marcelo e Bruno.

Da mesma forma que na primeira parte da pesquisa, optei por fazer de minha narrativa da experiência do vivido o fio condutor da pesquisa. Nesta segunda parte, elegi as falas, impressões e sentidos sobre os processos formativos da/na Maré produzidos pelos/as entrevistados para conduzir as reflexões finais, mesmo que provisórias da investigação.

⁴⁶ O Instituto Universidade Internacional das Periferias (UNiperiferias) é uma universidade internacional, livre, periférica, nascida e instalada fisicamente nas periferias do Rio de Janeiro e projetada pelo Instituto Maria João Aleixo (IMJA), (nome dado em homenagem ao pai e mãe (*in memoriam*) de Eliana Souza e Silva, educadora referência de tantas lutas dentro da comunidade e inúmeras vezes citada nessa dissertação. Disponível em: <https://imja.org.br/pt-br/> Acesso em 7 de abril de 2023

3.1 CAMILA: O Instituto Universidade periférica como de formação

Em visita ao Instituto Universidade Periférica tive a grata oportunidade de conhecer Camila, uma colaboradora que pôde explicar um pouco sobre a instituição.

Começamos a entrevista com Camila se apresentando:

Eu tenho 26 anos, sou moradora da Maré, da Nova Holanda, e atualmente sou estudante de Relações Internacionais na UFRJ. Eu sempre estudei em escola pública, sou uma mulher negra, periférica e encontrei oportunidade no começo pela Redes na Maré, através do Jovem Aprendiz da Petrobrás, quando eu tinha 16 anos e, a partir daí, eu estava terminando o Ensino Médio e depois eu *linkei*, já que eu estava na Redes da Maré, eu *linkei* para fazer o projeto de pré-vestibular que a Redes oferecia, ainda oferece, inclusive, já que eu havia terminado o Ensino Médio e queria ter uma oportunidade no Ensino Superior. E aí, eu fiz durante um ano, mais ou menos, o ensino de preparatório para o Ensino Superior pela Redes e passei no vestibular, e hoje eu estou na UFRJ, estou no finalzinho do curso (entrevista com Camila no Instituto Universidade Periférica, na Favela Nova Holanda, em 23 de mar de 2023)

De sua apresentação inicial, duas questões me chamaram a atenção: seu autorreconhecimento etnicorracial como uma questão potente e sua declaração de que aos 16 anos já começa a se desenhar para ela o desejo pelo ensino superior. Importante destacar também que o caminho para a conquista desse direito, ainda tão distante de grande parte de jovens brasileiros/as como ela, foram encontrados dentro da própria comunidade: jovem aprendiz, ensino médio, pré-vestibular comunitário que a leva até a Universidade Pública.

Dando continuidade à nossa conversa, senti a necessidade de entender um pouco sobre a trajetória dela no Instituto e questionei: *Como tem sido sua trajetória no Instituto?*

Eu entrei [para o Instituto] no final de 2016, e nesse período eu estava em busca de estágio, porque estágio na minha área de R.I. não é fácil de se encontrar, se você não tem conhecimento, e eu não tenho. E aí, eu conhecia, desde o pré-vestibular, o Bira, que hoje é falecido, mas na época ele era uma pessoa que além de amigo pessoal, foi uma pessoa que me deu muitas oportunidades na vida, inclusive ele trabalhava aqui no Observatório de Favelas, e ele conhecia o Jailson, a Nalva e as pessoas que trabalhavam no Instituto como o Felipe, o Cléber, o Felipe Moulin, outras pessoas que também já passaram por aqui, mas eles estavam com um programa, na época foi em 2017-2018 se eu não me engano, estavam com um programa de bolsas para estagiários e eu me candidatei através do Bira. E aí, eu participei do processo seletivo e fiz entrevista com o Alberto e hoje estou aqui. (entrevista com Camila no Instituto Universidade Periférica, na Favela Nova Holanda, em 23 de mar de 2023)

A trajetória de Camila, além de romper com os estereótipos de que todos/das as pessoas da favela estão ligados/as à violência ou ao narcotráfico, confirma o papel e a

importância dos movimentos populares e de organizações civis, como o Observatório de Favelas, para favorecer perspectivas de vida outras para a população mais pobre.

Sua trajetória acadêmica é demarcada pelas contradições sociais que, apesar do esforço, deixa muito claro que encontrar um lugar e uma oportunidade na realização de estágio/emprego é ainda mais desafiador para quem vem da comunidade. Camila relata como as portas se abriram para ela com esforço e dedicação pessoal e familiar, o que fica evidente quando reconhece o papel de Bira, como patrono do pré-vestibular social da comunidade.

Outra coisa muito interessante que percebi foi como ela foi citando as pessoas da comunidade que foram lhe dando apoio e nesse movimento como estagiária e posterior colaboradora do Instituto na área administrativa, indica a força desse coletivo que vem se dando, seja por meio do Instituto ou outras ações sociais.

Comecei como estagiária e fiquei dois anos como estagiária no Instituto, me deram a oportunidade de trabalhar na área administrativa financeira, essa oportunidade veio através da Luciana que era uma ex-coordenadora minha, que eu trabalhava inicialmente aqui no Instituto no eixo de formação, e em alguma reunião, em algum momento que teve aqui no Instituto ela falou do meu trabalho, como estava sendo desenvolvido, Felipe Almeida, que é a pessoa que está como coordenador do Instituto, do administrativo do Instituto, me deu essa oportunidade também e hoje estou aqui no administrativo financeiro. (entrevista com Camila no Instituto Universidade Periférica, na Favela Nova Holanda, em 23 de mar de 2023)

Não ficou claro para mim, contudo, o que significa ser colaboradora do Instituto. Se envolve algum tipo de vínculo empregatício.

A entrevista com Camila reforça, a meu ver, questões que venho defendendo neste estudo: o rompimento com as lógicas excludentes e subalternizadoras que predominam na sociedade capitalista não é possível sem o comprometimento de homens e mulheres da favela.

Sobre o Instituto, Camila explicou:

... é buscar construir um movimento internacional das periferias, que sempre ali articula com os parceiros, com os pesquisadores, com as atividades dos ativistas sociais, produtores culturais, tanto que somos parceiros da Redes na Maré, do Observatório de Favelas, de outras instituições de outras comunidades, e a gente está sempre ali naquela proposta de construir, de construção desse movimento, de associar o instituto, sempre agregar a pesquisa e ao conhecimento não só dentro das comunidades do Complexo da Maré, mas sim em todo o território do Rio de Janeiro em outras comunidades do Brasil e do mundo. E aí, a gente está nesse momento de crescimento, de pesquisa, de construção e sempre colaborando para ampliar os estudos e essas proposições de políticas de desenvolvimento em todos os territórios. O Instituto, assim, resumidamente, é isso. (entrevista com Camila no Instituto Universidade Periférica, na Favela Nova Holanda, em 23 de mar de 2023)

A resposta de Camila me fez pensar sobre a relação criativa entre diferentes parceiros, pesquisadores e ativistas de movimentos sociais na produção da cultura da Maré. Isso é evidenciado com a produção do conhecimento da Redes da Maré e Observatório de Favelas no coletivo comunitário que defende os direitos dos/das moradores/as. Nesse sentido, os territórios são ressignificados, e para além da violência instaurada nestes territórios, a grande contribuição e o caldo cultural por trás desses movimentos é exposto como modo de resistência fundamental e vida que pulsantemente emerge do coletivo de práticas sociais.

Após essa explicação questionei: *Como é trabalhar no Instituto?*

Trabalhar no Instituto, pra mim, é muito gratificante, né? Pois aqui eu estou crescendo, não só como pessoa, mas como uma estudante, mera estudante, futura talvez pesquisadora, porque lido com diversas pessoas aqui, uma diversidade de pessoas de diversas áreas, de diversas profissões, que trabalham com diversos temas que não fogem da nossa realidade e que sempre contribuem também no meu crescimento intelectual, porque aqui eu estou em constante aprendizado, eu digo que aqui é uma escola para mim, o Instituto, não apenas um instituto de construção de movimento internacional, como o Instituto se denomina. Mas aqui eu digo para você que é uma oportunidade que é única para mim, sei que tenho diversas formas de crescimento aqui dentro, diversas formas de oportunidade e estou buscando, *tô* construindo meu castelo, *tô* aprendendo com os com os mestres que trabalham aqui comigo, e é muito bacana, assim, para mim é gratificante mesmo trabalhar no Instituto. (Entrevista com Camila no Instituto Universidade Periférica, na Favela Nova Holanda, em 23 de mar de 2023)

É notório o interesse e a felicidade de Camila em correlacionar sua formação acadêmica com aquilo que vive com o trânsito e a riqueza de conhecimento promovida pelo Instituto. Sua fala revela uma formação integral que complexamente se dá pelo modo como o conhecimento internacionalmente se estabelece e pontua a riqueza da Maré como oportunidade e linguagem própria de produção da cultura.

O simbolismo trazido pela figura dos/das professores/as e mestres/as que contribuem com o instituto revela o lugar do/da professor/a e do conhecimento como modo de ultrapassar os estereótipos e estigmas àqueles/as que são moradores/as da Maré.

Ao final, parabeneizei-a pela bela trajetória e pela pessoa que ela representa para mim nesse momento de pesquisa como alguém que, assim como eu, anos atrás tive uma trajetória similar que envolveu o esforço pessoal e a contribuição de pessoas conhecidas ou desconhecidas, mas que todos, no mesmo sentimento aguerrido, fez da luta sua força maior em prol da comunidade da Nova Holanda e de toda a Maré.

3.2 Henrique e o Centro de Artes

Em visita ao Centro de Artes da Maré, tive a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre o modo como a arte se estabelece, desdobra-se, adquire linguagens próprias e se manifesta na riqueza e no coletivo social. Estando lá conheci Henrique, um jovem que pôde apresentar o trabalho realizado ali no Centro de Artes.

Solicitei que o Henrique pudesse falar um pouco sobre o Centro de Artes e o modo como se desenvolve o cotidiano das práticas sociais.

Prazer, eu sou o Henrique. Então, Mary, o Centro de Artes, como eu havia dito, é um equipamento da Redes da Maré em parceria com a Lia Rodrigues Companhia de Dança. Então, nós estamos aqui desde 2010, o Centro de Artes foi inaugurado em 2010, era, realmente, antes de nós inaugurarmos, um galpão abandonadíssimo, lá atrás eu vou mostrar umas fotos e tudo mais. Então, com a necessidade da Lia Rodrigues de encontrar um espaço aqui no território - porque a Lia também é daqui do território e tudo mais - com a necessidade dela encontrar um espaço aqui na Maré, ela viu aqui o Centro de Artes e nós já tínhamos essa parceria com a Lia lá no prédio central da Rede, onde ela já tem uma sala de dança também. Então, ela se juntou com a Rede e fundaram aqui o Centro de Artes que é dividido como Galpão 1 e Galpão 2. Aqui no Galpão 1 acaba sendo o galpão da escola, que nós temos aqui a Escola Livre de Dança da Maré, onde nós temos como objetivo oferecer aulas gratuitas e acessibilidade para os moradores aqui da Maré em si, em geral, independentemente de idade, de condição social, mental, psicológica, nós oferecemos para todos os públicos. E juntamente à escola, nós temos também o Núcleo 2, que são alunos bolsistas num curso intensivo em dança, uma formação intensiva dança, porém contemporânea. Eles estão conosco aqui todos os dias, das 14h até as 17h só dançando, tudo que eles fazem é dançar. Eu vou te mostrar também um pouco do núcleo, eles estão agora em aula. Esse aqui é o núcleo deles. Se quiser, pode tirar foto também. Hoje quem está lecionando a aula é a Isabela, uma aluna também do Núcleo 2, eles são uma turma de 20 alunos, fazem esse programa aqui. (Entrevista com Henrique no Centro de Artes da Maré, na Favela Nova Holanda, em 23 de mar de 2023)

Na fala de Henrique foi muito interessante perceber a conexão entre as instituições promotoras de desenvolvimento social na Maré, como elas estão vinculadas numa circunstância de rede. Redes da Maré tem vários projetos e eixos, entre eles estão o Centro de Artes, e vinculam-se em todas as instituições como, por exemplo, o Instituto Universidade Periféricas, Casa Preta da Maré, Casa das Mulheres da Maré, Espaço Normal, Biblioteca Popular Lima Barreto, Lona Cultural Municipal Herbert Vianna.

Essa correlação direta demonstra a harmonia entre seus dirigentes, instituições promotoras e o modo como os territórios se resignificaram durante as décadas. Na exposição sobre o desenvolvido no Centro de Artes, Henrique trouxe a importância desse espaço e das

aulas gratuitas para a comunidade que estão acessíveis a todas idades ou condições físico-sensoriais, intelectuais ou formativas para todos os moradores.

A relação da dança, do corpo e da expressão que a arte traz é algo muito valorizado que, no misto da formação destes dançarinos/as, ganha outros espaços para além da própria Maré.

Quando questionei qual era o estilo de dança contemporânea, Henrique disse que era o *jazz* e fiquei encantada com o modo como os/as alunos/as estavam sendo instruídos e expressavam com muita beleza a dança. Somado a isso, vários/as alunos/as desse projeto alcançam companhias internacionais são contratados por instituições de peso, o que mostra a relevância e a técnica do trabalho realizado pelos professores do Centro de Artes. Isso pode ser retratado na foto abaixo:

Figura 24 - Aula de jazz do Centro de Artes da Maré



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Figura 25 - Galpão do Centro de Artes



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Ao explicar sobre como funcionam e como estão os espaços o Henrique diz:

Então, aqui é o Núcleo 2, nós temos também o Núcleo 1. São todas as outras turmas da escola de dança, todas as outras turmas que fazem dança aqui, as aulas gratuitas. O Núcleo 2 eles são alunos bolsistas, eles recebem por estarem aqui, e o Núcleo 1 não, o Núcleo 1 são todas as aulas gratuitas, então nós temos balé, que a Sílvia, aquela senhorita está lá sentada na mesa, temos dança de salão, dança contemporânea, consciência corporal, temos várias modalidades de dança aqui. E então, esse é o nosso Galpão 1. Já, já eu vou explicar um pouco sobre a exposição que nós estamos aqui. (Entrevista com Henrique no Centro de Artes da Maré, na Favela Nova Holanda, em 23 de mar de 2023)

Foi agradável validar nesta visita como esses espaços remodelados e conservados são muito bem utilizados pela comunidade para essas aulas gratuitas. Muitas delas são desenvolvidas por alguns bolsistas, moradores da Maré e que fazem valer o investimento público/privado na Instituição.

E aqui é o segundo galpão daqui do Centro de Artes, que é o galpão de residência artística da Lia⁴⁷. Todas as vezes que eles estão aqui no Brasil, eles utilizam esse espaço aqui, esse tablado, para desenvolver, criar, fazer tudo o que eles têm que fazer. Então, aqui é o espaço deles também. Achou? ...Tá bom, tudo bem. Então, aqui é o espaço deles. Resumindo, o Centro de Artes é isso, né? Nós temos como principal foco atualmente, porque nós recebemos mais aulas de dança do que aulas de outras atividades, assim, de outros tipos de artes, nosso principal foco acaba sendo mesmo a dança. Aquela lindíssima é a Regina, nossa auxiliar de serviços gerais aqui do espaço, ela é que cuida. Aqui nós temos umas imagens mais ou menos de como que era antigamente. E não sobrou mesmo nada, nada, nada aqui do espaço além de uma balança industrial muito, muito, muito antiga, que fica lá do outro lado. Então, aqui em 2008, quando nós estávamos sondando, e acho que foi quando se comprou o galpão. (Entrevista com Henrique no Centro de Artes da Maré, na Favela Nova Holanda, em 23 de mar de 2023)

Ao falar sobre o trabalho de Lia Rodrigues, o Henrique toca num ponto muito importante, ou seja, o modo como o Centro de Artes se comunica com artistas renomados que, assim como Lia Rodrigues, tem dado visibilidade ao trabalho realizado na Maré em diferentes países do mundo. Com sua companhia fundada em 2003, Lia tem feito pontes com muitas companhias internacionais. Lia Rodrigues, uma paulista que se apaixona pela Maré e encontra na Maré uma conexão profunda com a arte.

Não apenas o trabalho de Lia, mas em sua fala Henrique reconhece o trabalho de todos quando faz menção à Regina, “aquela lindíssima”, referindo-se a uma colaboradora auxiliar de serviços gerais que estava ali cuidando do espaço. Isso mostra como sensivelmente a formação de Henrique está incluindo a todos, independente do modo como contribui para o trabalho realizado no Centro de Artes. Também nessa conversa lembrei e comentei com

⁴⁷ Disponível em: <http://www.liarodrigues.com> Acesso em 7 de Abr de 2023

Henrique que Eliana, há muitos anos, estava querendo esse espaço utilizado pelo Centro de Artes que à época foi ocupado pela Escola de Samba Gato de Bonsucesso.

Após esse momento com Henrique, ele faz menção à exposição de arte que estava no galpão lateral e que eu precisava conhecer. Tratava-se de um coletivo artístico produzido por artistas negros periféricos aqui da Maré e como pesquisadora fiz questão de conhecer.

Figura 26 – Foto tirada no momento da visita ao Centro de Artes e exposição Negras Marés, mediada por Douglas, que se encontra no centro da foto, e Henrique à direita



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Gostaria de ressaltar que Henrique, quem expôs o trabalho realizado no Centro de Artes, é angolano e que foi muito bem acolhido pela comunidade Nova Holanda ao chegar ao Brasil, e entendeu a relevância desse trabalho e sua conexão com a África.

3.3 “Antes de escravidão, havia o mar”, Doug e a exposição negras marés

Doug se apresentou como morador da Nova Holanda há 33 anos e como pesquisador da cultura hip-hop há 15 anos. Revelou conhecer, pessoalmente, grande parte dos artistas que produziram as obras que compunham a exposição.

Sim. É, eu sou, na verdade, eu estou como mediador da exposição, mas já trabalho na Rede já há um tempo também, indo e vindo, mas trabalho com dança também, sou pesquisador da cultura hip-hop já há uns quase 15 anos, então eu tenho minhas pesquisas, mas é isso, sempre procurando somar. (Entrevista com Doug no Centro de Artes da Maré, na Favela Nova Holanda, em 23 de mar de 2023)

O prazer e o envolvimento com o qual apresentava a exposição Negras Marés deixava entrever que além de alguém que estava mediando a exposição e concedendo uma entrevista Doug, fazia daquele momento de conversa uma oportunidade para falar sobre suas impressões, interesses, releituras sobre as obras de arte e como elas se estabeleceram dentro da exposição e o coletivo da Maré.

Guiada por Doug, fui percorrendo a exposição Negras Marés e acompanhando sua intensa apresentação sobre o que significava cada uma das etapas e obras da exposição:

Então, para a gente falar de Negras Marés⁴⁸, a nossa exposição, feita pela Casa Preta, a gente vai estar falando muito dessa conexão que a gente tem dos povos negros com a água e a gente vai falar muito da diáspora também, né? Que a diáspora primeiro você vai escutar na bíblia, falando sobre essa migração dos judeus, onde eles são separados, são expulsos, na verdade, para outro lugar. Só que na década de 50 ou 60, a gente tem todo esse movimento do *Black Studies* nos Estados Unidos de negros estudando nas faculdades, pesquisando, pesquisadores, e eles entendem que, na verdade, a palavra *diáspora*, para ela cabe justamente a esse processo de migração dos negros de África, por exemplo, pro Brasil, um exemplo dando assim. E aí, eles entendem que, tipo, não, isso não pode ser usado simplesmente só para os judeus, isso se encaixa com a nossa história. Então a diáspora, e aí, na verdade, a gente fala migração, mas na verdade foram expulsos, né? E toda essa conexão com o mar também, porque nesse processo da escravidão, muitas pessoas ficaram pelo mar. Nem todos conseguiram chegar, né? (Entrevista com Doug no Centro de Artes da Maré, na Favela Nova Holanda, em 23 de mar de 2023)

A consciência do mediador ao expor a relação entre a diáspora bíblica e a diáspora negra é muito interessante, pois por ser o Brasil um país de cultura cristã bíblica, o entendimento sobre o que representou a diáspora bíblica pode ajudar a entender a diáspora africana.

Esse movimento diaspórico, não apenas se refere ao retorno à terra de origem, mas sua cultura, matrizes ancestrais que identificam o povo negro com a mitologia, à ciência africana, ao conceito de afrodescendência, como modo de ressignificar o ser negro no Brasil, além do fato de Doug ter trazido algo muito importante, a relação entre as influências internacionais desse movimento na Maré.

Também, ao fazer a relação entre mar e terra, entre conexão Brasil e África, Doug contribui ao afirmar:

... a exposição começa com essa frase que está bem aqui “Antes da escravidão, havia o mar”, como essa conexão, o que separa o Brasil, por exemplo, da África, é o mar, mas quando você vai, por exemplo, no Nordeste, mais acima, fica mais perto da África do que a gente que está aqui, mas tem toda essa ligação. (Entrevista com Doug no Centro de Artes da Maré, na Favela Nova Holanda, em 23 de mar de 2023)

⁴⁸ Disponível em: <https://www.redesdamare.org.br/br/noticia/72/exposicao-negras-mares-sera-inaugurada-no-centro-de-artes-dmare> Acesso em 7 de Abr de 2023

“O que separa o Brasil da África é o mar...”. A fala de Doug fez minha imaginação fervilhar... A exposição, para mim, exemplificou o esforço das instituições da Maré para contar uma história que precisa sempre ser recontada e ressignificada.

Diante da obra retratada abaixo, questionei Doug sobre qual seria a relação entre os/as moradores/as da Maré e o mar.

Figura 27 – Obra de arte Exposição



Fonte: Exposição Negras da Maré

Receber como doação uma canoa dos pescadores para fazer parte da exposição mostra que a relação da colônia de pescadores da região com a Maré ainda é intensa, pois muitos moradores estão ligados a essas colônias de pescadores. Se a Maré sempre viveu do mar e o mar sempre significou a Maré, essa correlação tanto no modo de trabalhar a natureza e viver dela é muito significativa.

A respeito da relação da Maré pelos pescadores, Doug justifica:

A gente tem aqui no Parque União, a gente tem uma colônia, no Pinheiro a gente tem uma colônia de pescadores também, em Ramos e também na Kelson, e a galera aqui também sempre viveu do mar, sempre teve muitas pessoas que estavam pescando, vivendo do mar e tudo isso. (Entrevista com Doug no Centro de Artes da Maré, na Favela Nova Holanda, em 23 de mar de 2023)

Ao falar sobre a arte e os artistas do lugar, ele faz referência à Noban:

Sim aí, de fato, entrando na exposição, por exemplo, aqui a gente tem três quadros, na verdade, que é Noban, que é um grafiteiro, ele é um grafiteiro antigo na cena do grafite urbano, mas ele tem todo esse lance com a arte, com essa pintura a óleo e sempre representando a religiosidade, entendeu? E aí, a gente tem, por exemplo, como se fosse, eu interpreto como devolver ao mar, né? (...) Vou até a Lima Barreto⁴⁹ saber mais sobre o livro que você falou. (...) Muito bacana. Aqui a gente

⁴⁹ Disponível em: <https://www.redesdamare.org.br/br/info/6/biblioteca-popular-escritor-lima-barreto> Acesso em 7 de Abr de 2023

tem o Derret, que é um artista aqui da Maré, também grafiteiro que faz toda essa pintura sempre com esses traços, assim, sempre representando a pele preta, a pele negra, e com essa pintura sempre um pouco rústica, assim, a pincel. Esse quadro é um quadro que foi encomendado pela gente, um *demassê*, que a gente queria um quadro que justamente, com o mapa da Maré, mas a gente queria essa representação de rios. Mas o interessante desse quadro é que ele tentou fazer três vezes, mas não conseguiu porque teve operação dentro da comunidade. Todas as vezes que ele iria sair (Entrevista com Doug no Centro de Artes da Maré, na Favela Nova Holanda, em 23 de mar de 2023)

Ao fazer essa referência, Doug faz a correlação entre o artista e a expressão em arte sobre a religiosidade do lugar e o modo como o mar é interpretado e reinterpretado muitas vezes pela arte.

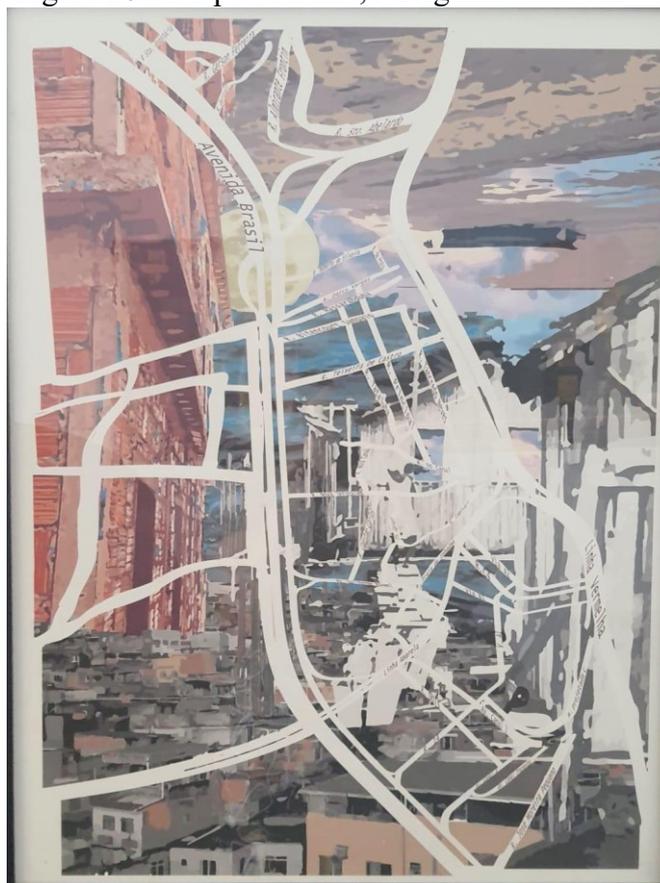
Ao falar sobre a Biblioteca Lima Barreto, comentando que estaria buscando um livro que citei para ele, Doug diz que estaria indicando essa obra para outras pessoas, o que demonstra a riqueza da biblioteca local para a sua população. Inclusive, o próprio nome da biblioteca é muito interessante por ressaltar a relevância de Lima Barreto para a literatura brasileira e o fato de ser negro.

Em outro momento, a referência à outra obra de representação sobre os rios que antes cortavam a comunidade e sua ligação com o mar, Doug fala da geografia local e como essa geografia é muito significativa na ligação da Maré com os rios e com o mar que desemboca na África numa relação plena entre continentes, povos e negritudes.

Ao se referir ao trabalho de outro artista que estava realizando fotos no Complexo da Maré, Doug diz que seu trabalho foi interferido por inúmeras operações naquele dia, e o artista não conseguiu realizar o seu trabalho:

Foi, é. Muita doideira, né? E aí, ele queria ver o rio, ele queria olhar mais pra poder estar fazendo esse quadro pra gente, só que ele não conseguiu. Então ele, numa conversa com a gente, ele começou a fotografar da janela na casa dele, e aí, ele começou a perceber que, na verdade, se você olhar as ruas da Maré, o Complexo da Maré tanto de cima, dependendo da onde você estiver, é como se fosse rios, toda costurando uma na outra, tal como se fosse rios, então ele trouxe essa ideia com as fotos que ele tirou e pegando algumas fotos antigas da Maré representando a palafita. Então, ele vem e monta esse mapa pra gente e a ideia inicial...(Entrevista com Doug no Centro de Artes da Maré, na Favela Nova Holanda, em 23 de mar de 2023)

Figura 28 – Mapa da Maré, ressignificado à luz do artista



Fonte: Exposição *Negras da Maré*, 2023

Assim como o artista, eu também quase não consegui fazer a visita nesse dia por conta de operações da polícia militar dentro do Complexo. Esse é um marco rotineiro que precisa ser registrado, pois as disputas territoriais entre narcotraficantes em diferentes áreas do Complexo da Maré, e principalmente as incursões policiais afetam diretamente a vida da população e o trânsito de produção do conhecimento cultural dentro do Complexo.

Ao falar da literatura, Doug traz uma obra da literatura infantil voltada para crianças envolvendo a artista Stefany Silva:

Aqui a gente tem uma parte de literatura que é para quem quiser vir na exposição e quiser simplesmente dar uma olhada nos livros, sentar e ficar mais à vontade, aí a gente tem uma literatura infantil voltada para a criança, aqui também para identidade de gênero, sexualidade também. Aqui é Stefany Silva, ela é uma artista (...) Ela é uma artista indígena aqui da Maré, a gente tem uma galera indígena bem legal aqui, uma porcentagem alta, e ela faz justamente toda essa relação da mulher indígena com o mar também, né? Ela sendo indígena, ela faz essa representação. Aqui a gente tem a Luna Bastos, que faz todo... ela tem essa arte dela em quadros, com essa textura de crochê, feita à agulha nessas costuradas, e ela sempre faz essas texturas, sempre representando a mulher negra também e o mar também. E ela não é aqui da Maré, ela é nordestina, mas a gente veio e colocou também a exposição dela aqui. Essa parte aqui a gente tem algumas artes justamente de Felipe Bacelar, e a gente tem que esse quadro, é um quadro que eu gosto muito, que é um quadro que, na

verdade, ele reflete muito esse lance da gente cuidar dos nossos, né? E a gente tem, por exemplo, duas pessoas negras com cabeça de coração, justamente para dar essa ideia de tipo “não, vamos cuidar do nosso”. (Entrevista com Doug no Centro de Artes da Maré, na Favela Nova Holanda, em 23 de mar de 2023)

Figura 29 – Obra de arte da Exposição



Fonte: Exposição *Negras da Maré*, 2023

A contribuição da mulher negra é fundamental, segundo o mediador que me apresentava a exposição e ele vai falar de algo interessante que é a relação entre Stefany Silva, enquanto artista indígena, Luna Bastos, que expõe pela textura do crochê sua arte à luz do conhecimento nordestino que traz consigo, e o modo como a Maré é sentida por diferentes confluências de migrações de pessoas de diferentes culturas e estados brasileiros para dentro do seu território.

Também na obra de Felipe Bacelar, o coração que substitui a cabeça, mostra como a sensibilidade de seus moradores pela afetividade, pela capacidade de se colocar no lugar do outro é fundamental para o desenvolvimento do coletivo social.

Ao tratar do que significa o coletivo negro, Doug afirma:

Afetividade, justamente. Aqui a gente tem a Maré Negra. A Maré Negra, na verdade, se não me engano em 2013 teve censo e a gente, com os dados, percebeu que a Maré é negra, porque 62% da população da Maré é negra, e aí a gente celebra justamente isso trazendo artistas da Maré, alguns não são da Maré, mas a maioria sim. Então essa representação, por exemplo, o fotógrafo Arthur Viana, ele é um fotógrafo da Maré e ele sempre está fotografando esse cotidiano da Maré. (...) Ah, ele é incrível. Ali a gente tem o Renato Cafuzo, que faz esse quadro, na verdade, em homenagem ao Cadu Barcelos, que é um cineasta que infelizmente, em 2020 ele foi assassinado, saindo na festa, e era uma pessoa muito querida, então tem todo esse lance da homenagem. Wagner França também é um fotógrafo muito bom. Aqui a gente tem alguns exemplares, por exemplo, do Maré de Notícias, que foram três matérias que foram importantes, por exemplo, essa daqui a 71 foi um jornal todo dedicado... A Helena Edir. (...) É, Helena Edir. Um jornal todo dedicado à Consciência Negra. Por

exemplo, o Hélio ele gosta muito desse, porque na verdade, foi a primeira vez que se faz uma notícia sobre as operações, sobre esses confrontos que tem na Maré e esse de 77 fala justamente desse ato que teve onde os estudantes mais moradores, eles encontram numa passeata e fazem a passeata da paz. (Entrevista com Doug no Centro de Artes da Maré, na Favela Nova Holanda, em 23 de mar de 2023)

O cotidiano é exposto numa situação de representatividade maior da pessoa negra dentro do território da Maré e, por isso, esse tema tem que ser sempre trazido à tona como simbolismo do que significa a Maré.

O cinema e a fotografia fazem dos personagens principais da Maré, como Helena Edir que contribuiu muito para expor a relevância da Consciência Negra e que, desde a década de 1970, foi trabalhada nos movimentos de resistência às violências sofridas pelos moradores da própria Maré. Quanto a isso, o cinema, a fotografia, os meios de comunicação foram fundamentais para dar visibilidade a tudo o que acontecia ali.

Ao falar sobre as capas de jornais e como a mídia lidou com circunstâncias de violência, Doug trouxe o seguinte:

Sim. Aí foram três capas assim, bem impactantes assim. Aqui a gente tem a Nlaysia, que é uma arte diferente, na verdade, né? Quando a gente está na exposição, tudo é muito à nossa frente, sempre acima dos nossos olhos, né? Tudo que as obras, tudo. A Nlaysia, ela é uma artista trans aqui da Maré e ela traz esse conceito totalmente diferente de arte, que é tipo, você se debruçar para olhar, tem uma outra relação com a arte. E aí, quando ela traz, ela traz um mapa da Maré, mas dependendo de como você olhar, você pode ver outras coisas como uma fenda, por exemplo, né? (...) Pode ser o mar também. E aí tem algumas escrituras que ela faz, mas dependendo da onde você ler, tem um significado diferente. Então, uma obra que ela não tem um significado único. (Entrevista com Doug no Centro de Artes da Maré, na Favela Nova Holanda, em 23 de mar de 2023)

Figura 30 – Obra de arte da exposição



Fonte: Exposição *Negras da Maré*

O conceito de arte e o modo como a arte se correlaciona com os meios de comunicação fez com que o olhar sobre a Maré fosse também um olhar diferenciado. Quanto a isso, os jornais locais foram também assumindo o seu protagonismo e demonstrando como a força do povo faz toda diferença ao escrever, e descreveu a Maré com um novo sentido e significado.

Sobre os movimentos LGBTQIA+, Doug afirma:

É, as pessoas que vão ver, elas vão ter uma percepção diferente disso. E aí, a gente vem justamente para essa parte, que é a parte de gênero, de sexualidade e identidade, retratando também toda essa violência LGBTQIA +, né? Aqui, na verdade, a gente tem a Rayanne, que ela faz todo esse trabalho com colagem, ela faz esses trabalhos aonde ela traz justamente artistas negras, eles são artistas também LGBT. Aqui, na verdade, a gente tem essa obra, que eu acho que é uma obra muito interessante, que é a do Carlos Marra, que ele é conselheiro tutelar e artista também, homossexual, e ele relata justamente essa vida dele na escola, quando criança, né? E aí, por exemplo, você tá vendo escrito “Carlos é viado”, e isso foi uma coisa que realmente aconteceu com ele na época de escola que as pessoas escreviam isso. (...) Exatamente. E aí, a cadeira tem um monte de mão vermelha, como se fosse sangue e tudo isso, né? E aí você escuta esses dizeres, por exemplo, né? Mas tem algo muito interessante nele, por exemplo, são crianças gritando, só que chega um determinado momento que essas vozes vão mudar, agora, eu acho. E aí, você percebe, na verdade, que as vozes já estão mais maduras, e aí, você entende que, tipo, a infância foi assim, a adolescência também, e conforme ele foi crescendo isso se repetia e ele tem justamente essa fala dele que é “acudem seus viados desde criança”, dessa afetividade do tipo “não, somos pessoas também”.(Entrevista com Doug no Centro de Artes da Maré, na Favela Nova Holanda, em 23 de mar de 2023)

A partir da sua fala, ele retrata o sofrimento e preconceito daqueles que sofreram e sofrem as violências simbólicas fruto de uma sociedade que lida com o tema por meios violentos também. Somado a isso, sua fala vem carregada da soma de estereótipos que envolvem o ser negro e o ser pertencente e identificado com o grupo LGBTQIA+.

Ao mesmo tempo, a exposição que remonta uma cadeira cheia de sangue mostra a morte prematura de jovens que foram violentados por conta de sua opção sexual.

Falando ainda sobre a criatividade pela arte, Doug contribui:

Muito criativa. E o Carlos é um amor de pessoa. Aqui a gente entra na parte de memórias e identidades, e aí aqui a gente traz, por exemplo, toda essa cultura dos bailes de galera que tinha, por exemplo, da década de 90, e que hoje voltou em peso, assim, com muita força, né? Então, a gente tem essas camisas com nomes da comunidade, da galera que você faz parte, tudo isso. Aqui a gente traz também essas camisas que foram projetos que tiveram na Redes, alguns continuam, outros já não tem mais, mas que fizeram parte, né? (...) Faz parte da história. Então, ativa todo esse lance da memória. Aqui a gente tem, por exemplo, mais quadros ainda representando memória e identidades. Aqui a gente tem do Fagner França, mais uma vez, que é um fotógrafo excepcional percussionista e de outras pessoas tipo Alexandre Carriço também, que ele traz todo esse lance da barbearia, do corte de cabelo, então toda essa cultura que tem dentro da comunidade, entendeu? Essa parte a gente dedica pro Gato de Bonsucesso, o “Mataram meu gato”, eu gosto mais de

“Mataram meu gato”, eu tenho um afeto com esse nome. E aqui é (...) Eu sou da Nova Holanda, nascido e criado aqui. (...) Sim. Aqui a gente já tem o Guilherme Kid, que é um artista de Madureira e ele traz em três quadros todo esse lance da cultura negra em Madureira, que é muito forte, muito pulsante, um polo de cultura negra Madureira, né? Por exemplo, as trancistas, né? A gente sabe que se a gente quer fazer uma trança, o melhor lugar é você ir pra Madureira, entrar naquele... (...) Exatamente, você entra no shopping assim, tem várias trancistas excelentes. Todo o lance da venda do samba em Madureira, né? Não só samba, mas também o baile de charme e qualquer lugar que você tem debaixo do viaduto, você tem a Portela, você tem Império Serrano, você tem a Portelinha, então a cultura lá pulsa, muito, muito forte mesmo. Aqui a gente tem uma outra fantasia do Gato do ano passado também que foi doado para a gente. Entrevista com Doug no Centro de Artes da Maré, na Favela Nova Holanda, em 23 de mar de 2023)⁵⁰

Figura 31 – Obra de arte da exposição



Fonte: Exposição *Negras da Maré*

Interessante esse modo como as camisas foram sendo produzidas para demarcar momentos em que a comunidade se expõe, se estabelece, demonstra o conhecimento materializado nas camisas. Envolve a memória e a história da Maré em que cada movimento e camisa significam vestir o mesmo discurso, a mesma luta e o mesmo protagonismo.

Ao relatar sobre a Escola de Samba Gato de Bonsucesso e estilos próprios de manifestação da arte pelo cabelo, Doug fala de identidades plurais ressignificadas no tempo, na memória e no próprio corpo.

⁵⁰ Comunicação feita por Doug em 23 de março de 2023 [em resposta ao] entrevista [que compõe essa dissertação de mestrado], São Gonçalo.

Quanto a isso, os trancistas ganharam visibilidade, pois a trança envolve o orgulho de ser negro e esse orgulho não ficou apenas na Maré que, conforme Doug, espalhou-se para outras regiões do Rio de Janeiro, como Madureira e escolas de samba.

Ao tratar da relação com a Maré e a religiosidade, Doug disse:

Aqui é o quadro do Derrete também, mais um quadro dele, mas falando muito desse lance da religiosidade, que é muito forte dentro da comunidade, da fé, e aí ele retrata justamente nesse quadro. E aqui, no final da exposição, o último núcleo, que é o núcleo África Brasil, onde tem esse quadro que eu amo, que é uma obra de Abdias do Nascimento, que é o Sankofa, que é um pássaro africano que ele sempre tá esticando o seu pescoço como se fosse pro seu rabo, mas, na verdade, o contexto de trás disso é justamente você olhar para suas raízes para poder construir o futuro. Então você sempre... (...) Pode ser o piscinão também. E aí, para mim, assim, por exemplo, quando eu descubro o sankofa e descubro através dessas artes que representa sankofa, eu tomo um susto, eu fico muito feliz, porque se você olhar os portões dentro da Maré, do combinado de favelas, você vai ver muitos portões e janela com... e a gente nem sabe o que significa. (...) Exatamente, que representa sankofa. E aqui é o 3º Congresso de Cultura Negra da América, que foi em 82, foi pelo Abdias do Nascimento também. (Entrevista com Doug no Centro de Artes da Maré, na Favela Nova Holanda, em 23 de mar de 2023)

Figura 32 – Obra de arte da exposição



Fonte: Exposição *Negras da Maré*

Na simbologia trazida pela obra em que o Sankofa, um pássaro africano que ao esticar o pescoço olha para trás, a simbologia da obra mostra um futuro que, ressignificado pelo passado, aponta inúmeras possibilidades de vida e significados de esperança.

Para ele, o Sankofa também é representado pelos movimentos e participação em eventos da Maré e fora dela que foram durante as décadas acontecendo como, por exemplo, o Terceiro Congresso de Cultura Negra da América, promovido em 1982 por Abdias do Nascimento. Há quarenta e dois anos que o Brasil recebeu pela primeira vez uma representação do Congresso Nacional Africano da África do Sul, partido de Nelson Mandela, entre outras lideranças de vários países das Américas para discutir a cultura africana e diaspórica no contexto e política regionais.

3.4 Marcelo Belfort: Rompendo coma invisibilidade da favela

Marcelo é oriundo da Maré, historiador e pesquisador, autor de alguns livros que tematizam a Maré, dentre eles *Memória e identidade dos moradores de Nova Holanda*, uma referência importante desta pesquisa. No momento atual, é também Diretor da Escola Estadual João Borges.

Convidado a dar uma entrevista para a pesquisa, Marcelo aceitou com o comprometimento característico de quem é parte orgânica das lutas da comunidade.

Inicia a entrevista se apresentando e optando por apresentar a comunidade a partir da luta das mulheres, sendo sua mãe, uma das articuladoras dessas lutas pelo direito à cidadania, ao se engajar nos movimentos políticos que atravessavam os territórios das periferias, no final da década de 1970, com o arrefecimento da Ditadura militar: a Teologia da Libertação e profissionais recém saídos das universidades que buscam articulação com as populações marginalizadas:

Bom, boa tarde. Eu sou Marcelo Belford, sou filho de Maria Amélia Cássia de Silva Belfort que foi uma das protagonistas das diversas mulheres, eu lembro de algumas delas, eu lembro da Dona Ilda, da Penha, da Nêga, da Cléia, da Zefinha, ai... Enfim, são mulheres que são mobilizadas por conta de uma das primeiras lutas que surge como demanda do incipiente movimento social na Maré, que é a luta pela água.... Ela se engaja no movimento das mulheres em 79, no mesmo momento, logo em seguida, nós temos dois movimentos políticos ocorrendo em território de favela e periferia que, como desdobramento da distensão política em função do esgotamento da Ditadura Militar, que são os movimentos que ocorrem na igreja católica, que é a Teologia da Libertação, que faz com que diversos jovens rompam com os seus padres, ou seja, expulsos da igreja, e que também traz profissionais liberais que estão saindo da universidade e estão buscando estabelecer uma interlocução com a população marginalizada de favela na perspectiva da discussão de que a cidadania é um direito e que a exclusão da população de favela do território da cidade como cidadão, é um crime e que cabe à população de favela lutar contra esse crime e reivindicar os seus direitos. Então, a principal característica do movimento social

que surgiu no final dos anos 70 e início dos anos 80 é um movimento reivindicatório pelos direitos cidadãos. (Entrevista com Marcelo na E.M. João Borges, na Favela Nova Holanda, em 28 de mar de 2023)

Penso que a entrevista com Marcelo foi importante para reafirmar, não só as histórias de lutas contadas a partir do olhar dos/das moradores/as, mas também, sendo ele, historiador, pesquisador e autor de livros sobre a Maré, para romper com o estigma da invisibilidade que não autoriza sujeitos pobres e periféricos a contarem suas próprias histórias.

Em sua entrevista, assim como em seu trabalho no livro *Memória e Identidade dos Moradores da Nova Holanda*, Marcelo trouxe uma riqueza de detalhes acerca das narrativas sobre a Maré. Comprometido com a circulação das histórias locais, o autor, que para mim é alguém com quem compartilho amizade e carinho, manifestou sua alegria ao saber de minha pesquisa sobre a Maré apostando que a mesma pode contribuir para enriquecer a historiografia da favela.

Em uma longa e generosa entrevista, cujo registro na íntegra optei por anexar, Marcelo apresenta uma reflexão acerca da trajetória da Favela Nova Holanda, destacando seus embates e processo de construção. Ao entrecruzar com sua própria história, remontando desde os primórdios na década de 1960, quando ocorreu a remoção da Favela do esqueleto, até a década de 2020, o entrevistado destaca a importância de iniciativas como o Observatório de Favelas e o Instituto.

A entrevista concedida por Marcelo retrata uma análise acerca do processo histórico da favela Nova Holanda, abrangendo um período temporal extenso e marcado por importantes transformações sociais. O entrevistado estabelece uma conexão entre sua trajetória pessoal e as lutas travadas pela comunidade da qual faz parte, conferindo ao relato um caráter subjetivo e emotivo, mas sempre pautado na busca pela compreensão mais aprofundada do contexto vivenciado. As lutas cotidianas desde o direito à água, à educação, à saúde e ao direito de receber uma correspondência em casa, foram abordadas em sua fala.

Nova Holanda surge como centro de habitação provisória, com uma infraestrutura incapaz de receber a quantidade da população que foi destinado a ela e, obviamente, a infraestrutura que ela recebe não é capaz de dar conta dessa demanda crescente, que é fruto da política de remoção realizada pelo governo estadual sob o auspício da Ditadura Militar. E aí, o que que nós passamos a reivindicar na favela Nova Holanda influenciado por essas correntes e despertado por essa consciência traumática que minha mãe teve? Nós passamos a reivindicar o direito à água, em 70, o direito ao saneamento, o direito à saúde, o direito à educação, o direito à terra, direito fundiário, a gente passa a reivindicar também o direito ao endereçamento, nós queremos ter o direito de receber uma correspondência em nossa casa e não ter que se deslocar até a agência da Fundação Leão XIII ou a Associação de Moradores para pegar a nossa correspondente. (Entrevista com Marcelo na E.M. João Borges, na Favela Nova Holanda, em 28 de mar de 2023)

As reflexões e perspectivas abordadas pelo entrevistado vieram ao encontro de questões que permearam as histórias e memórias narradas em minha dissertação. Dando nome aos sujeitos que participaram diretamente dos movimentos coletivos - o Álvaro, a Gisele, a Fatinha, a Cristina– dentre outros/as, o líder comunitário também recupera as influências da Teologia da Libertação⁵¹ que, naquele momento teve um papel central na organização dos movimentos sociais e nas lutas pelos direitos nas cidades e no campo. Influência que começa a ser abalada a partir do movimento conservador que sopra no mundo a partir da década de 1980, que tem como contrapartida nas próximas décadas, o crescimento das igrejas evangélicas neopentecostais, e suas propostas políticas que levam, hegemonicamente, ao conformismo e à adequação ao modo de vida existente. Importante lembrar aqui do relato de meu pai, já referenciado nesta dissertação, ao rememorar as dificuldades para manter a Escola Gato de Bonsucesso, já num contexto posterior às influências da Teologia da Libertação: *a igreja tem mais facilidade de catequizar componentes do que a escola de samba para o carnaval.*

Esse movimento [de luta dos moradores/as] é um movimento crescente que produz um processo na Nova Holanda, na Rua C, esquina com a Sargento Silva Nunes, que nós chamávamos carinhosamente de Grupão, ou Postinho, em que se oferecia um atendimento médico, nós tínhamos profissionais sanitaristas, médicos, era o Álvaro, a Gisele e a Fátima, e tínhamos enfermeiros como o Julinho, tínhamos a Ângela que era psicóloga, tínhamos a Cristina e a Rosângela que eram... A Rosângela também era psicóloga, se eu não estou enganada, e a Cristina era pedagoga, e o Julinho enfermeiro. Então, esses profissionais começaram a participar desse processo, produzir esse processo de reflexão sobre os direitos cidadãos para esse grupo maior que foi incorporado com os egressos da igreja católica, da Teologia da Libertação, que eram fãzassos do Leonardo Boff, a quem nós temos muito respeito e admiração, e essas discussões geraram uma série de processos. (Entrevista com Marcelo na E.M. João Borges, na Favela Nova Holanda, em 28 de mar de 2023)

⁵¹ “No mundo, na década de 1980, um novo movimento conservador começava a se impor. O neoliberalismo e a derrocada do chamado "socialismo real" repercutem no Vaticano, de modo que as alas mais conservadoras da Igreja Católica passaram a questionar as ações motivadas pelas ideias da Teologia da Libertação. A queda do muro de Berlim é apresentada como paradigmática do fim da ideia socialista e da vitória definitiva do sistema de mercado que o capitalismo representava (...) No "combate ao comunismo", empreendido por João Paulo II e por Bento XVI, a Teologia da Libertação, considerada como "marxista", foi um dos alvos prediletos dos ataques conservadores. Nesse sentido, diversos bispos hostis à Teologia da Libertação foram nomeados no Brasil e na América Latina. Padres e bispos ligados à Teologia da Libertação foram afastados, e mesmo perseguidos, como o caso do teólogo Leonardo Boff, um dos maiores expoentes dessa corrente, que abandonou as suas funções eclesiais(...) Disponível em: **Artigos** • Cad. CRH 20 (50) • Ago 2007 • <https://doi.org/10.1590/S0103-49792007000200010> A IGREJA CATÓLICA E OS MOVIMENTOS SOCIAIS DO CAMPO: a Teologia da Libertação e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra Antonio Julio Menezes Neto. CADERNO CRH, Salvador, v. 20, n. 50, p. 331-341, Maio/Ago. 2007

Figura 33 – Professor Marcelo e o Samba criado por sua mãe



Fonte: Arquivo do Professor Marcelo

No entrecruzamento do engajamento dos moradores/as e dos movimentos políticos fortalecidos pela Teologia da Libertação, por profissionais recém formados, intelectuais das universidades, movimentos sindicalistas a luta da comunidade ganha novos contornos com a criação da Federação da Associação de Moradores da Favela do Rio de Janeiro (FAFERJ) e da Federação de Associações de Moradores de Bairros (FAMERJ). O samba também é parte da luta!

E começamos também o movimento atrelado à FAFERJ, que é a Federação de Associações de Moradores de Favela do Rio de Janeiro, e a FAMERJ, que a Federação de Associações de Moradores de Bairros, um movimento mais amplo de luta pelo direito à educação e o direito à saúde. Esses movimentos gerados em 1980, há um encontro popular pela saúde na Cidade de Deus, e eu vou depois deixar para você um documento, um jornalzinho feito à época, que registra o samba feito pela minha mãe para esse encontro, que chama-se *Povão*. Eu vou deixar para que você possa depois utilizar na sua pesquisa. (Entrevista com Marcelo na E.M. João Borges, na Favela Nova Holanda, em 28 de mar de 2023)

Na figura 33, o jornal prometido pelo entrevistado, com o sugestivo nome de *Povão*, cumpre o papel de não deixar morrer a história da comunidade. *O Encontro Popular pela Saúde também tem seu samba título*, diz a reportagem, confirmando que a luta pelos direitos assumia muitas frentes e buscava engajar também a partir da música e da alegria. A reportagem fala em autoras, deixando as compositoras no anonimato, mas Marcelo, como um homem memória daquele movimento, preenche a lacuna e informa ter sido sua mãe uma delas, as outras quem sabe poderiam ser Dona Ilda, da Penha, da Nêga, da Cléia, da Zefinha, as mulheres da luta com as quais ele começa seu relato...

A luta pela educação no contexto daquele momento leva a comunidade ao encontro com Paulo Freire e com a universidade

E em 1983, nós tivemos um encontro internacional de educação popular que aconteceu em São Paulo, e aí escolhemos alguns de nós para participar desse encontro, que era literalmente acampar numa universidade em São Paulo para passar desses encontros, e foi lá que nós conhecemos muitos educadores da América Latina, mas sobretudo o Paulo Freire. Eu não fui a esse encontro, eu conheço esse encontro através do testemunho de um amigo, que era muito ligado a mim, é ainda, o Júlio, que participou e também tem um documento que prova a existência desse encontro. (Entrevista com Marcelo na E.M. João Borges, na Favela Nova Holanda, em 28 de mar de 2023)

A narrativa de Marcelo atravessava as minhas memórias e me fazia voltar no tempo resgatando aqueles momentos em que me debruçava sobre o livro *Pedagogia do Oprimido*, que ganhara do pessoal ligado às lutas.

...contato com Paulo Freire rende esse primeiro projeto de educação que se faz no território de favela, que é humanista, porque existe outros que a Fundação Leão XIII realizava, mas que tinha como pressuposto a ideia de que o favelado, ele não era educado, ele era um bárbaro e ele precisava ser educado para poder conseguir, assim, poder morar em centros habitacionais, os centros de habitações provisórias tinham essa justificativa ideológica, é um lugar de educação do pobre favelado. Mas, pois, bem, surge então a perspectiva de realizar um projeto de educação popular utilizando os próprios recursos do Estado. Então, conseguimos trazer o mobral para a Nova Holanda, ele é realizado na Escola Nova Holanda, ficava defronte ao armazém onde Eliana morava, próximo ao posto policial que representava a repressão do Estado sempre presente, com os policiais que eram chamados de Cosme e Damião, porque sempre andavam juntos. (Entrevista com Marcelo na E.M. João Borges, na Favela Nova Holanda, em 28 de mar de 2023)

Um aspecto fundamental da luta foi demarcar o território. Definir a região como Maré para que fosse reconhecida pelo poder público como um território de direitos, uma parte da cidade foi uma luta articulada pelos/as moradores/as da Maré com lideranças representativas de outras favelas.

Resistindo contra a tentativa de remoção do Projeto Rio, capitaneado pelo Mário Andreazza, que era secretário do BNH, do governo João Figueiredo, nós entendíamos que sozinhos, enquanto única comunidade, nós não resistiríamos. Então o João, que era um representante do Parque União, junto conosco da Nova Holanda, minha mãe, Eliana, eu, mais algumas pessoas, eu ainda garoto, articulamos os outros presidentes das Associações de Moradores, o Joaquim, o índio da Maré, e o Aloísio, que hoje é presidente da Associação de Moradores da Vila do Pinheiro, tá lá ainda hoje, o Joaquim do Parque Maré, o Agamenon do Morro do Timbau, e o Agamenon e o Justino, do Morro do Timbau, e o Agamenon da Baixa do Sapateiro, existia outro... conseguimos fazer com que as seis comunidades nucleares superassem as suas diferenças,... a gente rompeu com essa descontinuidade de formação dos territórios na perspectiva de que nós tínhamos um inimigo e comum, que era o Governo Federal que queria nos remover. Então rodávamos... o João era o nosso redator, e rodava no mimeógrafo de álcool um jornalzinho *A Maré*, e assim surge o conceito de Maré, e eu, garoto, distribuía esse jornalzinho para tudo quanto é lugar, e assim a gente construiu o conceito de Maré. (Entrevista com Marcelo na E.M. João Borges, na Favela Nova Holanda, em 28 de mar de 2023)

Em relação aos projetos na área de educação, Marcelo destaca a inspiração freiriana nas várias frentes de trabalho que a educação popular e comunitária demandava: alfabetização de adultos, Ensino Fundamental, alfabetização das crianças. Em seu relato mais uma vez aparecem com força as influências da Igreja Católica através da teologia da Libertação.

(...) e lá começou a alfabetização de adultos sob a perspectiva da *Pedagogia do Oprimido*, um projeto de alfabetização freiriana. [Marcelo] - Acho que sim, Eliana e Amarildo, perfeito. Foram eles que assumiram esse processo, até por conta da experiência de catequese que eles já possuíam, né? E aí, esse projeto de educação de adultos, de jovens e adultos começa a nos levar à discussão também sobre a educação. Uma outra vertente desse processo se dá na nossa interlocução, dessa vez comigo e com o Júlio, com as professoras do Ensino Fundamental da Escola Nova Holanda. ... dialogando com a professora do Ensino Fundamental, a Ivanise, o processo de alfabetização e chegamos à grande aflição dela, que era o sentimento de impotência, porque o aluno, ele não se reconhecia capaz de aprender, quando ela questiona: por que essas crianças não aprendem a ler. (...) E ela trabalhava com alunos que tinham três, quatro anos de reprovação simultânea, que não conseguiam passar pelo processo de alfabetização. Então a Ivanise e a coordenadora pedagógica da época, a Rosa, acabam investindo nesse diálogo com o nosso grupo para pensar possibilidades também de alfabetização de crianças. Então a gente começa com duas vertentes: alfabetização de adultos; alfabetização de crianças, trabalhando com a formação freiriana, que é a nossa primeira relação com a formação humanista, e estamos construindo esse projeto desde então. (Entrevista com Marcelo na E.M. João Borges, na Favela Nova Holanda, em 28 de mar de 2023)

A formação humanista, a educação como ato político, a luta pelo direito à cidadania, a articulação entre universidade-comunidade, o encontro com educadores da América Latina, encontro com Paulo Freire, elementos constitutivos de uma formação política que busca a transformação da sociedade.

Figura 34 – Certificado de participação de Júlio no seminário com Paulo Freire



Fonte: Arquivo do Professor Marcelo

Ainda fazendo referência sobre o modo como o poder público se estabeleceu dentro da comunidade, Marcelo traz uma correlação entre a perspectiva neoliberal e sua influência na educação brasileira e o modo como isso atinge a educação do ponto de vista cultural. Ao

mesmo tempo, demonstra o potencial na conscientização de educadores da Maré em resistir a uma série de aspectos presentes nessa perspectiva neoliberal de educação.

Muitas coisas aconteceram, o movimento social, através da Associação de Moradores, sofreu um forte revés e refluxo por conta da retomada do Estado neoliberal, no fim dos anos 80, com Margareth Thatcher e Reagan, o estado mínimo se impõe, e aquilo que era considerado direito da população e obrigação de Estado passa a não ser mais considerado, a percepção que se tem cidadão migra do cidadão portador de direitos para o cidadão capaz de consumo, e, para consumir, o cidadão precisava trabalhar e, para trabalhar, ele precisa investir na sua formação pessoal. Aquilo que antes era obrigação do Estado, que era oferecer educação de qualidade, saúde de qualidade, direito à moradia, passam a ser mercadorias que o indivíduo deveria conquistar com o seu próprio mérito. Isso produz um refluxo no movimento social, porque a gente perde acesso à capacidade de pressão do Estado (Entrevista com Marcelo na E.M. João Borges, na Favela Nova Holanda, em 28 de mar de 2023)

Ao falar sobre a violência na favela e os poderes paralelos que lá se instauraram em facções, Marcelo tece certa historiografia desses comandos, inclusive anteriores ao Comando Vermelho, indicando que há no surgimento desses comandos uma perspectiva ideológica de garantia da lei da ordem nos territórios em paralelo à perspectiva do Estado.

(...) ao mesmo tempo nesse intervalo, o aumento da organização criminal, com a formação dos comandos, o primeiro deles não é o Comando Vermelho, o primeiro deles é... eu sinceramente esqueci, mas é fácil de encontrar.

[Mary] – O Terceiro Comando?

[Marcelo] - Não, não. É anterior ao Comando Vermelho. O Comando Vermelho surge como desdobramento dele e, antagonizando ao Comando Vermelho como desdobramento, como dissidência dele, surge o Terceiro Comando, e vão surgindo outros,... (Entrevista com Marcelo na E.M. João Borges, na Favela Nova Holanda, em 28 de mar de 2023)

Ao mesmo tempo, indica a relação entre milícias, narcotráfico e as políticas sociais que, em plena Ditadura Militar, foi se dando nos contextos de marginalização diante do desregramento do próprio Estado Militar que supostamente mantinha a “ordem”.

A gente não pode esquecer que quem era responsável por capturar escravizados foragidos, fugidos, era o Estado. Então, esse papel repressor do Estado sempre esteve muito presente e, após o fim das leis que fundamentavam a escravidão, né? Não dá pra se falar em fim da escravidão, porque outras formas de coerção se estabeleceram e vivemos até hoje essas formas de coerção do trabalho. Mas quando há essa ruptura e a população escravizada sai da senzala e vai para os morros, vai para as favelas, você tem um papel importante da polícia nesse processo repressivo, de forma legalmente constituída e de forma também ilegal. A forma ilegal, ela se dá inicialmente através dos grupos de extermínios, e nós temos nos anos 70 e 80 um grupo que se destaca muito, que é o *Grupo do* nós temos na Baixada Fluminense a figura do Tenório Cavalcante, que é um exímio exterminador de pobre. Construído a partir daí, e você tem, então, a potencialização dessa tradição repressiva do Estado através dos seus agentes de segurança, que antes se traduzia em algumas favelas, notoriamente a

primeira favela é Rio das Pedras, você tem a potencialização e com a ideia do Comando Azul, essas milícias elas se potencializam. Então você tem o território da cidade do Rio de Janeiro dividido em inúmeros comandos, todos eles representam forças paralelas ao Estado, que já tinham se consagrado durante a Ditadura Militar. Então essas condições, elas se tornam pouco propícias à militância político-social. *(informação verbal)*

Em outro momento de sua fala, profundamente comprometida com a análise sócio-histórica da Maré, demonstra como as instituições não governamentais foram e são fundamentais para o desenvolvimento sociocultural dos moradores da favela para além de uma perspectiva assistencialista, pelo contrário, trata-se de movimentos fundamentais para uma consciência de classe e luta dessas populações.

Quando ao aspecto meritocrático defendido pela perspectiva neoliberal entre meritocracia e sucesso pelo mundo do trabalho é questionada por Marcelo quando fala sobre o reprodutivismo presente no mundo do trabalho quando se trata dos mais pobres.

E aí acontece uma coisa muito interessante, como não há recurso para todos, as ONGs passam a disputar entre si por pouco recurso disponibilizado pelo Estado, e é óbvio que o Estado vai dar preferência para aquelas que estiverem em sinergia com esse projetopopulista e controlador da população que se tem. Uma alternativa para aqueles movimentos mais de vanguarda, aqueles movimentos mais avançados é o financiamento internacional, é assim que surge o projeto de pré-vestibular da Maré, inicialmente no Morro do Timbau, aproveitando uma estrutura também antiga com esse caráter assistencialista de talvez eu esteja, porque eu conheço pouco da história institucional das instituições que atuaram no Morro do Timbau, mas se cria o Projeto Pré-vestibular que começa inicialmente na Igreja de Nossa Senhora de Navegantes em 97, se desdobra nesse espaço que passou a se chamar *CEASM*, e lá a nossa atuação que começa com educação é impulsionada pelas discussões tal qual nos anos 80, acaba fazendo com que haja um desdobramento por outras áreas, então começa a se discutir educação, saúde, habitação, etc. e etc. *(Entrevista com Marcelo na E.M. João Borges, na Favela Nova Holanda, em 28 de mar de 2023)*

Ao tratar da análise conjuntural sobre o estado do Rio de Janeiro, sua fala é fundamental, pois traz sua indignação com a corrupção e corruptores do Estado, o modo como corrupção atinge e gera maior sucateamento com a educação, os dispositivos públicos de assistência social que não alcançam os mais pobres, e aquilo que para ele representa mais poder do que o próprio Estado, ou seja, as lideranças que, assim como sua mãe representam o interesse do povo e a luta pelas necessidades concretas dessa população.

(...) à época em abrir uma escola no território da Maré em que a gente pudesse praticar as concepções que a gente vem exercendo esse tempo todo. Não conseguimos, como eu disse houve o esgotamento estrutural e, enquanto a gente está nesse projeto produzindo esses livros, nós somos contactados pelo governo do Estado do Rio de Janeiro porque existe uma escola construída ao final da Teixeira Ribeiro, coincidentemente no mesmo lugar em que a gente pretendia construir a nossa, que havia sido construído em 2014 e, por conta da crise política e econômica

do Estado do Rio de Janeiro em função dos escândalos de corrupção, foi abandonado sem ter sido concluído e por três anos e meio ficou abandonado, depredado e ressignificado. Então, era um prédio público, um excelente patrimônio, você vai ter a oportunidade de conhecer, um patrimônio que você vai encontrar poucos iguais em toda rede estadual de educação, mas que estava irremediavelmente perdido. O secretário da época, o Victor, pra descolar a biografia dele daquele cenário de corrupções em que todos estavam sendo presos, do governador, os secretários, passando inclusive pelo vice-governador Pezão, que se encontra preso ainda hoje, ele faz contato com Edson, da Redes, e propõe que a Redes constitua um grupo de profissionais do Estado com as quais eles tenham identidade, pra fazer essa escola funcionar minimamente, pra que ela não fosse perdida.(Entrevista com Marcelo na E.M. João Borges, na Favela Nova Holanda, em 28 de mar de 2023)

Para ele, partindo de uma perspectiva de empoderamento e representatividade, esses atores sociais foram fundamentais para a consolidação do que veio a ser as instituições Redes da Maré, o Centro de Conhecimento como bibliotecas e museus, o Instituto Maria João Aleixo que dão maior visibilidade ao que acontece na Maré, e o potencial das escolas comunitárias que durante anos foram fundamentais para garantirem o acesso ao conhecimento e transformação social.

(...) um Projeto Político- Pedagógico- humanista, que tem uma concepção de educação que vai do ensino inicial, que é chamado EI, ao terceiro ano do Ensino Médio, e que se desdobra ainda... É o cotidiano da escola. Enfim, e no pré-vestibular fazemos uma discussão sobre a academia que nós queremos. Então, nós temos como desdobramento de todas essas discussões, alguns eventos muito interessantes no território da Maré, nós temos... lembrando daquela música dos Titãs que “a gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte”, ou seja, a educação humanista é uma educação que necessariamente é diverso e plural. Então, nós tivemos o surgimento de instituições na Maré, que considero como uma prática educadora tanto a prática esportiva, nós temos o *Luta pela Paz*, quanto à prática artística e cultural, nós temos o *Vida Real* aqui, ou tudo isso junto, que é o caso da Redes, do CEASM, e tem outros lugares que considero educação, saúde, continua com essas reivindicações, que são reivindicações que perpassam esses 40 anos de militância. E o que nós temos de interessante? É que nós também temos um projeto de universidade, a universidade tem que ser para todos, a universidade também tem que ser humanista, e nós reconhecemos que atuar apenas no pré-vestibular não é suficiente, então surge como desdobramento o Observatório de Favelas, que tem a intenção de trazer a universidade para dentro da favela, surge numa reunião de 2002, que a gente está discutindo no jornalzinho *O Cidadão* no CEASM ainda, o Jaílson acaba por sua experiência como professor universitário, as suas relações com a academia, acaba assumindo a liderança desse processo e, recentemente, nós tivemos o desdobramento do Observatório para um Instituto, ou seja, um Instituto universitário, um Instituto formador, um Instituto que as pessoas se especializam como e mestres e doutores, que é o Instituto Maria e João Aleixo. Então, esta é uma trajetória que não é linear, é feita de fluxos e refluxos, mas que nos permitiu atuar desde a reflexão, desde a atuação política, passando pela creche, que a gente não fez referência, mas a creche foi uma grande discussão na Associação de Moradores, a escola comunitária, a relação que a gente queria ter com o Estado(Entrevista com Marcelo na E.M. João Borges, na Favela Nova Holanda, em 28 de mar de 2023)

A Criação de uma Universidade Internacional das e para as periferias dentro da Maré, que está em expansão por muitos continentes, criando intercâmbios com vários sujeitos ativos

e atuantes no mundo, mobilizando diferentes pessoas em redes de conhecimento, um campo de interconexões entre territórios e pesquisadores periféricos no mundo, evidencia que a semente plantada na década de 80 tem produzido muitos frutos. A Maré hoje dialoga com toda a cidade, estado, país e como mundo.

A UNIPeriferias foi projetada pelo Instituto Maria e João Aleixo (IMJA) e nasceu com objetivo de (re)criar novas epistemologia para compreensão da realidade periférica e favelada. Sua criação partiu do desejo de ir além de um posicionamento que se pauta apenas nas denúncias das mais diversas formas de violência que acaba por consumir os sujeitos dos territórios populares, mas busca, sobretudo, reconhecer que as soluções para enfrentamento só poderão ser formuladas partindo de ideias e vivências existentes nas periferias, por isso o interesse para que estas realidades sejam pesquisadas, visibilizadas, sistematizadas e compartilhadas como possibilidades inovadoras e inspiradoras. A UNIPeriferias está organizada em três eixos: formação, pesquisa e comunicação e executiva.

Sobre o samba, a poesia e a Maré, as simbologias presentes nos cantos, contos e narrativas se misturam à perspectiva reprodutivista bourdiana que em certa instância reproduz as condições materiais objetivas de vida, mas quando olhadas em tantas outras perspectivas mais esperançosas do que a de Bourdieu, indicam, no olhar de Marcelo, a possibilidade de novos horizontes, caminhos e esperanças que estão para serem construídas.

Mas o grande barato é que quando a gente faz essa narrativa, sobretudo porque, por conta desse projeto neoliberal em curso acontece um fenômeno denominado por Bourdieu de *presentificação*, a gente não consegue obter a credibilidade daqueles que estão presentificados, aliás esse é o principal desafio da educação humanista hoje, é romper com a presentificação, porque quem está presentificado perde a sua identidade histórica e perde a sua perspectiva de futuro, está apenas ocupado em garantir o consumo no dia de hoje. Essas pessoas acabam perdendo a sua humanidade, porque quem não sonha, e aí esse que é o grande... sabe? Eu acho que a maior dor causada por essa sociedade neoliberal, com esse avanço terrível da extrema direita, é roubar do ser humano a capacidade de sonhar. É muito triste ver pessoas tão jovens já tão envelhecidas por terem perdido essa capacidade de sonhar. Eu acho que essa é a nossa primeira tarefa como educadores, recuperarmos a capacidade de sonhar juntos. Por isso que essa capa desse código de ética, dessa representação dos nossos alunos é tão significativo, ela trabalha com a seguinte tese: um beija-flor só é incapaz de apagar o incêndio na floresta, e na fábula o beija-flor, ensandecido pelo individualismo, ele acredita que ele não vai apagar o fogo, mas ele está fazendo a parte dele, e o macaco que faz parte dessa fábula está certo quando ele diz “Beija-flor, tu é maluco? Você sozinho vai apagar esse incêndio?” “Não, mas eu estou fazendo a minha parte.” Nós nos reconhecemos como por beija-flores bourdianos, cada um de nós também carrega uma pequena gota, que ela é incapaz de apagar o incêndio de uma floresta, e não temos a pretensão de apagá-la, a nossa pretensão é formar uma revoada tão grande, tão grande, que seja capaz de apagar qualquer incêndio, porque como já se diz desde muito tempo atrás, e aqui se pratica, juntos somos mais fortes, e a história da Maré é a prova de que nós não somos loucos.

[Mary] – Não somos doidos. Não sou uma louca. É bom encontrar com as pessoas que compartilham do mesmo sonho que a gente, né? Parece que...fortalece a nossa utopia.

[Marcelo] – Sonhos não envelhecem, como diz o Milton Nascimento e Léo Borges na música *Clube da Esquina*.

[Marcelo] – Seja bem-vinda à nossa revoada bourdiana. Sinta-se integrada, e a escola está a sua disposição, e eu tenho certeza que você trará grandes contribuições para nós, ok? Valeu. Vamos desligar?(Entrevista com Marcelo na E.M. João Borges, na Favela Nova Holanda, em 28 de mar de 2023)

Parafrazeando Clarice Lispector: “viver ultrapassa qualquer entendimento.”.

Com base na minha vivência na Maré e nas reflexões de Marcelo que durante a nossa conversa trouxe dados que enfatizam o rico processo vivido na Nova Holanda – Maré, que ao longo dos anos tem se ampliado. Percebemos ao longo da narrativa de Marcelo que as práticas sociais dos sujeitos da Maré materializam a luta pelos direitos à cidade e da cidade. Sujeitos estes cuja identidade é construída na contramão das representações hegemônicas que insistem em reforçar os estigmas e estereótipos da favela como espaço de miséria e violência. Defendo que o legado da Maré hoje é resultado de muita luta, eu tenho muito orgulho de ter participado e contribuído para isto, quando tudo era praticamente uma utopia. A Maré hoje é um espaço dotado de serviços e equipamentos urbanos que oferecem alternativas inovadoras para sua melhoria e outros territórios similares na cidade. Considerando os ensinamentos de Freire (2001), a Maré investiu na educação e organização popular porque é “a que estimula a presença organizada das classes populares na luta em favor da transformação democrática da sociedade, no sentido da superação das injustiças sociais.” (2001, p.102).

3.5 Bruno - Eu me descobri educador, não me tornei, eu me descobri

Em entrevista realizada com Bruno, coordenador da Escola Estadual João Borges/Maré/RJ, no dia 28 de março de 2023, foi um prazer conhecer Bruno e profundamente enriquecedora sua contribuição para ampliar minha pesquisa no contexto educacional atual na Maré.

Bom, meu nome é Bruno, Bruno Barros, sou ex-morador do território, nascido e criado no Parque Maré, nasci entre a Rua Joaquim Nabuco, depois fui morar na rua 29 de julho durante 22 anos e, nos sete anos seguintes, morei no Morro do Timbau. Então, perfazendo 30 anos da minha existência nesse território. Consegui entrar na graduação na década de 90, eu faço parte de uma pequena minoria que era na época, aproximadamente, 0.3% da Maré, então acabei sendo uma pessoa privilegiada na lógica do território. Um homem de periferia, pobre, porém branco, que ascende ao

nível superior.(Entrevista com Bruno na E.M. João Borges, na Favela Nova Holanda, em 28 de mar de 2023)

Assim, sua narrativa é apresentada e analisada nos aspectos que este estudo entende relevante ressaltar.

Quando eu estava mais ou menos no sexto período, fiz Matemática na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e aí, quando estava mais ou menos no 6º para o 7º período, eu ingressei no curso pré-vestibular como professor, curso pré-vestibular do CEASM na época, e aí fiquei entusiasmado e aí fiquei nesse no CEASM até 2006 quando o CEASM teve a sua repartição e acabei saindo do CEASM, mas continuei aqui no pré-vestibular, aqui na Nova Holanda, onde eu tenho... e aí tem uma questão de identidade, tem a questão de identidade territorial, que é muito próximo da onde eu nasci, se confunde muito a Nova Holanda com o Parque Maré, e desde então, atuo com educação nesse espaço. O mais interessante que quando entrei na graduação, a minha graduação não era para ser educador, não era pra ser professor, não era minha ideia, nunca foi a minha ideia ser educador, eu fui induzido pelo mercado, porque na década de 90, pesquisador em matemática era raridade, era um nicho de mercado muito restrito, e aí eu precisava de dinheiro, então fui seduzido pela educação, porque era onde tinha as maiores oportunidades. E esse território me ajudou na minha construção como educador, então eu me descobri educador, não me tornei, eu me descobri, e aí, numa lógica *paulofreiriana*, sempre usando o território, o espaço, como referência. (Entrevista com Bruno na E.M. João Borges, na Favela Nova Holanda, em 28 de mar de 2023)

É interessante perceber a identificação de Bruno como ex-morador da Maré, imbuído de um profundo comprometimento com a favela em seus desafios, mesmo após ter saído há anos de lá. Sua trajetória como professor o fez, anos mais tarde, retornar e contribuir com o Pré-Vestibular Comunitário, ao mesmo tempo que desenvolvia suas atividades e progresso na vida pessoal. E já no início da conversa, como ao longo dela, Bruno faz questão de ressaltar a influência de Paulo Freire na sua formação pessoal e profissional, como no trecho abaixo:

Na João Borges foi criado em 2018, foi idealizado, na verdade, no final de 2017 para 18, eu já era servidor público, estava “afastado” do Estado, fiquei quatro anos afastado por questões pessoais, não acreditando no sistema do Estado como um sistema eficaz de educação e, como eu tinha outras fontes de renda, isso não me fez fazer diferença. E aí, fui convidado por algumas pessoas, Eliana foi uma delas que me ligou, e aí é difícil recusar um convite dela, tenho uma relação de amizade que perdura 25 anos com ela, e aí ela me convida para fazer parte dessa equipe, da equipe da João Borges, pensada numa escola do território para o território. E a ideia de trazer pessoas que são do território, que foram do território, era importante no primeiro momento. Num primeiro momento foi difícil, porque eu estava passando por um processo na minha vida complicado, a minha mãe foi diagnosticada com câncer terminal na época, e aí a primeira resposta seria não, mas quando ela falou dos personagens que estariam nessa escola era difícil dizer não. O trabalho com o Marcelo, conheço Marcelo também há 25 anos, e sei do compromisso com a educação que ele tem como eu também tenho. E aí, desde então, estou aqui compondo a equipe da João Borges de Moraes. Em 2022, no início de 22, na verdade, final de 21, ele me fez o convite para fazer parte da gestão escolar, no cargo de Coordenador Pedagógico(...)

(Entrevista com Bruno na E.M. João Borges, na Favela Nova Holanda, em 28 de mar de 2023)

Percebi como Eliana participou ativamente da trajetória de Bruno quando o convidou para atuar na Escola João Borges. A relação de comprometimento de Eliana e Marcelo no apoio à comunidade foi o excedente de visão para que Bruno percebesse o modo como ele também poderia contribuir com a realidade local. Estudos Bakhtinianos apontam como que o conceito de exotopia concede lentes que sozinho não daria condições de ver. É o outro no seu modo único e singular que pode ajudar a ver e a compreender sentidos que sozinho não daria para enxergar e foi o que aconteceu com o professor Bruno e o que também essa pesquisa vem fazendo comigo. Conversar com o professor Bruno foi também o meu excedente de visão. A narrativa abaixo descreve um pouco sobre as dificuldades que as classes populares enfrentam para ocupar os espaços de poder e o quanto a história do Bruno se aproxima da minha história e de tantos outros sujeitos pobres que conseguiram concluir o Ensino Superior.

Professor eu sou de antes do pré-vestibular surgir. Como eu falei, eu estou dentro do 0.3% que foi diagnosticado há muito tempo atrás e foi depois publicado na tese do Jailson *Por que uns e não outros?*; Por que alguns ascendem ao curso superior e outros não? Então, eu sou de 94, o pré-vestibular na Maré, a iniciativa dos moradores iniciou em 97, então eu já era aluno universitário nessa época e só vim a compor um ano depois do seu início, já não era mais na igreja, na Paróquia, já era o espaço do antigo SETOT, onde foi criado posteriormente o CEASM. (Entrevista com Bruno na E.M. João Borges, na Favela Nova Holanda, em 28 de mar de 2023)

Como professor que compõe o pequeno percentual daqueles que conseguiram estudar e avançar em alguns aspectos na vida profissional pelo conhecimento acadêmico, o retorno de Bruno foi e é representativo para esse movimento diaspórico daqueles que olham para trás e percebem o quanto lutaram para alcançar outras condições pelo conhecimento. Essa consciência envolve a trajetória de Bruno como pequena parte daqueles que conseguem sair das soluções materiais de objetivos de vida e retornar com uma contribuição social.

Na João Borges, atualmente, nós temos nove turmas, mas nós iniciamos as nossas atividades com apenas uma turma. Então, foi um desafio, porque você iniciar com uma turma em território de favelas era pra não dar certo. Então, nós trabalhamos com o Ensino Médio integral. O início da escola era uma escola técnica, então tinha um curso técnico com ênfase em empreendedorismo, era técnico em empreendedorismo. Dois anos depois esse curso caiu, e aí a gente tinha somente um curso com ênfase em empreendedorismo. Hoje nós temos um curso de Ensino Médio integral com empreendedorismo, porque o empreendedorismo, ele entra como um projeto de... não são mais eletivas, mas num trabalho do Novo Ensino Médio hoje ele é um eixo transversal. Então, esse foi um grande desafio no início. Por quê? A escola, quando ela foi criada, nós recebemos um número de senso de outra escola, ou seja, só migraram, e quando foi migrado, o nosso endereço era Bonsucesso. Isso dificultava, por exemplo, na Matrícula Fácil. Nós recebíamos

alunos, por exemplo, de Mangueiras, do Complexo do Alemão, e é um fator dificultador vir pra Maré. Isso só mudou ano passado. Nós conseguimos uma audiência com o então secretário, e ele, imediatamente, pediu para que a equipe dele mudasse o logradouro da escola junto à Secretaria de Educação para a Maré, porque o aluno daqui, ele procura a escola que seja mais próxima da região. Hoje a gente atende, não vou dizer as 16 favelas da Maré, a gente tende a atender pelo menos mais da metade. Temos alunos da Vila do João, são poucos, alunos do Conjunto Esperança, da Vila Pinheiro, Conjunto Pinheiro. É uma outra discussão que a gente tem nesse território, porque as escolas de Ensino Médio, elas ficam concentradas dentro de uma parte do território numa outra. E aí, por questões de violência, muitos alunos não conseguem se locomover e a gente acaba não atendendo a Maré inteira, o que seria o ideal que uma escola integral que ela funcionasse para todo o bairro Maré, todo o território. (Entrevista com Bruno na E.M. João Borges, na Favela Nova Holanda, em 28 de mar de 2023)

No que envolve as violências presentes no território, Bruno ressalta que muitos desses aspectos precisam ser pensados de maneira objetiva, pelo conhecimento teórico, mas não podem ofuscar a capacidade da formação humana pela educação na formação dos indivíduos.

A educação humanista, ela é baseada na obra de Paulo Freire, onde a gente tem que olhar o indivíduo, a realidade do indivíduo. A gente educa para ele, então a gente sempre faz algumas perguntas: o porquê e o para quê. Por que que eu estou trabalhando aqueles conceitos e para quê? Então, todo o conceito, ele tem que ter sentido na nossa vida. Então, só existe a matemática, só existe a geografia se ela for aplicada no nosso contexto, para ela não ficar deslocada. Sim. Então essa é a ideia de uma educação humanista, que ela tenha sentido na nossa, no nosso processo. (Entrevista com Bruno na E.M. João Borges, na Favela Nova Holanda, em 28 de mar de 2023)

As fotos tiradas do meu celular, não dão conta de registrar as impressões que tive na visita ao C E Professor João Borges de Moraes. O Colégio fica localizado na Rua Teixeira Ribeiro, Nova Holanda-Maré, Rio de Janeiro, sendo a primeira escola na Maré que oferece ensino integral. Fiquei impactada com a estrutura física da escola, e arrisco dizer que poucas escolas no Rio de Janeiro têm estrutura parecida. A escola oferece conforto para desenvolvimento de atividades educacionais, tem internet banda larga, laboratórios diversos, entre eles também de informática e robótica, auditório, quadra, pátios, refeitório confortável e espaçoso, salas climatizadas, bem equipadas, que ficam organizadas em círculos. A secretaria é um espaço compartilhado e super aconchegante. O clima era o melhor possível, os professores sorridentes, segundo Marcelo e Bruno são educadores, porque o professor é só um técnico. O diretor Marcelo acompanha o “entra e sai” de alunos e profissionais, todos muito ativos e comprometidos com o funcionamento da escola.

Figura 35 – Escola Estadual João Borges



Fonte: Arquivo da Pesquisadora

Figura 36 – Escola Estadual João Borges



Fonte: Arquivo da Pesquisadora

Bruno, durante a nossa caminhada pela escola, enfatiza a contribuição da perspectiva freiriana em seu trabalho e nos espaços educacionais da Maré, especialmente na escola onde atuou, e fez grandes amizades durante os anos. E o território ajudou na sua construção como educador, Bruno deixa claro que não se tornou, mas se descobriu professor, e numa lógica freiriana, sempre usando o território, o espaço, como referência

Sobre isso, questionei: Como acontece a construção desse projeto com os professores? Os/as estudantes são moradores/as locais? E o corpo docente? Identificam-se com o projeto da escola? De onde vêm esses professores?

Então, inicialmente a maioria era do território, mas nós só tínhamos uma turma, então a quantidade de professores era muito pequena. No momento em que expande a quantidade de turmas, a gente recebe outros personagens de fora, alguns deles acabam tendo uma identificação com esse território bem peculiar, e meio que abraçam, às vezes são até, às vezes, mais moradores do que os próprios moradores. Só que hoje não é exigência, então a gente tenta construir com esse corpo docente essa ideia do pertencimento, do aluno, da questão da educação humanista. Sim,

desde o ano passado a gente tem, eu tenho... a equipe de gestão tem feito, por exemplo, tem uma prática nos nossos conselhos de classe que são, geralmente, três dias, que eles não sejam o conselho que as escolas atualmente fazem. O que é um conselho de classe? É um tribunal, é o famoso tribunal. A gente deixa tudo de forma horizontal, os alunos participam e em todas elas a gente tem um processo formativo. Ano passado, no segundo bimestre, a temática foi “Que escola a gente está construindo?”, e aí nós trouxemos três vídeos para debater principalmente Paulo Freire, da questão da escola humanista e, dentro da escola humanista, o que é uma educação popular. Educação popular é baseada em valores da localidade, o indivíduo não é aquele saco vazio que você vai depositando, então as vivências, elas são importantes, você trazer essas vivências, e aí, quais as problemáticas que a gente vive hoje de uma educação opressora, de uma educação midiática, a gente hoje tem uma educação midiática, a mídia está aí e a gente tem que usá-la da melhor maneira possível. E aí, trazendo uma proposta do que é uma educação humanista. Então, trouxemos um vídeo que fala sobre identidade racial. É uma discussão que é importante nesse território, principalmente, porque 70% dos nossos alunos são pretos e pardos. Então, esse diálogo, ele é importante. E aí, como é que você constrói uma relação de educação sem olhar esse indivíduo?(Entrevista com Bruno na E.M. João Borges, na Favela Nova Holanda, em 28 de mar de 2023)

A partir dessa indagação foi possível entender um pouco mais sobre a perspectiva de Bruno quando discute a importância da identificação dos professores com o local e o sentimento de pertencimento ao lugar. Bruno falou sobre o Projeto Político Pedagógico da Escola e sobre a importância da gestão investir na formação continuada entre pares. Nesse projeto, o coordenador também destaca em sua fala a contribuição do pensamento freiriano para o desenvolvimento de práticas educacionais politicamente dialógicas e comprometidas com o desenvolvimento e protagonismo juvenil.

No terceiro bimestre a gente trouxe uma reflexão sobre a avaliação, como construir avaliações mais universais, porque as avaliações elas são opressoras, elas oprimem, elas restringem. E aí, nesse sentido, a gente começou a refletir com os professores a questão do protagonismo, que é um dos pilares também do Novo Ensino Médio, protagonismo juvenil ele é levado em consideração nessa escola. Sim. Ano passado nós tivemos uma dificuldade de trabalho na escola, dificuldade estrutural, estrutura. Usamos espaços de parceiros, acho que ele deve ter falado isso. E nós não conseguimos trabalhar na sua totalidade de tempo com o aluno, então a interlocução com o aluno se deu de várias formas, nesses espaços parceiros em determinados horários e os alunos recebiam um material, mas não era qualquer tipo de material, lembra que a educação humanista olha pro indivíduo. Então, o que que nós solicitamos aos professores? Que construíssem um material que dialogasse com esse indivíduo, que fosse a partir da realidade dele, que ele possa conseguir fazer aquela leitura, que é ele se ler ali. É um dos problemas, por exemplo, de toda a Rede quando você trabalha com materiais que vem pronto pra gente. Quando vem pronto, você traz para dentro da escola uma realidade que não é dele e isso dificulta o trabalho, então eu acredito que isso tenha sido um fator que possibilitou nesse resultado, porque o aluno quando enxerga naquele material ele, ele se enxerga ali dentro, que ele consegue entender aquilo, há interação, há conhecimento, há produção de conhecimento, e aí os resultados... Construimos, foi um trabalho árduo e a gente chamou de *Caderno de Estudos*. Então o aluno levava para casa, desenvolvia tarefas em casa com esses cadernos de estudos, e aí quando eles estavam com os professores, desenvolviam essas tarefas, traziam essas tarefas para a sala de aula. Então isso foi importante, esses cadernos foram importantíssimos e, no final de cada bimestre a gente tem uma das avaliações, porque no processo avaliativo do Estado tem que ter pelo menos três instrumentos e um dos

instrumentos era uma avaliação coletiva, não é a avaliação como o ENEM, por exemplo, porque também não dialoga com o trabalho que a gente faz, mas que remete às quatro áreas de conhecimento. Então o aluno, num determinado dia, vai fazer 40 questões divididas por áreas de conhecimento. (Entrevista com Bruno na E.M. João Borges, na Favela Nova Holanda, em 28 de mar de 2023)

Bruno traz em sua fala as relações e interlocução entre a educação numa perspectiva humanística e o trabalho realizado pela instituição escolar, indicando que aquilo que chamam de “caderno de estudos” desenvolvido pelos professores no contexto da Maré foi fundamental para o desenvolvimento intelectual dos estudantes e rotina deles durante o ano letivo.

Por quê? Porque você tem um aluno que ele é melhor numa área, pode ser não tão boa na outra, e essa nota é uma nota coletiva, essa avaliação é coletiva, então vale para todo mundo, e aí te dá um equilíbrio. Então essa nota é a nota do equilíbrio, essas junto com a nota do protagonismo. Então o aluno, por exemplo, que veio em todas as atividades, que fez todas as tarefas, que foi comprometido, por exemplo, os alunos daqui participam das olimpíadas, olimpíadas de matemática, olimpíadas de física, então a participação dele, por exemplo, faz com que ele seja bonificado por isso. Não é meritocracia, é participação, porque ele está sendo protagonista, ele está correndo atrás do ideal dele, então essa é um pouquinho da diferença. (Entrevista com Bruno na E.M. João Borges, na Favela Nova Holanda, em 28 de mar de 2023)

Entre desafios e formas metodológicas que, na condição de coordenador, contribui para que os estudantes tenham maior autonomia e se desenvolvam intelectualmente, Bruno traz a consciência desses jovens sobre o caráter relevante o esforço pessoal na busca por uma formação humana, profissional, integralmente composta de atendimento às necessidades pessoais, mas, para além disso, aquilo que cada um pode contribuir com a própria comunidade onde reside.

Uma outra questão, que eu vou para além disso, são os nossos parceiros, aqueles que nos ajudam a sustentar a escola. A escola sozinha, ela não é um local agradável, eu enquanto educador... Eu tenho uma provocação, no meu primeiro dia de aula eu pergunto aos alunos se estudar é bom, eu tenho a minha resposta. Seu pai. Então, estudar é necessário, estudar é ruim, adquirir conhecimento é bom. Então, se a gente consegue adquirir conhecimento de muitas maneiras, de muitas facetas, é isso que a gente tem que trazer pra escola, essas formas diferentes de trazer essa informação para a escola e essa informação virar conhecimento. Então, hoje, por sinal, a gente teve junto com a Petrobrás, a Petrobrás ela tem uma parceria também com a Recoud que é uma empresa, eles dão cursos da Microsoft, então eles trouxeram hoje e fizemos uma atividade com as turmas de segundo ano falando sobre *fake news*, e aí eles se envolveram um trabalho belíssimo. Essa equipe já da grade, eles trabalham com as turmas de primeiro ano dando um curso de informática pela Microsoft do pacote Office, já preparando para o mercado de trabalho. Então não adianta nada esse aluno ter as oficinas, o conhecimento escolar normal e sair daqui e não conseguir um bom emprego. Então, a ideia que esses parceiros tragam iniciativas que, no futuro, possam gerar renda para ele. O *Luta pela Paz*, que é uma ONG que fica aqui do lado da escola, que também é um parceiro, todo ano tem um balcão de empregos para os alunos do terceiro ano, então geralmente é mais para o finalzinho do ano e a nossa escola tem a prioridade no cadastro para que os nossos alunos, que vão ser egressos, que eles possam estar indo pro mercado de trabalho, temos até uma

das nossas alunas egressas, faz parte hoje do corpo administrativo do Luta pela Paz, então essa é a ideia. (Entrevista com Bruno na E.M. João Borges, na Favela Nova Holanda, em 28 de mar de 2023)

Ao falar sobre parcerias interinstitucionais, ressalta o papel relevante da Petrobrás e de outras como fortalecedoras dos vínculos entre conhecimento e comunidade, escola e indivíduo e aquilo que diferentes instituições como ONGs contribuem para o desenvolvimento dos instrumentos de fomento social.

Sobre isso, destaca em sua fala algo que deveria aparecer em outras comunidades como o trabalho de Anielle Franco e Marielle Franco como militantes em prol dos direitos e desenvolvimento da juventude da Maré.

Um dos desafios que eu acredito no ensino integral dentro de favela é que esse aluno, ele quer fazer outras atividades já pensando no mercado de trabalho, muitos deles já estão no mercado de trabalho. E aí, vou falar a palavra “criminoso”, é criminoso você deixar o aluno o dia inteiro na medida que a família dele passa fome em casa, então ele se sente na obrigação de querer ajudar. Já existem propostas, mas isso é pra o Ensino Superior, de bolsas. Isso iniciou em 2001, aqui no Rio de Janeiro, com a UERJ, que são bolsas de incentivo, são alunos extensionistas, eles recebem a chamada Bolsa Permanência, ele tem que estar estudando, e isso ajudou algumas pessoas, uma delas que foi aluna do pré-vestibular, hoje ministra Anielle Franco. Anielle foi aluna do pré-vestibular, fui professor tanto da Marielle quanto da Anielle e, outro dia, ela em entrevista falou que a possibilidade dela ter terminado o Ensino Superior foi que a UERJ dava bolsa permanência, então ela não precisou largar a universidade para poder trabalhar. E a realidade do jovem da Maré é quanto antes ele ir pro mercado de trabalho, então você colocar um ensino integral deveria ter uma articulação com uma proposta desse nível, de bolsas permanência, para que ele possa estar o dia inteiro na escola. O que a gente consegue fazer é... O Novo Ensino Médio estabelece algumas disciplinas, chamadas eletivas, o que na graduação já tem, né? Só que na verdade, no Novo Ensino Médio, a eletiva não é eletiva, ela acaba sendo obrigatória para algumas turmas. E aí nós fizemos do limão uma limonada. Ano passado, quando iniciamos o Novo Ensino Médio, nós pegamos duas eletivas para dar aqui na escola: *Vermicompostagem* e *Cinema e fotografia*. A disciplina de *Vermicompostagem* nós convidamos uma professora de biologia aqui da casa para ministrar essa disciplina, e aí casou com a proposta do LUDS, que é um grupo de extensionistas da UFRJ, que faz um trabalho conjunto. E aí, nessa perspectiva gerou um produto, hoje a escola tem um biodigestor construído pelos alunos, e esse biodigestor, já está pronto, está quase instalado, tá semi-instalado, só falta ser alimentado. E aí tem dois produtos que geram o gás, que é o gás metano que serve pra cozinha, ou seja, é uma economia de dinheiro, porque acaba gerando emprego e renda, e a segunda perspectiva do emprego e renda é existe um resíduo que vira adubo, e adubo se vende. E aí, a professora inscreveu em alguns projetos e já foram aceitos, programas de Governo Federal para receber verba, e a gente poder colocar mais gente como extensionistas, bolsistas, alunos bolsistas. A UFRJ conseguiu, se eu não me engano, seis a oito bolsas para esses alunos, parece pouco, 200, 300 reais, mas mantém esse aluno aqui dentro estudando. Uma outra perspectiva que foi no passado, foi uma parceria com a Redes da Maré com a aula de robótica. E aí, dois alunos que tinham praticamente abandonado voltaram, porque estavam recebendo uma bolsa, um deles hoje é o coordenador desse projeto na Redes da Maré, garoto com 18 anos, 19 anos, a única exigência dele é que ele entre numa universidade. E aí, à noite ele é aluno do pré-vestibular, ele é meu aluno no pré-vestibular, foi aluno aqui e agora é aluno lá. E esse projeto da robótica tá parado por questão de verba, que eles não conseguiram pra esse ano, mas ele foi premiado aqui nessa escola, nós somos bicampeões nacionais e a única escola em território de

periferia ou favela, a única do Brasil, foi a João Borges de Moraes. Sim, e em um dos anos que a gente ganhou o prêmio foi o ano da Pandemia, onde esse pessoal fazia os experimentos online e conseguimos chegar na final. E aí, você ainda tem um outro viés desses projetos, a aluna destaque no projeto de robótica hoje está em São Paulo estudando robótica, Engenharia Mecatrôn ... (Entrevista com Bruno na E.M. João Borges, na Favela Nova Holanda, em 28 de mar de 2023)

No relato de Bruno, destaco a importância das ricas experiências vividas desses jovens dentro do ambiente escolar. E o olhar comprometido para vida que existe fora da escola, buscando parcerias na comunidade e na cidade, certamente tem construindo novos tipos de relações com a escola que tem objetivos claros e definidos coletivamente.

Nessa relação atual, naquilo que tem a ver com o legado de Marielle Franco e contribuição da ministra Anielle Franco, a universidade encontra-se mais presente e efetivamente comprometida com o desenvolvimento de práticas sociais como as pesquisas na área da biologia e sustentabilidade e as bolsas de estudo daqueles que participam de projetos mantidos pela UFRJ.

É porque assim, da Marielle ainda é um pouco difícil de falar, porque ela tá na relação de afeto. Ela transcendeu a questão de sala de aula, então fora de sala de aula ela acaba sendo uma amiga, porque nós temos filhas de mesma idade. A minha filha tem a mesma... é na verdade um ano mais velha do que a Luyara, que é a filha da Marielle. O que posso falar que, assim, ela virou mito, isso é ruim, porque a pessoa não tem que virar mito, as causas que ela defende é que não podem morrer. Se isso permanecer eu acho bacana, a luta pelas causas que ela representava, não a pessoa em si, mas infelizmente a mídia, ela faz isso, né? Para o bem e para o mal. Mas é bom... a perda dela faz com que as pessoas saiam também do seu lugar de conforto. E aí, estabelecem algumas pautas que são importantes. Então a pauta hoje da Anielle, embora hoje ela seja ministra, então ela está na pauta que sai do município do Rio, que era a atuação da Marielle enquanto vereadora e hoje a gente tem uma pauta que é nacional, de igualdade racial. E aí, o pouco que a gente conversa, eu e a Aniele, eu vejo que é uma pauta que a gente luta desde 97, a pessoa de periferia ter o acesso, ter o acesso à educação de qualidade independente de qualquer coisa, a questão do respeito.

Esses dias eu recebi a visita da ex-companheira da Marielle, a Mônica, que também foi aluna, porque eu quero trazer a discussão sobre educação nos âmbitos municipal e estadual, e aí pedimos uma agenda com ela, e a ideia é um grupo de trabalho com ela, com a Renata Souza, que também foi minha aluna. É legal assim, 25 anos de história aqui dentro tem algumas passagens importantes, e essas pessoas hoje são figuras públicas, então é importante trazê-las para discussão do que é a educação de qualidade da Maré, que é a educação que Marielle, por exemplo, defende. Uma educação que... Eu vou citar aqui o problema de uma coisa que me veio à cabeça agora. Nós temos uma aluna que é mãe, e ela tá o dia inteiro. Eu fico me perguntando “e o filho dela?”, que é bebezinho, tem um ano e pouco, com quem fica? Como fica? Por que que eu estou fazendo esse registro? Porque essa, e essa menina é viúva, que estuda aqui, é uma realidade de muitas jovens daqui, elas param de estudar porque não tem com quem deixar o filho. Então você tem uma escola integral, você deveria ter do lado uma creche, que atendesse no mesmo horário para que essa jovem não pare de estudar. Então era uma pauta, por exemplo, de Marielle, porque ela engravidou na época do pré-vestibular, e ela teve que esperar um tempo para voltar para poder entrar na universidade. Que tempo foi esse? O tempo da filha dela ter condições de ficar com alguém. Então, a gente sabe que... É uma realidade que acontece até hoje. Você tem o jovem que tem que trabalhar, a menina que

engravada, então todas as pautas, são pautas trazidas desde a época de Marielle e de Anielle....(Entrevista com Bruno na E.M. João Borges, na Favela Nova Holanda, em 28 de mar de 2023)

Ao mesmo tempo, inúmeras ações na área das tecnologias e robótica vão se dando e compõem parte dos movimentos formativos da juventude da Maré.

Entre prêmios, conquistas, desafios e, ao mesmo tempo, esperanças que se renovam, Bruno se orgulha do fato de hoje Anielle ser ministra do atual governo e ativamente participante das causas sociais durante os últimos anos. Para ele, Marielle e Anielle são personalidades que inspiram aqueles jovens que estão presentes e participam das ações comunitárias.

Quando questionei a respeito da creche e relatei sobre minha experiência anos atrás atuando lá, minha pergunta envolveu sobre as condições atuais de acolhimento das crianças e demandas familiares:

Não atendia. A creche que hoje está do lado da Redes da Maré foi uma... Eu lembro que foi um porradeiro, eu tava com Eliana nessa época conversando, um porradeiro com a Prefeitura, de eles entenderem o processo para ter aquela creche. E aí, em *off*, nós temos hoje aqui na Maré, um grupo de diretores de escolas, a gente chama de *Fórum de Educação*, um grupo pequeno, a gente tem discutido a educação, e aí chamar essas duas pessoas, a Mônica que trabalha no município, vereadora, e a Renata, que hoje é deputada estadual, para essa conversa de educação na Maré é super importante, porque nós temos hoje uma pirâmide, uma pirâmide onde entra muita gente na EDI, lá no cume não se forma quase ninguém. É inconcebível, por exemplo, de todo o território da Maré ter apenas duas escolas de segundo segmento. Não tem, não atende, não atende. Então, você dá a educação, a primeira educação que é o EDI, e aí depois já tem uma bifurcação para o Ensino Fundamental, já diminui o número de vagas. Para você ter ideia em números, 42 mil pessoas precisariam ser atendidas em todo o segmento, desde o EDI até o Ensino Médio. Vamos falar da violência, de todo tipo de violência armada, isso interfere diretamente no nosso trabalho. Segundo estudos, e aí vou pegar dados concretos da Redes da Maré, no ano passado nós tivemos, se eu não me engano, 25 dias sem aula, diretamente. O que que é isso? Foram dias que tiveram operações efetivas aqui dentro. Não são contabilizados, por exemplo, os problemas entre grupos rivais, que é uma problemática, e também não é contabilizado o pós, que depois que você tem uma operação policial, no dia seguinte existe a problemática do aluno querer vir pra escola, principalmente quando são operações de cunho muito violento. Então isso interfere diretamente no nosso rendimento. Ano passado foram 25, em 2018, se eu não estou enganado, segundo a pesquisa, um relatório de segurança pública da Redes, um bimestre todo foi comprometido, ou seja, um quarto do ano letivo não existiu, um quarto. (Entrevista com Bruno na E.M. João Borges, na Favela Nova Holanda, em 28 de mar de 2023)

Em sua análise, Bruno problematiza a fragilidade do atendimento das creches que não conseguem atender a toda a população com a qualidade necessária e o afunilamento ainda é maior no que diz respeito ao atendimento no Ensino Fundamental que, segundo ele, seria necessário um aumento do número de vagas de mais de 40 mil vagas no atual momento. De

certo modo, sua relação com a fragilidade e a falta de acesso à educação é um prato cheio para o aliciamento de jovens para o mundo do narcotráfico.

Sobre os traços que envolvem a violência local e as incursões policiais, questionei como isso afeta diretamente a realidade educacional local:

A gente tende a trabalhar contra *fake news*, por exemplo, a gente tem que tomar um grande cuidado, e hoje essa coisa da *fake news* também envolve isso, que qualquer informação em rede social, em mídia social vira algo alarmante. Então, a gente é resistência, só que a gente também tem limites. Ano passado nós tivemos na escola em um determinado dia, tava tudo tranquilo, porém como todas as escolas do município fecharam, a gente foi obrigado a fechar, recebemos uma ordem para fechar. Isso é inadmissível, então a gente tem que ser resistência, a gente mostra isso para eles. Em dia de operação não tem aula, mas temos grupos de *Whatsapp*... A Redes da Maré e algumas instituições locais, quando ocorre a operação policial, que geralmente ocorre por volta de 5h30 e 6h da manhã, nos comunica imediatamente para que a gente possa fazer o disparo em todas as nossas mídias sociais alertando os responsáveis e alunos e professores sobre o perigo que está ocorrendo na comunidade...(Entrevista com Bruno na E.M. João Borges, na Favela Nova Holanda, em 28 de mar de 2023)

Em sua resposta, Bruno problematiza o quanto a mídia alardeia muito do que acontece na Maré como se lá não existissem moradores, uma rotina de trabalho e vida social e só apenas violência. Com isso, sua clareza na análise envolve também a consciência do que significa ter um território comandado por poderes paralelos e que volta e meia os problemas estão ali presentes, especialmente os confrontos com a polícia.

Mas que, tais aspectos não ofuscam o potencial das comunidades, do trabalho das instituições, do comprometimento de pessoas sérias envolvidas com o fazer social solidário, muito menos com a capacidade dos indivíduos que lá residem em transformar, dentro do possível, a consciência dos indivíduos pelo conhecimento teórico-crítico, numa perspectiva humanizadora e esperançosa.

ENCERRAMENTOS PROVISÓRIOS

No caminho, as crianças me enriqueceram mais do que Sócrates. Pois minha imaginação não tem estrada. E eu não gosto mesmo da estrada gosto de desvio e do desver (Manoel de Barros)

Sem a intenção de trazer respostas fechadas ou anunciar qualquer juízo de valor é que apresento algumas conclusões sobre a pesquisa que realizei com a Maré. Quando digo que realizei com a Maré é porque sei que em nenhum momento pesquisei sobre a favela da Maré, mas com a potência daquele lugar e com os sujeitos que ali viveram e/ou que ainda residem ou trabalham e que de alguma forma contribuíram para a construção histórica dessa favela tão importante para o meu processo formativo.

Como relatei anteriormente, em outros trechos desta pesquisa, sou uma professora apaixonada pela poesia, busco fazer uma união íntima entre a palavra e o estado atual da minha alma. Gosto mesmo muito de poesia, especialmente dos poemas de Manoel de Barros, que misturam as palavras com tudo de que gosto: simplicidade, verdade, passarinhos, natureza, mar, gente....

Quando as palavras não chegam, prefiro dizer com literatura um pouco da minha verdade ou daquilo em que acredito. Barros, com sua poesia, continua a me provocar: há histórias tão verdadeiras que às vezes parece que são inventadas. “Uma palavra abriu o roupão pra mim. Ela deseja que eu a seja” (BARROS, 2002, p. 70).

Aceitei o convite das palavras. Conteí parte da minha história neste exercício de desver, proposto por Barros. Eis-me aqui, e o meu caminho cheio de histórias que me levam a imaginar e sair da estrada, agora precisa desviar, ser interrompido provisoriamente.

A caminhada me permitiu escrever, recordar e ressignificar pela narrativa minhas memórias e histórias de vida e formação de forma singular, reconstituindo o meu passado a partir da linguagem repleta de emoção. Transbordo em causas, mas, todavia, há uma disposição no meu sentir e fazer que me mobiliza, o meu compromisso com as crianças que começou na Maré e se estendeu por toda a cidade.

A presente pesquisa teve como objetivo amplo refletir sobre o meu próprio processo de *vidaformação*. A minha trajetória social e profissional foi fortemente marcada pelo território da Maré, lugar onde nasci e vivi parte da vida adulta. Saí da favela Nova Holanda/ Maré, mas a Nova Holanda nunca saiu de mim.

O processo de pesquisa permitiu aguçar uma “escuta sensível” (BARBIER, 2012) e captar de modo ético, estético e político, algo que estava lá, mas que não era previsível. Uma escuta da marginalidade, da vida coletiva e individual, da minoria, que tem um modo todo especial de se colocar de forma simbólica e que foi necessário narrar para captar e reconhecer o vivido.

Foram dois anos em que estive comprometida na busca por respostas para algumas questões que eram latentes. Como me tornei professora-pesquisadora? O que a minha história na Maré tem a ver com isso? Na busca por essas questões reencontrei-me com as narrativas de outros atores sociais que cruzaram o meu caminho. Resgatar a narrativa desses sujeitos novamente me convida a apostar na potência da favela, contribuí para a construção de novos olhares para as classes populares e, assim, para romper com os estigmas e estereótipo ainda presentes nos espaços, e contribuir para a construção histórica e resgate ancestral das populações mais pobres.

Ao narrar, busquei valorizar a história coletiva dos sujeitos que contribuíram para construção do que vem a ser a Maré Hoje. Uma favela ainda mais potente e formadora do que a que eu conheci nas décadas de 1970, 1980 e 1990. No contexto atual, década de 2020, os Movimentos Sociais, ONGs, Associação de Moradores que fermentaram no território da Maré promovem e realizam uma série de ações no campo da educação, culturaartes, segurança pública, comunicação e desenvolvimento territorial, investindo na formação crítica e na organização coletiva do território, a fim de construir novos olhares e um acesso mais democrático aos moradores a cidade.

O processo histórico social que originou a favelização, atribuindo o estigma e preconceitos em relação aos territórios periféricos apresentados neste estudo, continuam com força. E marcam de forma negativa os/as moradores/as e os espaços populares e periféricos, interferem no cotidiano de várias formas e níveis; no trânsito que nem sempre é seguro devido a violenta atuação das polícias nestes espaços; no preconceito nos espaços escolares e mercado de trabalho, dentre tantos outros atravessamentos.

Contudo, a luta pelos direitos também continua forte, como revela o discurso do Deputado Tarcísio Motta

“O que que a Maré tem? A Maré tem cento e quarenta mil habitantes, é o nono bairro mais populoso do Rio de Janeiro, A Maré tem 44 Escolas Públicas, 11 unidade de Saúde, a Maré tem orquestra. A Maré tem museu, tem um escola de dança, tem companhia de teatro, tem igrejas evangélicas e católicas, tem roda de samba, tem uma escola de samba, o Gato de Bonsucesso e tem um montão de ONGs e movimento social atuando e agindo ali. Vocês acham mesmo que essas pessoas todas são traficantes?” (discurso

Tarcísio Motta na comissão de constituição e justiça de cidadania, dia 29/03/23)

Essa narrativa recebi via *Whatsapp*, enviado pelo meu irmão Rafael (morador da Nova Holanda /Maré). Conversei algumas vezes com ele sobre a investigação e percebendo o meu envolvimento ele se engajou com a pesquisa também.

Trata-se de vídeo recortado do pronunciamento do Deputado Federal Tarcísio Motta (PSOL)-RJ em exercício 2022 / 2026 na plenária em Brasília, em sessão da Comissão de Constituição e Justiça de Cidadania, no dia 29/03/23. O pronunciamento desencadeou um debate importante sobre a criminalização do território da Maré e os seus moradores. Com seu pronunciamento, o Deputado intencionava promover um debate e construir outro olhar sobre a favela, usando a sua voz e o seu espaço de poder e lugar de fala. Disputando uma narrativa sobre a Maré ,mostrando a potência do território da Maré, reconhecendo o que a favela produz de cultura e conhecimento,

Esse episódio foi uma reação do deputado Tarcísio Motta às polêmicas geradas a partir da participação no dia 13/03/2023, do Ministro da Justiça e Segurança, Flávio Dino, no Seminário de lançamento da 7ª edição do Boletim Direito à Segurança Pública da Maré.A presença do Ministro Flávio Dino na Maré foi tema para graves acusações e associação ao crime organizado do Rio de Janeiro.

Porque a visita de um ministro à favela incomoda?⁵²A segurança pública está entre os direitos humanos, assim como a saúde,e a educação. Mas é um direito que ainda não está estabelecido para os moradores de favelas e de periferias. Acho que toda polêmica que a gente tem hoje em torno da presença de um ministro em uma favela está justamente nisso (Eliana Souza, 2023).

Corroboro com o relato de Eliana Souza, a sociedade brasileira naturalizou a ausência do Estado nas favelas. Devido a esse evento, a Maré ganhou os holofotes dos noticiários e das redes sociais. O episódio da visita do ministro mostra que o preconceito contra os moradores das favelas continua muito forte.

É senso comum reduzir as favelas à condição de território precário, violentos, ilegais, as favelas não representam a urbanidade que a cidade deseja mostrar. Porque a favela propaga a realidade crua, brutal e desumana da desigualdade social. Mesmo entrando nas estatísticas

⁵² <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/03/por-que-a-visita-de-um-ministro-a-favela-incomoda-questiona-presidente-de-ong-da-mare.shtml>

oficiais, elas conseguem romper com o discurso da invisibilidade. Ao Protagonismo das favelas só não sofre censura quando se reflete nas páginas policiais.

O conceito de favela foi construído ao longo dos anos com narrativas dos mais variados campos dos conhecimentos, muitos deles sem uma inquietude crítica a esse uso ou sobre sua fundamentação teórica e empírica assim foi sendo difundida por jornalistas, cronistas e pesquisadores. O favelado é marcado pelo que não tem e não é. Essa visão é sempre negativa e suas marcas, sua identidade é a ausência (SILVA; BARBOSA,2005),essa visão ainda hoje alimenta os diversos discursos e representações sobre as favelas.

Durante o processo de *pesquisaformação* ressignifiquei minhas memórias, perspectivas e minha trajetória de vida. Entendo que foi possível ressignificar o passado e entender o presente em minha formação como professora nas/das classes populares em diferentes *espaçostempos* e campos de atuação na Educação de Jovens e Adultos (EJA) na Nova Holanda.

Assim, nessa tecitura que norteou as memórias, narrativas e experiências, o questionamento de “Como me tornei professora?”, foram possíveis várias interlocuções com os estudos de Freire (1996) em seu conceito de práxis pedagógica, politização, emancipação intelectual e formação de intelectuais orgânicos.

Pude, em diálogo com minhas memórias e trajetórias de vida/docência, na condição de pesquisadora, ter a grata oportunidade de perceber esses atravessamentos de uma “cultura periférica” nos meus processos formativos e nos processos formativos dos/das professores/as e estudantes colaboradores/as com o estudo, desvelando territórios, cotidianos, lugares e espaços de produção de conhecimento.

Assim, essa experiência formativa foi atravessada por vivências pessoais na favela de Nova Holanda, possibilitando entrecruzar a história pessoal com diferentes histórias da educação das classes populares que, nos encontros e reencontros movidos pela pesquisa foram atravessados pela cultura do samba, do futebol, do teatro, da escola e da vida cotidiana dos moradores da Nova Holanda. Revivi com esperança essa trajetória.

E em cotejo com tudo o que aprendi até aqui e na certeza de que ainda aprenderei muito mais no compartilhamento deste estudo com os meus pares: outros/as docentes, pesquisadores/as e sujeitos que assim como eu, que se interessem pelas histórias e narrativas de sujeitos comuns, sujeitos que ocupam e narram a história na perspectiva dos excluídos, mas que também podem ocupar o lugar dos vencedores.

Percebo também que, ao longo de todo o processo de pesquisa, consegui responder algumas perguntas que me inquietavam, ao passo que fui me deparando com outras perguntas

que ainda demandam outras respostas, outras compreensões. Dentre elas: O que a minha pesquisa pode contribuir para os sujeitos da Maré? Para crianças e jovens que crescem naquele território em que eu cresci e que tenho tanto orgulho? Como é hoje viver na Maré? Uma Maré ainda mais potente e politizada do que a que conheci e que ainda contribui para a formação de muitos outros sujeitos.

Ao final da escrita desta *pesquisaformação*, compreendo que “cada um de meus pensamentos, com o seu conteúdo, é um ato singular responsável meu; é um dos atos de que se compõe a minha vida singular inteira como agir ininterrupto” (BAKHTIN, 2012 p. 44) e que as minhas questões cotidianas e epistemológicas estão ainda pautadas com a maneira com que apreendo o mundo e assim imbuída deste viver-agir, os achados advindos deste estudo, enquanto ato singular e responsável precisam responder, de algum modo, aos sujeitos da Maré.

Aprendi com Bakhtin (2012) que o próprio fato de existir é um ato responsivo e responsável que interfere no meu modo de agir e participar na sociedade. E como educar é um ato político como lindamente defende Freire (1996), reconheço a docência e a pesquisa como uma forma de fazer política com o cotidiano e assim investir e defender os ideais das classes populares.

REFERÊNCIAS

ABREU, Alessandra da Costa. **YouTUBE e narrativas de jovens leitores: artes para escapar das imposições dos cânones escolares**. 2021. 229f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ARAÚJO, M da S. Cenas do cotidiano de uma escola pública: olhando a escola pelo avesso. In: GARCIA, R. L. (org.). **Método: pesquisa com o cotidiano**. Rio de Janeiro, DP & A, 2003.

_____; FARIA, D. T. B. de; CELESTINO, J. M. C.; SOUSA, R. D. de. Janelas da quarentena: experiências latino-americanas de formação entre docentes do Brasil e Peru. **Revista Inter Ação**, Goiânia, v. 46, n. 1, p. 276–293, 2021. Doi: 10.5216/ia.v46i1.65120. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/65120>.

_____; MAGDALENA, R. M.; CAETANO, L. L. V. A. (Re)inventando caminhos para a alfabetização de crianças das classes populares em São Gonçalo no diálogo escola básica-universidade. **Revista Internacional Magisterio: Educación y Pedagogía**, v. 69, p. 50-56, 2014.

_____; MORAIS, J. de F. S. Alfabetização: desafios da prática alfabetizadora. In: **Acoalfaplp. Acolhendo a alfabetização nos países de língua portuguesa**. Revista Eletrônica, n. 3, p. 157-171, set. 2007/fev. 2008.

_____; PEREZ, Carmen L. V.; TAVARES, Maria Tereza G. **Caderno da Professora Alfabetizadora – Oficinas de alfabetização patrimonial e formação de professores**. Rio de Janeiro: HP Comunicação, 2006.

ARROYO, Miguel. Formar educadoras e educadores de jovens e adultos. In: SOARES, Leôncio (org.). **Formação de educadores de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica/MEC-Secad/Unesco, 2006. p. 17-32.

BARROS, Manoel. **Memórias inventadas: a segunda infância**. São Paulo: Planeta, 2002.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Pactos Narcísicos no Racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público**. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade. 2002.

BRANDÃO, Carlos R. Ousar utopias: da educação cidadã à educação que a pessoa cidadã cria. In: AZEVEDO, José Clóvis de; GENTILI, Pablo; KRUG, Andréa; SIMON, Kátia (orgs.). **Utopia e democracia na educação cidadã**. Porto Alegre: UFRGS/SME, 2000. p.449-462.

CALDART, Roseli S. **A pedagogia da luta pela terra: o movimento social como princípio educativo.** 23ª REUNIÃO NACIONAL DA ANPEd. Caxambu: Anped, 2000.

CARBONI, Florence; MAESTRI, Mario. **A linguagem escravizada.** São Paulo: Expressão Popular, 2003.

DUSSEL, Enrique. **Para una ética de la liberación latinoamericana** – v. I-II. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 1973.

_____. **Para una ética de la liberación latinoamericana** – v. III. Ciudad de Mexico: Edicol, 1977.

_____. **La pedagogia latinoamericana.** Bogotá: Nueva America, 1980.

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória.** Belo Horizonte: Mazza, 2006.

FERNANDES, Florestan. **Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

FILÉ, José Valter Pereira; MACAMBIRA, Leidiane dos Santos A.; AGUIAR, Ana Luísa dos Santos. Quem nos olha pelos espelhos? A educação das relações étnico-raciais e o regime de visualidades. **Revista Teias** v. 24, n. 72, jan./mar. 2023

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 23ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Educação e mudança.** 10ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

_____. **Conscientização: Teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire.** São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

_____. **Pedagogia do Oprimido.** 2ª ed. Porto: Afrontamento, 1967.

_____. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido.** 10ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FREYRE, G. **Casa grande e senzala.** Rio de Janeiro: Maia & Schmidt, 1933.

GALEANO, Eduardo. **Os filhos dos dias.** Porto Alegre: L & PM, 2012.

GARCIA, Regina. **Revisitando a pré-escola.** São Paulo: Cortez, 2001.

_____. (org.). **Alfabetização dos alunos das classes populares: ainda um desafio.** 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2012.

GERALDI, W. **Bakhtin é pano de fundo para crítica ao modelo neoliberal de educação.** Encontros Possíveis, out. 2011.

GRAMSCI, Antonio. Observações sobre a escola para a investigação do princípio educativo. In: _____. **Escola, educação e ensino.** São Paulo: Iskra, 2017.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere. Volume 2: os intelectuais. O princípio educativo.** Jornalismo. Caderno 12. Edição e tradução de Carlos Nelson Coutinho; coedição, Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

HASSEMER, Winfried. **Introdução aos fundamentos do Direito Penal.** Porto Alegre: Sérgio Antônio Fabris, 2005.

JOBIM e SOUZA, S.; CASTRO, L. R. **Pesquisando com crianças: subjetividade infantil, dialogismo e gênero discursivo.** Psicologia Clínica, Rio de Janeiro, 1997.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana.** Porto Alegre: Contrabando, 1998.

_____. **Experiência e alteridade em educação.** Reflexão e Ação, v. 19(2), p. 04-27, 2011.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Campinas: Ed. Unicamp, 2013.

LEITÃO, Endineide; GUEDES, Marília Gabriela de M. A prática pedagógica docente humanizadora na educação de jovens e adultos: exercício intencional e formativo que requer ação-reflexão transformadora. **Revista Interterritórios**, Caruaru, v. 2, n. 2, p. 32-46, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/interterritorios/article/view/5024>. Acesso em: 30 ago. 2022.

LUFT, Lya. (2010), & quot;Crucificar Monteiro Lobato?& quot;. Veja, 6 de novembro

MOREIRA, Phellipe Patrizi. **“A batucada que se espalha nesse chão”: narrativas docentes, samba e educação antirracista.** 2021. 140f. Dissertação (Mestrado em Educação– Processos Formativos e Desigualdades Sociais) - Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2021.

NÓBREGA FILHO, Edson; BELFORT, Marcelo Castro; RIBEIRO, Paula. **Memória e identidade dos moradores de Nova Holanda.** Rio de Janeiro: Redes da Maré, 2012.

PATTO, Maria Helena. **A produção do fracasso escolar.** São Paulo: T. A. Queiroz, 1990.

PINHEIRO, Renan Santos. **“Meu samba é duro na queda”: conversando com Bezerra da Silva sobre seletividade do sistema penal a partir de sua discografia.** Captura Críptica: Direito, Política, Atualidade, Florianópolis, v. 2, n. 4, jan./dez. 2015.

RAMA, Angel. **A cidade das letras.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

RIBEIRO, Darcy. **O livro dos CIEPs.** Rio de Janeiro: Bloch, 1986.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017. (Coleção Feminismos Plurais).

_____. **Feminismo negro para um novo marco civilizatório.** SUR, v. 13, n. 24, p. 99-104, dez. 2016.

SAMPAIO, Carmen Sanches; RIBEIRO, T. Conversa, partilha e formação docente: o Fórum De Alfabetização, Leitura e Escrita (FALE). **Revista da Faeeba - Educação e Contemporaneidade**, v. 29, p. 203-218, 2020.

_____. (org.). **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

_____; VENANCIO, A. P. Alfabetização, currículo e formação com as crianças: reflexões a partir do cotidiano da escola. **Teias**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 50, p. 88-104, 2017.

_____; RIBEIRO, Tiago; MORAIS, J. F. S. Formação docente instituinte: o Fórum de Alfabetização, Leitura e Escrita. **Aleph**, v. 11, p. 114-127, 2014.

_____; LACERDA, Mitsi Pinheiro de; RIBEIRO, Tiago. **Alfabetização sem cartilha: gestos, experiências e narrativas**. Rio de Janeiro: Ayvu, 2019.

SANTOS, Boaventura Sousa. Direitos Humanos: o desafio da interculturalidade. **Revista Direitos Humanos**, n. 2, jun. 2009.

SILVA, Jailson de Souza, BARBOSA, Jorge Luiz. **Favela: alegria e dor da cidade**. Rio de Janeiro: Editora SESC-Rio, 2005.

SIMAS, Luiz Antonio. **Maracanã: quando a cidade era terreiro**. Rio de Janeiro: Mórula, 2021.

_____. **O corpo encantado das ruas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo**. 13ª ed. São Paulo: Cortez, 2012.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

TATAGIBA, A. P. **Aspectos da política educacional carioca: trajetórias da Educação Infantil**. Ensaio: Aval. Pol. Públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 18(67), jun. 2010.

TAVARES, Maria Tereza Goudard. Caminhos e descaminhos da “educação paralela”: um estudo sobre o cotidiano das creches e escolas comunitárias da Maré. Niterói: Eduff, 1992.

_____. Escolas comunitárias no Brasil: solução de um problema ou denúncia de uma histórica omissão. In: GARCIA, Regina L. (org.). **Revisitando a pré-escola**. São Paulo: Cortez, 1997.

_____. Percursos e movimentos: dez anos do Vozes da Educação em São Gonçalo. In: ARAÚJO, Mairce da Silva et al. (orgs.). **Vozes da Educação: memória, história e formação de professores**. Petrópolis: DP et alii. Rio de Janeiro: Faperj, 2008.

TEVES, Nilda (org.). **O imaginário na configuração da realidade social**. Rio de Janeiro: Gryphus, 1996.

VALLADARES, L. do P. **A invenção da favela: do mito de origem à favela.com.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

VASSALO, M. **A professora encantadora. II.** Ana Terra. Belo Horizonte: Abacatte, 2010.

ANEXO – Entrevistas

ENTREVISTA 1 - TRAJETÓRIA DA CAMILA

Camila: Oi, Rose. Bom dia. Então, sobre um pouco da minha trajetória no Instituto: eu sou Camila, eu tenho 26 anos, sou moradora da Maré, da Nova Holanda, e atualmente sou estudante de Relações Internacionais na UFRJ. A minha trajetória foi a seguinte: eu sempre estudei em escola pública, sou uma mulher negra, periférica e encontrei oportunidade no começo pela Redes na Maré, através do Jovem Aprendiz da Petrobrás, quando eu tinha 16 anos e, a partir daí, eu estava terminando o Ensino Médio e depois eu *linkei*, já que eu estava na Redes da Maré, eu *linkei* para fazer o projeto de pré-vestibular que a Redes oferecia, ainda oferece, inclusive, já que eu havia terminado o Ensino Médio e queria ter uma oportunidade no Ensino Superior. E aí, eu fiz durante um ano, mais ou menos, o ensino de preparatório para o Ensino Superior pela Redes e passei no vestibular, e hoje eu estou na UFRJ, terminando, aí, estou no finalzinho do curso, eu entrei em 2016.2, no final de 2016, e nesse período eu estava em busca de estágio, porque estágio na minha área de R.I.. Não é fácil de se encontrar se você não tem conhecimento, e eu não tenho. E aí, eu conhecia desde o pré-vestibular, o Bira, que hoje é falecido, mas na época ele era uma pessoa que, além de amigo pessoal, foi uma pessoa que me deu muitas oportunidades na vida, inclusive ele trabalhava aqui no Observatório de Favelas, e ele conhecia o Jaílson, a Nalva e as pessoas que trabalhavam no Instituto como o Felipe, o Cléber, o Felipe Moulin, outras pessoas que também já passaram por aqui, mas eles estavam com um programa, na época foi em 2017-2018, se eu não me engano, estavam com um programa de bolsas para estagiários e eu me candidatei através do Bira. E aí, eu participei do processo seletivo e fiz entrevista com o Alberto e hoje estou aqui. Comecei como estagiária e fiquei dois anos como estagiária no Instituto, me deram a oportunidade de trabalhar na área administrativa – financeira. Essa oportunidade veio através da Luciana que era uma ex-coordenadora minha, que eu trabalhava inicialmente aqui no Instituto no eixo de formação, e em alguma reunião, em algum momento que teve aqui no Instituto ela falou do meu trabalho, como estava sendo desenvolvido. Felipe Almeida, que é a pessoa que está como coordenador do Instituto, do administrativo do Instituto, me deu essa oportunidade também e hoje estou aqui no administrativo-financeiro.

Rose: Camila, você tem uma trajetória muito bonita. Parabéns e muito obrigada por participar da minha pesquisa.

Camila: De nada, Rose.

Rose: Então, como é trabalhar no Instituto?

Camila: Trabalhar no Instituto, pra mim, é muito gratificante, né? Pois aqui eu estou crescendo, não só como pessoa, mas como uma estudante, mera estudante, futura, talvez, pesquisadora, porque lido com diversas pessoas aqui, uma diversidade de pessoas de diversas áreas, de diversas profissões, que trabalham com diversos temas que não fogem da nossa realidade e que sempre contribuem também no meu crescimento intelectual, porque aqui eu estou em constante aprendizado, eu digo que aqui é uma escola para mim. O Instituto, não é apenas um instituto de construção de movimento internacional, como o Instituto se denomina. Mas aqui eu digo para você que é uma oportunidade que é única para mim, sei que tenho diversas formas de crescimento aqui dentro, diversas formas de oportunidade e estou

buscando, *tô* construindo meu castelo, *tô* aprendendo com os com os mestres que trabalham aqui comigo, e é muito bacana, assim, para mim é gratificante mesmo trabalhar no Instituto.

Rose: E o que é o Instituto?

Camila: É como eu te falei um pouco no áudio anterior, é buscar construir um movimento internacional das periferias, que sempre ali articula com os parceiros, com os pesquisadores, com as atividades dos ativistas sociais, produtores culturais, tanto que somos parceiros da Redes na Maré, do Observatório de Favelas, de outras instituições de outras comunidades, e a gente está sempre ali naquela proposta de construir, de construção desse movimento, de associar o Instituto, sempre agregar a pesquisa e ao conhecimento não só dentro das comunidades do Complexo da Maré, mas sim em todo o território do Rio de Janeiro em outras comunidades do Brasil e do mundo. E aí, a gente está nesse momento de crescimento, de pesquisa, de construção e sempre colaborando para ampliar os estudos e essas proposições de políticas de desenvolvimento em todos os territórios. O Instituto, assim, resumidamente, é isso.

ENTREVISTA 2– MARCELO BELFORT

A ideia de trazer Marcelo para dar início às entrevistas faz todo sentido para mim, porque ele é o autor do livro que faço vários diálogos ao longo do texto. Também quero ressaltar a alegria que a pesquisa me proporcionou de poder rever e conversar pessoalmente. Nós crescemos praticamente juntos, mas não tínhamos intimidade. Marcelo era um jovem de tipo físico diferenciado em relação aos meninos da época, usava cabelos grandes e se vestia feito um *hippie*. Muito falante, na verdade ansioso, gostava de impressionar usando as mais belas palavras. Algumas pessoas consideravam-no chato, outros enxergavam um Néri. Demonstrava muita conexão com as histórias de modo geral, tanto que se tornou um historiador, filho da Maria Amélia, que era uma grande amiga do meu pai e uma referência forte na Maré. Tenho muita admiração e orgulho da sua liderança e ativismo social em prol não só da Maré, porque ele se tornou uma voz na cidade do Rio de Janeiro, um Mestre de Periferia.

ENTREVISTA COM MARCELO BELFORT

Marcelo: Bom, boa tarde. Eu sou Marcelo Belfort, sou filho de Maria Nélia Cássia de Silva Belfort, que foi uma das protagonistas das diversas mulheres, eu lembro de algumas delas, eu lembro da Dona Ilda, da Penha, da Nêga, da Cléia, da Zefinha, ai... Enfim, são mulheres que são mobilizadas por conta de uma das primeiras lutas que surge como demanda do incipiente movimento social na Maré, que é a luta pela água. Nós vivíamos naquele período ainda sob a influência do chaguismo, que era o loteamento político dos territórios para aqueles que estavam ligados a Chagas Freitas, quem detinha o domínio político dessa região, se eu não estou enganado, era o... ai gente, eu não sei se era Aluísio Gama ou Nelson Carneiro, eu tô na dúvida, mas é algo que dá pra se investigar com calma. E a Nova Holanda surge como centro de habitação provisória, com uma infraestrutura incapaz de receber a quantidade da população que foi destinado a ela e, obviamente, a infraestrutura que ela recebe não é capaz de dar conta dessa demanda crescente, que é fruto da política de remoção realizada pelo governo estadual sob o auspício da Ditadura Militar. Fato, a nossa família surge a partir do momento, e isso é muito interessante de registrar, existe uma tradição ainda presente nos dias atuais de que a população do interior, sobretudo no Nordeste, deve procurar o centro para enricar, e essa tradição fez com que o meu avô Abdias viesse para o Rio de Janeiro para enricar e trazer a família dele para cá, pois ele era casado e pai de filhos, e aqueles homens – e isso é uma tradição que remonta o período colonial, remonta os primeiros portugueses que vêm para o Brasil - esses homens que vêm com essa intenção, eles precisam construir uma condição de

subsistência com menor custo possível, e uma das tradições das relações afetivas no Brasil surge nesse bojo, que é o amancebamento. Qual é a razão do amancebamento? É a relação afetiva sem o compromisso social. O meu avô precisava ter sexo sem ter a despesa com a prostituição, precisava ter serviços domésticos sem precisar contratar uma doméstica, precisava ter um lugar para habitar e precisava, sobretudo, de mão de obra para a atividade do qual ele era especialista, meu avô, ele tinha um Secos e Molhados em João Pessoa. Então ele vem para o Rio de Janeiro e se estabelece na favela da Praia do Pinto com essa mentalidade. Então, qual é a primeira coisa que ele faz? Ele era uma pessoa muito bonita, de olhos azuis, então ele vai para a beira da praia de Ipanema, paquera as babás, as domésticas, porque como parte dessa tradição que eu estou fazendo referência, também é comum que meninas venham do interior para trabalhar para as madames e morar na casa das madames, reproduzido aquela relação de subalternização do período escravocrata, mas sob uma outra legislação, a empregada doméstica tem o mesmo *status* da... como é que ele chamavam antes escravizado doméstico? Mucamo, e inclusive no que diz respeito ao quartinho da empregada e tudo mais. Então a minha vó vem pra cá muito nova, minha vó Albertina, vem pra cá muito nova, conhece o meu avô e se encanta por sua beleza, e ele então, imediatamente, a engravida, a coloca num barracão dentro da favela da Praia do Pinto e passa a ter acesso a todos esses serviços, e construindo o armário dele na favela, ele passa a ter a mão de obra e a mão de obra de cada um dos filhos que ele vai fazendo com ela. Mas como o objetivo dele era enriquecer, obviamente ele precisava reter o máximo de mais valia possível, logo, a minha avó, embora trabalhasse muito, e tinha tido onze filhos, ela não foi capaz de sustentar e manter esses onze filhos, ficando apenas três desses onze filhos, morreu a grande maioria, ficaram apenas a minha mãe como mais velha, o meu tio Paulo como o segundo mais velho e a minha tia Margarida, que era a penúltima mais nova, porque a última mais nova que ainda estava viva quando ele abandonou a minha vó, morreu de fome. Então, era esse regime em que viveu a minha mãe como trabalhadora do armário, estudando muito pouco, e construindo a sua identidade a partir das relações características da região de favela, que era a Praia do Pinto. Então, quais são os dois elementos que são muito característicos da cultura identitária de minha mãe? A religião de tradição africana, a Umbanda, cuja centro ocorria nas matas do Jardim Botânico da Floresta da Tijuca, e o samba. Então, são os dois elementos identitários das relações interpessoais da minha mãe. E foi justamente no centro, na Umbanda, que a minha mãe conheceu o meu pai. Meu pai era Ogã, e além de Ogã, como disse a minha vó Nair, mãe de meu pai, descendente de italianos, e que se interessou no seu terceiro casamento por um descendente de escravo de ganho barbeiro no Rio de Janeiro. Isso quer dizer o seguinte, que eu sou descendente de um escravizado de ganho, que viveu no século XIX, meu tataro-tataro-tataravô era escravizado de ganho. Pois bem, a minha avó Nair deixou claro para minha mãe que ela não merecia... o Vaval não merecia ela, era ser que meu pai, Lourival Carvalho Belfort, era chamada por todos, Vaval, porque ele não gostava de trabalhar, ele era vagabundo e, de fato, meu pai era uma pessoa reconhecida como uma pessoa perigosa, porque andava armado todo de preto e vivia enfiado na mata e só respeitava a mãe de santo, ninguém mais, e mesmo assim, com bastante ressalva. Pois a minha mãe conhece o meu pai na Umbanda e responde à minha avó Nair que não importava como ele era, era a ele que ela amava e ela iria ficar com ele. E durante esse processo, há a construção da Cruzada São Sebastião, como medida de intervenção da igreja católica para conter o avanço da influência comunista nas favelas, através da construção do prédio da Cruzada São Sebastião por uma ordem, um movimento religioso chamado Cruzada São Sebastião, liderada pelo Hélder Câmara. Então são construídos dez blocos de sete andares, e a minha avó consegue obter uma casa no Bloco 5, apartamento 706. Então, quando a minha voz se retira do território de favela, a casa fica disponível e acontece o que acontece secularmente, a minha mãe passa a morar com meu pai na favela. Ela começa a morar com meu pai num apartamento de minha avó, só

que era um apartamento com muitos filhos e apenas um quarto, então dá pra imaginar a confusão que era, né? Então, sem dúvida, para ela, o barraco na favela, ao contrário da visão marginal que se tem, foi realmente o início da constituição do seu lar, e foram um filho atrás de outra. A minha irmã Rosane, a mais velha, nasce em 62, ou 63? 62. A segunda, a Valéria, nasce em 63, a Rose nasce em 64, eu nasço em 65, eu tenho um irmão que acabou falecendo, que nasceu em 66, a minha irmã Simone nasceu em 67, e a política de histerectomia praticada pelo Estado autoritário lá naquela época adotou como uma medida contraceptiva a utilização do DIU à base de cobre nas mulheres como experiência da indústria farmacêutica dos Estados Unidos. A indústria farmacêutica estadunidense, ela tinha o hábito de testar a medicação nas mulheres do Caribe, da América Latina, do Caribe, América do Sul, e da África. Então, quando a minha mãe chegou ao quinto filho, de maneira arbitrária, os médicos decidiram que ela usaria o DIU sem dar qualquer esclarecimento a ela. Então ela entendeu, a partir da utilização do DIU, que ela não precisava mais se preocupar com a gravidez, sem nenhum cuidado, nenhuma orientação. Como consequência, ela voltou a engravidar em 75, para espanto dela e, durante a cesariana, porque a cesariana se tornou comum porque o DIU se mostrou cancerígeno e, portanto, precisou ser abandonado, mas o projeto de histerectomia permaneceu, e o Estado começou a praticar a ligadura de trompas, então eles fizeram a cesariana nela para poder fazer a ligadura de pronto. Só que quando eles abriram ela em 75 para fazer a cesariana, eles descobriram que o DIU havia produzido câncer do colo do útero e esse câncer se proliferou, alcançando todo o útero e o intestino. Então, de repente, a minha mãe, com 33 anos de idade, se descobriu portadora de um câncer extremamente agressivo que obrigou que ela fizesse uma cirurgia no Hospital Miguel Couto, que é o hospital especialista das pessoas que moraram naquela região durante muito tempo, ela precisou fazer a cirurgia para retirar a metade do útero, o que é uma barbárie, porque deixando uma parte do útero ela continua a menstruar, ela fez uma cirurgia retirando toda a vagina, então ela não tinha por onde menstruar a não ser uma cicatriz, e tomou parte do intestino, fazendo com que ela também perdesse o ânus. Então minha mãe, com 33 anos de idade, passou a ser colostomizada, ter aquela bolsa, que exalava um enorme mal cheiro no abdômen e mais ainda, por ser de origem muito pobre, obviamente a saúde pública era negligente, então o processo de cirurgia foi bastante negligente fazendo com que ocorresse erros médicos e a minha mãe passou por sete cirurgias, e a minha mãe ficou entre a vida e a morte no Hospital Miguel Couto, em 1977, desenganada pelos médicos e graças à religião dela, ela nos relata que segundo um sonho em coma, ela esteve com uma entidade da religião que ela acreditava, chamava Oxalá, e ela se revoltou contra Oxalá porque ela não poderia morrer e deixar cinco filhos jovens, muito novos, em 77 eu tinha 12 anos, a Valéria, 13, a Rose 13, a Valéria, 14, a Rosane, 15 e um bebê, ela não poderia deixar todos esses seis filhos, a Simone tinha 10 anos, não poderia deixar todos esses filhos com uma pessoa que era irresponsável. O que seria da família dela? Ela se recusava a morrer. Oxalá, a entidade da religião que ela acreditava, disse para ela que todo mundo tinha o seu tempo na terra e o tempo dela havia acabado. Ela se recusou, guerreira que sempre foi, se rebelou e acabaram fazendo um acordo: ela teria mais de 10 anos de vida para poder preparar os filhos e depois ela partiria. Só que havia um preço a pagar. Ela desperta do coma e solicita a técnica que estava atendendo a ela $\frac{1}{4}$ de uma maçã e um copinho de café de guaraná, porque foi isso que foi dito pra ela pedir ao despertar. A técnica acha um absurdo uma pessoa que está toda entubada, está toda ferrada, ter acesso a algo assim tão sem valor nutritivo e o médico orienta - isso é narrado por ela para a gente, tá bom? - o médico orienta ela, orienta a técnica a atender o último desejo do moribundo. A técnica faz isso e a minha mãe começa a se recuperar de maneira inexplicável, inexplicável para a ciência, naturalmente, e simplesmente o câncer não dá mais sinais, embora amputada, lembra? Ela foi toda desfigurada e colostomizada, ela volta a ter força para nos criar. E a partir dali, ela passa a estabelecer uma relação com a gente em que exige da gente a maturidade para viver sem ela,

ela se torna uma pessoa muito dura, uma pessoa muito difícil de lidar, e ela começa a questionar muito a justiça da vida. Foi isso que fez com que a minha mãe passasse de uma relação com o mundo mediada pelo samba e pela religião para uma relação com o mundo mediada pela crítica e, logo depois, acontece esse movimento das mulheres, no qual ela se engaja. Ela se engaja no movimento das mulheres em 79, no mesmo momento, logo em seguida, nós temos dois movimentos políticos ocorrendo em território de favela e periferia que, como desdobramento da distensão política em função do esgotamento da Ditadura Militar, que são os movimentos que ocorrem na igreja católica, que é a Teologia da Libertação, que faz com que diversos jovens rompam com os seus padres, ou seja, expulsos da igreja, e que também traz profissionais liberais que estão saindo da universidade e estão buscando estabelecer uma interlocução com a população marginalizada de favela na perspectiva da discussão de que a cidadania é um direito e que a exclusão da população de favelado território da cidade como cidadão, é um crime e que cabe à população de favela lutar contra esse crime e reivindicar os seus direitos. Então, a principal característica do movimento social que surge no final dos anos 70 e início dos anos 80 é um movimento reivindicatório pelos direitos cidadãos. E aí, o que que nós passamos a reivindicar na favela Nova Holanda influenciado por essas correntes e despertado por essa consciência traumática que minha mãe teve? Nós passamos a reivindicar o direito à água, em 70, o direito ao saneamento, o direito à saúde, o direito à educação, o direito à terra, direito fundiário, a gente passa a reivindicar também o direito ao endereçamento, nós queremos ter o direito de receber uma correspondência em nossa casa e não ter que se deslocar até a agência da Fundação Leão XIII ou a Associação de Moradores para pegar a nossa correspondência. Esse movimento é um movimento crescente, que produz um processo na Nova Holanda, na Rua C, esquina com a Sargento Silva Nunes, que nós chamávamos carinhosamente de Grupão, ou Postinho, em que se oferecia um atendimento médico, nós tínhamos profissionais sanitaristas, médicos, era o Álvaro, a Gisele e a Fátima, e tínhamos enfermeiros, como o Julinho, tínhamos a Ângela que era psicóloga, tínhamos a Cristina e a Rosângela que eram... A Rosângela também era psicóloga, se eu não estou enganada, e a Cristina era pedagoga, e o Julinho enfermeiro. Então, esses profissionais começaram a participar desse processo, produzir esse processo de reflexão sobre os direitos cidadãos para esse grupo maior que foi incorporado com os egressos da igreja católica, da Teologia da Libertação, que eram fãsassos do Leonardo Borges, a quem nós temos muito respeito e admiração, e essas discussões geraram uma série de processos. Eu acho que de todos os processos, os dois mais interessantes para se destacar aqui foi o processo político, que fez com que nós decidíssemos disputar o controle da Associação de Moradores que já existia de forma de biônica atrelada à Fundação Leão XIII, eles não realizavam eleições, nós brigamos por isso e, como a Fundação Leão XIII, ela é vinculada ao governo do estado do Rio de Janeiro, eles construíram uma chapa, que a gente chama de amarela, uma chapa pelega, e queriam usando, inclusive, os recursos do Estado e a presença do próprio irmão do Moreira Franco, que era o Nelson Moreira Franco, garantir de todas as formas que nós não conseguíssemos. Então, foi muito uma disputa muito grande a luta da Chapa Rosa para conquistar... E a escolha pela cor rosa não significava dizer que era a exclusão do masculino, mas pelo contrário, a integração do masculino e do feminino, porque nós tínhamos na Chapa Rosa homens e mulheres, o seu pai, inclusive, o Adevanir, fez parte dessa primeira... seu pai, o Ivan, uma série de pessoas fantásticas.

Mary: A gente ainda era criança.

Marcelo: É, e a gente ainda criança, é verdade. E começamos também o movimento atrelado à FAFERJ, que é a Federação de Associações de Moradores de Favela do Rio de Janeiro, e a FAMERJ, que a Federação de Associações de Moradores de Bairros, um movimento mais

amplo de luta pelo direito à educação e o direito à saúde. Esses movimentos, gerados em 1980, há um encontro popular pela saúde na Cidade de Deus, e eu vou depois deixar para você um documento, um jornalzinho feito à época, que registra o samba feito pela minha mãe para esse encontro, que chama-se *Povão*. Eu vou deixar para que você possa depois utilizar na sua pesquisa. E em 1983 nós tivemos um encontro internacional de educação popular que aconteceu em São Paulo, e aí escolhemos alguns de nós para participar desse encontro, que era literalmente acampar numa universidade em São Paulo para passar desses encontros, e foi lá que nós conhecemos muitos educadores da América Latina, mas sobretudo o Paulo Freire. Eu não fui a esse encontro, eu conheço esse encontro através do testemunho de um amigo, que era muito ligado a mim, é ainda, o Júlio, que participou e também tem um documento que prova a existência desse encontro. A preocupação do documento é típica de pessoas de minha formação, eu sou historiador, então eu trabalho sempre com documentos. E eu também vou passar para você, para que você veja, que inclusive na programação você vai ver a presença de educadores ilustres, incluindo Paulo Freire. E desse encontro, que o objetivo desses encontros tem que ficar claro, era produzir uma pauta, um projeto de educação, um projeto de saúde incluyente, humanista, popular, e apresentar esse projeto à Constituinte de 1988 para termos representado na Constituição Federal, os interesses da população civil brasileira. Esse contato com Paulo Freire rende esse primeiro projeto de educação que se faz no território de favela, que é humanista, porque existe outros que a Fundação Leão XIII realizava, mas que tinha como pressuposto a ideia de que o favelado, ele não era educado, ele era um bárbaro e ele precisava ser educado para poder conseguir, assim, poder morar em centros habitacionais, os centros de habitações provisórias tinham essa justificativa ideológica, é um lugar de educação do pobre favelado. Mas, pois, bem, surge então a perspectiva de realizar um projeto de educação popular, utilizando os próprios recursos do Estado. Então, conseguimos trazer o mobral para a Nova Holanda, ele é realizado na Escola Nova Holanda, ficava defronte ao armazém onde Eliana morava, próximo ao posto policial que representava a repressão do Estado sempre presente, com os policiais que eram chamados de Cosme e Damião, porque sempre andavam juntos.

Mary: Não existia divisão ainda, não tinha...

Marcelo: Não, a rua principal ainda era bem precária.

Mary: Tinha um valão.

Marcelo: Tinha um valão, e aquela ponte era uma ponte muito precária, e era onde havia o ensaio do Gato, aliás, depois você deve registrar a história da criação do Gato, que é bem bacana, e lá começou a alfabetização de adultos sob a perspectiva da *Pedagogia do Oprimido*, um projeto de alfabetização freiriana.

Mary: Com a professora Eliana.

Marcelo: É, a Eliana, mas tem uma pessoa, Eliana não, teve uma outra pessoa que participou, estou tentando lembrar quem. Mas a Eliana assumiu...

Mary: Acho que foi o Amarildo, não foi não?

Marcelo: Acho que sim, Eliana e Amarildo, perfeito. Foram eles que assumiram esse processo, até por conta da experiência de catequese que eles já possuíam, né? E aí, esse projeto de educação de adultos, de jovens e adultos começa a nos levar à discussão também

sobre a educação. Uma outra vertente desse processo se dá na nossa interlocução, dessa vez comigo e com o Júlio, com as professoras do Ensino Fundamental da Escola Nova Holanda. Nós desenvolvíamos um projeto com a professora Ivanise chamado PROSE - Programa de Saúde Bucal e Saúde Escolar, que era resultado de um projeto que nós participamos, financiado pela UERJ, na Baixada Fluminense, chamado PPS - Programa de Práticas Simplificadas de Saúde. Levamos então o PROSE para a Escola Nova Holanda, tendo como perspectiva a saúde bucal, mas dialogando com a professora no Ensino Fundamental, a Ivanise, o processo de alfabetização e chegamos à grande aflição dela, que era o sentimento de impotência, porque o aluno, ele não se reconhecia capaz de aprender, quando ela questiona: por que essas crianças não aprendem a ler.

E ela trabalhava com alunos que tinham três, quatro anos de reprovação simultânea, que não conseguiam passar pelo processo de alfabetização. Então a Ivanise e a coordenadora pedagógica da época, a Rosa, acabam investindo nesse diálogo com o nosso grupo para pensar possibilidades também de alfabetização de crianças. Então a gente começa com duas vertentes: alfabetização de adultos; alfabetização de crianças, trabalhando com a formação freiriana, que é a nossa primeira relação com a formação humanista, e estamos construindo esse projeto desde então. Muitas coisas aconteceram, o movimento social, através da Associação de Moradores, sofreu um forte revés e refluxo por conta da retomada do Estado neoliberal no fim dos anos 80 com Margareth Thatcher e Reagan, o estado mínimo se impõe, e aquilo que era considerado direito da população e obrigação de estado passa a não ser mais considerado, a percepção que se tem cidadão migra do cidadão portador de direitos para o cidadão capaz de consumo, e para consumir o cidadão precisava trabalhar e, para trabalhar, ele precisa investir na sua formação pessoal. Aquilo que antes era obrigação do Estado, que era oferecer educação de qualidade, saúde de qualidade, direito à moradia, passam a ser mercadorias que o indivíduo deveria conquistar com o seu próprio mérito. Isso produz um refluxo no movimento social, porque a gente perde acesso à capacidade de pressão do Estado e, ao mesmo tempo, nesse intervalo, o aumento da organização criminal, com a formação dos comandos, o primeiro deles não é o Comando Vermelho, o primeiro deles é... eu sinceramente esqueci, mas é fácil de encontrar.

Mary: o Terceiro Comando?

Marcelo: Não, não. É anterior ao Comando Vermelho. O Comando Vermelho surge como desdobramento dele e, antagonizando ao Comando Vermelho como desdobramento, como dissidência dele, surge o Terceiro Comando, e vão surgindo outros, até que a cidade do Rio de Janeiro fica dividida por uma quantidade infinita de comandos, inclusive o próprio Comando Azul, porque era assim que os policiais se chamavam, e o conceito de Comando Azul, ele...potencializa um processo que já existe no Rio de Janeiro, também de forma muito tradicional, porque tem um vínculo direto com a estrutura escravocrata da sociedade. A gente não pode esquecer que quem era responsável por capturar escravizados foragidos, fugidos, era o Estado. Então, esse papel repressor do Estado sempre esteve muito presente e, após o fim das leis que fundamentavam a escravidão, né? Não dá pra se falar em fim da escravidão, porque outras formas de coerção se estabeleceram e vivemos até hoje essas formas de coerção do trabalho. Mas quando há essa ruptura e a população escravizada sai da senzala e vai para os morros, vai para as favelas, você tem um papel importante da polícia nesse processo repressivo, de forma legalmente constituída e de forma também ilegal. A forma ilegal, ela se dá inicialmente através dos grupos de extermínios, e nós temos nos anos 70 e 80 um grupo que se destaca muito, que é o *Grupo do...* nós temos na Baixada Fluminense a figura do Tenório Cavalcante, que é um exímio exterminador de pobre. Construído a partir daí, e você tem, então, a potencialização dessa tradição repressiva do Estado através dos seus agentes de

segurança, que antes se traduzia em algumas favelas, notoriamente a primeira favela é Rio das Pedras, você tem a potencialização e com a ideia do Comando Azul, essas milícias elas se potencializam. Então você tem o território da cidade do Rio de Janeiro dividido em inúmeros comandos, todos eles representam forças paralelas ao Estado, que já tinham se consagrado durante a Ditadura Militar. Então essas condições, elas se tornam pouco propícias à militância político-social. Ao mesmo tempo, com o neoliberalismo, você tem a abertura de um viés que é o orçamento para as ONGs para elas garantirem algum acesso aos direitos de forma privatizada. Então surgem ONGs que garantem o direito à educação, direito à saúde de forma normalmente assistencialista. E aí acontece uma coisa muito interessante, como não há recurso para todos, as ONGs passam a disputar entre si por pouco recurso disponibilizado pelo Estado, e é óbvio que o Estado vai dar preferência para aquelas que estiverem em sinergia com esse projeto populista e controlador da população que se tem. Uma alternativa para aqueles movimentos mais de vanguarda, aqueles movimentos mais avançados é o financiamento internacional, é assim que surge o projeto de pré-vestibular da Maré, inicialmente no Morro do Timbau, aproveitando uma estrutura também antiga com esse caráter assistencialista de talvez eu esteja, porque eu conheço pouco da história institucional das instituições que atuaram no Morro do Timbau, mas se cria o Projeto Pré-vestibular que começa inicialmente na Igreja de Nossa Senhora de Navegantes em 97, se desdobra nesse espaço que passou a se chamar *CEASM*, e lá a nossa atuação que começa com educação é impulsionada pelas discussões tal qual nos anos 80, acaba fazendo com que haja um desdobramento por outras áreas, então começa a se discutir educação, saúde, habitação, etc. e etc.

[inaudível]

Marcelo: Exatamente. E vamos nós de novo nessa utopia, sonhando, praticando esse projeto de educação humanista que nasceu lá naquele movimento popular dos anos 80 e continua a florescer, germinar através dessas iniciativas. O projeto *CEASM*, ele se esbarra em limitações estruturais, que tem a ver com a influência do neoliberalismo e a imposição da meritocracia e exacerba as individualizações e as vaidades, e as disputas pelos poderes simbólicos e poderem materiais, isso faz com que eu acabe me afastando, porque era uma utopia que eu vivia ali, e o projeto acaba tendo uma cisão, uma parte do grupo volta à Nova Holanda, nosso lugar de origem, onde era o albergue que nos recolheu como bicho quando a nossa família foi removida da favela Praia do Pinto através de um incêndio criminoso realizado pelo governo Lacerda e a sua família, segundo depoimento do seu pai, veio do Esqueleto também de forma criminosa. Enfim, a gente retoma aquele lugar, se reconstrói o projeto e as utopias, eu volto a estabelecer contato com esse grupo um tempo depois com o projeto chamado *Núcleo de Memória e Identidades*, inicialmente Nova Holanda, depois de toda a Maré. Esse projeto nos permite escrever alguns livros que refletem sobre o processo de formação de periferias de favelas na cidade do Rio de Janeiro e, esses livros nos fazem retomar essa reflexão sobre a trajetória do movimento social e a perspectiva transformadora que ele representa. Nós tínhamos pensado, à época, em abrir uma escola no território da Maré em que a gente pudesse praticar as concepções que a gente vem exercendo esse tempo todo. Não conseguimos, como eu disse houve o esgotamento estrutural e, enquanto a gente está nesse projeto produzindo esses livros, nós somos contactados pelo governo do Estado do Rio de Janeiro porque existe uma escola construída ao final da Teixeira Ribeiro, coincidentemente no mesmo lugar em que a gente pretendia construir a nossa, que havia sido construído em 2014 e, por conta da crise política e econômica do Estado do Rio de Janeiro em função dos escândalos de corrupção, foi abandonado sem ter sido concluído e por três anos e meio ficou abandonado, depredado e ressignificado. Então, era um prédio público, um excelente patrimônio, você vai ter a oportunidade de conhecer, um patrimônio que você vai encontrar poucos iguais em toda rede

estadual de educação, mas que estava irremediavelmente perdido. O secretário da época, o Victor, pra descolar a biografia dele daquele cenário de corrupções em que todos estavam sendo presos, do governador, os secretários, passando inclusive pelo vice-governador Pezão, que se encontra preso ainda hoje, ele faz contato com Edson, da Redes, e propõe que a Redes constitua um grupo de profissionais do Estado com as quais eles tenham identidade, pra fazer essa escola funcionar minimamente, pra que ela não fosse perdida. Através da Redes então, eu assumo a liderança desse processo, fazemos contato com diversos alunos que passaram pelo pré-vestibular e que naquele momento eram professores da Rede do Estado de Educação, e assumimos uma escola sem água, com a energia elétrica precarizada, ligada - como dizia o superintendente da época - com o que eles chamam de ligação de obra, ou seja, precária, completamente destruído e que teve apenas o primeiro pavimento recuperado, com duas salinhas e o banheiro. A gente começa esse projeto e esse projeto já começa a dar fruto no primeiro ano, já começa a produzir resultados que se destacam dentro da Rede Estadual de Educação em 2018, em 2019 a gente sofre um refluxo sério porque o esforço exigido era muito grande e as pessoas que entraram na gestão comigo não tinham condições de continuar a se dedicar com tal esforço, então eles acabaram saindo, entramos em quatro e eu fiquei sozinho ao final de 2019, e quando começamos a recompor a equipe em março, com o diretor adjunto nomeado, na verdade, dia 6 de março de 2020, nós tivemos imediatamente na semana seguinte o cenário pandêmico, que obrigou a escola a fechar. Ainda assim, nós conseguimos manter a comunidade escolar mobilizada e praticamos nos dois anos de Pandemia o que nós chamamos de Pedagogia da Palafita, eu vou explicar para você o que significa a Pedagogia da Palafita. À época em que nós estávamos resistindo contra a tentativa de remoção do Projeto Rio, capitaneado pelo Mário Andrezza, que era secretário do BNH, do governo João Figueiredo, nós entendíamos que sozinhos, enquanto única comunidade, nós não resistiríamos. Então o João, que era um representante do Parque União, junto conosco da Nova Holanda, minha mãe, Eliana, eu, mais algumas pessoas, eu ainda garoto, articulamos os outros presidentes das Associações de Moradores, o Joaquim, o índio da Maré, e o Aloísio, que hoje é presidente da Associação de Moradores da Vila do Pinheiro, tá lá ainda hoje, o Joaquim do Parque Maré, o Agamenon do Morro do Timbau, e o Agamenon e o Justino, do Morro do Timbau, e o Agamenon da Baixa do Sapateiro, existia outro. Eu tô agora confuso em relação ao nome mesmo, mas conseguimos fazer com que as seis comunidades nucleares superassem as suas diferenças, porque cada uma tem sua história peculiar de formação, e a gente construía a nossa identidade a partir da alteridade, na perspectiva de Lévi-Strauss, quer dizer o seguinte: o Marcelo, moleque de Nova Holanda, se constituía novo holandense à medida que ele, com um grupo de garotos, ia para a praça do Parque União sair na porrada com os moleques do Parque União. O outro nos ajudava a constituir a nossa própria identidade. Então, a gente rompeu com essa descontinuidade de formação dos territórios na perspectiva de que nós tínhamos um inimigo comum, que era o Governo Federal que queria nos remover. Então rodávamos... o João era o nosso redator, e rodava no mimeógrafo de álcool um jornalzinho *A Maré*, e assim surge o conceito de Maré, e eu, garoto, distribuía esse jornalzinho para tudo quanto é lugar, e assim a gente construiu o conceito de Maré. Essa Maré, então, passa a ter um Projeto Político Pedagógico humanista, que tem uma concepção de educação que vai do ensino inicial, que é chamado EI, ao terceiro ano do Ensino Médio, e que se desdobra ainda...

[inaudível]

Marcelo: Faz o registro, por favor. Tá okay. É o cotidiano da escola. Enfim, e no pré-vestibular fazemos uma discussão sobre a academia que nós queremos. Então, nós temos como desdobramento de todas essas discussões, alguns eventos muito interessantes no território da Maré, nós temos... lembrando daquela música dos Titãs que “a gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte”, ou seja, a educação humanista é uma educação

que necessariamente é diverso e plural. Então, nós tivemos o surgimento de instituições na Maré, que considero como uma prática educadora tanto a prática esportiva, nós temos o *Luta pela Paz*, quanto à prática artística e cultural, nós temos o *Vida Real* aqui, ou tudo isso junto, que é o caso da Redes, do CEASM, e tem outros lugares que considero educação, saúde, continua com essas reivindicações, que são reivindicações que perpassam esses 40 anos de militância. E o que nós temos de interessante? É que nós também temos um projeto de universidade, a universidade tem que ser para todos, a universidade também tem que ser humanista, e nós reconhecemos que atuar apenas no pré-vestibular não é suficiente, então surge como desdobramento o Observatório de Favelas, que tem a intenção de trazer a universidade para dentro da favela, surge numa reunião de 2002, que a gente está discutindo no jornalzinho *O Cidadão* no CEASM ainda, o Jaílson acaba por sua expertise como professor universitário, as suas relações com a academia, acaba assumindo a liderança desse processo e, recentemente, nós tivemos o desdobramento do Observatório para um Instituto, ou seja, um Instituto universitário, um Instituto formador, um Instituto que as pessoas se especializam como e mestres e doutores, que é o Instituto Maria e João Aleixo. Então, esta é uma trajetória que não é linear, é feita de fluxos e refluxos, mas que nos permitiu atuar desde a reflexão, desde a atuação política, passando pela creche, que a gente não fez referência, mas a creche foi uma grande discussão na Associação de Moradores, a escola comunitária, a relação que a gente queria ter com o Estado. Teve um episódio muito interessante em que o secretário de Desenvolvimento Social vem inaugurar a creche é quando ele começa a fazer uma campanha partidária, nós caçamos a palavra dele, porque não era momento de fazer campanha partidária, ele estava lá como representante do Estado e não como candidato, isso gerou confusões terríveis, e quem fez isso foi o irmão da Fátima, esqueci o nome dele, eu só lembro do Leão.

Mary: Acho que era Edson.

Marcelo: É, eu acho que é. A gente não chamava ele de Edson não, a gente chamava ele de outra coisa, porque ele que cuidava do som, porque ele tinha uma equipe de som que era algo bem típico da época. Então, é uma trajetória fantástica, que é um prazer enorme compartilhar com você, porque você já vivenciou.

Mary: Eu ganhei uma aula aqui de história. Muito bom, a história e a Maré, a história do Rio de Janeiro, da cidade do Rio de Janeiro, muito bacana.

Marcelo: Mas o grande barato é que quando a gente faz essa narrativa, sobretudo porque, por conta desse projeto neoliberal em curso acontece um fenômeno denominado por Bourdieu de *presentificação*, a gente não consegue obter a credibilidade daqueles que estão presentificados, aliás esse é o principal desafio da educação humanista hoje, é romper com a presentificação, porque quem está presentificado perde a sua identidade histórica e perde a sua perspectiva de futuro, está apenas ocupado em garantir o consumo no dia de hoje. Essas pessoas acabam perdendo a sua humanidade, porque quem não sonha, e aí esse que é o grande... sabe? Eu acho que a maior dor causada por essa sociedade neoliberal, com esse avanço terrível da extrema direita, é roubar do ser humano a capacidade de sonhar. É muito triste ver pessoas tão jovens já tão envelhecidas por terem perdido essa capacidade de sonhar. Eu acho que essa é a nossa primeira tarefa como educadores, recuperarmos a capacidade de sonhar juntos. Por isso que essa capa desse código de ética, dessa representação dos nossos alunos é tão significativo, ela trabalha com a seguinte tese: um beija-flor só é incapaz de apagar o incêndio na floresta, e na fábula **[inaudível]**o beija-flor, ensandecido pelo individualismo, ele acredita que ele não vai apagar o fogo, mas ele está fazendo a parte dele, e

o macaco que faz parte dessa fábula está certo quando ele diz “Beija-flor, tu é maluco? Você sozinho vai apagar esse incêndio?”. “Não, mas eu estou fazendo a minha parte.”

Nós nos reconhecemos como por beija-flores bourdianos, cada um de nós também carrega uma pequena gota, que ela é incapaz de apagar o incêndio de uma floresta, e não temos a pretensão de apagá-la, a nossa pretensão é formar uma revoada tão grande, tão grande, que seja capaz de apagar qualquer incêndio, porque como já se diz desde muito tempo atrás, e aqui se pratica, juntos somos mais fortes, e a história da Maré é a prova de que nós não somos loucos.

Mary: Não somos doidos. Não sou uma louca. É bom encontrar com as pessoas que compartilham do mesmo sonho que a gente, né? Parece que...fortalece a nossa utopia.

Marcelo: Sonhos não envelhecem, como diz o Milton Nascimento e Léo Borges na música *Clube da Esquina*. Seja bem-vinda à nossa revoada bourdiana. Sinta-se integrada, e a escola está a sua disposição, e eu tenho certeza que você trará grandes contribuições para nós, ok? Valeu. Vamos desligar?

ENTREVISTA 3 –ENTREVISTA COM BRUNO, COORDENADOR PEDAGÓGICO

Bruno: Bom, meu nome é Bruno, Bruno Barros, sou ex-morador do território, nascido e criado no Parque Maré, nasci entre a rua [inaudível]e Joaquim Nabuco, depois fui morar na rua 29 de julho, durante 22 anos e, nos sete anos seguintes, morei no Morro do Timbau. Então, perfazendo 30 anos da minha existência nesse território. Consegui entrar na graduação na década de 90, eu faço parte de uma pequena minoria que era na época, aproximadamente 0.3% da Maré, então acabei sendo uma pessoa privilegiada na lógica do território. Um homem de periferia, pobre, porémbranco, que ascende ao nível superior. Quando eu estava mais ou menos no sexto período, fiz Matemática na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e aí, quando estava mais ou menos no 6º para 7º período, eu ingressei no curso pré-vestibular como professor, curso pré-vestibular do SEAS na época, e aí fiquei no SEAS, e aí fiquei nesse no CEASM até 2006 quando o CEASM teve a sua partição e acabei saindo do CEASM, mas continuei aqui no pré-vestibular, aqui na Nova Holanda, onde eu tenho... e aí tem uma questão de identidade, tem a questão de identidade territorial, que é muito próximo da onde eu nasci, se confunde muito a Nova Holanda com o Parque Maré, e desde então, atuo com educação nesse espaço. O mais interessante, que quando entrei na graduação, a minha graduação não era para ser educador, não era pra ser professor, não era minha ideia, nunca foi a minha ideia ser educador, eu fui induzido pelo mercado, porque na década de 90, pesquisador em matemática era raridade, era um nicho de mercado muito restrito, e aí eu precisava de dinheiro, então fui seduzido pela educação, porque era onde tinha as maiores oportunidades. E esse território me ajudou na minha construção como educador, então eu me descobri educador, não me tornei, eu me descobri, e aí, numa lógica paulofreiriana, sempre usando o território, o espaço, como referência. Na João Borges, na João Borges, [inaudível]João Borges foi criado em 2018, foi idealizado, na verdade, no final de 2017 para 18, eu já era servidor público, estava “afastado” do Estado, fiquei quatro anos afastado por questões pessoais, não acreditando no sistema do Estado Como um sistema eficaz de educação e, como eu tinha outras fontes de renda, isso não me fez fazer diferença. E aí, fui convidado por algumas pessoas, Eliana foi uma delas que me ligou, e aí é difícil recusar um convite dela, tenho uma relação de amizade que perdura 25 anos com ela, e aí ela me convida para fazer parte dessa equipe, da equipe da João Borges, pensada numa escola do território para o território. E a ideia de trazer pessoas que são do território, que foram do território, era importante no primeiro momento. Num primeiro momento foi difícil, porque eu estava

passando por um processo na minha vida complicado, a minha mãe foi diagnosticada com câncer terminal na época, e aí a primeira resposta seria não, mas quando ela falou dos personagens que estariam nessa escola era difícil dizer não. O trabalho com o Marcelo, conheço Marcelo também há 25 anos, e sei do compromisso com a educação que ele tem como eu também tenho. E aí, desde então, estou aqui compondo a equipe da João Borges de Moraes. Em 2022, no início de 22, na verdade, final de 21, ele me faz o convite para fazer parte da gestão escolar, no cargo de Coordenador Pedagógico, só saiu esse cargo em abril de 2022, e aí, desde então, eu estou coordenador. Sempre a gente fala isso da... eu sou o professor, mas nessa posição eu estou, porque é uma passagem, então é um pouco da minha história de educação aqui nesse território.

Mary: Você foi aluno do pré-vestibular também, né?

Bruno: Não.

Mary: Pensei que tivesse sido. Foi professor, né?

Bruno: Professor. Eu sou de antes do pré-vestibular surgir. Como eu falei, eu estou dentro do 0.3 por cento que foi diagnosticado há muito tempo atrás e foi depois publicado na tese do Jailson *Por que uns e não outros?* Por que alguns ascendem ao curso superior e outros não? Então, eu sou de 94, o pré-vestibular na Maré, a iniciativa dos moradores iniciou em 97, então eu já era aluno universitário nessa época e só vim a compor um ano depois do seu início, já não era mais na igreja, na Paróquia, já era o espaço do antigo SETOT, onde foi criado posteriormente o CEASM.

Mary: Aqui você tem quantas turmas?

Bruno: Na João Borges, atualmente, nós temos nove turmas, mas nós iniciamos as nossas atividades com apenas uma turma. Então, foi um desafio, porque você iniciar com uma turma em território de favelas era pra não dar certo.

Mary: O segmento é o... qual o segmento?

Bruno: Então, nós trabalhamos com o Ensino Médio Integral. O início da escola era uma escola técnica, então tinha um curso técnico com uma ênfase em empreendedorismo, era técnico em empreendedorismo. Dois anos depois esse curso caiu, e aí a gente tinha somente um curso com ênfase em empreendedorismo. Hoje nós temos um curso de Ensino Médio integral com empreendedorismo, porque o empreendedorismo, ele entra como um projeto de... não são mais eletivas, mas num trabalho do Novo Ensino Médio hoje ele é um eixo transversal.

Mary: A matrícula do estado é a Matrícula Fácil. Como que é a matrícula para a escola? Vocês recebem alunos de outras comunidades?

Bruno: Então, esse foi um grande desafio no início. Porque? A escola, quando ela foi criada, nós recebemos um número de senso de outra escola, ou seja, só migraram, e quando foi migrado, o nosso endereço era Bonsucesso. Isso dificultava, por exemplo, na Matrícula Fácil. Nós recebíamos alunos, por exemplo, de Manguinhos, do Complexo do Alemão, e é um fator dificultador vir pra Maré. Isso só mudou ano passado. Nós conseguimos uma audiência com o então secretário, e ele, imediatamente, pediu para que a equipe dele mudasse o logradouro da

escola junto à Secretaria de Educação para a Maré, porque o aluno daqui, ele procura a escola que seja mais próximo da região. Hoje a gente atende, não vou dizer as 16 favelas da Maré, a gente tende a atender pelo menos mais da metade. Temos alunos da Vila do João, são poucos, alunos do Conjunto Esperança, da Vila Pinheiro, Conjunto Pinheiro. É Uma outra discussão que a gente tem nesse território, porque as escolas de Ensino Médio, elas ficam concentradas dentro de uma parte do território numa outra. E aí, por questões de violência, muitos alunos não conseguem se locomover e a gente acaba não atendendo a Maré inteira, o que seria o ideal que uma escola integral que ela funcionasse para todo o bairro Maré, todo o território.

Mary: É muito bacana essa história. Marcelo e eu... fiquei horas e horas ali contando, a gente foi para a história do Rio de Janeiro todo, pra poder explicar a história da Nova Holanda, que a Nova Holanda está dentro do território do Rio de Janeiro. E tem sido um prazer conhecer aqui a escola, o trabalho de vocês. E ele falou que vocês têm escola humanista. Ele me mostrou a proposta pedagógica, mas eu queria que você falasse um pouco sobre isso. Eu sei que é uma escola integral, não precisa se alongar muito não.

Bruno: O que que é uma educação humanista? A educação humanista, ela é baseada na obra de Paulo Freire, onde a gente tem que olhar o indivíduo, a realidade do indivíduo. A gente educa para ele, então a gente sempre faz algumas perguntas: o porquê e o para quê. Por que que eu estou trabalhando aqueles conceitos e para quê? Então, todo o conceito, ele tem que ter sentido na nossa vida. Então, só existe a matemática, só existe a geografia se ela for aplicada no nosso contexto, para ela não ficar deslocada.

Mary: Trazer pra vida é o objetivo.

Bruno: Sim. Então essa é a ideia de uma educação humanista, que ela tenha sentido na nossa, no nosso processo.

Mary: Como que é essa construção com os professores? Por exemplo, você falou dos alunos. Os alunos são dos territórios. Como que são esses professores? Da onde são esses professores?

Bruno: Então, inicialmente a maioria era do território, mas nós só tínhamos uma turma, então a quantidade de professores era muito pequena. No momento em que expande a quantidade de turmas, a gente recebe outros personagens de fora, alguns deles acabam tendo uma identificação com esse território bem peculiar, e meio que abraçam, às vezes são até, às vezes, mais moradores do que os próprios moradores. Só que hoje não é exigência, então a gente tenta construir com esse corpo docente essa ideia do pertencimento, do aluno, da questão da educação humanista.

Mary: É uma construção constante, porque [inaudível] rotatividade de professores, os professores saem e voltam.

Bruno: Sim, desde o ano passado a gente tem, eu tenho... equipe de gestão tem feito, por exemplo, tem uma prática nos nossos conselhos de classe que são, geralmente, três dias, que eles não sejam o conselho que as escolas atualmente fazem. O que que é um conselho de classe? É um tribunal, é o famoso tribunal. A gente deixa tudo de forma horizontal, os alunos participam e em todas elas a gente tem um processo formativo. Ano passado, no segundo bimestre, a temática foi “Que escola a gente está construindo?”, e aí nós trouxemos três vídeos para debater principalmente Paulo Freire, da questão da escola humanista e, dentro da

escola humanista, o que que é uma educação popular. Educação popular é baseada em valores da localidade, o indivíduo não é aquele saco vazio que você vai depositando, então as vivências, elas são importantes, você trazer essas vivências, e aí, quais as problemáticas que a gente vive hoje de uma educação opressora, de uma educação midiática, a gente hoje tem uma educação midiática, a mídia está aí e a gente tem que usá-la da melhor maneira possível. E aí, trazendo uma proposta do que que é uma educação humanista. Então, trouxemos um vídeo que fala sobre identidade racial. É uma discussão que é importante nesse território, principalmente, porque 70% dos nossos alunos são pretos e pardos. Então, esse diálogo, ele é importante. E aí, como é que você constrói uma relação de educação sem olhar esse indivíduo? No Terceiro bimestre a gente trouxe uma reflexão sobre a avaliação, como construir avaliações mais universais, porque as avaliações elas são opressoras, elas oprimem, elas restringem. E aí, nesse sentido, a gente começou a refletir com os professores a questão do protagonismo, que é um dos pilares também do Novo Ensino Médio, protagonismo juvenil ele é levado em consideração nessa escola.

Mary: Uma coisa interessante que Marcelo falou comigo, mas acho que não gravou, foi sobre a questão das avaliações que a escola tem um desempenho que está sobressaindo em relação às outras escolas. Eu gostaria que você falasse.

Bruno: Sim. Ano passado nós tivemos uma dificuldade de trabalho na escola, dificuldade estrutural, estrutura. Usamos espaços de parceiros, acho que ele deve ter falado isso. E nós não conseguimos trabalhar na sua totalidade de tempo como aluno, então a interlocução com o aluno se deu de várias formas, nesses espaços parceiros em determinados horários os alunos recebiam um material, mas não era qualquer tipo de material, lembra que a educação humanista olha pro indivíduo. Então, o que que nós solicitamos aos professores? Que construíssem um material que dialogasse com esse indivíduo, que fosse a partir da realidade dele, que ele possa conseguir fazer aquela leitura, que é ele se ler ali. É um dos problemas, por exemplo, de toda a Rede quando você trabalha com materiais que vem pronto pra gente. Quando vem pronto, você traz para dentro da escola uma realidade que não é dele e isso dificulta o trabalho, então eu acredito que isso tenha sido um fator que possibilitou nesse resultado, porque o aluno quando enxerga naquele material ele, ele se enxerga ali dentro, que ele consegue entender aquilo, há interação, há conhecimento, há produção de conhecimento, e aí os resultados...

Mary: Vocês construíram.

Bruno: Construímos, foi um trabalho árduo e a gente chamou de *Caderno de Estudos*. Então o aluno levava para casa, desenvolvia tarefas em casa com esses cadernos de estudos, e aí quando eles estavam com os professores, desenvolviam essas tarefas, traziam essas tarefas para a sala de aula. Então isso foi importante, esses cadernos foram importantíssimos e, no final de cada bimestre a gente tem uma das avaliações, porque no processo avaliativo do Estado tem que ter pelo menos três instrumentos e um dos instrumentos era uma avaliação coletiva, não é a avaliação como o Enem por exemplo, porque também não dialogam trabalho que a gente faz, mas que remete às quatro áreas de conhecimento. Então o aluno, num determinado dia, vai fazer 40 questões divididas por áreas de conhecimento. Por quê? Porque você tem um aluno que ele é melhor numa área, pode ser não tão boa na outra, e essa nota é uma nota coletiva, essa avaliação é coletiva, então vale para todo mundo, e aí te dá um equilíbrio. Então essa nota é a nota do equilíbrio, essas junto com a nota do protagonismo. Então o aluno, por exemplo, que veio em todas as atividades, que fez todas as tarefas, que foi compromissado, por exemplo, os alunos daqui participam das olimpíadas, olimpíadas de matemática, olimpíadas de física, então a participação dele, por exemplo, faz com que ele seja

bonificado por isso. Não é meritocracia, é participação, porque ele está sendo protagonista, ele está correndo atrás do ideal dele, então essa é um pouquinho da diferença. Uma outra questão, que eu vou para além disso, são os parceiros nossos, aqueles que nos ajudam a sustentar a escola. A escola sozinha, ela não é um local agradável, eu enquanto educador...

Mary: Eu sou orientadora pedagógica de matrícula, e atuo **[inaudível]**

Bruno: Eu tenho uma provocação, no meu primeiro dia de aula eu pergunto aos alunos se estudar é bom, eu tenho a minha resposta. **[corte]** Seu pai. Então, estudar é necessário, estudar é ruim, adquirir conhecimento é bom. Então, se a gente consegue adquirir conhecimento de muitas maneiras, de muitas facetas, é isso que a gente tem que trazer pra escola, essas formas diferentes de trazer essa informação para a escola e essa informação virar conhecimento. Então, hoje, por sinal, a gente teve junto com a Petrobrás, a Petrobrás ela tem uma parceria também com a Recoud que é uma empresa, eles dão cursos da Microsoft, então eles trouxeram hoje e fizemos uma atividade com as turmas de segundo ano falando sobre *fake news*, e aí eles se envolveram um trabalho belíssimo. Essa equipe já da grade, eles trabalham com as turmas de primeiro ano dando um curso de informática pela Microsoft do pacote Office, já preparando para o mercado de trabalho. Então não adianta nada esse aluno ter as oficinas, o conhecimento escolar normal e sair daqui e não conseguir um bom emprego. Então, a ideia é que esses parceiros tragam iniciativas que, no futuro, possam gerar renda para ele. O *Luta pela Paz*, que é uma ONG que fica aqui do lado da escola, que também é um parceiro, todo ano tem um balcão de empregos para os alunos do terceiro ano, então geralmente é mais para o finalzinho do ano e a nossa escola tem a prioridade no cadastro para que os nossos alunos, que vão ser egressos, que eles possam estar indo pro mercado de trabalho, temos até uma das nossas alunas egressas, faz parte hoje do corpo administrativo do *Luta pela Paz*, então essa é a ideia. Um dos desafios que eu acredito no ensino integral dentro de favela é que esse aluno, ele quer fazer outras atividades já pensando no mercado de trabalho, muitos deles já estão no mercado de trabalho. E aí, vou falar a palavra “criminoso”, é criminoso você deixar o aluno o dia inteiro na medida que a família dele passa fome em casa, então ele se sente na obrigação de querer ajudar. Já existem propostas, mas isso é para o Ensino Superior, de bolsas. Isso iniciou em 2001, aqui no Rio de Janeiro, com a UERJ, que são bolsas de incentivo, são alunos extensionistas, eles recebem a chamada Bolsa Permanência, ele tem que estar estudando, e isso ajudou algumas pessoas, uma delas que foi aluna do pré-vestibular, hoje ministra Anielle Franco. Anielle foi aluna do pré-vestibular, fui professor tanto da Marielle quanto da Anielle e, outro dia, ela em entrevista falou que a possibilidade dela ter terminado o Ensino Superior foi que a UERJ dava bolsa permanência, então ela não precisou largar a universidade para poder trabalhar. E a realidade do jovem da Maré é quanto antes ele ir pro mercado de trabalho, então você colocar um ensino integral deveria ter uma articulação com uma proposta desse nível, de bolsas permanência, para que ele possa estar o dia inteiro na escola. O que a gente consegue fazer é...

Mary: Uma professora com três alunos bolsistas, são alunos da escola?

Bruno: São alunos da escola.

Mary: São da UFRJ, né?

Bruno: Da UFRJ. Só que a gente não consegue bolsa para todos, seria o ideal.

Mary: No caso, é a pesquisa dela.

Bruno: Não. O Novo Ensino Médio estabelece algumas disciplinas, chamadas eletivas, o que na graduação já tem, né? Só que na verdade, no Novo Ensino Médio, a eletiva não é eletiva, ela acaba sendo obrigatória para algumas turmas. E aí nós fizemos do limão uma limonada. Ano passado, quando iniciamos o Novo Ensino Médio, nós pegamos duas eletivas para dar aqui na escola: *Vermicompostagem* e *Cinema e fotografia*. A disciplina de *Vermicompostagem* nós convidamos uma professora de biologia aqui da casa para ministrar essa disciplina, e aí casou com a proposta do LUDS, que é um grupo de extensionistas da UFRJ, que faz um trabalho conjunto. E aí, nessa perspectiva gerou um produto, hoje a escola tem um biodigestor construído pelos alunos, e esse biodigestor, ela já está pronta, está quase instalado, tá semi-instalado, só falta ser alimentado. E aí tem dois produtos que geram o gás, que é o gás metano que serve pra cozinha, ou seja, é uma economia de dinheiro, porque acaba gerando emprego e renda, e a segunda perspectiva do emprego e renda é existe um resíduo que vira adubo, e adubo se vende. E aí, a professora inscreveu em alguns projetos já foram aceitos, programas de Governo Federal para receber verba, e a gente poder colocar mais gente como extensionistas, bolsistas, alunos bolsistas. A UFRJ conseguiu, se eu não me engano, seis a oito bolsas para esses alunos, parece pouco, 200, 300 reais, mas mantém esse aluno aqui dentro estudando. Uma outra perspectiva que foi no passado, foi uma parceria com a Redes da Maré com a aula de robótica. E aí, dois alunos que tinham praticamente abandonado voltaram, porque estavam recebendo uma bolsa, um deles hoje é o coordenador desse projeto na Redes da Maré, garoto com 18 anos, 19 anos, a única exigência dele é que ele entre numa universidade. E aí, à noite ele é aluno do pré-vestibular, ele é meu aluno no pré-vestibular, foi aluno aqui e agora é aluno lá. E esse projeto da robótica tá parado por questão de verba, que eles não conseguiram pra esse ano, mas ele foi premiado aqui nessa escola, nós somos bicampeões nacionais e a única escola em território de periferia ou favela, a única do Brasil, foi a João Borges de Moraes.

Mary: Tá Fazendo história.

Bruno: Em pouco tempo a gente consegue.

Mary: É, pouco tempo, em 2018, ainda teve a Pandemia.

Bruno: Sim, e em um dos anos que a gente ganhou o prêmio foi o ano da Pandemia, onde esse pessoal fazia os experimentos online e conseguimos chegar na final. E aí, você ainda tem um outro viés desses projetos, a aluna destaque no projeto de robótica hoje está em São Paulo estudando robótica, Engenharia Mecatrônica.

Mary: O nome dessa aluna você tem?

Bruno: Tenho.

Mary: Você pode me passar?

Bruno: Posso.

Mary: Porque eu tô querendo colocar algumas questões assim, nesse sentido.

Bruno: Eu vou levantar lá, porque assim, de cabeça...

Mary: [inaudível] do seu telefone, você pode me ligar depois, se não for te atrapalhar.

Bruno: Tá, tá bom, eu te passo depois o nome completo.

Mary: E aí você falou da Anielle e da Marielle, você foi professor delas.

Bruno: Sim.

Mary: E eu também trago elas no trabalho, porque não tem como falar da Maré e não falar dela. Eu queria que você falasse o que não tá na mídia, o que não tá nos livros, o que você pode falar da Marielle e da Anielle enquanto professor delas?

Bruno: É porque assim, da Marielle ainda é um pouco difícil de falar, porque ela tá na relação de afeto. Ela transcendeu a questão de sala de aula, então fora de sala de aula ela acaba sendo uma amiga, porque nós temos filhas de mesma idade. A minha filha tem a mesma... é na verdade um ano mais velha do que a Luyara, que é a filha de Marielle. O que posso falar que, assim, ela virou mito, isso é ruim, porque a pessoa não tem que virar mito, as causas que ela defende é que não podem morrer. Se isso permanecer eu acho bacana, a luta pelas causas que ela representava, não a pessoa em si, mas infelizmente a mídia, ela faz isso, né?

Mary: Para o bem e para o mal, né?

Bruno: Para o bem e para o mal. Mas é bom... a perda dela faz com que as pessoas saiam também do seu lugar de conforto. E aí, estabelecem algumas pautas que são importantes. Então a pauta hoje da Anielle, embora hoje ela é ministra, então ela está na pauta que sai do município do Rio, que era a atuação da Marielle enquanto vereadora [inaudível] e hoje a gente tem uma pauta que é nacional, de igualdade racial. E aí, o pouco que a gente conversa, eu e a Anielle, eu vejo que é uma pauta que a gente luta desde 97, a pessoa de periferia ter o acesso, ter o acesso à educação de qualidade independente de qualquer coisa, a questão do respeito. Esses dias eu recebi a visita da ex-companheira da Marielle, a Mônica, que também foi aluna, porque eu quero trazer a discussão sobre educação nos âmbitos municipal e estadual, e aí pedimos uma agenda com ela, e a ideia é um grupo de trabalho com ela, com a Renata Souza, que também foi minha aluna. É legal assim, 25 anos de história aqui dentro tem algumas passagens importantes, e essas pessoas hoje são figuras públicas, então é importante trazê-las para discussão do que que é a educação de qualidade da Maré, que é a educação que Marielle, por exemplo, defende. Uma educação que... Eu vou citar aqui o problema de uma coisa que me veio à cabeça agora. Nós temos uma aluna que é mãe, e ela tá o dia inteiro. Eu fico me perguntando “e o filho dela?”, que é bebezinho, tem um ano e pouco, com quem fica? Como fica? Por que que eu estou fazendo esse registro? Porque essa, e essa menina é viúva, que estuda aqui, é uma realidade de muitas jovens daqui, elas param de estudar porque não tem com quem deixar o filho. Então você tem uma escola integral, você deveria ter do lado uma creche, que atendesse no mesmo horário para que essa jovem não pare de estudar. Então era uma pauta, por exemplo, de Marielle, porque ela engravidou na época do pré-vestibular, e ela teve que esperar um tempo para voltar para poder entrar na universidade. Que tempo foi esse? O tempo da filha dela ter condições de ficar com alguém. Então, a gente sabe que...

Mary: É uma realidade, né?

Bruno: É uma realidade que acontece até hoje. Você tem o jovem que tem que trabalhar, a menina que engravida, então todas as pautas, são pautas trazidas desde a época de Marielle e de Anielle. Então esse é o...

Mary: Até anterior a elas.

Bruno: É, anterior.

Mary: Quando eu trabalhei na creche aqui, a creche não atende a todos os moradores. Hoje eu nem sei como é que está, mas na minha época não atendia.

Bruno: Não atendia. A creche que hoje está do lado da Redes da Maré foi uma... Eu lembro que foi um porradeiro, eu tava com Eliana nessa época conversando, um porradeiro com a Prefeitura, de eles entenderem o processo para ter aquela creche. E aí, em *off*, nós temos hoje aqui na Maré, um grupo de diretores de escolas, a gente chama de *Fórum de Educação*, um grupo pequeno, a gente tem discutido a educação, e aí chamar essas duas pessoas, a Mônica que trabalha no município, vereadora, e a Renata, que hoje é deputada estadual, para essa conversa de educação na Maré é super importante, porque nós temos hoje uma pirâmide, uma pirâmide onde entra muita gente na EDI, lá no cume não se forma quase ninguém. É inconcebível, por exemplo, de todo o território da Maré ter apenas duas escolas de segundo segmento. Não tem, não atende, não atende. Então, você dá a educação, a primeira educação que é o EDI, e aí depois já tem uma bifurcação para o Ensino Fundamental, já diminui o número de vagas. Para você ter ideia em números, 42 mil pessoas precisariam ser atendidas em todo o segmento, desde o EDI até o Ensino Médio.

Mary: E a questão da segurança, as alterações, como que interfere na estrutura dentro da escola, no cotidiano da escola?

Bruno: Vamos falar da violência, de todo tipo de violência armada, isso interfere diretamente no nosso trabalho. Segundo estudos, e aí vou pegar dados concretos da Redes da Maré, no ano passado nós tivemos, se eu não me engano, 25 dias sem aula, diretamente. O que que é isso? Foram dias que tiveram operações efetivas aqui dentro. Não são contabilizados, por exemplo, os problemas entre grupos rivais, que é uma problemática, e também não é contabilizado pós, que depois que você tem uma operação policial, no dia seguinte existe a problemática do aluno querer vir pra escola, principalmente quando são operações de cunho muito violento. Então isso interfere diretamente no nosso rendimento. Ano passado foram 25, em 2018, se eu não estou enganado, segundo a pesquisa, um relatório de segurança pública da Redes, um bimestre todo foi comprometido, ou seja, um quarto do ano letivo não existiu, um quarto.

Mary: Muita coisa.

Bruno: Isso pra mim é muita coisa.

Mary: E aí como vocês conseguem resolver essa situação?

Bruno: A gente não consegue resolver.

Mary: Mas eu digo assim, em relação a não evitar. Eu acho que existe até um trabalho de resistência. Eu vejo seminários, eu acompanho de longe, né?

Bruno: A gente tende a trabalhar contra *fake news*, por exemplo, a gente tem que tomar um grande cuidado, e hoje essa coisa de *fake news* também envolve isso, que qualquer informação em rede social, em mídia social vira algo alarmante. Então, a gente é resistência, só que a gente também tem limites. Ano passado nós tivemos na escola em um determinado

dia, tava tudo tranquilo, porém como todas as escolas do município fecharam, a gente foi obrigado a fechar, recebemos uma ordem para fechar. Isso é inadmissível, então a gente tem que ser resistência, a gente mostra isso para eles. Em dia de operação não tem aula, mas temos grupos de *Whatsapp*...

Mary: Mas como que vocês ficam sabendo?

Bruno: A Redes da Maré e algumas instituições locais, quando ocorre a operação policial, que geralmente ocorre por volta de 5h30 e 6h da manhã, nos comunica imediatamente para que a gente possa fazer o disparo em todas as nossas mídias sociais alertando os responsáveis e alunos e professores sobre o perigo que está ocorrendo na comunidade. Então a gente tem essa...

Mary: Eu recebi isso no dia que eu vim pra pesquisa, eu já vim outras vezes, eu tinha marcado pra ir no Centro de Artes, aí falaram pra mim não vim, a esposa do **[inaudível]** a Max, mandou mensagem falando “Não venha hoje, está tendo operação”.

Bruno: Você trabalha com a Max?

Mary: Não, não. Eu já morei aqui.

Bruno: Aí conhece a Max.

Mary: Eu conheço todo mundo, conheço o Renan, conheço o Marcelo. Eu estava no início de todo esse projeto, bem lá no início, na época da alfabetização de jovens e adultos, depois trabalhei na creche, trabalhei na escola, aí eu virei funcionária da FNDS, porque veio o convênio, né? Só que aí eu mudei, aí eu fiz concurso para São Gonçalo, e hoje eu sou funcionária, tenho duas matrículas lá em São Gonçalo. E lá, com a proximidade da UERJ, eu voltei a estudar, fazendo mestrado, e aí como eu estava falando com Marcelo, fui convidada a fazer meu memorial e o que saiu da minha história é a Nova Holanda e Maré, porque eu acho que as raízes, minha formação se deu muito **[inaudível]** e aí, tive que aprofundar na pesquisa, porque eu iniciei o memorial falando de Nova Holanda, não era a intenção pesquisar a Nova Holanda, eu ia falar um pouquinho e ia caminhar para outras questões. Só que aí a banca tava tudo sinalizando que tinha que ficar na Nova Holanda. Então fiquei na Nova Holanda. E aí estou voltando pra aprofundar a pesquisa. Então é isso, foi um prazer te conhecer.

Bruno: O prazer foi meu.

Mary: Saber de tanta coisa aqui, de toda essa sua...

Bruno: Tem um material... **[corte]**

Mary: Vai ser ótimo.

Bruno: Que dialoga sobre educação também, essa pergunta que você me fez sobre os impactos da violência no território, é falado nesse... **[corte]**

ENTREVISTA 4 – VISITA AO CENTRO DAS ARTES

Henrique: Eu sou o Henrique, estou aqui com a Mary da UERJ, do Programa de Formação de Professores de Desigualdade Social, né?

Mary: Desigualdade Social.

Henrique: Então nós vamos agora apresentar o Centro de Artes aqui para a Mary. Qual seu nome? Desculpa, que eu não falei com você.

Viviane: Viviane.

Henrique: Prazer, eu sou o Henrique. Então, Mary e Viviane, o Centro de Artes, como eu havia dito, é um equipamento da Rede da Maré em parceria com a Lia Rodrigues Companhia de Dança. Então, nós estamos aqui desde 2010, o Centro de Artes foi inaugurado em 2010, era realmente, antes de nós inaugurarmos, um galpão abandonadíssimo, lá atrás eu vou mostrar umas fotos e tudo mais. Então, com a necessidade da Lia Rodrigues de encontrar um espaço aqui no território - porque a Lia também é daqui no território e tudo mais – com a necessidade dela encontrar um espaço aqui na Maré, ela viu aqui o Centro de Artes e nós já tínhamos essa parceria com a Lia lá no prédio central da Rede, onde ela já tem uma sala dança também. Então, ela se juntou com a Rede e fundaram aqui o Centro de Artes que é dividido como Galpão 1 e Galpão 2. Aqui no Galpão 1 acaba sendo o galpão da escola, que nós temos aqui a Escola Livre de Dança da Maré, onde nós temos como objetivo oferecer aulas gratuitas e acessibilidade para os moradores aqui da Maré em si, em geral, independentemente de idade, de condição social, mental, psicológica, nós oferecemos para todos os públicos. E juntamente à escola, nós temos também o Núcleo 2, que são alunos bolsistas num curso intensivo em dança, uma formação intensiva dança, porém contemporânea. Eles estão conosco aqui todos os dias, das 14h até as 17h só dançando, tudo que eles fazem é dançar. Eu vou te mostrar também um pouco do núcleo, eles estão agora em aula. Esse aqui é o núcleo deles. Se quiser, pode tirar foto também. Hoje quem está lecionando a aula é a Isabela, uma aluna também do Núcleo 2, eles são uma turma de 20 alunos, fazem esse programa aqui.

Mary: Isso aí é tipo uma dança contemporânea?

Henrique: Isso é jazz.

[Professora ao fundo dando instruções aos alunos]

Henrique: Foi?

Mary: Uhum.

Henrique: Então, aqui é o Núcleo 2, nós temos também o Núcleo 1. São todas as outras turmas da escola de dança, todas as outras turmas que fazem dança aqui, as aulas gratuitas. O Núcleo 2 eles são alunos bolsistas, eles recebem por estarem aqui, e o Núcleo 1 não, o Núcleo 1 são todas as aulas gratuitas, então nós temos balé, que a Sílvia, aquela senhorita está lá sentada na mesa, temos dança de salão, dança contemporânea, consciência corporal, temos várias modalidades de dança aqui. E então, esse é o nosso Galpão 1. Já, já eu vou explicar um pouco sobre a disposição que nós estamos aqui.

Mary: Uhum, eu estou só olhando, você está vendo o meu olhinho.

Henrique: *Tô.* Vou inclusive chamar o Doug, que é o educador da exposição, para ele falar um pouco. Monique, você viu o Doug?

Monique: Cara, eu vi ele, ele estava aqui **[inaudível]** exposição.

Henrique: Se você localizar ele, pede pra ele ficar ali a postos que eu vou aparecer com uma visita pra ele mediar.

Monique: Tá bom.

Henrique: E aqui é o segundo galpão daqui do Centro de Artes, que é o galpão de residência artística da Lia. Todas as vezes que eles estão aqui no Brasil, eles utilizam esse espaço aqui, esse tablado, para desenvolver, criar, fazer tudo o que eles têm que fazer. Então, aqui é o espaço deles também. Achou? Tá bom, tudo bem. Então, aqui é o espaço deles. Resumindo, o Centro de Artes é isso, né? Nós temos como principal foco atualmente, porque nós recebemos mais aulas de dança do que aulas de outras atividades, assim, de outros tipos de artes, nosso principal foco acaba sendo mesmo a dança. Aquela lindíssima é a Regina, nossa auxiliar de serviços gerais aqui do espaço, ela é que cuida. Aqui nós temos umas imagens mais ou menos

de como que era antigamente. E não sobrou mesmo nada, nada, nada aqui do espaço além de uma balança industrial muito, muito, muito antiga, que fica lá do outro lado. Então, aqui em 2008, quando nós estávamos sondando, e acho que foi quando se comprou o galpão.

Mary: Eu lembro quando a Eliana estava só querendo esse espaço, que o **[inaudível]**

Henrique: E foi uma luta, ele também queria, né?

Mary: Queria, o **[inaudível]** fazia aqui os alegóricos, entendeu?

Henrique: Sim.

Mary: E aí... Porque o meu pai, não sei se você já ouviu falar dele, o meu pai é o Adevanir, ele já foi o presidente da escola aqui, ele era uma pessoa que era muito envolvida com o Carnaval.

Henrique: Sim

Mary: Eliana é minha amiga, eu conheço ela há muitos anos.

Henrique: Aí, que ótimo.

Mary: Quando ela foi trabalhar, quando ela foi fazer um Mestrado na UFRJ eu assumi uma turma dela de alfabetização, que a gente tinha esse trabalho aqui na comunidade, entendeu? De adultos.

Henrique: Que maneiro. Sim, sim, A Redes inclusive surgiu desse eixo, da educação.

Mary: Isso, da educação. E nessa época eu estava, depois eu fui ser educadora na creche, a assistência social ela entrou com financiamento pra gente construir o prédio, a gente construiu o prédio, aí eu fiquei trabalhando na creche como educadora, depois eu virei a diretora da creche, da escola. Eu ainda fiquei um tempo trabalhando aqui na comunidade, entendeu? Envolvida nesse trabalho todo. Só que depois que eu me mudei eu me afastei, entendeu? A

Eliana ainda falou “Vamos trabalhar com a gente”, só que aí eu fiz concurso para município, aí fui pra ser professora.

Henrique: Aí foi parar em São Gonçalo.

Mary: E aí eu levei toda essa bagagem pra lá, entendeu? Só que essas marcas ficam muito fortes no meu território, de onde eu vim, minhas origens.

Henrique: Sim, sim. A tua história, né?

Mary: A história. E aí, colocando pra fazer o memorial, saiu muito forte, saiu muita coisa e aí a professora “Não, a Nova Holanda...”.

Henrique: Que incrível.

Mary: Maior barato, e aí... que eu queria mesmo, muito bacana.

Henrique: Cara, e agora aqui na nessa exposição, o nome dessa exposição é *Negras Marés*. Eu ia... se eu encontrasse ele, porque ele deu um perdido.

Mary: Olha, deixa eu falar uma coisa pra você, essas coisas não existem coincidências, tá?

Henrique: Sim.

Mary: Porque na minha narrativa eu estou conversando com aquele livro *O mar de história*, é sobre Maré, é sobre mar.

Henrique: Sim.

Mary: Eu estou usando esse livro para contar a história da Nova Holanda.

Henrique: Que maneiro.

Mary: Olha só, eu chego aqui e é uma exposição sobre o mar.

Henrique: Sobre o mar, negras marés.

Mary: Olha como é isso.

Henrique: E, cara, essa exposição, inclusive, ela é montada por maior parte dela, a sua maioria ela é feita por artistas negros periféricos aqui na Maré.

Mary: Que bacana.

Henrique: E outra parte também de artistas negros e periféricos só que de outros lugares do Rio. Então, é uma experiência assim, incrível, que eu vou deixar com o Doug, porque ele é o educador, ele vai saber explicar muito melhor do que eu.

Mary: Tá bom. Muito obrigada, você é muito maravilhoso. Eu adorei você me receber, tá? Muito obrigada.

Henrique: Eu que agradeço.

Mary: Eu vou esperar o contato, manda pra mim aí.

Henrique: Com certeza eu vou te mandar esse áudio também.

Mary: E você fala que é angolano, que é uma coisa interessante, tá?

Henrique: Tá bom, pode deixar. Doug, vem cá.

Doug: Opa!

Henrique: Aqui hoje nós temos a Mary e a Viviane.

Mary: Oi, tudo bem?

Henrique: Tchau, tchau.

Doug: Prazer, Doug.

Henrique: Esse é o Doug, educador daqui da Casa Preta. A Casa Preta é quem [inaudível] A Casa Preta é o equipamento da Redes que idealizou, idealizou a exposição aqui [inaudível]. Então o Doug vai apresentar um pouco mais da exposição. A Mary é pesquisadora, ela está fazendo uma pesquisa do Mestrado dela sobre a Nova Holanda. Ela também já morou aqui no território.

Mary: Já morei aqui, é a minha história, minha raiz.

Doug: Opa, então [inaudível]

Henrique: E hoje nós vamos agregar numa história de Mestrado. Então, Mary, agora é com o Doug, agora [inaudível]

[Conversas inaudíveis]

Henrique: Fiquem bem, tá bom?

ENTREVISTA 5 – VISITA À EXPOSIÇÃO *NEGRAS MARÉS* MEDIADA POR DOUG

Doug: Então, para a gente falar de Negras Marés, a nossa exposição, feita pela Casa Preta, a gente vai estar falando muito dessa conexão que a gente tem dos povos negros com a água e a gente vai falar muito da diáspora também, né? Que a diáspora primeiro você vai escutar na bíblia, falando sobre essa migração dos judeus, onde eles são separados, são expulsos, na verdade, para outro lugar. Só que na década de 50 ou 60, a gente tem todo esse movimento do *Black Studies*, nos Estados Unidos de negro estudando nas faculdades, pesquisando, pesquisadores, e eles entendem que, na verdade, a palavra *diáspora*, para ela cabe justamente a esse processo de migração dos negros de África, por exemplo, pro Brasil, um exemplo dando assim. E aí, eles entendem que, tipo, não, isso não pode ser usado simplesmente só para os judeus, isso se encaixa com a nossa história. Então a diáspora, e aí, na verdade, a gente fala migração, mas na verdade foram expulsos, né? E toda essa conexão com o mar também, porque nesse processo da escravidão, muitas pessoas ficaram pelo mar. Nem todos conseguiram chegar, né? E aí é muito interessante, porque quando a gente vai, por exemplo, pra religião de matriz africana, que é a umbanda ou candomblé, a gente tem o calunga grande, e calunga grande é o mar, só que calunga pequeno é o cemitério e, algum momento determinado dessa história, quando a gente pensa nesse processo todo, calunga grande quanto calunga pequena sem encontram.

Mary: Essa é a vida, né?

Doug:É a vida, né? E aí, basicamente, essa introdução que a gente sempre tá falando, explicando pra gente entrar de fato na exposição, e a gente sempre começa com essa frase, na verdade, a exposição começa com essa frase que está bem aqui “Antes da escravidão, havia o mar”, como essa conexão, o que separa o Brasil, por exemplo, da África, é o mar, mas quando você vai, por exemplo, no Nordeste, mais acima, fica mais perto da África do que a gente que está aqui, mas tem toda essa ligação. E quando a gente vai no processo de urbanização, trazendo pra cá também, das criações da favela...

Mary:Os aterramentos.

Doug:Os aterramentos, tudo isso, e principalmente aqui no Complexo da Maré a gente tem essa ligação muito forte com o mar.

Mary:Por isso que eu trouxe o livro, o livro do Mar. Eu falei com ele que eu estou fazendo uma conversa com aquele livro do Haroun, os fios do mar.

Doug:Ah, eu não li ainda. E o legal também que a gente tem um núcleo de pescadores aqui muito grande também, né? A gente tem aqui no Parque União, a gente tem uma colônia, no Pinheiros a gente tem uma colônia de pescadores também, em Ramos e também na Kelson, e a galera aqui também sempre viveu do mar, sempre teve muitas pessoas que estavam pescando, vivendo do mar e tudo isso. E aí, de fato, **[inaudível]** eu já ouvi falar desse livro, mas eu, por exemplo, acho que eu vou até na Lima Barreto pra ver se eu encontro esse livro lá, que aí, talvez, eu possa deixar até de recomendação também pra galera pegar. E aí, entrando, tem algumas peças aqui logo no início que não necessariamente é a exposição, mas são artigos que a gente já tinha e colocou pra estar também junto com exposição, por exemplo, Exú, representando justamente, tipo, a religião de matriz africana, que é uma entidade, que ela serve para abrir os caminhos, né? Essa relação de mal, de ruim ou bom, a galera tenta falar disso, mas na verdade ele está num patamar que **[corte]** Ah, acho que foi só, enfim. E aí, a gente traz, por exemplo, os barquinhos de Iemanjá, né? Dia 2 de fevereiro foi dia de Iemanjá e tem toda essa cultura das oferendas, de colocar, por exemplo, pente, colocar espelho com toda essa ligação da beleza, de pedir a autoestima e tudo isso. Aqui a gente ganhou, por exemplo, esse barco da colônia de pescadores, eles doaram para a gente, para a gente estar colocando aqui na exposição, isso foi muito legal e a gente colocou, tipo...

Mary:Essa participação, né?

Doug:Dessa participação. Aí, de fato, entrando na exposição, por exemplo, aqui a gente tem três quadros, na verdade, que é Noban, que é um grafiteiro, ele é um grafiteiro antigo na cena do grafite urbano, mas ele tem todo esse lance com a arte, com essa pintura a óleo e sempre representando a religiosidade, entendeu? E aí, a gente tem, por exemplo, como se fosse, eu interpreto como devolver ao mar, né? Eu gosto muito dessa, que é tipo essa iniciação da religião, que é um banho, mas é um banho de pipoca.

Mary:Muito bacana.

Doug:Muito bacana. Aí aqui a gente já tem aí Yáyá Ferreira com o samba Kalunga, que é uma protetora dos mares também, uma entidade, mais uma vez a gente tem com a Yáyá Ferreira a representação do Exú feito por ela. Aqui a gente tem o Derrete, que é um artista aqui da Maré, também grafiteiro que faz toda essa pintura sempre com esses traços, assim, sempre representando a pele preta, a pele negra, e com essa pintura sempre um pouco rústicas, assim, a pincel. Esse quadro é um quadro que ele foi encomendado pela gente, um demassê,

que a gente queria um quadro que justamente, com o mapa da Maré, mas a gente queria essa representação de rios. Mas o interessante desse quadro é que ele tentou fazer três vezes, mas não conseguiu porque teve operação dentro da comunidade. Todas as vezes que ele iria sair...

Mary: Aconteceu isso comigo hoje, não queriam que eu viesse por causa da operação.

Doug: Foi, é? Muita doideira, né? E aí, ele queria ver o rio, ele queria olhar mais pra poder estar fazendo esse quadro pra gente, só que ele não conseguiu. Então ele, numa conversa com a gente, ele começou a fotografar da janela na casa dele, e aí, ele começou a perceber que, na verdade, se você olhar as ruas da Maré, o Complexo da Maré, tanto de cima, dependendo da onde você estiver, é como se fosse rios, toda costurando uma na outra, tal como se fosse rios, então ele trouxe essa ideia com as fotos que ele tirou e pegando algumas fotos antigas da Maré representando a palafita. Então, ele vem e monta esse mapa pra gente e a ideia inicial...

Mary: Posso tirar foto depois?

Doug: Por favor. Tinha uma ideia inicial, mas acabou se tornando outra coisa que teve um conceito que foi muito mais bacana.

Mary: Muito lindo.

Doug: Aqui a gente tem uma parte de literatura que é para quem quiser vir na exposição e quiser simplesmente dar uma olhada nos livros, sentar e ficar mais à vontade, aí a gente tem uma literatura infantil voltada para a criança, aqui também para identidade de gênero, sexualidade também. Aqui é Stefany Silva, ela é uma artista...

Mary: Você está gravando, né?

Doug: Tá, tá gravando. Ela é uma artista indígena aqui da Maré, a gente tem uma galera indígena bem legal aqui, uma porcentagem alta, e ela faz justamente toda essa relação da mulher indígena com o mar também, né? Ela sendo indígena, ela faz essa representação. Aqui a gente tem a Luna Bastos, que faz todo... ela tem essa arte dela em quadros, com essa textura de crochê, feita à agulha nessas costuradas, e ela sempre faz essas texturas, sempre representando a mulher negra também e o mar também. E ela não é aqui da Maré, ela é nordestina, mas a gente veio e colocou também a exposição dela aqui. Essa parte aqui a gente tem algumas artes justamente de Felipe Bacelar, e a gente tem que esse quadro, é um quadro que eu gosto muito, que é um quadro que, na verdade, ele reflete muito esse lance da gente cuidar dos nossos, né? E a gente tem, por exemplo, duas pessoas negras com cabeça de coração, justamente para dar essa ideia de tipo “não, vamos cuidar do nosso”.

Mary: A afetividade.

Doug: A afetividade, justamente. Aqui a gente tem a Maré Negra. A Maré Negra, na verdade, se não me engano em 2013 teve senso e a gente, com os dados, percebeu que a Maré é negra, porque 62% da população da Maré é negra, e aí a gente celebra justamente isso trazendo artistas da Maré, alguns não são da Maré, mas a maioria sim. Então essa representação, por exemplo, o fotógrafo Arthur Viana, ele é um fotógrafo da Maré e ele sempre está fotografando esse cotidiano da Maré.

Mary: Eu acompanho ele nas redes sociais.

Doug: Ah, ele é incrível. Ali a gente tem o Renato Cafuzo, que faz esse quadro, na verdade, em homenagem ao Cadu Barcelos, que é um cineasta que infelizmente, em 2020 ele foi assassinado, saindo na festa, e era uma pessoa muito querida, então tem todo esse lance da homenagem. Wagner França Também, um fotógrafo muito bom. Aqui a gente tem alguns exemplares, por exemplo, do Maré de Notícias, que foram três matérias que foram importantes, por exemplo, essa daqui a 71 foi um jornal todo dedicado...

Mary: A Helena Edir.

Doug: É, Helena Edir. Um jornal todo dedicado à Consciência Negra. Por exemplo, o Hélio ele gosta muito desse, porque na verdade, foi a primeira vez que se faz uma notícia sobre as operações, sobre esses confrontos que tem na Maré e esse de 77 fala justamente desse ato que teve onde os estudantes mais moradores, eles encontram numa passeata e fazem a passeata da paz. Então são...

Mary: Eu acompanhei isso aqui nas redes sociais também, vi, lembro dessa situação.

Doug: Sim. Aí foram três capas assim, bem impactantes assim. Aqui a gente tem a Nlaysia, que é uma arte diferente, na verdade, né? Quando a gente está na exposição, tudo é muito à nossa frente, sempre acima dos nossos olhos, né? Tudo que as obras, tudo. A Nlaysia, ela é uma artista trans aqui da Maré e ela traz esse conceito totalmente diferente de arte, que é tipo, você se debruçar para olhar, tem uma outra relação com a arte. E aí, quando ela traz, ela traz um mapa da Maré, mas dependendo de como você olhar, você pode ver outras coisas como uma fenda, por exemplo, né?

Mary: Eu olhei assim e pensei que fosse o mar.

Doug: Pode ser o mar também. E aí tem algumas escrituras que ela faz, mas dependendo da onde você ler, tem um significado diferente. Então, uma obra que ela não tem um significado único.

Mary: É você parar e contemplar.

Doug: É, as pessoas que vão ver, elas vão ter uma percepção diferente disso. E aí, a gente vem justamente para essa parte, que é a parte de gênero, de sexualidade e identidade, retratando também toda essa violência LGBTQIA+, né? Aqui, na verdade, a gente tem a Rayanne, que ela faz todo esse trabalho com colagem, ela faz esses trabalhos aonde ela traz justamente artistas negras, eles são artistas também LGBT. Aqui, na verdade, a gente tem essa obra, que eu acho que é uma obra muito interessante, que é a do Carlos Marra, que ele é conselheiro tutelar e artista também, homossexual, e ele relata justamente essa vida dele na escola, quando criança, né? E aí, por exemplo, você tá vendo escrito “Carlos é viado”, e isso foi uma coisa que realmente aconteceu com ele na época de escola que as pessoas escreviam isso.

Mary: Que devia trazer na época um sofrimento.

Doug: Exatamente. E aí, a cadeira tem um monte de mão vermelha, como se fosse sangue e tudo isso, né? E aí você escuta esses dizeres, por exemplo, né? Mas tem algo muito interessante nele, por exemplo, são crianças gritando, só que chega um determinado momento que essas vozes vão mudar, agora, eu acho. E aí, você percebe, na verdade, que as vozes já estão mais maduras, e aí, você entende que, tipo, a infância foi assim, a adolescência também,

e conforme ele foi crescendo isso se repetia e ele tem justamente essa fala dele que é “acudem seus viados desde criança”, dessa afetividade do tipo “não, somos pessoas também”.

Mary:Muito fragilizado, né.

Doug:É, ta muito fragilizada e precisa de cuidado mesmo, entendeu?

[Mary] - Muito bacana, e a ideia é muito criativa, né?

Doug:Muito criativa. E o Carlos é um amor de pessoa. Aqui a gente entra na parte de memórias e identidades, e aí aqui a gente traz, por exemplo, toda essa cultura dos bailes de galera que tinha, por exemplo, da década de 90, e que hoje voltou em peso, assim, com muita força, né? Então, a gente tem essas camisas com nomes da comunidade, da galera que você faz parte, tudo isso. Aqui a gente traz também essas cabeças que foram projetos que tiveram na Redes, alguns continuam, outros já não tem mais, mas que fizeram parte, né?

Mary:A história.

Doug:Faz parte da história. Então, ativa todo esse lance da memória. Aqui a gente tem, por exemplo, mais quadros ainda representando memória e identidades. Aqui a gente tem o Fagner França, mais uma vez, que é um fotógrafo excepcional percussionista e de outras pessoas tipo Alexandre Carriço também, que ele traz todo esse lance da barbearia, do corte de cabelo, então toda essa cultura que tem dentro da comunidade, entendeu? Essa parte a gente dedica pro Gato de Bonsucesso, o “Mataram meu gato”, eu gosto mais de “Mataram meu gato”, eu tenho um afeto com esse nome. E aqui é...

[inaudível]

Doug:Eu sou da Nova Holanda, nascido e criado aqui. E aí, aqui é a fantasia de Iemanjá do Mataram meu gato desse ano e eles doaram pra gente, a gente está expondo aqui também.

[inaudível]

Doug:Sim. Aqui a gente já tem o Guilherme Kid, que é um artista de Madureira e ele traz em três quadros todo esse lance da cultura negra em Madureira, que é muito forte, muito pulsante, um polo de cultura negra Madureira, né? Por exemplo, as trancistas, né? A gente sabe que se a gente quer fazer uma trança, o melhor lugar é você ir pra Madureira, entrar naquele...

[inaudível]

Doug:Exatamente, você entra no shopping assim, tem várias trancistas excelentes. Todo o lance da venda do samba em Madureira, né? Não só samba, mas também o baile de charme e qualquer lugar que você tem debaixo do viaduto, você tem a Portela, você tem Império Serrano, você tem a Portelinha, então a cultura lá pulsa, muito, muito forte mesmo. Aqui a gente tem uma outra fantasia do Gato do ano passado também que foi doado para a gente. Aqui é o quadro do Derrete também, mais um quadro dele, mas falando muito desse lance da religiosidade, que é muito forte dentro da comunidade, da fé, e aí ele retrata justamente nesse quadro. E aqui, no final da exposição, o último núcleo, que é o núcleo África Brasil, onde tem esse quadro que eu amo, que é uma obra de Abdias do Nascimento, que é o Sankofa, que é um pássaro africano que ele sempre tá esticando o seu pescoço como se fosse pro seu rabo, mas, na verdade, o contexto de trás disso é justamente você olhar para suas raízes para poder construir o futuro. Então você sempre...

[inaudível]

Doug:Exatamente.

[inaudível]

Doug:Pode ser o piscinão também. E aí, para mim, assim, por exemplo, quando eu descobro o sankofa e descobro através dessas artes que representa sankofa, eu tomo um susto, eu fico muito feliz, porque se você olhar os portões dentro da Maré, do combinado de favelas, você vai ver muitos portões e janela com... e a gente nem sabe o que significa.

[inaudível]

Doug:Exatamente, que representa sankofa. E aqui é o 3º Congresso de Cultura Negra da América, que foi em 82, foi pelo Abdias do Nascimento também.

Mary:Muito bacana a exposição.

Doug:E aqui a gente encerra a nossa exposição. Espero que tenham gostado.

Mary:Amei, amei a sua participação.

Doug:Ah, muito obrigado.

Mary:Você está **[inaudível]** com tanta sensibilidade.

Doug:Com certeza. Eu fico muito feliz de fazer isso também, né? Sou morador da Nova Holanda há 33 anos e é muito legal, porque eu vejo esses quadros aqui e eu conheço a galera que está expondo aqui. Então, poder falar da arte dessa galera que eu conheço, poxa, é maravilhoso.

Mary:Você é educador aqui, trabalha no Centro de Artes.

Doug:Sim. É, eu sou, na verdade, eu estou como mediador da exposição, mas já trabalho na Rede já há um tempo também, indo e vindo, mas trabalho com dança também, sou pesquisador da cultura hip-hop já há uns quase 15 anos, então eu tenho minhas pesquisas, mas é isso, sempre procurando somar.

Mary:É isso aí. Você me ajudou muito com a minha pesquisa. Acho que ficou um material bem bacana, entendeu? Te agradeço bastante. Deixa eu ver se foi tudo, porque está aqui, né?